HISTÓRIA da REFORMA

5

do SÉCULO DÉCIMOSEXTO

JEAN HENRI MERLE-D'AUBIGNÉ

Copyright © 2024. Empresa de Publicações Luz del Mundo.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, electrónico ou mecânico, incluindo fotocopias, gravação ou por qualquer sistema de armazenamento ou recuperação de informações, sem a permissão expressa por escrito da editora, exceto no caso de citações breves incorporadas em artigos e resenhas críticas. Consulte todas as perguntas pertinentes ao editor.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, electrónico ou mecânico, incluindo fotocopias, gravação ou por qualquer sistema de armazenamento ou recuperação de informações, sem a permissão expressa por escrito da editora, exceto no caso de citações breves incorporadas em artigos e resenhas críticas. Consulte todas as perguntas pertinentes ao editor.

ISBN: 200-2-85533-777-2

Catalogação em Dados de Publicação

Editado por: Light of the World Publications Company Ltd.

Reproduzido em Torino, Italia

Impresso no: Light of the World Publications Company Ltd

P.O. Box 144, Piazza Statuto, Torino, Italia

"Lux Lucet in Tenebris"

A Luz brilha nas Trevas

Light of the World Publication Company Limited

A Luz do Mundo

P.O. Box 144 Piazza Statuto, Turin, Italy

Email: newnessoflife70@gmail.com

HISTÓRIA

DA

REFORMA

DO DÉCIMO SEXTO SÉCULO

POR J. H. MERLE D'AUBIGNÉ.

Chamo accessorio o estado das cousas desta vida caduca e transitoria. Chamo principal o governo espiritual no qual brilha soberanamente a providencia de Deus." ---

TEODOSIO DE BEZE

Quinto Volume.

SÃO PAULO,

CASA EDITORA PRESBITERIANA

MDCCCCLI

Esta página foi intencionalmente deixada em branco.

PREÂMBULO

Esta edição foi reproduzida por Light of the World Publication Company Ltd. Este livro pretende esclarecer sobre as verdadeiras controvérsias em jogo, refletidas em contendas inabaláveis e múltiplos dilemas morais. O relato e as ilustrações são especialmente concebidos e incorporados para edificar o leitor sobre desenvolvimentos pertinentes nas esferas histórica, científica, filosófica, educacional, religioso-política, sócio-económica, jurídica e espiritual. Além disso, padrões e correlações claros e indiscutíveis podem ser discernidos onde se pode perceber o trabalho em rede, a interligação e a sobreposição de escolas de pensamento antitético, mas harmonioso.

A longa trajetória de coerção, conflito e compromisso da Terra preparou a plataforma para a emergência de uma Nova Era. Perguntas quentes assistem ao advento desta nova era antecipada, acompanhada das suas superestruturas, sistemas de governança, regimes baseados em direitos e ideais de liberdade e felicidade. Cheio de decepção básica, repressão estratégica e objetivos da nova ordem mundial, este e-livro conecta os pontos entre as realidades modernas, os mistérios espirituais e a revelação divina. Traça o progresso cronológico da catástrofe nacional para o domínio global, a destruição de um sistema antigo e a forja de um novo; sucintamente iluminando o amor, a natureza humana e até mesmo a intervenção sobrenatural.

Repetidas vezes, acontecimentos marcantes moldaram o curso da vida e da história, ao mesmo tempo prefigurando o futuro. Vivendo em tempos de grande turbulência e incerteza, o futuro tem sido pouco compreendido. Felizmente, este trabalho permite uma visão panorâmica do passado e do futuro, destacando momentos críticos do tempo que se desenrolaram em cumprimento da profecia.

Embora nascidos em condições pouco prometedoras, afligidos em cadinhos cansativos, vários indivíduos resolveram, perseveraram na virtude e selaram a sua fé, deixando uma marca inefável. As suas contribuições moldaram a modernidade e pavimentaram a estrada para uma maravilhosa culminação e mudança iminente. Portanto, esta literatura serve como inspiração e ferramenta prática para uma compreensão penetrativa e profunda por trás do manto do questões sociais, religião e política. Cada capítulo narra tanto sobre o mundo como sobre a condição humana, envolta em trevas, envolvida em confrontos aguçados e impulsionada por sinistras e ocultas agendas e segundas intenções. Aqui, estes estão expostos de forma desavergonhada à vista plana. No entanto, cada página irradia com resplandecentes raios de coragem, libertação e esperança.

Em última análise, é nosso desejo fervoroso que cada leitor experimente, cresça para o amor e aceite a verdade. Num mundo permeado de mentiras, ambiguidade e manipulação, a verdade permanecerá para sempre como o anseio quintessencial da alma. A verdade gera vida, beleza, sabedoria e graça; resultando num propósito renovado, com vigor e uma transformação genuína, embora pessoal, em perspetiva e vida.

ÍNDICE DO CONTEÚDO

LIVRO XIII. O PROTESTO E A CONFERÊNCIA. 1526 – 1529 8
CAPÍTULO I 8
CAPÍTULO II 18
CAPÍTULO III 25
CAPÍTULO IV 42
CAPÍTULO V 51
CAPÍTULO VI 58
CAPÍTULO VII 68
LIVRO XIV. A CONFISSÃO DE AUSBURGO — 1530 99
CAPfTULO I 99
CAPÍTULO II 109
CAPÍTULO III 119
CAPÍTULO IV 131
CAPÍTULO V 143
CAPÍTULO VI 155
CAPÍTULO VII 166
CAPÍTULO VIII 177
CAPÍTULO IX 192
CAPÍTULO X 209
CAPÍTULO XI 218
CAPÍTULO XII 236

ÍNDICE DETALHADO

LIVRO XIII O PROTESTO E A CONFERÊNCIA 1526-1529

CAPITULO I

I Duplo Movimento da Reforma — Reforma, O Trabalho de Deus — Primeira Dieta de Espira — Salvaguarda Da Reforma — Firmeza Dos Reformadores — Procedimentos Da Dieta — Relatório Dos Membros Da Comissão —O Papado Pintado E Descrito Por Lutero — A Destruição de Jerusalém — Instruções de Sevilha — Mudança de Política — Liga Sagrada — Proposta A Liberdade Religiosa — Crise da Reforma

CAPITULO II

Guerra Italiana — O Manifesto Do Imperador — Marcha Sôbre Roma — Revolta Das Tropas — O Saque de Roma —Humorismo Alemão — Violência Dos Espanhois — Clemente VII Rende-se

CAPITULO III

Calma Proveitosa — Constituição Da Igreja — Felipe de Hessen — O Monge de Marburgo — Paradoxos de Lambert — Frei Bonifácio — Debate Em Hamburgo — triunfo Do Evangelho Em Hessen — Constituição Da Igreja — Bispos — Sínodos — Dois Elementos Da Igreja—Lutero Sôbre O Ministério — Organização Da Igreja — Contradições de Lutero Sôbre A Interferência Do Estado — Lutero Ao Eleitor — Missa Alemã — Instruções de Melancton — Descontentamento — Visitação Das Igrejas Reformadas — Resultados — Os Progressos Da Reforma — Elizabeth de Brandemburgo

CAPITULO IV

Edito de Ofen — Perseguições — Winchler, Carpenter E Keyser — Apreensão Na Alemanha — Contrafação de Pack — Aliança Dos Príncipes Reformados — Advertência Dos Reformadores — Conselho Pacífico de Lutero —Surprêsa — Dos Príncipes Papistas — O Plano de Pack Não Improvável — Vigor Da Reforma

CAPITULO V

Aliança Entre Carlos E Clemente VII — Presságios — Hosti- Lidades Dos Papistas — Proposta Arbitrária de Carlos —Deliberações Da Dieta — A Reforma Em Perigo —Decisão Dos Príncipes — Violência de Fernando — O Cisma Total

CAPITULO VI

O Protesto — Princípios Do Protesto — Supremacia Do Evangelho — União Cristã — Fernando Rejeita O Protesto —tentativa de Reconciliação — Regozijo Dos

Papistas — Apêlo Evangélico — União Cristã, Uma Realidade —Perigos Dos Protestantes — Os Protestantes Partem de Espira — Os Príncipes, Os Verdadeiros Reformadores —A Alemanha E A Reforma

CAPITULO VII

União Necessária À Reforma — Doutrina de Lutero Sôbre A Santa Ceia — Uma Advertência Luterana — Sugerida Conferência Em Marburgo — Melancton E Zwinglio—zwinglio Parte de Zurique — Rumores Em Zurique — Os Reformadores Em Marburgo — O Pedido de Caris-tadt — Debates Preliminares — O Espírito Santo —o Pecado Original — O Batismo — Lutero, Melancton E Zwinglio — Abertura Da Conferência — A Oração Da Igreja — «Hoc Est Corpus Meum» — Silogismo de Oeco-lampadius — A Carne Para Nada Aproveita — Lambert Convencido — A Velha Cantiga de Lutero — Alvorôço Na Conferência — Chegada de Novos Delegados — A Finita Natureza Humana de Cristo — Matemática E Papismo — Testemunho Dos Padres Da Igreja — Testemunho de Agostinho — Argumento Da Toalha Aveludada — Fim Da Conferência — O Landgrave É O Meei:lado' — Necessidade de União — Lutero Recusa A Mão de Zwinglio — Espirito Sectário Dos Alemães —dilema de Bucer — Prevalece O Amor Cristão — Artigos de Lutero — Unidade de Doutrina — Unidade Na Diversidade — Assinaturas — Dois Extremos — Três Pontos de Vista — Germe Do Papismo — Partida —desalento de Lutero — Os Turcos Diante de Viena — O Sermão do Combate E Angústia de Lutero — Firmeza de Lutero — Vitória — Exasperação Dos Papistas — Perspectivas Ameaçadoras

LIVRO XIV. A CONFISSÃO DE AUSBURGO 1530

CAPITULO I

Duas Surpreendentes Lições — Carlos V Na Itália — Os Emissários Alemães — Sua Coragem — O Presente Do Landgrave — Os Emissários Detidos — Sua Libertação E Partida — Encontro de Carlos Com Clemente — A Proposição de Gattinara — As Armas de Clemente —Guerra Iminente — Objeções de Lutero — O Salvador Vem — Linguagem Conciliatória de Carlos — Os Motivos Do Imperador

CAPITULO II

A Coroação — O Imperador Ordenado Diácono — A Igreja Romana E O Estado — Temor Dos Protestantes —lutero Advoga A Resistência Passiva — O Nobre Conselho de Bruck — Preparados Os Artigos de Fé — O Refúgio Forte de Luterolutero Em Coburgo — Carlos Em Innspruck — Dois Partidos Na Córte Gattinara — Carlos Conquista O Rei Da Dinamarca —Piedade Do Eleitor — Astúcias Dos Papistas

CAPITULO III

Ausburgo — O Evangelho Pregado — A Mensagem Do Imperador — Proibidos Os Sermões — Firmeza Do Eleitor —a Resposta Do Eleitor — Preparação Da Confissão —O Sinal de Lutero — Seu Filho E Seu Pai — Alegria de Lutero — Dieta de Lutero, Em Coburgo. — A Saxonia, Um Paraíso Na Terra — Aos Bispos — Trabalho Árduo Da Igreja — Carlos — A Carta Do Papa —Melancton Sõbre O Jejum — A Igreja, O Juiz — O Espírito Católico Do Landgrave

CAPITULO IV

Agitação em Ausburgo — Violência dos Im-perialistas — Carlos em Munique — Chegada de Carlos — As Bênçãos do Núncio — O Cortejo Imperial — Aparência de Carlos — Entra em Ausburgo — "Te Deum" — A Bênção — Carlos Deseja que Cessem os Sermões — Brandemburgo Oferece a Sua Cabeça — A Solicitação do Imperador para "Corpus Christi" — Recusa dos Príncipes —Alvoroço de Carlos — Os Príncipes Opõem-se à Tradição — Procissão de "Corpus Christi" — Exasperação de Carlos

CAPITULO V

Proibidos Os Sermões — Compromisso Proposto E Aceito —O Arauto — Curiosidade Dos Cidadãos — Os Novos Pregadores — A Salsada Do Papado — Lutero Anima Os Príncipes «Veni Spiritus» — Missa Do Espírito Santo — O Sermão — Início Da Dieta — A Prece Do Eleitor — Insidioso Plano Dos Romanistas Valdez E Melancton — Nenhum Debate Público — Prevalece A Firmeza Evangélica

CAPITULO VI

O Zelo Do Eleitor — A Assinatura Da Confissão — Coragem Dos Príncipes — Fraqueza de Melancton — O Discurso Do Núncio — Demoras — A Confissão Em Perigo —os Protestantes Estão Firmes — Desânimo de Melanc- Ton — Ansiedade E Prece de Lutero — Os Textos de Lutero — Sua Carta A Melancton — Fé

CAPITULO VII

O Dia 25 de Junho de 1530 — A Capela Palatina — Lembran-ças E Contraste — A Confissão — Prólogo — Justifi-cação — A Igreja — Livre Arbítrio E Obras — Fé — Interêsse Dos Ouvintes — Os Príncipes Transformam-se Em Pregadores — A Confissão — Abusos — Igreja E Estaão — Os Dois Governos — Epílogo — Argumentação — Prudência — Igreja E Estado — A Espada —O Tom Moderado da Confissão — Seus Defeitos —Um Novo Batismo

CAPITULO VIII

Efeito Sôbre Os Romanistaslutero Exige Liberdade Reli- Giosa — Sua Idéia Dominante — Cântico de Vitória —confissões Sinceras — Espexanças Dos

Protestantes — Malôgro Das Intrigas Papistas — A Conferência Do Imperador — Discussões Violentas — Uma Refu-tacão Apresentada — Seus Autores — Roma E O Poder Civil — Perigos dos Confessores — O Mínimo Ãe Me-lancton — A Irmã Do Imperador — Queda de Melancton Lutero Opõe-se À Concessão — O Núncio Repele Me-lancton — A Decisão Do Papa — Questão — Tópicos Escolásticos de Melancton — Resposta

CAPITULO IX

A Refutação — Descontentamento de Carlos — Entrevista Com Os Príncipes — Os Suíços Em Ausburgo — Confis-são de Zwinglio — Divisões Contristadoras — A Fé Do Eleitor — A Sua Paz — A Pele Do Leão — A Refutação — Uma Concessão — A Escritura Entre Melancton E Campeggio — Política de Carlos — Reunião Tumultuosa — Resoluções Do Consistório — As Preces Da Igreja — Dois Prodígios — A Ameaça Do Imperador —A Coragem D!os Príncipes — A Máscara — Negociações — Os Espectros de Espira — Tumulto Em Ausburgo

CAPITULO X

Felipe de Hessen — Tentação — União Recusada — A Dissimulação Do Landgrave — A Ordem Do Imperador Aos Protestantes — Discursos Ameaçadores de Brandem-burgo — Resolução de Felipe de Hessen — Fuga de Ausburgo — Descoberta — Emoção de Carlos — Revolução Na Dieta — Metamorfose — Moderação In-vulgar — Paz! Paz!

CAPITULO XI

A Comissão Mista — Os Três Pontos — Dissimulação Dos Papistas — Abusos — Concessões — A Questão Prin-cipal — O Papa E Os Bispos Cederam — Perigo Da Concessão — Oposição À Pretensa Harmonia — Cartas Desfavoráveis de Lutero — A Palavra de Deus Acima Cia Igreja — A Cegueira de Melancton — Enfatuação Papista — Uma Nova Comissão — Sêde Homens, E Não Mulheres — Os Dois Fantasmas — Concessões —Os Três Pontos — A Grande Antítese — Malõgro Da Conciliação — O Nó Gõrdo — Concessão de Um Concílio — Intimações de Carlos — Ameaças — Altercações — Paz Ou Guerra — Cede O Romanismo —Opõe-se O Protestantismo — Lutero Torna A Chamar Os Seus Amigos

CAPITULO XII

Preparativos E Indignação do Eleitor — O Decreto de Ausburgo — Linguagem Irritante — Apologia Da Confissão —Intimidação — Entrevista Final — Mensagens de Paz — Exasperação Dos Papistas — Restauração Do Papismo — Tumulto Na Igreja — União Das Igrejas —O Papa E O Imperador — Fim Da Dieta — Armamentos — Ataque A Genebra — Alegria Dos Evanlélicos — Estabelecimento Cio Protestantismo

LIVRO XIII. O PROTESTO E A CONFERÊNCIA. 1526 – 1529

CAPÍTULO I

Duplo Movimento da Reforma — Reforma, o Trabalho de Deus — Primeira Dieta de Espira —Salvaguarda da Reforma — Firmeza dos Reforma-dores — Procedimentos da Dieta — Relatório dos Membros da Comissão — O Papado Pintado e Des-crito por Lutero — A Destruição de Jerusalém —Instruções de Sevilha — Mudança de Política —Liga Sagrada — Proposta a Liberdade Religiosa —Crise da Reforma.

Presenciamos o comêço, as lutas, os reveses e o pro-gresso da Reforma. Os conflitos, porém, até aqui narrados, foram apenas parciais. Estamos entrando num novo período — o das batalhas gerais. Espira (1529) e Ausburgo (1530) são nomes que fulguram com glória mais morredoura do que Maratona, Pavia ou Marengo. As fôrças que, até a época atual, se achavam separadas, aliam-se, agora num grupo poderoso; e o poder de Deus opera naqueles admiráveis feitos, que inauguram uma nova era na história das nações, transmitindo um irresistível impulso à humanidade. A passagem da Idade Média para a Moderna havia chegado.

Um grande protesto está prestes a efetuar-se. Embora houvesse protestantes na Igreja, desde o exato princípio do Cristianismo, visto que a liberdade e a verdade não podiam ser mantidas neste mundo, a não ser protestando continuamente contra o êrro e a tirania, o Protestantismo está a ponto de tomar uma nova medida. Está prestes a corporificar-se e, por conseguinte, ataca com maior energia aquêle "mistério de iniqüidade", que, durante séculos, assumiu uma forma corpórea, em Roma, no próprio templo de Deus (1) .

Mas, conquanto tenhamos de discorrer sôbre pro-testos, não deve supor-se que a Reforma seja um tra-balho negativo. Em todo campo de ação em que algo de grandioso se expande, quer na natureza, quer na sociedade, há um princípio de vida operando — a semente que Deus fertiliza. A Reforma, ao surgir no décimo-sexto século, não realizou, na verdade, uma nova tarefa — pois reformar não é formar —, porém voltou a face para os primeiros dias do Cristianismo, apoderando-se dêles com carinho, acolhendo-os com veneração. Entretanto, não se satisfez com essa volta aos tempos primitivos. Arcando com sua preciosa carga, mais uma vez atravessou a distância das épocas, trazendo de volta, à Cristandade decaída e exânime, o fogo sagrado, que estava destinado a restaurar esta última para a luz e a vida. Neste duplo movimento, consistiam sua fôrça e ação. Posteriormente, a Reforma, sem dúvida, rejeitou os aspectos antiquados e combateu o êrro, mas isso foi, por assim dizer, apenas o menor de seus trabalhos e seu terceiro movimento. Mesmo o protesto, sôbre o qual teremos de falar, tinha por objetivo o restabelecimento da verdade e da vida, e foi, essencialmente, um ato positivo.

Essa dupla ação reformadora, poderosa e rápida, pela qual os tempos apostólicos foram restabelecidos, no prelúdio da história moderna, não proveio do homem. Uma reforma não se faz arbitràriamente, como as cartas constitucionais e as revoluções de alguns países. Uma verdadeira reforma, preparada durante muitos séculos, é trabalho do Espírito de Deus. Antes da hora aprazada, os maiores gênios, e mesmo os mais fiéis servos do Senhor, não podem originá-la; porém ao surgir o tempo de renovação das circunstâncias do mundo, a vida divina tem de preparar o caminho, apta a produzir, por si própria, os humildes instrumentos pelos quais essa mesma vida se transmite à raça humana. E, se os homens se calarem, as próprias pedras chamarão (2) .

É para o protesto de Espira (1529) que estamos agora, prestes a voltar as vistas. O caminho para êsse protesto foi preparado durante os anos de paz e seguicio de tentativas de concórdia, que também iremos narrar. Entretanto, a instituição formal do Protestan- tismo continua a ser o grande acontecimento na história da Reforma, de 1526 a 1529.

O Duque de Brunswick trouxera para a Alemanha a mensagem ameaçadora de Carlos V. Êste imperador estava a ponto de ir da Espanha a Roma, a fim de chegar a um entendimento com o papa, e, de lá, dirigir-se para a Alemanha, com o objetivo de refrear os here-ges. As últimas intimações deviam ser-lhes feitas pela Dieta de Espira, em 1526 (3) . A hora decisiva da Re-forma estava no momento exato de soar.

A 25 de junho de 1526, teve início a dieta. Nas instruções datadas de Sevilha, 23 de março, o imperador ordenava que os costumes da Igreja deviam ser conservados intatos, e solicitava à dieta para punir os que se recusavam a cumprir o edito de Worms (4). O próprio Fernando esteve em Espira, e sua presença tornou mais temíveis essas ordens. Jamais a hostilidade que os adeptos papistas nutriam contra os príncipes evangélicos se apresentara de u'a maneira tão impressionante.

— Os fariseus — disse Spalatin — são inveterados em seu ódio contra Jesus Cristo (5) .

Jamais, também, tinham os príncipes evangélicos demonstrado tanta esperança. Em vez de apresenta-rem-se amedrontados e trêmulos, como homens culpados, foram vistos a avançar, rodeados de ministros da Palavra, de cabeça erguida e ar animado. Seu primeiro passo foi pedirem um lugar de culto. Tendo o Bispo de Espira, conde palatino do Reno, recusado, com indignação, êsse estranho pedido (6), os príncipes quei xaram-se disso como um ato de injustiça e ordenaram a seus ministros que pregassem diàriamente nos vestíbulos de seus palácios... os quais logo ficavam apinhados de uma imensa multidão de pessoas da cidade e do campo, que se elevava a muito milhares (7) .

Em vão, nos dias de festa, Fernando, os príncipes ultramontanos e os bispos participavam das pompas do culto romano, na bela catedral de Espira. A Palavra de Deus, simples, pregada nos vestíbulos protestantes, atraía todos os ouvintes, e a missa era celebrada numa igreja vazia (8) .

Não eram só os ministros, mas também os fidal-gos e os palafreneiros, meros idiotas", que, incapazes de controlar seu entusiasmo, por tôda parte glorificavam, ansiosamente, a Palavra do Senhor (9) . Todos os seguidores dos príncipes evangélicos ostentavam estas letras, bordadas na manga direita: V.D.M.I.PE. — que querem dizer: 4"..52kEaldo Senhor permaxlecere (10) . A mesma podia ser lida nos brasões os príncipes, suspensos sôbre suas hospedarias. A Palavra de Deus — tal foi, a partir dêste momento, a salvaguarda da Reforma.

Não foi tudo. Os Protestantes sabiam que o mero culto religioso não bastaria: por conseguinte, o land-grave solicitara ao eleitor para abolir certos "costumes da côrte", que desonravam o Evangelho. Êstes dois príncipes tinham, conseqüentemente, estabelecido uma norma de vida que proibia a embriaguez, a sensualidade e outros costumes depravados, reinantes no decurso de uma dieta (11) .

Talvez os príncipes protestantes exibissem, às vêzes, sua dissenção além do que teria exigido a prudência. Não só não iam à missa e não observavam os jejuns prescritos, porém, mais ainda, nos dias de jejum, seus criados eram vistos, abertamente, a transportar pratos de carne e de caça, destinados à mesa de seus amos, cruzando — diz Cochlceus —, na presença de todo o auditório, os vestíbulos nos quais se celebrava o culto.

Diz, ainda, êste autor: "Era com o intento de atrair os católicos pelo cheiro das carnes e dos vinhos" (12) .

O eleitor tinha, de fato, uma côrte numerosa: sete-centas pessoas formavam o seu séquito. Um dia, êle deu um banquete, ao qual estiveram presentes vinte e seis príncipes, acompanhados de seus gentis-homens e conselheiros. E prosseguiram divertindo-se até a uma hora bastante avançada — dez da noite. Tudo, no Duque João, apregoava o mais influente príncipe do império. O jovem landgrave de Hesse, cheio de zêlo e de conhecimento, e na intensidade de um primeiro amor cristão, causava uma impressão ainda mais profunda nas pessoas que se aproximavam dêle. Desejava, amiúde, disputar com os bispos e, devido ao seu conhecimento das Sagradas Escrituras, fàcilmente lhes fechava a bôca (13) .

Essa firmeza dos amigos da Reforma produziu resultados que lhes ultrapassavam a expectativa. Já não era possível haver engano: o espírito que se manifestava nesses homens era o espírito da Bíblia. Por tôda parte, o cetro caía das mãos de Roma. Expressou-se um ardoroso papista:

— O fermento de Lutero faz fermentar todo o povo da Alemanha, e os países estrangeiros são agitados por tremendos movimentos (14) .

Viu-se logo quão grande é o poder das profundas convicções. Os Estados que se achavam favoràvelmente inclinados para a reforma, mas que não se tinham aventurado a dar sua adesão de modo público, tomaram-se de coragem. Os Estados neutros, exigindo a tranqüilidade do império, tomaram a resolução de contrariaro edito de Worms, cuja execução teria disseminado a inquietação por tôda a Alemanha; e os Estados papistas perderam sua audácia. O arco do poderoso foi quebrado (15) .

Fernando não achou conveniente, num momento tão crítico, participar à dieta as rigorosas instruções que recebera de Sevilha (16) . Apresentou, em seu lugar, u'a moção preparada para satisfazer a ambas as partes.

Os leigos recuperaram imediatamente a influência da qual o clero os privara . Os eclesiásticos opuseram-se a uma proposta, no colégio dos príncipes, de que a dieta devia ocupar-se de tais abusos da igreja, porém seus esforços foram inúteis. Sem dúvida nenhuma, uma assembléia não facciosa teria sido preferível à dieta, mas já era um ponto ganho que os assuntos religiosos não mais devessem ser regulados únicamente pelos padres.

Assim que essa resolução foi comunicada aos dele-gados, êstes exigiram a abolição de tôdas as práticas contrárias à fé em Jesus Cristo. Em vão os bispos vociferaram que, em vez de pôrem fim a pretensos abusos, fariam muito melhor em queimar todos os livros com os quais a Alemanha fôra inundada nos últimos oito anos.

—Desejais sepultar tôda a sabedoria e conhecimento (17) — foi a resposta.

Reconheceu-se o pedido das cidades (18) , e a dieta dividiu-se em comissões, para a extinção dos abusos.

Manifestou-se, então, o profundo desagrado incutido pelos padres de Roma.

—O clero — disse o delegado de Frankfurt — zomba do bem-estar público e procura apenas seus próprios interêsses.

Falou o delegado da parte do Duque Jorge:

—Os leigos conhecem a salvação da Cristandade de maneira muito mais íntima que o clero. Os membros da comissão fizeram o seu relatório: o povo surpreendeu-se com êste. Nunca os homens se ma-nifestaram com tanta liberdade contra o papa e os bispos. A comissão dos príncipes, na qual os eclesiásticos eleigos eram em igual número, propôs a fusão do papismo e da reforma. Diziam: Os padres agiriam melhor casando, do que tendo mulheres de má fama em suas casas; todo homem tem plena liberdade de receber a comunhão de acôrdo com uma forma ou com as duas; oalemão

e o latim podem ser, igualmente, empregados na Santa Ceia e no batismo; quanto aos demais sacra-mentos, que sejam conservados, mas que sejam admi-nistrados gratuitamente; por fim, que a Palavra de Deus seja pregada segundo a interpretação da Igreja (esta era a exigência de Roma) , mas sempre explicando Escritura por Escritura (êste era o grande princípio da Re-forma) Assim, tomava-se a primeira medida para uma união nacional. Mais alguns esforços ainda, e tôda a raça germânica estaria caminhando na direção do Evangelho.

Os cristãos evangélicos, à vista dessa gloriosa pers-pectiva, redobraram os esforços.

—Perseverai na doutrina — admoestava ❑Eleitor da Sazónia aos seus Conselheiros (19) .

Ao mesmo tempo, os vendedores ambulantes, em tôda parte da cidade, vendiam folhetos cristãos, concisos e fáceis de ler, escritos em latim e em alemão, e ilustrados com gravuras, nos quais os erros de Roma eram fortemente atacados (20) . Um dêsses livros intitulava-se O Papado e seus Membros pintados e descritos pelo Doutor Lutero. Nele, figuravam o papa, os cardeais e tôdas as ordens religiosas, excedendo a sessenta, cada qual coro sua veste sacerdotal e descrição em verso. Em-baixo da gravura de uma das ordens, achavam-se as linhas seguintes:

Gananciosos padres, vêdes, nadando em ouro, Esquecidos do humilde Jesus:

embaixo de outra:

Proibimo-vos a olhar para a Bíblia,

Para que ela não vos tire a luz! (21) e, embaixo de uma terceira:

Jejuamos e rezamos de forma mais consagrada,

Com uma despensa abarrotada (22) .

"Nenhuma destas ordens religiosas — declarava Lutero ao leitor — pensa em fé ou amor cristão. Éste exibe uma tonsura, o outro um capelo; êste, um manto, aquêle, um paramento. Um está de branco, um outro de prêto, um terceiro, de cinzento e um quarto, de azul. Eis um segurando um espêlho; lá, outro com uma tesoura. Cada qual com seu brinquedo . . . Ai! são as lagartas, os gafanhotos, as locustas e os pulgões, que, como diz Joel, devastaram tôda a terra (23) !"

Mas se Lutero empregava os açoites do sarcasmo, soprava, também, a trombeta dos profetas, e isto êle fêz num trabalho intitulado A Destruição de Jerusalém. Vertendo lágrimas como Jeremias, profetizava, ao povo alemão, uma ruína semelhante à da cidade santa, se, como esta, rejeitasse o Evangelho (24) . Deus conce-deu-nos todos os seus tesouros — exclamava —; fêz-Se homem, serviu-nos

(25) , morreu por nós, ascendeu ao céu, novamente, e, assim, abriu-nos a porta celestial, porque todos podemos entrar... É chegada a hora da graça.. . Apregoam-se as boas novas . . . Onde está, porém, a cidade, onde o príncipe que recebera as boas novas? Insultam o Evangelho: puxam da espada e, atrevi-damente, agarram o Senhor pelas barbas (26) . . Mas, esperem... Deus se voltará; com um sôpro, rebentar-lhes-á a mandibula, e toda a Alemanha será uma vasta ruína.

Tais trabalhos tiveram uma enorme venda (27) . Foram lidos não só pelos camponeses e citadinos, como também pelos fidalgos e príncipes. Deixando os padres sózinhos ao pé do altar, arrojaram-se aos braços do novo Evangelho (28) . A necessidade de uma reforma dos abusos foi proclamada, a 1.° de agosto, por uma comissão geral.

Roma, então, que se afigurava inativa, despertou. Padres fanáticos, monges, príncipes eclesiásticos, con-gregaram-se todos à volta de Fernando. Astúcia, su-bôrno, nada foi poupado. Não possuía Fernando as ins-truções de Sevilha? Recusar a publicação destas, era causar a ruína da Igreja e do império. Diziam êles que deixasse que a voz de Carlos opusesse seu poderoso veto à vertigem que se precipitava na Alemanha e todo o império seria salvo. Fernando decidiu-se e, por fim, a 3 de agôsto, publicou o decreto redigido quatro meses antes, favorável ao edito de Worms (29) .

A perseguição estava prestes a iniciar-se. Os refor-madores seriam atirados às masmorras, e a espada sacada nas margens do Guadalquivir trespassaria, final-mente, o coração da Reforma.

Enorme foi o efeito do decreto imperial. A quebra de um eixo não refreia mais violentamente a velocidade de um comboio ferroviário. O eleitor e ❑landgrave declararam que se achavam a ponto de abandonar a dieta, e ordenaram aos seus criados que se preparassem para a partida. Ao mesmo tempo, os deputados das cidades puseram-se ao lado dêstes dois príncipes. Dir-se-ia que a Reforma travaria, imediatamente uma contenda com o papa e Carlos V.

Mas a Reforma não se achava ainda preparada para uma luta geral. A árvore estava destinada a deitar mais profundamente as suas raizes, antes que o Todo-Poderoso desencadeasse contra ela os ventos tempestuosos. Um espírito de cegueira, semelhante ao que fôra enviado sôbre Saul e Herodes (30) , apoderou-se, então, do grande inimigo do Evangelho, e foi assim que a Divina Pro-vidência salvou a Reforma no berço.

Findo o primeiro movimento de inquietação, os amigos do Evangelho puseram-se a refletir sôbre a data das instruções imperiais e a examinar, atentamente, os novos acordos políticos, que pareciam manifestar ao mundo os mais inesperados acontecimentos.

— Quando o imperador escreveu aquelas cartas —disseram as cidades da Alta Alemanha —, encontrava-se em boas relações com o papa; mas, agora, está tudo mudado. Assevera-se mesmo que êle pediu à Margarida, sua representante nos Países Baixos, que procedesse moderadamente, com respeito ao Evangelho. Enviêmolhe uma delegação.

Esta não foi necessária. Carlos não esperara até agora para tomar uma decisão diferente. Os negócios públicos, desviando-se de súbito, precipitaram-se num curso inteiramente novo. Anos de paz estavam prestes a serem permitidos à Reforma.

Clemente VII, a quem Carlos estava a ponto de vi-sitar, consoante as instruções de Sevilha, a fim de receber a coroa imperial na própria Roma, de suas sacras mãos, e, em troca, entregar, ao pontífice, o Evangelho e a Reforma — Clemente VII, tomado de um estranho fanatismo, voltara-se, sübitamente, contra êste poderoso monarca. O imperador, pouco disposto a favorecer suas ambições em todos os sentidos, contrapusera seus direitos sôbre os Estados do Duque de Ferrara. Clemente exasperou-se de imediato, bradando que Carlos desejava escravisar a península, mas que chegava a ocasião de restabelecer a independência da Itália.

A grande idéia da independência italiana, nutrida, naquela época, por alguns literatos, não impressionara, como em nossos dias, o povo da nação. Por conseguinte, Clemente apressou-se a recorrer aos acordos políticos. O papa, os venezianos e o Rei da França, que mal recuperara a sua liberdade, formaram uma liga sagrada, da qual o Rei da Inglaterra foi nomeado mantenedor e protetor (31) , por uma bula papal. Em junho de 1526, o imperador fêz com que as mais favoráveis propostas fôssem apresentadas ao papa; suas tentativas, porém, foram baldadas, e o Duque de Sessa, embaixador de Carlos em Roma, ao voltar de sua última audiência, a cavalo, pôs na garupa um bôbo-da-côrte, que, por meio de mil momices, deu a entender ao povo romano quão pouco êles se importavam com o papa e seus projetos. Clemente respondeu a tais fanfarronices com um breve, no qual ameaçava o imperador de excomunhão, e, sem perda de tempo, fêz entrar suas tropas na Lombardia, ao mesmo tempo que Milão, Florença e Piemonte tomavam o partido da liga sagrada. Assim se preparava a Europa para vingar-se do triunfo de Pavia.

Carlos não vacilou. Virou à direita tão depressa quanto o papa à esquerda, e voltou-se, bruscamente, para os príncipes evangélicos. "Suspendamos o edito de Worms — escreveu ao irmão —; tragamos de volta os adeptos de Lutero, pela brandura, e, através de um bom concílio, efetuemos o triunfo da verdade evangélica". Ao mesmo tempo, exigiu que o eleitor, o landgrave e seus aliados marchassem com êle contra os Turcos — ou contra a Itália —, para o bem-estar geral da Cristandade .

Fernando hesitou. Ganhar a amizade dos lutera-nos era perder a dos outros príncipes, que já se punham a lançar violentas ameaças (32) . Os próprios Protes-tantes não estavam lá muito ansiosos de apertar a mão do imperador.

-Deus, o próprio Deus quem protegerá as Suas igrejas (33) — diziam.

Que se devia fazer? O edito de Worms não podia ser revogado, nem pôsto em execução.

Tão estranha situação resultou, forçosamente, na solução desejada: liberdade religiosa. A primeira idéia disso ocorreu aos delegados citadinos . Disseram êles:

—Num lugar, as cerimônias antigas foram preser-vadas; num outro, foram abolidas; ambos acham que estão certos. Permitamos que todos os homens procedam conforme julgarem direito, até que um concílio restabeleça a uniformidade, pela Palavra de Deus.

A idéia foi aprovada e a suspensão da dieta, datada de 27 de agôsto, decretou que um concílio livre universal, ou pelo menos, nacional, deveria ser convocado dentro de um ano; que deviam solicitar ao imperador que regressasse, rápidamente, à Alemanha; e que, até então, cada Estado agiria, em seu próprio território, de maneira tal que pudesse prestar contas a Deus e ao imperador (34) .

Desta forma, livraram-se da dificuldade, empregando o meio têrmo; na ocasião, era realmente, o caminho certo. Cada qual manteve os seus direitos e, ao mesmo tempo, reconheceu os do outro. A dieta de 1526 constitui importante época da história: uma fôrça antiga, a da Idade Média, é abalada; uma nova fôrça, a da Idade Moderna, aumenta; a liberdade religiosa ocupa, de modo corajoso, posição firme, à frente do despotismo papista; um espírito laico prevalece sôbre o espírito sacerdotal. Neste simples passo, há uma vitória completa: a causa da Reforma está ganha.

Isto, entretanto, era algo duvidoso. Lutero, no dia seguinte da publicação da suspensão, escreveu a. una amigo: "A dieta realiza-se em Espira à moda germânica. Bebe-se e joga-se, e nada se fêz, a não. ser isso (35) ". "Le .congrès danse et ne marche pas" (36) — tem sido dito em nossos dias. As grandes coisas são, muitas vêzes, feitas sob uma aparência de frivolidade, e Deus leva a cabo os Seus desígnios até mesmo sem que o saibam os que Êle emprega como Seus instrumentos. Nesta dieta, manifestaram-se o comedimento e o amor pela liberdade de consciência, que são frutos do Cristianismo, e êste teve, no décimo-sexto século, sua mais prematura, se não sua mais vigorosa expansão entre os Estados da Alemanha.

Fernando, todavia, hesitava ainda. O próprio Maomé veio ao auxílio do Evangelho. Luís, rei da Hungria e da Boêmia, perecido afogado em Mohacz, a 29 de agôsto de 1526, quando fugia de Solimão II, legara a coroa dêstes dois reinos a Fernando. Entretanto, o Duque da Baviera, o "Waywode" da Transilvânia e, sobretudo, o terrível Solimão, disputavam-na contra êle . Foi o bastante para ocupar o irmão de Carlos: abandonou Lutero, apressando-se a disputar dois tronos.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) II Tess. 2.

(2) Lucas 19:40.

(3) Vide Vol. III, livro X, cap. XIV. A dieta de Espira, realizada em 1526, não deve ser confundida com a de 1529, na qual se deu o protesto.

(4) Sleidarn, Hist. Ref., livro VI.

(5) Christum pharisis vehementer fuisse invisum. Sec-kend. II, 46.

(6) Fortiter interdixit. Cochlceus, p. 138.

(7) Ingens concursus plebis et rusticorum. CochiceuS. Multis millibus hominum accurrentibus. Seckend. II, 48.

(8) Populum a sacris avertebant. Coei-liceus, pág. 138.

(9) Ministri cerum, equites et stabularii, idiotae, petulanter jactabant verbum Domini. Ibid.

(10) Verbum Domini manet in wternum. Ibid.

(11) Adversus inveteratos illos et impios usus nitendum esse. Seckend, II, 46.

(12) Ut complures allicerentur ad eorum sectam, In ferculis portabantur carnes coctm In diebus jejunil, aperte In conspectu totius audItorli. Cochiceus, pág. 138.

(13) Annales Spalatinl.

(14) Gerrnanim populi Lutherico fermento Inescati, et in externis quoque nationlbus, gravlssimi erant motus. Cochlceus, pág. 138.

(15) 1 Samuel 2:4.

(16) Alguns historiadores parecem julgar que tais instruções foram, em verdade, transmitidas na própria abertura da dieta. Ranke mostra que não foi êsse o caso; mas acrescenta que não vê motivo por que os delegados se teriam julgado autorizados a fazer qualquer outra proposta. Os motivos que especifiquei me parecem ser os verdadeiros. Mostrarei adiante porque os delegados voltaram, posteriormente, às instruções imperiais.

(17) amues libros esse comburendos. Sed rejectum est gula sic omnis doctrina et eruditio theologica Interitura esset. Seckend, II. 45.

(18) Civitatum suffragia multum valuerunt. Seckend, II, 45.

(19) Elector Saxoniae conciliarias suas exhortatus est, in doutrina evangelica firmi. Seckend, II, 48.

(20) Cireumferebantur item libri Lutherani venales per tatam civitatem. Cochleeus, pág. 138.

(21) Dass die Schrift sie nicht verführe Durft ihr keinen nicht studir. L. Opp. XIX, pág. 536.

(22) Doch war ihr küch nimmer leer. L. Opp. XIX, 536.

(23) Ibid., 535. Joel 1:4.

(24) Libelli, parvuli quidem mole, sed virulentia perquam grandes, sermo Lutheri Teuthonicus de destructione Jerusalem. Cochlceus, pág. 138.

(25) Wird Mensch, dienet uns, stirbt fur uns. Luth. Opp. XIV, (L) , 226.

(26) Greiffen Gott zu frech in den Bart. Ibid. Deo nimis feroeiter barbam vellicant. Cochiceus.

(27) Perquam plurima vendebantur exemplaria. Coehleeus, pág. 139.

(28) Non solum plebs et rustica turba, verum etiam ple-rique optimatum et nobilium trahebantur in favorem novi Evangelii, atque in odium antiquar religionis. Cochiceus, pág. 160.

(29) Sleidan, Hist. de la Ref., VI, 229.

(30) I Samuel 16:14-23; Mateus 2.

(31) Sleidan, Hist. de la Ref., VI; Bullar, Mag. roman, X.

(32) Ferdinandus, ut audio, graviter minatur. Corp. Ref., I, 801.

(33) Imperator poilicetur... sed nemo his promissis mo-vetur. Spero Deum defensurum esse suas Ecclesias. Ibid.

(34) Unusquisque in sua ditione ita se gereret ut ratio-nem Deo et imperatori reddere posset. Seckend, II, 41.

(35) Potatur et luditur, prterea nihil. L. Epp., III, 126.

(36) O congresso dança, mas não se adianta.

CAPÍTULO II

Guerra Italiana — O Manifesto do Imperador — Marcha sôbre Roma — Revolta das Tropas —O Saque de Roma — Humorismo Alemão — Vio-lência dos Espanhóis — Clemente VII rende-se.

O imperador colheu, imediatamente, os frutos de sua nova política. Não mais tendo as mãos atadas pela Alemanha, voltou-se contra Roma. A Reforma devia ser exaltada e o papado, humilhado. Os ímpetos, voltados para o inimigo impiedoso, estavam a ponto de iniciar uma nova carreira para o trabalho evangélico.

Fernando, que se achava detido pelos seus negó-cios na Hungria, deu a incumbência da expedição italiana a Freundsberg, aquêle velho general que, de maneira tão amistosa, batera de leve no ombro de Lutero, quando o reformador se encontrava prestes a comparecer diante da Dieta de Worms (1) . Êste veterano que, segundo observa um contemporâneo (2) , tinha em seu nobre coração o Sagrado Evangelho de Deus, bem fortificado e flanqueado por uma forte muralha, empenhou as jóias de sua espôsa, mandou grupos de recrutamento a tôdas as cidades da Alta Alemanha e, devido à mágica idéia de uma guerra contra o papa, cedo presenciou multidões de soldados afluindo à sua bandeira.

— Apregoa — disse Carlos ao irmão —, apregoa que o exército deverá marchar contra os turcos. Todos saberão o que que quer dizer turcos.

Desta forma, o poderoso Carlos, em vez de mar-char com o papa contra a Reforma, conforme amea-çara em Sevilha, marcha com a Reforma contra o papa. Alguns dias bastaram para motivar tal mudança de atitude: poucos períodos há, na história, em que a mão de Deus se manifeste mais claramente. Sem demora, Carlos assumiu todos os ares de um reformador. A 17 de setembro, dirigiu um manifesto ao papa (3) , no qual censura a êste por proceder não como o pai dos fiéis, mas como homem insolente e arrogante (4) ; e mostra o seu espanto de que êle, o vigário de Cristo, ousasse der-ramar sangue para obter bens terrenos, "o que —acrescentava — é inteiramente contrário à doutrina evangélica (5) ". Lutero não teria dito melhor. "Que Sua Santidade — prosseguia Carlos V — recolha a espada de São Pedro à bainha e convoque um concílio santo e universal". A espada, porém, achava-se mais ao gôsto do pontífice do que o concílio. Não é o papado, segundo os doutores católicos, a fonte dos dois poderes? Não pode depor reis e, conseqüentemente, guerrear contra êles (6) ? Carlos preparava-se para revidar "ôlho por ôlho, dente por dente (7) ".

Começava, agora, aquela horrível campanha, durante a qual a tempestade, que tinha sido destinada a cair sôbre a Alemanha e o Evangelho, irrompeu sôbre Roma e o Papado. Pela violência dos ímpetos infligidos sôbre a cidade pontifícia, podemos fazer juizo da incle-mência dos que teriam destroçado as igrejas reforma-das. Ao reconstituirmos tais cenas de horror, vemo-nos sempre forçados a trazer à mente

que o castigo da cidade das sete colinas fôra profetizado pelas Sagradas Escrituras (8) .

No mês de novembro, Freundsberg, à frente de quinze mil homens, encontrava-se no sopé dos Alpes. O velho general, evitando os caminhos militares, que se achavam bem guardados pelo inimigo, lançou-se numa senda, à beira de medonhos precipícios, que alguns golpes de picareta teriam deixado intransitável. Os soldados estavam proibidos de olhar para trás; não obstante, voltavam a cabeça, seus pés escorregavam e, de vez em quando, cavalo e soldado a pé rolavam para o abismo. Nas passagens muito difíceis, os que possuíam as pernas mais firmes da infantaria baixavam suas compridas lanças à direita e à esquerda de seu chefe já de idade, à guisa de barreira, e Freundsberg avançava colado ao mercenário da frente e impulsionado pelo detrás. Os Alpes foram cruzados em três dias e, a 19 de novembro, o exército atingiu o território de Bréscia.

O Condestável de Bourbon, que sucedeu no comando supremo do exército imperial, após a morte de Pes-cara, acabara de tomar posse do ducado de Milão. Tendo-lhe prometido o imperador esta conquista, como recompensa, Bourbon foi obrigado a ficar ali por algum tempo, a fim de consolidar seu poder. Finalmente, a 12 de fevereiro, êle e suas tropas espanholas juntaram-se ao exército de Freundsberg, que já se tornava impaciente com as demoras do Condestável. Êste possuía muitos ho-mens, porém dinheiro algum; resolveu, portanto, seguir o conselho do Duque de Ferrara, o inveterado inimigo dos príncipes da Igreja, e avançou diretamente para Roma (9) .

Todo o exército recebeu esta notícia com um brado de alegria. Os espanhóis achavam-se muitos de-sejosos de vingar Carlos V, e os alemães, transbordantes de ódio pelo papa; todos exultaram, na esperança de receber o seu sôldo e de contar, por fim, com seus esforços fartamente recompensados por aquêles tesouros da Cristandade, que Roma acumulara durante séculos. Seus brados ecoavam além dos Alpes. Na Alemanha, todos julgavam que chegara a última hora do papado, e preparavam-se para contemplar-lhe a queda. Escrevia Lutero: "As fôrças do imperador estão triunfando na Itália; todos os quartéis atacam o papa: aproxima-se a sua destruição, chegaram sua hora e seu fim (10) ".

Algumas ligeiras vantagens ganhas pelos soldados papistas, no reino de Nápoles, tiveram como resultado uma trégua, que devia ser confirmada pelo papa e pelo imperador. Logo que se soube disso, irrompeu um enorme tumulto nas hostes do Condestável. As tropas espanholas, rebelaram-se, forçando o Condestável a fugir, e saquearam-lhe a barraca. Aproximando-se, então, os mercenários, êstes puseram-se a gritar, tão alto quanto possível, as únicas palavras alemãs que conheciam:

—Lança! Lança! Dinheiro! Dinheiro! (11) .

Tais gritos ecoaram no seio dos imperialistas: êstes, agitando-se, por sua vez, puseram-se, também, a gritar com tôda a fôrça:

—Lança! Lança! Dinheiro! Dinheiro!

Freundsberg tocou a chamada e, tendo alinhado os soldados á sua volta e à de seus principais oficiais, cal-mamente perguntou-lhes se êle alguma vez os abandonara. Foi tudo inútil. O antigo afeto que os mercenários tinham ao seu comandante parecia extinto. Uma só corda vibrava-lhes no coração: deviam receber o sôldo e guerrear. Por conseguinte, baixando as lanças, apresentaram-nas, como se quisessem matar seus oficiais, e puseram-se a bradar, novamente:

—Lança! Lança! Dinheiro! Dinheiro!

Quando Freundsberg, a quem nenhum exército, por maior que fôsse, jamais amedrontara — Freundsberg, que estava acostumado a dizer "quanto mais inimigos, maior a honra" —, viu aquêles mercenários, no comando dos quais envelhecera, apontando contra si o aço mor-tífero, perdeu tôda a capacidade de expressão e caiu sem sentidos sôbre um tambor, como se fôra atingido por um raio (12) . A resistência do velho general cedera para sempre. A cena do comandante exânime, porém, produziu nos mercenários, um efeito que nenhum discurso poderia produzir. Tôdas as lanças se ergueram e os soldados sublevados retiraram-se de cabeça baixa. Quatro dias depois, Freundsberg voltava ao seu discurso:

—Avante! — disse ao Condestável. — Deus mesmo nos levará ao alvo!

—Avante! Avante! — repetiram os mercenários.

—Bourbon não teve alternativa. Além disso, nem Carlos, nem Clemente dariam ouvidos a quaisquer pro-postas de paz. Freundsberg foi levado a Ferrara e, pos-teriormente, ao seu castelo de Mindelheim, onde morreu, após uma enfermidade de dezoito meses. A 18 de abril, Bourbon tomava aquela estrada para Roma, que tantos exércitos formidáveis, vindos do norte, já haviam trilhado.

Enquanto o ataque, descendo dos Alpes, se aproxi-mava da cidade eterna, o papa perdia a presença de espírito, despedindo as tropas e conservando, apenas, sua guarda pessoal. Mais de trinta mil romanos, capazes de usar armas, alardeavam sua bravura nas ruas, arrastando consigo as longas espadas, discutindo e brigando. Mas, tais cidadãos, ávidos na busca do ganho, tendo pouca intenção de defender o papa e esperando tirar grande proveito da paralização dêste, desejavam, ao contrário, que o imponente Carlos chegasse e se instalasse em Roma.

Na tarde cio dia 5 de maio, Bourbon chegava ao pé da muralha da capital, e teria começado o assalto no momento exato em que dispusesse de escadas. Na manhã do dia 6, o exército, oculto por uma espêssa cer-ração, que encobria seus movimentos (13) , pôs-se a agir, marchando os espanhóis para a sua posição na parte de cima da

porta do Espírito Santo, e os alemães, para a parte de baixo (14) . O Condestável, desejando encorajar seus soldados, apoderou-se de uma escada de assalto e escalou a muralha, incitando-os a segui-lo. Nesse instante, atingiu-o uma bala — o Condestável caiu e, uma hora depois, expirava. Tal foi o fim dêste homem infeliz, traidor de seu rei e de sua pátria, e, até mesmo, suspeito aos seus novos amigos.

A morte de Bourbon, longe de conter o exército, serviu apenas para excitá-lo. Cláudio Seidenstucker, tomando de sua enorme espada, galgou a muralha, em primeiro lugar seguiu-o Miguel Hartmann, e êstes dois alemães reformados bradaram que o próprio Deus mar-chava adiante dêles, nas nuvens. Abriram-se as portas; o exército entrou em borbotões; tomaram-se os arra-baldes. O papa, acompanhado de treze cardeais, fugiu para o castelo de Santo Angelo. Os imperialistas, à cuja frente se achava, agora, o Príncipe de Orange, propuseram-lhe a paz, com a condição de que pagasse trezentas mil coroas. Clemente, porém, julgando que a liga sagrada estivesse prestes a libertá-lo, e imaginando que já avistava os principais cavaleiros desta, repeliu tôdas as propostas. Após quatro horas de calma, reiniciou-se o ataque; ao pôr do sol, o exército dominava a cidade inteira. Roma permaneceu guardada pelas armas e em boa ordem, até à meia-noite, instalando-se os espanhóis na Piazza Navona e os alemães, no Campofiore. Por fim, não vendo nenhuma demonstração de guerra ou de paz, os soldados debandaram e entrega-ram-se, rápidos, à pilhagem.

Começou, então, o célebre "Saque de Roma". Durante séculos, o papado fizera pressão sôbre a Cristandade. Prebendas, anatas, jubileus, peregrinações, graças eclesiásticas — enriquecera com tôdas estas coisas . Aquelas tropas gananciosas que, durante meses, tinham vivido na miséria, decidiram fazer com que o papado vomitasse. Ninguém foi poupado: o partido ultramontano, não menos que o imperial; os Guelfos, não menos que os Gibelinos. Igrejas, palácios, conventos, casas particulares, basílicas, túmulos — tudo foi saqueado, até mesmo o anel de ouro que o cadáver de Júlio II ainda trazia no dedo. Os espanhóis, farejando e descobrindo tesouros nos mais misteriosos esconderijos, revelaram a maior esperteza; os napolitanos, porém, eram os mais extravagantes (15) . Diz Guicciardini: "Por todos os lados, ouviam-se os gritos agudos e contristadores das mulheres e freiras romanas, a quem os soldados arrastavam à fôrça, para que lhes servissem de companhia, a fim de saciar-lhes o apetite sensual (16) ".

A princípio, os alemães achavam certo prazer em fazer com que os papistas sentissem o pêso de sua espada. Mas, em breve, contentes por arranjarem comida e bebida, ficaram mais calmos que os seus aliados. Foi sôbre aquelas coisas que os católicos romanos chamavam de "santas" que desencadeou, de modo particular, o furor dos luteranos. Levaram os cálices, os cibórios, os ostensórios de prata, e vestiram seus criados e meninos do acampamento com as vestes sacerdotais (17) . O Campofiore transformou-se numa imensa casa de jôgo. Os soldados levaram para lá

vasos de ouro e bôlsas cheias de coroas; arriscavam-nos num lanço de dados e, depois de perdê-los, saíam à procura de outros.

Um certo Simão Batista, que predissera o saque da cidade, fôra atirado à prisão pelo papa; libertaram-no os alemães e fizeram-no beber com êles. Mas, como Jeremias, êsse homem profetizava contra todos. Bradou aos seus libertadores:

—Roubai! Saqueai! No entretanto, tudo ireis de-volver! O dinheiro dos soldados e o ouro dos padres seguirão o mesmo caminho!

Nada agradava mais aos alemães do que escarnecer da côrte papal. "Muitos prelados eram pôstos a desfilar, montados em jumentos, por tôda a cidade de Roma" — escreveu Guicciardini (18) . Findo êste préstito, os bispos pagavam o seu resgate; caíam, porém, nas mãos dos espanhóis, que os obrigavam a pagá-lo pela segunda vez (19) .

Certa vez, um mercenário chamado Guilherme de Sainte Celle pôs as vestes pontifícias e colocou, na ca-beça, a tiara papal; à sua volta, reuniram-se outros, ataviando-se com as compridas vestes e chapéus cardi-nalícios. Indo em procissão pelas ruas da cidade, ca-valgados em jumentos, chegaram, por fim, diante do castelo de Santo Angelo, onde Clemente VII se refugiara. Os cardeais-soldados apearam-se, então, e, erguendo a parte da frente de suas vestimentas, beijaram os pés do suposto papa. Êste último bebeu à saúde de Clemente VII, e os cardeais, ajoelhados, fizeram o mesmo; e exclamaram que, doravante, seriam piedoso papa ebons cardeais, tendo o cuidado de não provocarem guerras, como o provocaram seus antecessores. Esta-beleceram, então, um conclave e, tendo o papa anunciado que era de seu intento renunciar ao papado, ergueram-se, imediatamente, tôdas as mãos, para a eleição, ebradou-se:

—Lutero é o papa! Lutero é o papa! (20) .

Jamais o sumo pontífice fôra proclamado com tão perfeita unanimidade. Tais eram os humorismos dos alemães. Os espanhóis não deixaram os romanos sossegados, com tanta facilidade.

Clemente VII chamara-os de "mouros" e promulgara uma indulgência plenária a todo aquêle que matasse um dêles. Por conseguinte, nada podia conter-lhes a fúria. esses católicos sinceros executaram os prelados em meio à espantosas crueldades, destinadas a extorquir-lhes o tesouro. Não pouparam classe, nem sexo, nem idade. Foi só depois que o saque durara dez dias, que urna pilhagem de dez milhões de coroas de ouro fôra recolhida e depois que de cinco a oito mil vítimas haviam perecido, que a calma começou, de certo modo, a restabelecer-se.

Assim, a cidade pontifícia declinou em meio a um longo e impiedoso saque. Aquêle explendor com que Roma, desde o início do décimo-sexto século, extasiara o

mundo, desapareceu em algumas horas. Do castigo, nada pôde livrar esta orgulhosa capital, nem mesmo as preces de seus inimigos.

—Não mandaria incendiar Roma — dissera Lutero. — Seria um ato monstruoso! (21) .

Os receios de Melancton eram, ainda, mais fortes:

—Temo pelas bibliotecas. Sabemos quanto Marte odeia os livros! (22) .

Mas, não obstante os desejos dos reformadores, a cidade de Leão X incorreu no julgamento de Deus.

Clemente VII, sitiado no castelo de Santo Angelo, temeroso de que o inimigo fizesse ir pelos ares êste re-fúgio, com as suas minas, finalmente, capitulou. Renunciou a tôdas as alianças contra Carlos V e sujeitou-se a continuar prisioneiro, até que pagasse ao exército quatrocentos mil ducados. Os cristãos evangélicos pasmavam-se com êsse julgamento do Senhor. Diziam:

—Tal é o império de Jesus Cristo: que o imperador perseguindo Lutero em nome do papa, seja constran-gido a derribar o papa, em vez de Lutero. Tôdas as coisas concorrem para o Senhor e voltam-se contra os Seus adversários (23) .

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Vide Vol. II, livro VII, cap. VIII.

(2) Haug Marschalk, surnamed Zeller.

(3) Caroli Imperat. Rescriptum ad Clementis Septimi criminationes. Gostaldi, Constitut. Imperiales, I, 479.

(4) Non jam pastoris seu communis patris laudem, sed superbi et insolentis nomen. Ibid., 487.

(5) Cum id ab evangelica doctrina, prorsus alienum videtur. Ibid. 489.

(8) 'Iltriusque potestatis apitem Papa tenet. Turrecre-mata de Potestate Papali.

(7) Ëxodo 21:24.

(8) Apocalipse 18. Não devemos, entretanto, restringir esta profecia ao saque incompleto de 1527, do qual a cidade se recobrou.

(9) Guiceiardini, História das Guerras na Itália, XVIII, 698.

(10) Papa ubique visitatur, ut destruatur: venit enim finis et hora ejus. Lutero a Haussmann, 10 de janeiro de 1527. Epp., III, 156.

(11) Lanz, lanz, gelt, gelt.

(12) Cum vero hastas ducibus obverterent Indignatione et egritudine afim! oppressus, Fronsberglus subito in deliquium ineidit, ita ut in tympano quod adstabat desidere cogeretur, nullumque verbum proloqui amplius posset. Seckend, 11, 79.

(13) Guicciardini, II, 721.

(14) Desde que a nova muralha fôra construída por Urbano VIII, no tôpo do Janículum, as portas do Espirito Santo e Seltimiana tinham-se tornado inúteis.

(15) Jovius Vita Pompell Colonnm, pág. 191; Ranke, Deutsche Gesch., II, 398.

(16) Guicciardini, II, 724.

(17) Sacras vestes profanis induebant lixis. Cochiceus, pág. 156.

(18) Guerras da Itália, II, 723.

(19) Eundem eivem seu eurialem haud raro, nunc ab His-panis, nunc a Germanis sere mutuato redimi. Cochiceus, pág. 156.

(20) Milites ataque levasse manum ac exclamasse: Lutherus Pana! Lutherus Papa! Ibid.

(21) Romam nollen exustam, magnum enim portentum esset. Epp., III, 221.

(22) Metuo bibliothecis. Corp. Ref., I, 869.

(23) Ut Ceesar pro Papa Lutherum persequens, pro Lu-thero papam cogatur vastare. L. Epp., III, 188.

CAPÍTULO III

Calma Proveitosa — Constituição da Igreja —Felipe de Hessen — O Monge de Marburgo — Pa-radoxos de Lambert — Frei Bonifácio — Debate em Hamburgo — Triunfo do Evangelho em Hessen — Constituição da Igreja — Bispos — Sínodos — Dois Elementos da Igreja — Lutero Sôbre o Ministério — Organização da Igreja — Contradições de Lutero Sôbre a Interferência do Estado — Lutero ao Eleitor — Missa Alemã — Instruções de Melancton — Descontentamento — Visitação das Igrejas Reformadas — Resultados — Os Progressos da Reforma — Elizabeth de Brandemburgo.

A Reforma necessitava alguns anos de tranquilidade, para que pudesse crescer e ganhar fôrças. Não podia desfrutar paz, salvo se os seus grandes inimigos estivessem em guerra entre si. A demência de Clemente VII foi, por assim dizer, um pára-raios da Reforma, e os destroços de Roma firmaram o Evangelho. Não significou apenas o benefício de alguns meses; de 1526 a 1529, houve um sossêgo na Alemanha, do qual a Reforma tirou partido para organizar-se e expandir-se. Devia dar-se, agora, uma constituição à Igreja reformada.

Como se rompera o jugo papal, a ordem eclesiástica precisava ser restabelecida. Impossível restaurar-lhe a antiga jurisdição aos bispos, pois êstes prelados do Continente sustentavam que, de modo especial, eram servos do papa. Exigia-se, portanto, um novo estado de coisas, sob pena de ver a Igreja anarquizada. Precaveu-se, de imediato, contra isso. Foi então que as nações evangélicas se desligaram, definitivamente, daquêle tirânico domínio que, durante séculos, mantivera todo o Ocidente em sujeição.

A dieta já desejara, em duas ocasiões, converter a reforma da Igreja num empreendimento nacional. O imperador, o papa e alguns príncipes foram contrários a isso. Por conseguinte, a dieta de Espira cedera a cada Estado a tarefa que ela própria não podia executar.

Mas, que constituição estavam êles prestes a pôr no lugar da hierarquia papal?

Podiam, embora suprimido o papa, conservar a ordem episcopal: era a forma que mais se aproximava da que se achava a ponto de ser desfeita. Isto foi na Inglaterra, onde temos uma Igreja Episcopal; entretanto, conforme acabámos de observar, tal não era possível ser realizado no Continente. Não havia nenhum Latimer, nenhum Cranmer entre os bispos continentais.

Poderiam, ao contrário, reorganizar a ordem ecle-siástica, valendo-se da supremacia da Palavra de Deus e restabelecendo os direitos do povo cristão. Esta forma era a mais afastada da hierarquia romana . Entre os dois extremos, havia vários meios-têrmos.

Ëste último plano era o de Zwinglio: mas o reformador de Zurique não o pusera inteiramente em execução. Éle não solicitara ao povo cristão para aplicar a primazia e detera-se no Concílio dos Duzentos, quando representava a Igreja (1) .

O passo diante do qual Zwinglio hesitara poderia ser dado, e assim o foi. Um príncipe não se esquivava daquilo que alarmara até mesmo os republicanos. A Alemanha evangélica, na ocasião em que se pôs a experimentar fazer constituições eclesiásticas, começou com o que atacou mais profundamente a monarquia papal.

Entretanto, não era da Alemanha que tal sistema poderia provir. Se a aristocrática Inglaterra estava des-tinada a apegar-se à forma episcopal, a dócil Alemanha achava-se fadada a, sobretudo, permanecer num meiotêrmo administrativo . O rigor democrático emanou da Suíça e da França. Um dos antecessores de Calvino hasteava, agora, aquela bandeira que o poderoso braço do reformador genebrês deveria de novo, nos anos subseqüentes, erguer e fincar na França, Suíça, Holanda, Escócia e, até mesmo, na Inglaterra, donde levou um século para cruzar o Atlântico e convidar a América do Norte para assumir o seu pôsto entre as nações.

Felipe de Hessen — que fôra comparado, em argúcia, a Felipe da Macedônia e, em coragem, ao filho dêste, Alexandre — era o mais empreendedor dos príncipes evangélicos. Felipe compreendia que, por fim, a religião ganhava a devida importância e, longe de opor-se à grande manifestação que agitava o povo, concordou com as novas idéias.

A estréia da manhã surgira para Hessen quase que ao xnesmo tempo para a Saxônia. Em 1517, quando Lutero, em Witemberg, pregava a remissão gratuita dos pecados, homens e mulheres de Marburgo foram vistos dirigindo-se, às ocultas, a um dos fossos da cidade e, ali,. reunidos à volta de uma fenda solitária, ouvindo, com avidez e atenção as palavras de consôlo que brotavam de dentro. Era a voz do franciscano que, tendo declarado que, durante cinqüenta séculos, os padres haviam falsificado o Evangelho de Cristo, fôra lançado àquela lúgubre masmorra. Tais reuniões misteriosas duraram uma quinzena. De repente, a voz silenciou; as reuniões solitárias haviam sido descobertas, e o franciscano, ar-rancado da cela, fôra conduzido ás pressas, através de Lahnberg, para um local ignorado. Não longe de Zie-genberg, alguns cidadãos de Marburgo, em prantos, al-cançaram-no e, arrancando o tôldo que lhe cobria o carro, perguntaram-lhe:

—Para aonde ides?

—Para aonde Deus quer — respondeu-lhes, calma-mente o frade (2) .

Jamais se ouviu falar dêle outra vez; não se sabe que fim teve. Tais desaparecimentos são comuns, no papado.

Mal havia Felipe triunfado na Dieta de Espira, quando resolveu dedicar-se à Reforma de seus Estados hereditários.

Seu caráter decidido fê-lo inclinar-se para a Reforma suíça: não era, portanto, uma das moderadas que êle desejava. Fizera amizade, em Espira, com Jaime Sturm, o delegado de Estrasburgo, que lhe falou de Fran-cisco Lambert de Avinhão, que se encontrava, naquela época, em Estrasburgo. De aspecto agradável e caráter decidido, Lambert combinava com o' ferVor do sul tôda a perseverança cio norte. Foi o primeiro a desfazer-se do capelo, na França, e, desde aquela ocasião, jamais cessara de exigir uma reforma completa da Igreja. Dizia:

— Outrora, quando eu era hipócrita, vivia com fartura.

Hoje como sobriamente meu pão cotidiano, com minha pequena família (3) ; mas, prefiro ser pobre, no reino de Cristo, do que possuir abundância de ouro, nas residências dissolutas do papa.

O landgrave viu que Lambert era, justamente, o homem de que precisava, e convidou-o para ir á sua côrte.

Lambert, desejando desobstruir o caminho para a Reforma de Hessen, redigiu cento e cinqüenta e oito teses, que intitulou de "paradoxos", afixando-as, con-forme o costume da época, às portas das igrejas.

Amigos e inimigos aglomeraram-se, logo, à volta delas. Alguns católicos romanos tê-las-iam arrancado, mas os citadinos adeptos da Reforma ficaram de guarda e, realizando uma reunião na praça pública, discutiram, desenvolveram e provaram tais proposições, ridi-cularizando, ao mesmo tempo, a ira dos papistas.

Bonifácio Dornemann, um jovem clérigo, cheio de 'arrogância, a quem ❑bispo, no dia de sua ordenação, exaltara acima de Paulo, pelo seu saber, e acima da Virgem, pela sua castidade, vendo-se pequeno demais para alcançar as teses afixadas de Lambert, pediu emprestado um banquinho, e, rodeado de numeroso públi-co, pôs-se a ler as proposições em voz alta (4) :

—"Tudo o que está deformado deve ser reformado. Só a Palavra de Deus ensina-nos o que deve ser refor-mado; tôda reforma efetuada de maneira contrária é vã. (5) ".

Era a primeira tese.

—Hum! — exclamou o jovem clérigo. — Não ata-carei isso.

Continuou:

—Cabe à Igreja decidir sôbre os assuntos de fé. Ora, a Igreja é a reunião de pessoas unidas pelo mesmo espírito, mesma fé, mesmo Deus, mesmo Mediador e

mesma Palavra, pelos quais, ünicamente, elas se governam e só nos quais têm vida (6) . — Não posso atacar, também, esta proposição (7) .

E continuou lendo, de seu banquinho:

—"A Palavra é a chave verdadeira. O reino do céu está aberto para o que crê na Palavra, e fechado para o que não crê. Portanto, todo aquêle que, verdadeiramente, possui a Palavra de Deus, possui ❑poder das chaves. Tôdas as demais chaves, todos os decretos dos concílios e dos papas e tôdas as regras dos monges são inúteis".

Frei Bonifácio meneou a cabeça e prosseguiu:

—"Visto que o sacerdócio da Lei foi abolido, Cristo é o único sacerdote eterno e imutável, e Êle não precisa, como os homens, de sucessor. Nem o Bispo de Roma, nem qualquer outra pessoa no mundo é o Seu representante aqui na terra. Todos os cristãos, porém, desde ❑começo da Igreja, foram e são participantes do sacerdócio de Cristo".

Esta última proposição cheirava a heresia. D❑rnemann, no entanto, não desanimava e, fôsse por fraqueza de espírito, ou fôsse pelo romper da luz, a cada proposição que não lhe melindrava demais os preconceitos, repetia:

—Naturalmente, esta não atacarei!

O povo ouvia, assombrado, quando alguém — se um papista fanático, um reformista faccioso ou um gaiato, não posso dizer —, cansado dessas continuas repetições, exclamou:

—Descei, velhaco, que não achais uma palavra para refutar!

E, puxando, então o banquinho, ❑gaiato lançou o infeliz clérigo em cheio na lama (8) .

A 21 de outubro, às sete da manhã, abriram-se de par em par as portas da principal igreja de Hamburgo e entraram prelados, abades, padres, condes, fidalgos e delegados das cidades, um após outro; entre êles, achava-se Felipe, na qualidade de primeiro membro da igreja.

Depois que Lambert explicara e demonstrara as suas teses, acrescentou:

—Que se apresente quem tiver algo a dizer contra elas.

A princípio, houve um profundo silêncio; por fim, Nicolau Ferber, superior dos franciscanos de Marburgo, que, em 1524, empregando o argumento favorito de Roma, rogara ao landgrave que utilizasse a espada contra os hereges, pôs-se a falar, de cabeça baixa, olhando para o chão. Ao citar Agostinho, Pedro Lombardo e outros doutores, em seu auxílio, o landgrave observou-lhe:

—Não apresente as opiniões volúveis dos homens, mas a Palavra de Deus que, sàzinha, fortalece e revigora os nossos corações.

O franciscano sentou-se, confuso, dizendo:

—Não é êste o lugar para a resposta.

O debate, no entanto, recomeçou, e Lambert, mos-trando todo o poder da Verdade, surpreendeu tanto o seu adVersário, que o superior, assombrado com o que êle chamara de "trovões de blasfêmia e relâmpagos de irreverências (9) ", sentou-se, de novo, observando pela segunda vez:

—Não é êste o lugar para a resposta.

Em vão lhe declarou o chanceler Feige que todo ho-mem tinha o direito de sustentar sua opinião com tôda a liberdade; em vão bradou o próprio landgrave que a Igreja suspirava pela verdade — o silêncio tornara-se o refúgio de Roma.

—Defenderei a doutrina do purgatório — dissera um padre, antes do debate.

—Atacarei os paradoxos sob o tópico sexto (sôbre o verdadeiro sacerdócio) — dissera um segundo (10) .

E um terceiro exclamara:

— Aniquilá-los-ei, sob o tópico décimo (sôbre as ima-gens) !

Agora, porém, todos êles se achavam mudos.

Diante disso, Lambert, de mãos juntas e dedos en-trelaçados, exclamou como Zacarias:

— "Bendito o Senhor Deus de Israel, porque visitou e remiu o Seu povo"!

Ao cabo de três dias de debate, que fôra um contínuo triunfo para a doutrina evangélica, escolheram-se homens e encarregaram-nos de organizar as igrejas de Hessen, de acôrdo com a Palavra de Deus. Mais de três dias estiveram ocupados com o trabalho, e a nova constituição que elaboraram foi, em seguida, publicada em nome do sínodo.

A primeira constituição eclesiástica feita pela Reforma deve ocupar um lugar na História. Tanto assim que foi, depois, apresentada como modêlo para as novas igrejas da Cristandade (11) .

A autonomia ou autogovêrno da Igreja é o seu prin-cipio fundamental. É da Igreja, de seus representantes reunidos em nome do Senhor, que emana essa legislação. Não se menciona, no prólogo, o Estado ou o landgrave (12) . Felipe, satisfeito por ter rompido, em prol de si mesmo e de seu povo, ó jugo de um

sacerdote estrangeiro, não tinha intenção de colocar-se no lugar dêste e contentou-se com aquela superintendência externa, necessária à manutenção da ordem.

Um segundo característico distintivo dessa consti-tuição, é sua simplicidade tanto do govêrno como de culto. A assembléia roga, com instância, a todos os futuros sínodos que não cumulem as igrejas com u'a mul-tidão de ordenanças, visto que, onde existem ordens em abundância, há desordem em excesso"

Nem mesmo manteriam os órgãos nas igrejas, porque diziam, "os homens devem entender o que ouvem (13) . Quanto mais o espírito humano tenha sido aplicado numa direção, tanto mais violenta é a reação quando se afrouxa. A Igreja, naquela época, passou do ponto máximo do simbolismo ao ponto máximo da simplicidade. São as seguintes as principais características dessa constituição:

— A Igreja só pode ser doutrinada e governada pela Palavra de seu Supremo Pastor. Todo aquêle que recorrer a qualquer outra palavra, será destituído e anatematizado (14) .

—Todo homem piedoso, instruído na Palavra de Deus, seja qual fôr a sua condição, pode ser eleito bispo, se o desejar, pois, no íntimo, Deus o chamou (15) .

—Que ninguém suponha que, por bispo, entendemos algo mais que um simples ministro da Palavra de Deus (16) .

—Os ministros são servos e, conseqüentemente, não têm de ser senhores, príncipes ou governantes.

—Que os fiéis se reunam e escolham seus bispos e diáconos. Cada igreja deve eleger seu próprio pastor (17) .

—Que os que fôrem eleitos bispos sejam consagrados ao seu cargo pela imposição das mãos de três bispos e, quanto aos diáconos, se não houver ministros presentes, que recebam a imposição das mãos dos anciãos da Igreja (18) .

—Se um bispo causar qualquer escândalo à Igreja pela sua efeminação, pelo luxo de suas vestes ou pela leviandade de conduta, e se, adver-tido, persistir, que seja destituído pela Igreja (19) .

—Que tôda igreja cuide de que o seu bispo more com a família e que seja hospitaleiro, conforme recomenda São Paulo; mas que os bispos nada cobrem pelos seus eventuais deveres (20) .

—Que haja, em todos os domingos, em um local apropriado, uma reunião de todos os que per-tencem ao número dos santos, para regulariza-rem, com o bispo, de acôrdo com a Palavra de Deus, todos os assuntos da Igreja, e pàra ana-tematizarem todo aquêle que der motivo de escândalo à Igreja, pois a Igreja de Cristo jamais existiu sem exercer o poder do anátema (21) .

—Como é necessária uma reunião semanal, para a direção das igrejas individuais, assim, também, deve realizar-se anualmente um sínodo geral, para a direção de tôdas as igrejas do país. (22) .

—Todos os pastores são membros comuns da Igre-ja; porém, tôda igreja elegerá, ainda, um ho-mem de seu corpo cheio do Espírito de fé, a quem confiará sua representação para tudo o que fôr da alçada do sínodo (23) .

—Uma vez por ano, eleger-se-ão três visitadores, com o encargo de percorrerem tôdas as igrejas, examinarem os que se elegeram bispos, confirmarem os que foram aprovados e providenciarem para o cumprimento dos decretos do sínodo.

Verificar-se-á, sem dúvida, que essa primeira cons-tituição evangélica atingiu, em alguns pontos, o extremo da democracia eclesiástica; certas instituições, porém, haviam insinuado que eram capazes de melhorar e de modificar a natureza dessa constituição.Seis superintendentes vitalícios substituiram, mais tarde, os três visitadores anuais (que, de acôrdo com a primitiva organização,. podiam ser simples membros da igreja) , e, conforme se observou (24), as usurpações, quer dêsses superintendentes, quer do Estado, entravaram, gradualmente, a atividade e a independência das igrejas de Hessen. Essa constituição teve a mesma sorte que a do Abade Siéyes, no oitavo ano (1799 d.C.) , que, conquanto pretendesse ser republicana, serviu, por intermédio de Napoleão Bonaparte, para firmar o despotismo do império.

Não obstante, foi um trabalho notável. Os dou-tores papistas acusaram a Reforma de tornar a Igreja uma instituição demasiadamente interna (25) . De fato, a Reforma e o Papismo reconhecem dois elementos na igreja: um externo e outro interno. Mas, enquanto que

oPapado dá prioridade àquele, a Reforma a atribui a êste. Se, contudo, fôr uma censura contra a Reforma a notável constituição, da qual acabamos de apresentar alguns característicos, por ter apenas uma Igreja interna e por não criar uma Igreja externa, poupar-nos-á o trabalho de responder. A ordem eclesiástica exterior, que, então, resultou do próprio seio da Reforma, é muito mais perfeita que a do Papismo.

Apresentou-se uma grande questão: serão tais prin-cípios adotados por tôdas as Igrejas da Reforma?

Tudo parecia indicar que o seriam. Naquela época, os homens mais piedosos eram de opinão que o poder eclesiástico promanava dos membros da Igreja. Apartando-se do extremo hierárquico, arrojaram-se num extremo democrático

O próprio Lutero professara tal dou-trina já no ano 1523. Quando os calistinos da Boêmia verificaram que os bispos de seu país lhes recusavam ministros, foram ao ponto de apanhar o primeiro padre vagabundo. Se não tiverdes nenhum outro meio

de conseguir pastores — escreveu-lhes Lutero —, agi, de preferência sem êles; que cada chefe de família leia o Evangelho em sua própria casa e batize os seus filhos, anelando pelo sacramento do altar, como os judeus, na Babilônia, o fizeram por Jerusalém (26) . A consagração do papa gera sacerdotes não de Deus, mas de Satanás, ordenados tão sómente para espezinharem Jesus Cristo, reduzindo-Lhe a nada o sacrifício, e para venderem ao mundo holocaustos imaginários, em Seu nome (27) . Os homens fazem-se ministros só por eleição e vocação, e isso deve ser feito da seguinte maneira:

"Primeiramente, buscai a Deus pela oração (28) . Depois, estando reunidos todos aquêles cujo coração Deus tocou, escolhei, em nome do Senhor, aquêle ou aquêles cujo coração a quem reconheceis com idoneidade para o ministério. Em seguida, que o líder dentre vós lhes imponha as mãos e os recomende ao povo e à Igreja (29) ".

Lutero, solicitando, assim, ao povo que nomeasse sàzinho, seus pastores, submetia-se às necessidades da época, na Boêmia. Era indispensável constituir o mi-nistério; como êste não existia, não podia, então, contar com a parte legítima que lhe cabe, na escolha dos mi-nistros de Deus.

Uma outra necessidade, porém, originada, igualmente, da situação, devia levar Lutero a desviar-se, na Saxônia, dos princípios que outrora estabelecera.

Dificilmente se pode dizer que a Reforma alemã co-meçou com as classes inferiores, como na Suíça e na França. Lutero, por certo, não poderia encontrar em parte alguma aquêle povo cristão, que teria desempenhado um tão grande papel em seus novos estatutos. Homens ignorantes, citadinos presunçosos, que nem sequer manteriam os seus ministros — tais eram os membros da Igreja. Ora, que se poderia fazer com êsses elementos?

Se o povo, porém, era indiferente, não o eram os príncipe& estes se achavam na vanguarda da grande batalha da Reforma, e ocupavam o primeiro assento no concílio. A organização democrática foi, portanto, cons-trangida a dar lugar a uma organização semelhante ao govêrno civil. A Igreja compõe-se de cristãos, e êstes são recebidos seja onde quer que se encontrarem — nas altas camadas, ou nas inferiores. Foi, sobretudo, nas altas esferas que Lutero os encontrou. 21e aceitou os príncipes (quando Zwinglio realizou o Concílio dos Duzentos) como representantes do povo e, daí em diante, a influência do Estado tornou-se um dos principais elementos da constituição da Igreja evangélica, na Alemanha.

Dessa forma, Lutero, partindo, em princípio, do extremo democrático, chegou, de fato, ao extremo erastiano. Jamais houve, talvez, urna distância tão enorme entre as premissas estabelecidas por um homem e a conduta por êle adotada. Se Lutero cruzou essa longa distância sem hesitar, não foi por mera inconstância de sua parte; êle cedeu às necessidades da época. As regras de govêrno eclesiástico não são, como

as doutrinas do Evangelho, de uma natureza perfeita; sua aplicação depende, até certo ponto, da situação da Igreja. Houve, no entanto, certa volubilidade em Lutero: muitas vêzes êle se expressava de maneira contraditória sôbre o que os príncipes deviam ou não fazer na Igreja. Esta é uma questão sôbre a qual o reformador e seu tempo não tinham opiniões bem definidas: havia outros assuntos a serem esclarecidos.

No pensar do reformador, a tutela dos príncipes devia ser apenas provisória. Os crentes, estando ainda em sua minoridade, necessitavam de um tutor: porém, chegaria a época da maioridade da Igreja e, então, dar-se-ia a emancipação.

Conforme dissemos em outro local (30) , não emiti-remos opinião acêrca desta grande controvérsia da Igreja e do Estado. Existem, todavia, certos conceitos que não podem jamais ser negligenciados. Deus é a fonte da qual tudo provém, e é quem deve governar o mundo todo — tanto sociedades como indivíduos, tanto o Estado como a Igreja. Deus cuida dos governos e êstes cuidam de Deus. As grandes verdades, das quais a Igreja é depositária, são dadas do alto, para que exerçam influência sôbre tôda a nação: sôbre o que se assenta no trono, assim como sôbre o camponês em sua cabana. E não é apenas como indivíduo que o príncipe deve ser partícipe dessa luz celeste, mas, também, porque êle pode receber sabedoria divina, como governante de seu povo. Deus deve estar no Estado. Colocar as nações, os governos, a vida social e política de um lado, e Deus, Sua Palavra e Sua Igreja do outro — corno se houvesse um grande abismo entre êles, e corno se estas duas ordens de coisas jamais devessem juntar-se — seria, ao mesmo tempo, alta traição contra o homem e contra Deus.

Mas, se deve haver uma íntima união entre essas duas esferas (a Igreja e o Estado) , devemos procurar os meios mais bem planejados para consegui-la. Ora, se a direção da Igreja fôsse entregue ao govêrno civil, con-forme foi o caso da Saxônia, há grande motivo para temer que a realidade de tal união ficasse comprometida e que a infiltração do poder divino, no organismo nacional, ficasse obstruída. A Igreja, dirigida por um departamento civil, com frequência será sacrificada aos fins políticos e, tornando-se gradualmente secularizada, perderá o seu primitivo vigor . Ao menos isto sucedeu na Alemanha, onde, em alguns lugares, a religião descambou para a categoria de administração temporal. Para que qualquer substância criada possa exercer tôda a influência de que é capaz, deve ter livre desenvolvimento. Deixai urna árvore crescer livremente, nos campos abertos — desfrutareis melhor a sua sombra e colhereis frutos mais abundantes do que se a plantásseis num vaso, encerrando-a em vosso quarto. Tal árvore é a Igreja de Cristo.

A apelação ao poder civil, que era, talvez, naquela época, necessária na Alemanha, teve ainda outra conse-quência: quando o Protestantismo se tornou um mister dos governos, deixou de ser universal. O novo espírito podia criar uma nova

terra. Mas, em vez de abrir novos caminhos, de ter em vista a regeneração de tôda a Cris-tandade e a conversão do mundo, o Protestantismo re-traiu-se, e os protestantes procuraram acomodar-se, tão confortàvelmente quanto possível, em alguns ducados alemães. Essa timidez, que se chamou de prudência, causou enorme prejuizo à Reforma.

Assim que se descobriu a capacidade organizadora no concilio dos príncipes, os reformadores pensaram na constituição, e Lutero dedicou-se à tarefa. Embora êle fôsse, de modo especial, um atacante e Calvino, um or-ganizador, êstes dois atributos, tão indispensáveis aos reformadores da Igreja quanto aos fundadores de impé-rios, não faltavam a nenhum dêstes dois grandes servos de Deus.

Era imperioso formar um novo ministério. A maioria dos padres que haviam abandonado a igreja do papa estava satisfeita por aceitar o lema da Reforma, sem ter experimentado, pessoalmente, a virtude santificadora da verdade. Havia mesmo uma paróquia em que o padre pregava o Evangelho na igreja principal e cantava a missa na sua subsidiária (31) .

Faltava, porém, algo mais: era preciso criar-se um povo cristão. De alguns partidários da Reforma, dizia Lutero:

— Ai! Abandonaram sua liturgia e doutrinas pa-pistas, e zombam das nossas! (32) .

Lutero não retrocedeu diante dessa dupla necessi-dade; tomou providências para isso.

Persuadido de que era imprescindível uma visitação geral das igrejas, dirigiu-se ao eleitor sôbre êste assunto, a 22 de outubro de 1526:

"Vossa Alteza, em vossa qualidade de protetor da juventude e de todos os que não sabem cuidar de si próprios, deveis obrigar os cidadãos, que não desejam pastores, nem escolas, a receberem êstes meios de graça, do mesmo modo como são obrigados a trabalhar nas estradas, nas pontes e em serviços semelhantes (33) . Abolida a ordem papal, é dever de Vossa Alteza regularizar tais assuntos. Nenhuma outra pessoa zela por êsses cidadãos, ninguém mais pode zelar e ninguém mais deve fazê-lo. Encarregai, por conseguinte, quatro pessoas de visitar todo o país; que duas delas investiguem os dízimos e a propriedade da Igreja e que duas se incumbam da doutrina, escolas, igrejas e pastores".

Lendo estas palavras, talvez se pergunte: A Igreja, que se formou no primeiro século sem a ajuda dos prín-cipes, não podia, no décimo-sexto, ser reformada sem êles?

Lutero não estava satisfeito por solicitar a intervenção do príncipe, por escrito, mas indignado pot ver os cortesãos que, no tempo do Eleitor Frederico, se tinham

mostrado entranhados inimigos da Reforma, precipitando-se, agora — "folgazões, risonhos, saltitantes", como êle dizia —, sôbre os despojos da Igreja. Conseqüentemente, no fim dêsse ano, tendo o eleitor vindo a Witemberg, Lutero foi logo ao palácio, queixando-se ao príncipe-eleitoral, a quem encontrou à. entrada. Em seguida, sem se importar -com os que o teriam detido, abriu caminho para a alcova do eleitor e, dirigindo-se a êste príncipe, que se surpreendeu com tão inesperada visita, implorou-lhe que remediasse os males da Igreja. Resolveu-se sôbre a visitação das igrejas e Melancton ficou encarregado de redigir as necessárias instruções.

Em 1526, Lutero publicou a sua Missa Alemã", pela qual deu a conhecer a ordem do serviço eclesiástico, em geral. "As verdadeiras assembléias evangélicas —dizia êle não se realizam públicamente, em desordem, admitindo gente de tôda sorte (34) , mas são constituídas de cristãos sinceros, que confessam o Evangelho com sua bôca e com sua vida (35) , no meio dos quais podemos censurar e anatematizar aquêles que não vivem conforme o mandamento de Cristo Jesus (36) . Não posso organizar tais assembléias, pois não tenho ninguém para colocar nelas (37) ; todavia, se isto se tornar possível, não faltarei a êste dever.

Foi com uma convicção de que o homem deve dar à Igreja não a melhor forma de culto imaginável, mas a melhor possível, que Melancton, como Lutero, trabalhou em suas Instruções.

A Reforma alemã, naquela época, mudava de rumo, por assim dizer. Se Lambert, em Hessen, chegara ao extremo de um sistema democrático, Melancton, na Saxônia, aproximava-se do oposto dos princípios tradicio-nais. Um princípio reformista foi substituído por um conservador. Escreveu a um dos inspetores (38) : "Tôdas as antigas cerimônias que puderdes conservar, por favor, conservai-as (39) . Não façais muitas inovações, pois tôda inovação é prejudicial ao povo (40) ".

Conservaram, portanto, a liturgia em latim, mistu-rada com alguns hinos alemães muitos dias santos, os paramentos (42) e outros ritos, "nos quais — dizia Melancton — não há mal, diga o que disser Zwinglio (43) ". Ao mesmo tempo, declaravam, com reserva, as doutrinas da Reforma.

É justo, portanto, reconhecer a autoridade dos fatos e das circunstâncias a respeito dessas organizações eclesiásticas; há, porém, uma autoridade que se eleva mais alto ainda — a da Palavra de Deus.

Melancton fêz, talvez, tudo quanto podia ser feito naquela época; mas, um dia, o trabalho precisou ser reencetado e restabelecido em seu plano primitivo, e essa foi a glória de Calvino.

Ouviu-se um grito de espanto tanto do arraial de Roma, como do da Reforma.

— Nossa causa foi traída! — bradaram alguns cris-tãos evangélicos. — Foi-se-nos a liberdade que Jesus Cristo nos dera (44) .

De sua parte, os ultramontanistas rejubilaram-se com a moderação de Melancton: consideraram-na uma retratação, e aproveitaram-se disso para insultar a Reforma. Cochlceus !publica uma "horrenda" gravura, como êle próprio a denomina, na qual, de debaixo do mesmo capelo via-se sair um monstro de sete cabeças, representando Lutero. Cada uma dessas cabeças tinham feições diferentes e tôdas, proferindo, juntas, as mais chocantes e contraditórias palavras, não cessavam de disputar e xingar, entredevorando-se (45) .

O Eleitor, atônito, resolveu comunicar a Lutero o papel de Melancton. Jamais, porém, o respeito do reformador pelo seu amigo se mostrou de maneira tão admirável. Fêz apenas um ou dois acréscimos ao plano dêste, e devolveu-o acompanhado dos maiores elogios. Disseram o papistas que o tigre, apanhado numa rêde, lambia as mãos que lhe cortaram as garras.

Mas não era assim. Lutero sabia que o objetivo dos trabalhos de Melancton era fortalecer a verdadeira essência da Reforma, em tôdas as igrejas da Saxônia. Isto lhe bastava. Demais, julgava que, em tôdas as coisas, deve haver uma transição; e, estando, de fato, convencido de que o seu amigo era, mais do que êle próprio, um homem de transição, aceitou, com franqueza, os pontos de vista dêste.

Iniciou-se a visitação geral. Lutero na Saxônia, Spalatin nos distritos de Altemburgo e Zwickau, Melancton na Turíngia, e Thuring na Francônia, acompanhados de delegados eclesiásticos e de vários confrades leigos, começaram o trabalho em outubro e novembro de 1528.

Depuraram o clero, demitindo todos os padres de vida escandalosa (46) ; cede:am uma parte da proprie-dade da igreja para a manutenção do culto público, e a parte restante, puseram-na fora do alcance de roubo. Prosseguiram na supressão dos conventos, e estabelece-ram, em todo lugar, uma unidade de ensino. "Os Cate-cismos Maiores e Menores de Lutero", trabalho que apa-receu em 1529, contribuiu, talvez mais do que quaisquer outros escritos, para propagar, em tôdas as novas igre-jas, a antiga fé dos apóstolos. Os visitadores encarregaram os pastores das grandes cidades de zelar pelas igrejas e escolas, sob o título de superintendentes; prosseguiram na extinção do celibato, e os ministros da Palavra tornaram-se esposos e pais, constituindo a semente de um terceiro Estado; por isso, nos anos vindouros, difundiram-se, em tôdas as classes sociais, o saber, a atividade e a luz espiritual. É esta uma das mais verdadeiras causas da superioridade moral e intelectual que caracteriza as nações evangélicas.

A organização das igrejas na Saxônia, não obstante suas falhas, produziu, durante certo tempo pelo menos, os mais significativos resultados. Isto foi porque a

Palavra de Deus prevaleceu, e porque, onde quer que esta Palavra exerça o seu poder, os erros secundários e os abusos se tornam impotentes. A própria discrição empregada teve origem, realmente, num bom principio. Os reformadores, ao contrário dos entusiastas, não re-jeitaram peremptóriamente uma instituição porque esta se corrompeu. Não disseram, por exemplo: "Os sacramentos deturparam-se — ajamos sem êles! O ministério perverteu-se — rejeitêmo-lo!" Repeliram, porém, o abuso e restabeleceram o uso. Essa prudência é o sinal de um trabalho de Deus; se Lutero, às vêzes, consentiu em que a alimpadura permanecesse junto com o trigo, Calvino apareceu depois e, mais cabalmente, limpou a eira cristã.

A organização, que, naquela época, prosseguia na Saxôhia, causou forte reação em todo o império germânico, e a doutrina evangélica avançava com passos de gigante. O propósito do Senhor de desviar dos Estados alemães reformados a desgraça que Éle fêz cair sôbre a cidade das sete colinas, manifestava-se claramente. Jamais se empregaram os anos com tanta utilidade; não foi apenas ao trabalho elaborativo de uma constituição que a Reforma se dedicou, foi, também, à, expansão de sua doutrina.

Os ducados de Luneburgo e Brunswick, muitas das mais importantes cidades do império, como Nuremberg, Ausburgo, Ulm, Estrasburgo, Gosslar, Nordhausen, Lu-beck, Bremen e Hamburgo retiraram as velas dos san-tuários, pondo em seu lugar o facho da Palavra de Deus, mais resplandecente.

Em vão os cônegos, alarmados, sustentavam a autoridade da Igreja.

— A autoridade da Igreja — responderam-lhes Kempe e Zechenhagen, o reformador de Hamburgo —não pode ser reconhecida, a menos que a própria Igreja obedeça ao seu Pastor: Jesus Cristo (47) .

Pomerano visitou muitos lugares a fim de dar um último retoque à Reforma. Na Francônia, o margrave Jorge de Brandemburgo, tendo reformado Anspach e Bayreuth, escreveu ao seu antigo protetor, Fernando da Áustria, que franzira as sobrancelhas ao ser informado dêsses procedimentos: "Assim agi por ordem de Deus, pois o Senhor ordena aos príncipes que cuidem não só do corpo de seus súditos, mas, também, de sua alma(48) ".

Na Frísia Oriental, no dia de Ano-Novo de 1527, um dominicano chamado Résio, tendo pôsto o capelo (49) , subiu ao púlpito, em Noorden, e declarou-se disposto a sustentar certas teses, de acôrdo com o Evangelho. De-pois de silenciar o Abade de Noorden com a solidez de seus argumentos, Résio tirou o capelo, deixou-o no púl-pito e foi recebido, na nave, com aclamações dos fiéis. Dentro em pouco, tôda a Frísia abandonava p uniforme do papismo, como Résio fizera.

Em Berlim, Elizabeth, eleitora de Brandemburgo, tendo lido os trabalhos de Lutero, desejou tomar a Santa Ceia de acôrdo com a instituição de Cristo.

Administrou-a, secretamente, um ministro, na festa da Páscoa, em 1528; mas um de seus filhos avisou o eleitor. Joaquim ficou deveras irritado e ordenou à espôsa que permanecesse em seu aposento, durante vários dias (50) ; disseram mesmo que êle pretendia encarcerá-la (51) . Essa princesa, impedida de receber amparo religioso, desconfiando das pérfidas manobras dos padres católicos, resolveu fugir precipitadamente e requerer a ajuda de seu irmão, Cristiano II, da Dinamarca, que, então, residia em Torgau. Aproveitando uma noite escura, deixou o castelo em traje de camponesa e entrou numa carroça rústica que a esperava à porta da cidade. Elizabeth apressava o cocheiro, quando, numa estrada ruim, a carroça quebrou . A eleitora, desatando ràpidamente o lenço que trazia à volta da cabeça, atirou-o ao homem que o empregou no consêrto da parte avariada. Em breve, Elizabeth chegava a Torgau.

— Se o esponho a algum risco — disse ela ao tio, o Eleitor da Saxônia —, estou pronta para ir aonde quer que a Providência me levar.

João, porém, cedeu-lhe residência no castelo de Lich-temberg, à margem do Elba, perto de Witemberg.

Sem tomarmos a nós o encargo de aprovar a fuga de Elizabeth, reconheçamos o benefício que a Divina Providência tirou dêsse ato. Esta amável senhora que, em Lichtemberg, passava os dias a estudar a Palavra de Deus, raramente aparecendo na côrte, ouvindo, com frequência, os sermãos de Lutero e exercendo salutar influência sôbre os próprios filhos que, às vêzes, tinham permissão de vê-la, foi a primeira das piedosas princesas com quem contou a casa dos Brandemburgo, e até mesmo ainda conta, entre os seus membros.

Ao mesmo tempo, Holstein, Sleswick e Silésia deci-diam-se a favor da Reforma; a Hungria, bem como a Boêmia, viam crescer o número de seus partidários.

Em tôda parte, em vez de uma hierarquia que busca sua integridade nos trabalhos do homem, sua glória na pompa externa e sua fôrça no poder material, reapareceu a Igreja dos Apóstolos, humilde como nos primeiros tempos e como os antigos cristãos, procurando sua reti-dão, sua glória e seu poder -Cinicamente no sangue do Cordeiro e na Palavra de Deus (52) .

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Supra, Vol. III, b, xi, ch, x.

(2) Rommel, Phil. von Hesse, I, 128.

(3) Nunc cum familiola mea panem manduco et potum capio in mensura. Lamberti Comentarli de Sacro Conjugio.

(4) Cum statura homines huyusmodi esset ut inter Pygmos internosci difficulter posset, scabellum sibi dari postulabat, coque conscenso, ccepit, &c. Othon. Melandri Jocorum Cent.

(5) Vana est omnis Reformatio que alioqui fit. Para-doxa Lamberti: Sculteti Armai.

(6) Ecciesia est congregatio corum quos unit idem spi-ritus. Paradoxa Lamberti: Seulteti Annal.

(7) Hanc equidem haud impugnaverim. Illam ne qul-den attigerim. Othon. Mil. Joc. Cent.

(8) Apagesis, nebulo! qui quod impugnes inrirmesque in-venire haud possis! hisque dictis scabellum ei mox subtrahlt, ut miser ille pr=ps in lutum ageretur. Othon. Mil. Joc. Cent.

(9) Fulgura impietatum, tonitrua blasphemlarum.

(10) Erant enim prius qui dicerent: Ego asseram purga-torium; alius, Ego impugnabo paradoxi tituli sexti, etc. Lamberti Epistola ad Colon.

(11) Encontrar-se-á essa constituição em Schminke, "Monumenta Hassiaca", volume II, pág. 588: "Pro HassiEe Ecclesiis, et si deinde nonnullm alise ad idem nostro exemplo provocarentur".

(12) Synodus in nomine Domini congragata. Ibid.

(13) Ne homines non intelligant. Ibid. cap. 3.

(14) Non admittimus verbum aliud quam ipsius pastoris nostri. "Monumenta Hassiaca", volume II, cap. 2.

(15) Si quis pius, in verbo sancto et exercitatus, docere petit verbum sanctum, non repellatur, a Deo enfim interne mittitur. Ibid. cap. 23.

(16) Ne quis putet, nos hic per episcopo, alios intelligere, quam ministros Dei verbi. Ibid.

(17) Eligat qumvis ecclesia episcopum suum Monumenta Hassiaca, cap. 23.

(18) Manus imponant duo ex senioribus, nisi alii episcopi Intersint. Ibid. cap. 21.

(19) Deponat ecclesia episcopum suum, quod ad eam spectet judicare de vece pastorum. Monumenta Hassiaca, cap. 23.

(20) Alat qumvis eclesia episcopum suum sicque illi administret et cum sua familia vivere possit. Ibid. cap. 23.

(21) Fiat conventus fidelium in congruo loco, ad quem .quotquot ex viris in santortun numero habentur... Christi ecclesiam nunquam fuisse sine excommunicatione. Ibid. cap. 15.

(22) Ut semel pro Loto Hessia celebratur synodus apud Marpugum tertia domica post pascha. Ibid. cap. 18.

(23) Universe episcopi... Qumlibet ecclesia congregetur et eligat ex se ipsa unum plenum fide et Spiritu Dei. Monu-menta Hassiaca, cap. 18.

(24) . Rettig, Die Freie Kirche.

(25) Esta é a opinião exposta no Symbolik, do Dr. Mõhler, omais famoso defensor da doutrina papista, entre os seus contemporâneos.

(26) Tutius enim et salubrius esset, quemlibet patremfamílias sum domui legere Evangelium. L. Opp. Lat. II, 363.

(27) Per ordines papisticos non sacerdotes Satanw. tantum ut Christum concuicent. L. Opp. Lat. II, 364.

(28) Orationibus tum privatis tum publicis. Ibid. 370.

(29) Eligite quem et quos volueritis. Tum impositis su-per eos manibus, sint hoc ipso vestri episcopi, vestri minlstri, seu pastores. Ibid.

(30) Vol. II, pág. 357.

(31) In sede parochiali evangelico more docebat, in Man missificabat. Seck. pág. 102.

(32) Sic enim sua papistica neglexerunt, et nostra con-temnunt. L. Epp. III, 224.

(33) A comunhão de uma espécie ~ente para os que, por hábito, tinham escrúpulos em tomá-la de duas espécies; a confissão feita ao sacerdote, sem ser, de modo algum, obrigatória;

(34) Non publice, sive promiscue et admissa omnis gene-ris plebe. De Missa Germ.

(35) Qui nomina sua in catalogum referrent — acrescen-ta Lutero. De Missa Germ.

(36) Excommunicari qui Christiano more se non gerent. Ibid.

(37) Negue enim habeo qui sint idonei. Ibid.

(38) O Dr. Dewette julga que esta carta seja de Lutero, L. Epp. III, 352. Parece-me claro, bem como ao Dr. Bret-schneider, que seja de Melancton. Lutero jamais foi tão longe em matéria de concessão.

(39) Observo quantum ex veteribus ceeremonlis retineri potest, retineas. Corp. Ref. II, 990.

(40) Omnis novitas nocet in vulgo. Ibid.

(41) Non aboleas eam totam (the Latin mass) : satis est alicubi miscere Germanicas contationes. Ibid.

(42) Ut retineantur vestes usitatse In sacris. Corp. Ref. ad Jonam, 20 de dezembro de 1527.

(43) Vel si Zwinglius ipse prwdicatorus sit. Corp. Ref: II, 910.

(44) Alii dicerent prodi causam. Camer. Vita Melanc-thon, pág. 107.

(45) Monstrosus ille Germanke partos, Lutherua septi-ceps. Cochlceus, pág. 169.

(46)

(47) Evangelici auctoritaten EcciesiEe non aliter agnos-cendam esse contendebant quam si votem pastoris Çhristi sequeretur. Seckend, I, 245.

(48) Non modo quoad corpus, sed etiam quoad animam. Seckend, II, 121.

(49) Resius, cucullum indutus, suggestum ascendlt. Scul-tet. Ann., pág. 93.

(50) Aliquot diebus a marito In cubículo detenta fuisse. Seckend, II, 122.

(51) Marchio statuerat eam Immuraxe. L. Epp. ad Len-kium, III, 290.

(52) Apocalipse 12:11.

CAPÍTULO IV

Edito de Ofen — Perseguições — Winchler, Carpenter e Keyser — Apreensão na Alemanha — Contrafação de Pack — Aliança dos Príncipes Reformados — Advertência dos Reformadores —Conselho Pacífico de Lutero — Surprêsa dos Príncipes Papistas — O Plano de Pack Não Improvável — Vigor da Reforma.

Êsses triunfos do Evangelho não puderam passar despercebidos. Houve uma poderosa reação. E, até que as circunstâncias políticas permitissem um grande ataque à Reforma no próprio país onde esta se achava estabelecida, admitindo a luta contra ela por meio de dietase, se necessário, por meio de exércitos, puseram-se os inimigos a persegui-la escrupulosamente, nos países pa-pistas, com torturas e o cadafalso.

A 20 de agôsto de 1527, o rei Fernando, através do Édito de Ofen, na Hungria, publicou uma lista de crimes e penalidades, na qual ameaçava de morte pela espada, pelo fogo ou pela água (1) todo aquêle que dissesse que Maria era igual às outras mulheres, ou participasse do sacramento na forma herética, ou, não sendo sacerdote católico, consagrasse o pão e o vinho; outrossim, na se-gunda circunstância, a casa onde houvesse sido admi-nistrado o sacramento devia ser confiscada ou comple-tamente arrasada.

Não era assim a legislação de Lutero. Tendo-lhe perguntado Link se era lícito ao magistrado condenar à morte os falsos profetas, dando a entender os Sacramentários, cujas doutrinas Lutero atacara com tanta violência (2) , o reformador respondeu: "Sou brando sempre que a vida estiver em questão, mesmo que o infrator seja extremamente culpado (3) . De modo algum posso admitir que os falsos doutrinadores sejam condenados à morte (4) . Basta expulsá-los". Durante séculos, a igreja papista banhou-se em sangue. Lutero foi o primeiro a professar os grandes princípios humanitá-rios e de liberdade religiosa.

Os expedientes empregados eram, às vêzes, mais rápidos que o próprio cadafalso. Jorge Winckler, pastor de Halle, tendo sido chamado à presença do Arcebispo Alberto, na primavera de 1527, por haver administrado

osacramento sob as duas espécies, fôra absolvido. Quando êste ministro voltava para rasa por um caminho êrmo no meio da mata, foi, sübitamente, atacado por vários cavaleiros, que o assassinaram e fugiram pelo matagal, sem nada lhe levarem (5) . Exclamou Lutero:

—O mundo é uma caverna de sicários sob as ordens do demônio; uma taberna, cujo patrão é um bandido, e que tem êste letreiro: Mentiras e Assassínio! Aí ninguém é mais fàcilmente executado do que os que anun-ciam Jesus Cristo.

Em Munique, Jorge Carpenter foi conduzido ao ca-dafalso, por ter negado que o batismo com a água não pode, por sua própria eficácia, salvar o homem.

—Quando fôrdes lançado à fogueira, dai-nos um sinal pelo qual possamos saber que perseverais na fé —disseram-lhe alguns confrades.

— Enquando puder abrir a bôca, confessarei o nome do Senhor Jesus (6) .

Estirando-o numa escada de mão, o carrasco prendeu-lhe um saquitel de pólvora à volta do pescoço e, em seguida, lançou-o às chamas. Imediatamente, Carpenter bradou:

—Jesus! Jesus!

E, enquanto o algoz o virava freqüentemente com os ganchos, o mártir várias vêzes repetiu a palavra Jesus, expirando depois.

Em Landsberg, nove pessoas foram entregues às cha-mas e, em Munique, vinte e nove foram lançadas às águas. Em Scherding, Leonardo Keyser, amigo e discípulo de Lutero, tendo sido condenado pelo bispo, teve a cabeça raspada, foi vestido com uma blusa comprida de camponês e pôsto no dorso de um cavalo. Quando os verdugos blasfemavam e praguejavam, porque não eram capazes de desembaraçar as cordas com as quais os membros de Keyser deviam ser atacados, êste lhes disse, suavemente:

—Caros amigos, vossos laços não são necessários. Meu Senhor Jesus já me prendeu.

Ao aproximar-se do poste, olhou para a multidão, exclamando:

—Contemplai a seara! Ó Mestre, envia teus ser-vidores!

Subiu, então, ao cadafalso, e bradou:

—Oh! Jesus! Salva-me! Sou teu!

Foram estas suas últimas palavras (7) . "Quem sou eu, prolixo pregador, comparado a êste grande fautor das Escrituras!" — escreveu Lutero, ao receber a notí-cia da morte de Keyser (8) .

A Reforma demonstrava, através dêsses atos admi-ráveis, a verdade que ela viera restabelecer, a saber: que a fé não é, segundo Roma sustenta, uma experiência histórica, vã, morta (9) , mas uma fé viva, trabalho do Espírito Santo, meio pelo qual Cristo enche o coração de novos anseios e de novos sentimentos — a verdadeira adoração do Deus vivo.

Os martírios encheram a Alemanha de terror; entre as classes sociais, sombrios presságios provinham dos tronos. A volta da lareira doméstica, nos longos cre-

púsculos das noites invernais, a conversa girava exclu-sivamente sôbre prisões, torturas, cadafalsos e mártires: o menor ruído alarmava os velhos, as mulheres e as crianças. Tais narrativas ganhavam fôrça, pois passa-vam de bôca em bôca; espalhava-se, por todo o império, o rumor de uma conspiração universal contra o Evan-gelho. Seus adversários, aproveitando-se dêsse terror, anunciavam, com ar misterioso, que deviam procurar, neste ano (1528) , uma medida decisiva contra a Reforma (10) . Um tratante (Pack) resolveu tirar partido dessa disposição de ânimos, para satisfazer a própria ganância.

Não há golpes mais terríveis para uma causa do que os que ela inflinge a si mesma. A. Reforma, acometida de um desvario, estava a um passo da própria destruição. Há um espírito de êrro que conspira contra a causa da verdade, enganando pela astúcia (11) ; a Reforma estava prestes a sofrer os seus ataques e a tremer sob os mais temíveis assaltos — a confusão mental e o desvio dos caminhos da sabedoria e da verdade.

Oto Pack, vice-chanceler do Duque Jorge da Saxô-nia, era um homem astuto e esbanjador (12) , que se aproveitava de seu cargo e que havia recorrido a tôda sorte de artimanhas para obter dinheiro. Tendo o duque, numa ocasião, enviado êste homem à Dieta de Nuremberg, como seu representante, o Bispo de Merseburgo confiou-lhe sua contribuição ao govêrno imperial. O Bispo, mais tarde, solicitou êsse dinheiro, declarando Pack que o havia pago a um cidadão de Nuremberg, cuja chancela e assinatura êle apresentou. Êsse papel era uma falsificação; o próprio Pack o redigira (13) . O infame, porém, enfrentou o assunto com descaramento e, tendo escapado à. condenação, assegurou a confiança de seu senhor. Dentro em pouco, apresentava-se uma oportunidade para que êle exercesse seus criminosos ta-lentos em maior escala.

Ninguém nutria maiores desconfianças quanto aos papistas do que o landgrave de Hessen. Jovem, susce-tível, inquieto, estava sempre de sobreaviso. No mês de fevereiro de 1528, Pack encontrava-se, por acaso, em Cassei, a fim de auxiliar Felipe em alguns negócios di-fíceis, e o landgrave revelou-lhe os seus receios. Se al-guém pudesse ter sabido de alguma coisa dos planos dos papistas, devia ter sido o vice-chanceler de um dos maiores inimigos da Reforma. O astucioso Pack, arrancando um suspiro baixou os olhos e calou-se. Felipe logo se tornou apreensivo; instou com Pack, prometendo nada fazer que prejudicasse o duque. Pack, então, como se, com pesar, houvesse permitido que um importante segrêdo lhe fôsse arrancado, confessou que uma aliança contra os luteranos fôra firmada em Breslau, na quarta-feira que se seguiu ao terceiro domingo depois da Páscoa, 12 de maio de 1527, e prometeu obter o original dêsse documento para o landgrave, que lhe ofereceu uma remuneração de dez mil florins por êsse serviço. Foi a maior transação que êsse perverso indi-víduo jamais empreendera; mas contribuiu para nada menos que a ruína total do império.

O landgrave ficou estupefato; não obstante, conte-ve-se, desejando ver o documento com os próprios olhos, antes de informar seus. aliados. Dirigiu-se, portanto, a Dresden.

— Não posso fornecer-vos ❑original — disse-lhe Pack . — O duque sempre o tem consigo, a fim de lê-lo aos outros príncipes, dos quais espera obter a adesão. Recentemente, em Leipzig, êle o mostrou ao Duque Henrique, de Brunswick. Aqui está, porém, uma cópia tirada por ordem de Sua Alteza.

O landgrave apoderou-se do documento, que conti-nha todos os característicos da mais perfeita autentici-dade. Atravessava-o um cordel de sêda preta e, em am-bos os lados, achava-se fechado pelo lacre da chance-laria do duque (14) . Sôbre ❑lacre, encontrava-se a marca do anel que o Duque Jorge trazia sempre num dedo, com os três quarteamentos que Felipe tantas vêzes vira; na parte de cima, a coroa aberta e, na debaixo, os dois leões. Felipe já não tinha mais dúvida quanto à sua autenticidade.

Como descreveremos sua indignação ao ler o cri-minoso documento? O Rei Fernando, os Eleitores de Mentz e de Brandemburgo, o Duque Jorge da Saxônia, os Duques da Baviera e os Bispos de Saisburgo, Wurtz-burgo e Bamberg haviam celebrado uma aliança para exigir do Eleitor da Saxônia que entregasse o argui-herege Lutero, juntamente com todos os padres, monges e freiras apóstatas, e que restaurasse o culto antigo. Caso êste príncipe não cumprisse as exigências, seus Estados deviam ser invadidos e êle e seus descendentes, depostos para sempre. A mesma medida seria, a seguir, aplicada ao landgrave, só que (— Foi seu sogro, o Duque Jorge, quem conseguiu que esta cláusula fôsse inserta — disse Pack a Felipe) seus Estados lhe seriam resti-tuídos, em vista de sua pouca idade, se êle se reconci-liasse plenamente com a santa Igreja. Além disso, o documento declarava os contingentes de homens e di-nheiro a serem fornecidos pelos confederados e o qui-nhão que êstes deviam ter nos despojos dos dois prínci-pes hereges (15) .

Muitas circunstâncias contribuiram para confirmar a autenticidade do documento em questão. Fernando, Joaquim de Brandemburgo e Jorge de Saxônia tinham-se encontrado, de fato, em Breslau, no dia mencionado, e um príncipe evangélico, o Margrave Jorge, vira Joaquim deixar o aposento de Fernando, levando na mão um enorme pergaminho, onde se achavam apostas várias chancelas . O landgrave, nervoso, mandou tirar uma cópia do documento, prometendo segrêdo por algum tempo; entregou a Pack quatro mil florins e com-prometeu-se a inteirar a quantia combinada, se êste lhe conseguisse o original. Desejando, então, impedir a borrasca, dirigiu-se às pressas para Weimar, a fim de cientificar o Eleitor dessa conspiração sem precedente.

— Vi, ou melhor, tive em minhas mãos uma du-plicata dêsse terrível pacto — disse o landgrave a João e ao filho dêste . — Assinaturas, chancelas, nada faltava (16) ! Eis uma cópia, e comprometo-me a mostrar-vos o original. Ameaça-nos o mais tremendo perigo, a nós, nossos súditos fiéis e a Palavra de Deus.

O eleitor não tinha motivo para duvidar do relato que o landgrave acabara de fazer-lhe: achava-se atur-dido, confuso, derrotado. Sómente as mais imediatas providências poderiam impedir essas desgraças sem pre-cedente; para livrá-los da ruína inevitável, era preciso arriscar-se tudo.

O impetuoso Felipe assoprava a fo-gueira e as chamas (17) ; seu plano de defesa já estava preparado. Apresentou-o e, no primeiro momento de pa-vor, teve o consentimento, de seu aliado, por assim dizer, de rompante. A 9 de março de 1528, os dois príncipes con-cordaram empregar tôdas as suas fôrçaS em sua defesa, e até mesmo tomar a ofensiva, sacrificar a vida, a honra, o cargo, os súditos e os Estados, a fim de que pudessem preservar a Palavra de Deus. Os Duques da Prússia, Mercklemburgo, Lunemburgo e Pomerânia, os Reis da Dinamarca e da Polônia e o Margrave de .Brandemburgo deviam ser convidados para entrar nessa aliança. Setecentos mil florins foram destinados às despesas da guerra; para obtê-los, levantariam empréstimos, hipotecariam suas cidades e venderiam os donativos das igrejas (18).

Já haviam começado a organizar um poderoso exército (19) . O landgrave, em pessoa, partiu para Nuremberg e Anspach. O alarme, naqueles países, era geral; sentia-se a agitação por tôda a Alemanha (20) e, até mesmo, fora dela. João Zapolaya rei da Hungria, naquela época refugiado em Cracow, prometeu cem mil florins para recrutar um exército, e dez mil florins, por mês, para a manutenção dêste. Assim, um espírito de êrro desorientava os príncipes; se tivesse arrebatado os Reformadores também, a ruína da Reforma não estaria muito distante.

Deus, porém, velava por êles. Apoiados na rocha da Palavra, responderam-lhes Melancton e Lutero:

— "Não tentarás o Senhor teu Deus".

Assim que êstes dois homens, a quem o perigo amea-çava (pois eram quem deviam ser entregues à autoridade papal) , viram o jovem landgrave arrancar da espada e o velho eleitor, em pessoa, levar a mão ao punho dessa arma, lançaram um apêlo, e êste apelo, ouvido no céu, salvou a Reforma.

Lutero, Pomerano e Melancton enviaram, imediatamente, a seguinte advertência ao eleitor: "Sobretudo, não permiti que o ataque proceda de nosso lado, e não permiti que se derrame sangue por nossa culpa. Esperemos pelo inimigo, e procuremos a paz. Enviai um emissário ao imperador, para inteirá-lo dessa abominável conspiração".

Foi assim que a fé dos filhos de Deus, tão menos• prezada pelos políticos, os guiou com .acêrto, no preciso instante em que os diplomatas se enganavam. O eleitor e seu filho declararam ao landgrave que não em-preenderiam a ofensiva. Felipe ficou estupefato.

— Não merecem os preparativos dos católicos um ataque? — perguntou (21) . Quê! Ameaçamos guerra e, todavia, não a empreendemos! Atiçamos o ódio de nossos adversários e concedêmo-lhes tempo para que pre-parem as suas fôrças! Não. Não! Para diante! Só as-sim garantiremos os meios de uma paz honrosa.

"Se o landgrave quiser começar a guerra — res-ponderam os reformadores —, o eleitor não está obrigado a respeitar o tratado, pois devemos obedecer antes a Deus que aos homens. Deus e o que é direito estão acima de tôdas as alianças. Que nos acautelemos de acolher o diabo em nossas portas e de convidá-lo para padrinho (22) . Se, porém, o landgrave fôr atacado, o eleitor deve ir ao seu auxílio, pois Deus ordena que preservemos a nossa fé".

Êste conselho dado pelos reformadores saiu-lhes caro. Nunca homem algum, sentenciado à tortura, suportou urna pena como a dêles. Os terrores insuflados pelos príncipes papistas sucederam aos receios provocados pelo landgrave. A cruel experiência deixou-os bastante aflitos.

— Corroi-me a tristeza e esta angústia tortura-me horrivelmente (23) — lamentava-se Melancton; e acre-scentava: — O livramento será encontrado em estarmos de joelhos diante de Deus (24) .

O eleitor, instado em vários sentidos pelos teólogos e políticos, escolheu por fim, um meio-têrmo: decidiu reunir um exército, "mas apenas — disse êle — para obter a paz". Finalmente, Felipe de Hessen cedeu e, sem demora, expediu cópias do célebre tratado ao Duque Jorge, aos duques da Baviera e aos representantes do imperador, pedindo-lhes que desistissem de tão cruéis intentos. "Preferiria que me decepassem um membro do que vos saber participante de tal aliança" — escreveu êle ao sogro.

Não se pode descrever a surprêsa das côrtes alemãs, ao lerem êsse documento. O Duque Jorge respondeu imediatamente ao landgrave que êste se deixara iludir por absurdidades, que o homem que simulou ter visto o original dêsse documento não passava de vil mentiroso e rematado biltre, e pediu ao landgrave que renunciasse à autoridade, do contrário bem se poderia pensar que êle mesmo fôsse o autor de tão descarada invencionice. O Rei Fernando, o Eleitor de Brandemburgo e todos os pretensos conspiradores deram-lhe idêntica resposta.

Felipe de Hessen compreendeu que fôra enganado (25) ; só a própria cólera lhe excedia a confusão. Com êste incidente, justificara as acusações de seus adversários que o diziam um jovem impetuoso, e comprometera, ao máximo, a causa da Reforma e de seu povo . Declarou, mais tarde:

— Se êsse caso não tivesse sucedido, não mais suce-deria agora. Durante tôda a minha vida, nada me causou maior vexame.

Pack fugiu, com receio do landgrave, que o mandou prender. Os emissários dos vários príncipes que o tratante comprometera reuniram-se em Cassel, e puseram-se a interrogá-lo. Pack sustentou que o documento original existira, de fato, nos arquivos de Dresden. No ano seguinte, o landgrave baniu-o de Hessen, provando, com êsse ato, que não temia o tratante. Mais tarde, Pack foi visto na Bélgica; a mando do Duque Jorge, que jamais demonstrara qualquer compaixão para com êle, foi prêso, supliciado e, por fim, decapitado.

O landgrave estava pouco disposto a ter pego em armas inütilmente. O Arcebispo-eleitor de Mentz foi constrangido, a 11 de junho de 1528, no arraial de Herz-kirchen, a renunciar a tôda jurisdição espiritual na Saxônia e em Hessen (26) . Não foi pequena vantagem.

Mal haviam as armas sido depostas, já Lutero to-mava da pena e iniciava uma guerra de outra espécie. "Os príncipes ímpios podem desmentir tal aliança tanto quanto queiram — escreveu êle a Link —; tenho tôda a certeza que não se trata de quimera. Éstes insaciáveis sanguessugas não descansarão enquanto não virem tôda a Alemanha inundada de sangue. (27) ". Esta opinião de Lutero era largamente aceita. Dizia-se:

— O documento mostrado ao landgrave talvez seja invenção de Pack; tôda essa trama de mentira, porém, baseia-se em alguma verdade. Se a aliança não foi fir-mada, foi concebida (28) .

Tristes foram os resultados dêsse acontecimento. Êle insuflou a divisão no seio da Reforma e atiçou o ódio entre os. dois partidos . A centelha das piras de Keyser, Winkler, Carpenter e de tantos outros mártires davam mais intensidade ao fogo, que já ameaçava in-cendiar o império. Foi nestas -circunstâncias tão críticas e com disposições tão ameaçadoras que se iniciou a célebre Dieta de Espira, em março do 1529. Na verdade, o Império e o Papado estavam-se preparando para destruir a Reforma, embora de modo diverso do que Pack simulara. Estava ainda para ser apurado se se acharia mais fôrça vital na Igreja reformada do que nas tantas seitas que Roma fàcilmente esmagara. Felizmente, a fé aumentara e a constituição dada à Igreja conferira maior fôrça aos seus adeptos. Achavam-se todos decididos a defender uma doutrina tão pura e um govêrno eclesiástico bem superior ao do papismo. No decurso de três anos de tranqüilidade, a árvore do Evangelho lançara raízes profundas; se a borrasca irrompesse, esta árvore poderia, agora, arrostá-la.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Die sollen mit den Feuer, Schwerdt oder Wasser ges-traft werden. Ferd. Mandat.Opp., XIX, 596.

(2) Contra hostes sacramentarlos strenue noblscum cer-tare. Ep. a Link, 14 de julho de 1528.

(3) Ego ad judicium sanguinis tardus sum, etlara ubl meritum abundat. Ibid.

(4) Nullo modo possum admittere falsos doctores occidl.

(5) Mox enim .ut interfecerunt, aufugerunt per avia loca, nihil praulm aut pecuniEe capientes. Cochl., pág. 152.

(6) Dum os aperire licebit servatoris nostri nomen pro-fiteri nunquam intermittam. Scultet, II, 110. •

(7) Incenso iam igne, clara vote proclamavit: Tuus sum Jesu! Salva me! Seckend, II, 85.

(8) Tam impar verbosus prmdicator, 1111 tara potenti ver-b' operator. L. Epp., III, 1214.

(9) Si quis dixerit (idem non esse veram Lidem, licet non fit viva, aut eum qui Lidem sine charitate habet, non esse christianum, anathema sit. Conc. Frid. Sess. 6, pág. 28.

(10) Nescio quid mirari quod hoc anno contra reforma-tionem expectandum sit. Seckend, II, 101.

(11) II Aos Corintios 11:3.

(12) 1-lomo erat versutus, et prwterea prodigus, quo vitio ad alia inductus est. Seckend, II, 94.

(13) Deve encontrar-se ainda nos registros de Dresden.

(14)

(15) Hortleber, De Bello Germanico, II, 579.

(16) Nam is affirmabat se archetypon vidisse, commemo-. rabat. Corp. Ref., I, 986.

(17) Mirabiliter incensus erat. Ibid.

(18) Venditisque templorum donarlis. Seckend, II, 95.

(19) Magno studio validum comparaverunt ambo exerci-tum. Cochlceus, pág. 171.

(20) Non leviter commotos esse nostrorum animos. Corp. Ref., II, 986.

(21) Landgravius prmparamenta adversariorum pro aggres-sione habebat. Seck., II, 95.

(22) Man darf den Teufel nicht über die Thür malen, noch ihn zu gevattern bitten. L. Epp., III, 321.

(23) Cura vehementer cruciarunt. Corp. Ref., I, 988.

(24) Ibid.

(25) Wir fühlten dass wir betrogen waren. Hortleber, IV, 567.

(26) Kopp. Hess. Gerichts. — Verf., I, 107.

(27) Sanguisugm insatiabiles quiescere nolunt, nisi Ger-maniam sanguine madere sentiant. 14 de. junho de 1528.

(28) Non enim prorsus conficta res. Corp. Ref., I, 988.

CAPÍTULO V

Aliança entre Carlos e Clemente VII — Presságios — Hostilidades dos Papistas — Proposta Arbitrária de Carlos — Deliberações da Dieta —A Reforma em Perigo — Decisão dos Príncipes Violência de Fernando — O Cisma Total.

O saque de Roma, por exasperar ós adeptos do Pa-pado, armara todos os inimigos de Carlos V. O exército francês, sob o comando de Lautrec, forçara o exército imperial, enfraquecido pelas delícias de uma nova Cá-pua, a esconder-se dentro das muralhas de Nápoles. Dória, à frente de suas galeras genovêsas, arrasara a esquadra espanhola, e tôda a fôrça imperial parecia aproximar-se do fim, na Itália. Mas, subitamente, Dó-ria tomou o partido do imperador; a peste deu cabo de Lautrec e da metade das suas tropas. Carlos, passando apenas por susto, apoderara-se novamente do poder, com o firme propósito de, doravante, unir-se intimamente com o papa, cuja humilhação por pouco não lhe saiu caro. De sua parte, Clemente VII, ouvindo os italianos exprobarem-lhe o nascimento bastardo e, até mesmo, recusarem-lhe o título de papa, disse em voz alta, que antes preferia ser palafreneiro do imperador do que alvo de zombaria de seu povo. A 29 de junho de 1528, em Barcelona, foi firmada a paz entre os chefes do Império e da Igreja, com base no extermínio da heresia; em novembro convocou-se uma dieta para reunir-se em Espira, a 21 de fevereiro de 1529. Carlos estava resolvido a, primeiramente, procurar destruir a Reforma pelo voto federal, porém, se êste meio não bastasse, estava resolvido a empregar tôda a sua autoridade contra ela. Traçado, então, o curso, êles se achavam prestes a iniciar as operações.

A Alemanha percebeu a gravidade da situação. Lú-gubres presságios tomavam tôdas as mentes. Aí por meados de janeiro, uma enorme claridade no céu dispersara as trevas da noite (1) .

— O que isso pressagia — exclamou Lutero —, só Deus o sabe!

Em princípios de abril, houve rumor de um terremoto que tragara castelos, cidades e regiões inteiras da Caríntia e da Istria, bem como rachara a tôrre de São Marcos, de Veneza, em quatro partes. Disse o reformador:

—Se fôr verdade, êsses sinais são precursores do dia de Jesus Cristo (2) .

Os astrólogos declararam que o aspecto dos quartis de Saturno e de Júpiter e a posição geral das estrêlas eram de mau agouro (3) . As águas do Elba rolavam turvas e agitadas; caíam pedras dos telhados das igre-jas.

—Tôdas essas coisas — bradou Melancton, atemorizado — irritam-me deveras (4) .

As cartas de convocação não concordaram senão muito bem com tais sinais. O imperador, escrevendo de Toledo ao eleitor, acusou-o de sedição e revolta. Cochichos alarmantes passavam de bôca em bôca, sendo suficientes para derribarem o fraco. O Duque Henrique de Mecklemburgo e o eleitor-palatino regressaram, às pressas, ao lado do papismo.

Jamais o partido sacerdotal aparecera tão nume-roso numa dieta, ou tão poderoso e decidido (5) . No dia 5 de março, Fernando, presidente da dieta, após êle, os Duques da Baviera e, por último, os eleitores eclesiásticos de Mentz e Trevel transpunham as portas de Espira, rodeados por numerosa escolta armada (6) . No dia 13, chegava o Eleitor da Saxônia acompanhado apenas de Melancton e Agrícola. Mas Felipe de Hessen, fiel ao seu caráter, entrou na cidade a 18 de março, ao som de trombetas e acompanhado de duzentos cavaleiros.

A divergência de opiniões logo se manifestou. Um papista não encontrava um evangélico na rua, sem lhe lançar olhares furiosos e o ameaçar, secretamente, com pérfidas maquinações (7) . O eleitor-palatino passava pelos saxônicos sem parecer conhecê-los (8) ; e, embora João de Saxônia fôsse o mais importante dos eleitores, nenhum dos chefes do partido oposto o visitava. Agru-pados em volta de suas mesas, os príncipes católicos-romanos pareciam absortos em jogos de azar (9) .

Em breve, davam sinais positivos de sua disposição hostil. O eleitor e o landgrave foram proibidos de man-dar pregar o Evangelho em suas mansões. Nesse perío-do inicial, asseverou-se mesmo que João estava a ponto de ser expulso de Espira e despojado de seu eleitorado (10) .

— Somos a abominação e a escória do mundo —disse Melancton —, mas Cristo olhará pelo Seu povo, protegendo-o (11) .

Na verdade, Deus estava com as testemunhas de Sua Palavra. O povo de Espira ansiava pelo Evangelho, e o eleitor escreveu ao filho, no domingo de Ramos: "Hoje, cêrca de oito mil pessoas estiveram presentes ao culto de manhã e da noite, em minha capela".

O partido papista acelerava, agora, as suas provi-dências; seu plano era simples, porém eficaz. Tornava-se necessário suprimir a liberdade religiosa, que sub-sistira há mais de três anos, e, para isto, deviam revogar o decreto de 1526, restaurando o de 1521.

A 15 de março, os delegados imperiais participavam à dieta que a última deliberação de Espira, que dava liberdade a todos os Estados para agirem de conformi-dade com as sugestões de sua consciência, tendo ocasio-nado grandes desordens, fôra revogada pelo imperador, por fôrça de sua suprema autoridade. Éste ato arbitrá-rio, que não tinha precedente no império, e também o tom despótico com

que êle foi participado encheram de indignação e temor os cristãos evangélicos. Exclamou Sturm:

—Cristo caiu novamente nas mãos de Caifás e Pilatos (12) !

Nomeou-se uma comissão para examinar o projeto imperial. O Arcebispo de Salzburgo, Faber e Eck, em outras palavras, os mais violentos inimigos da Reforma achavam-se entre os seus membros.

—Os turcos são melhores que os luteranos, pois os turcos observam os dias de jejum e os luteranos os in-fringem (13) . Se temos de escolher entre as Sagradas Escrituras de Deus e os velhos erros da Igreja, devemos rejeitar aquelas (14) — dizia Faber.

—Todos os dias, em plena reunião, Faber atira uma nova pedra em nós, evangelistas — disse Melancton. (15) . — Ah! — acrescentou —, que Ilíada teria de compor, se fôsse relatar tôdas essas blasfêmias!

Os padres exigiam a execução do edito de Worms, de 1521, e os membros evangélicos da comissão, entre os quais se achavam o Eleitor da Saxônia e Sturm, exigiam, ao contrário, a manutenção do edito de Espira, de 1526.

Estes permaneciam, portanto, dentro dos limites da le-galidade, enquanto que seus adversários caminhavam para os coups d'état. De fato, tendo sido legalmente estabelecida uma ordem de coisas no império, ninguém poderia infringi-la; se a dieta se atrevia a anular pela fôrça o que fôra constitucionalmente estabelecido há três anos atrás, os Estados evangélicos tinham o direito de opor-se a isso. A maior parte da comissão achava que o restabelecimento da antiga ordem de coisas seria urna revolução não menos completa do que a própria Reforma. Como poderiam sujeitar de novo à Roma e a seu clero aquelas nações, em cujo seio a Palavra de Deus se alastrara com tanta abundância.

Por êste motivo, rejeitando, igualmente, as exigências dos padres e dos evangélicos, a maioria, a 24 de março, chegou à decisão de que tôda inovação religiosa devia continuar a ser interdita nos lugares onde o edito de Worms fôra posto em execução; que, nos lugares onde o povo se desviara dêste edito e onde não se podia conformar com êle, sem perigo de revolta, o povo devia, ao menos, não fazer nenhuma nova reforma, não tocar em nenhum ponto controverso, não obstar a celebração da missa, não permitir a nenhum católico-romano abraçar o luteranismo (16) , não recusar a jurisdição episcopal e não tolerar nenhum anabatista ou sacramentário. O statu quo, sem nenhum proselitismo — tais eram os característicos fundamentais dessa deliberação.

A maioria já não votava como em 1526: o vento voltara-se contra o Evangelho. Nessa conformidade, a moção, após ter sido retardada alguns dias pela festa da

Páscoa, foi submetida à apreciação da dieta a 6 de abril, e transferida para o dia 7 (17) .

Se esta se tornasse lei, a Reforma não poderia ex-pandir-se nos lugares onde, até agora, era desconhecida, nem se firmar em sólidos alicerces naqueles em que já existia. O restabelecimento da hierarquia romanista, estipulado na moção, indubitàvelmente traria de volta os antigos abusos; o menor desvio de uma lei tão vexatória forneceria aos papistas pretexto para completarem a destruição de um trabalho já tão violentamente abalado.

O Eleitor, o Landgrave, o Margrave de Brandem-burgo, o Príncipe de Anhalt e o Chanceler de Luneburgo, de um lado, e os delegados das cidades, de outro lado, conferenciaram. Uma ordem de coisas inteiramente nova devia provir dessa conferência. Se êstes homens tivessem sido impulsionados pelo egoísmo, talvez tivessem aceitado tal decreto. De fato, tinham liberdade, na aparência pelo menos, para professar a sua fé. Deveriam exigir mais? Poderiam fazê-lo? Estariam na obrigação moral de arvorarem-se em paladinos de liberdade de consciência do mundo todo?

Jamais houve,talvez, uma situação mais crítica, porém êsse nobres homens saíram vitoriosos da experiência. Que! Deveriam legalizar, de antemão, o cadafalso e a tortura! Deveriam opor-se ao Espírito Santo em seu trabalho de converter almas para Cristo! Deveriam olvidar a ordem do Mestre: "Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a tôda criatura"? Se, algum dia, um dos Estados do império desejasse seguir-lhes o exemplo e reformar-se, deveriam menosprezar o direito dêsse Estado de fazê-lo? Tendo êles próprios entrado no reino do céu, deveriam fechar a porta através de si? Não! Deveriam antes suportar tudo e tudo sacrificar, mesmo os seus Estados, suas coroas e suas vidas!

—Rejeitemos o decreto — disseram os príncipes. — Em questões de consciência, a maioria não tem autoridade.

—É ao decreto de 1526 que devemos a paz que o império goza; sua revogação encheria a Alemanha de inquietações e divisões . A dieta é inidônea para fazer mais do que preservar a liberdade religiosa, até que se reuna um concílio — acrescentaram as cidades.

Tal é, realmente, o grande atributo do Estado; se, em nossos dias, as fôrças protestantes desejassem influenciar os governos papistas, deveriam tão ~ente esforçar-se por obter para os súditos dêstes últimos essa liberdade que o papa confiscou em benefício próprio, onde quer que reine sózinho, da qual o homem se aproveita grandemente em todos os governos evangélicos. Alguns dos delegados propuseram recusar tôda ajuda contra os turcos, esperando, dêste modo, forçar o imperador a intervir nesta questão religiosa. Sturm, porém, exigiu-lhes que não

mantivessem assuntos políticos com a salvação de almas. Resolveram, portanto, rejeitar a moção, mas sem estenderem nenhuma ameaça. Foi esta admirável decisão que obteve para a época moderna a liberdade de pensamento e a independência da fé.

Fernando e os padres, que não se achavam menos resolutos, resolveram, no entanto, vencer aquilo que chamavam de ousada obstinação, e começaram pelos Estados mais fracos. Puseram-se a amedrontar e a di-vidir as cidades que, até agora, tinham adotado um pro-cedimento comum. A 12 de abril, foram intimados a comparecer diante da dieta; em vão, pretextaram a ausência de alguns de seu número e pediram 'adiamento. Éste foi recusado. Apressou-se a convocação. Vinte e uma cidades livres aceitaram a moção da dieta; rejeitaram-na quatorze. Foi um ato corajoso destas últimas e consumado em meio a penosos sofrimentos.

— Esta é a primeira provação — disse Pfarrer, se-gundo delegado de Estrasburgo —; agora virá a seguinte: devemos rejeitar a Palavra de Deus ou morrer na fogueira (18) !

Uma violenta medida da parte de Fernando iniciou, imediatamente, a série de humilhações que estavam reservadas às cidades evangélicas. Um deputado de Estrasburgo, de conformidade com o decreto de Worms, devia ter sido membro do govêrno imperial, desde o início de abril, e foi declarado excluído de seus direitos, até o restabelecimento da missa em Estrasburgo. Tôdas as cidades se uniram para protestarem contra êste ato arbitrário.

Ao mesmo tempo, o eleitor-palatino e o próprio Rei Fernando suplicavam aos príncipes que aceitassem o decreto, assegurando-lhes que o imperador ficaria muitíssimo satisfeito com êles. Responderam-lhes os príncipes, tranqüilamente:

— Obedeceremos ao imperador em tudo quanto possa contribuir para manter a paz e a glória de Deus.

Era tempo de pôr fim a essa luta. A 18 de abril, decretou-se que os Estados evangélicos não seriam ou-vidos novamente. Fernando preparou-se para aplicar o golpe decisivo, na manhã seguinte.

Chegado o dia, o rei compareceu à dieta., ro- deado dos demais delegados do império e de vários bis- pos. Agradecendo aos católicos-romanos por sua leal- dade declarou que, tendo-se chegado a um acôrdo defi- nitivo sôbre o deliberação, esta se achava prestes a ser redigida na forma de um decreto imperial. Em segui- da, participou ao eleitor e aos amigos dêste que o único caminho que lhes restava era submeterem-se à maioria. Os príncipes evangélicos, que não contavam com uma declaração tão categórica, ficaram perturbados com êsse convite e, de acôrdo com a praxe, dirigiram-se ao compartimento contíguo a fim de deliberarem.

Mas Fernando não estava disposto a esperar pela resposta dos príncipes evangélicos. Levantou-se, e, com êle, le-vantaram-se os delegados imperiais. Foram vãos todos os esforços para detê-lo.

—Recebi uma ordem de Sua Majestade Imperial — disse êle. — Executei-a. Está tudo acabado.

O irmão de Carlos, portanto, comunicou uma ordem aos príncipes cristãos e, em seguida, retirou-se, sem se importar se havia alguma resposta a ser dada! Debalde os príncipes evangélicos enviaram uma delegação para suplicar ao rei que voltasse.

—É um assunto resolvido — repetiu Fernando. —A submissão é tudo o que resta (19) .

Esta recusa completou o cisma: separou Roma do Evangelho. Talvez mais justiça da parte do império e do papado poderia ter evitado o rompimento, que, desde então, tem dividido a Igreja do Ocidente.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Ibid

(2) Si vera sunt, diem Christi prcurrunt haec monstra. Ibid., 438.

(3) Adspectum () Saturni et Jovis. Corp. Ref., I, 1075.

(4) Ego non leviter commoveor his rebus. Ibid., 1076.

(5) Nunquam fuit tanta frequentia ullis conciliis o quanta in his est. Ibid, 1039.

(6) Mogantinum et Treviresem cum comitatu armato. Seckend, II, 129.

(7) Vultu significant quantum nos, oderint, et quid machinentur. Corp. Ref., 1, 1040.

(8) Pfalz kennt kein Sachsen mehr. Epp. Alberti Mans-feld.

(9) Adversa partes proceres alea tempus perdere. L. Epp., III, 438.

(10) Alii exclusum Spiree, alii ademtum. electoratum. Ibid.

(11) Sed Christus respiciet et salvabit populum pauperem. Corp. Ref., I, 1040,

(12) Christus est denuo In manibus Calaphi et Pilati. Jung Beytrãge, 4.

(13) Vociferatus est Turcos Lutheranis mellores esse. Corp. Ref., Pág. 1041.

(14) Maile abjicere seripturam quam veteres errores Eccle-siw. Md., pág. 1046.

(15) Faber lapidat nos quotidie pro concione. Ibid.

(16) Nec catholicos a libero religlonis exercitio impediri debère, ne que euiquam ex lis licere Lutheranismum ampleeti. Seckend, II, 127.

(17) Sleidan, I, 261.

CAPÍTULO VI

O Protesto — Princípios do Protesto — Su-premacia do Evangelho — União Cristã — Fer-nando Rejeita o Protesto — Tentativa de Re-conciliação — Regozijo dos Papistas — Apêlo Evangélico — União Cristã, uma Realidade — Perigos dos Protestantes — Os Protestantes Partem de Espira — Os Príncipes, os Verdadeiros Re-formadores — A Alemanha e a Reforma.

Se o partido imperial mostrou tal desdém, não foi sem motivo. Percebeu-se que a fraqueza se achava do lado da Reforma e a fôrça, com Carlos e com o papa. Mas o fraco também tem a sua fôrça; disto estavam cientes as príncipes evangélicos. Como Fernando não lhes prestava atenção às queixas, nenhuma atenção deviam dar à sua ausência; do parecer da dieta, deviam apelar para a Palavra de Deus e, do Imperador Carlos, para Jesus Cristo, o Rei dos reis, o Senhor dos senhores.

Resolveram dar êsse passo. Para tanto, redigiu-se uma declaração, constituindo o célebre Protesto que, a partir de então, deu ❑nome de Protestante à Igreja Reformada. Tendo regressado à sala usual de sessões da dieta, o eleitor e seus partidários assim se dirigiram aos Estados reunidas (1) :

Prezados Senhores, Primos, Tios e Amigos:

Tendo nós comparecido a esta dieta, por con-vocação de Sua Majestade e para o bem comum do império e da Cristandade, ouvimos e verificámos que as decisões da última dieta, relativas à nossa venerável fé cristã, deverão ser revogadas, e que se propôs substituí-las por determinações coativas e opressivas.

O Rei Fernando e os demais comissários do im-pério, apondo suas chancelas à última Suspensão de Espira, prometeram, não obstante, em nome do imperador, cumprir fiel e inviolàvelmente tudo quanto êsse documento continha e nada permitir que fôsse contrário a êle. Da mesma forma também vós e nós, eleitores, príncipes, prelados, senhores e delegados imperiais, nos comprometemos a preservar sempre, e com tôdas as nossas fôrças, cada um dos artigos dêsse decreto.

Não podemos, por conseguinte, concordar com a sua revogação:

Em primeiro lugar, porque julgamos que Sua Majestade Imperial (bem como nós e vós) tem a obrigação de defender com firmeza o que foi unânime e solenemente decidido.

Em segundo lugar, porque êsse decreto diz res-peito à glória de Deus e à salvação de nossas almas, e porque, em tais assuntos, devemos levar em con-sideração, acima de tudo, o mandamento de Deus, que é o Rei dos reis e o Senhor dos senhores, cada um de nós prestando-Lhe contas de si mesmo, sem se importar, de modo algum, com a maioria ou mi-noria (2) .

Não julgamos o que vos concerne, caríssimos senhores; e estamos dispostos a pedir a Deus, todos os dias, que nos leve a todos nós, verdadeiramente, à unidade da fé, ao amor cristão e à santidade, através de Cristo Jesus, nosso trono de graça e nosso único mediador.

Mas, no que nos concerne, aderirmos à vossa decisão (que todo homem honesto nos julgue!) seria agirmos contra a nossa consciência, rejeitarmos uma doutrina que sustentamos ser cristã e decretarmos que ela deve ser abolida de nossos Estados, se assim pudéssemos fazer sem desgôsto.

Seria negarmos ao nosso Senhor Jesus Cristo, rejeitarmos a Sua Santa Palavra e, conseqüentemente, dar-Lhe justo motivo para negar-nos, por sua vez, diante de Seu Pai, conforme Êle nos ameaçou.

Quê! Ratificarmos êsse edito! Insistimos em que, quando Deus Todo-Poderoso chama um ho-mem ao Seu conhecimento, êste não pode, contudo, receber a sabedoria de Deus! Ah! de que tremendas apostasias não nos tornaríamos, então, cúmplices, não só entre os nossos próprios súditos, como também entre os vossos!

Por êste motivo, repudiamos o jugo que nos é impôsto. E, embora se saiba universalmente que, em nossos Estados, o santo sacramento do corpo e do sangue de nosso Senhor é administrado de modo conveniente, não podemos concordar com o que o edito propõe contra os sacramentários, visto que o edito imperial não os menciona, que êles não foram ouvidos e que não podemos decidir sôbre assuntos importantes como êste, antes do próximo concílio.

Além disso (e esta é a parte essencial do protesto) , quanto ao novo edito, no tópico em que declara que os ministros pregarão o Evangelho expli- cando-o de conformidade com os escritos da santa Igreja Cristã, julgamos que, para tal regulamento ter algum valor, devemos, primeiro, pôr-nos de acôrdo sôbre o que se quer dizer por verdadeira e santa Igreja. Ora, visto que há uma grande diversidade de opinião a êste respeito; que não há doutrina segura, senão a que se acha concorde com a Palavra de Deus; que o Senhor não permite o ensino de nenhuma outra doutrina; que cada texto das Sagradas Escrituras deve ser explicado por outros textos mais claros; que êste livro sagrado é, em tudo, imprescindível ao cristão, fácil de entender e destinado a dissipar as trevas: estamos, com graça de Deus, decididos a conservar o ensino puro e exclusivo de Sua única Palavra, tal como está contida nos livros bíblicos do Velho e do Novo Testamento, sem nada lhe acrescentar que lhe seja contrário (3) .

Sua Palavra é a única verdade; é a regra certa de tôda a doutrina e de tôda a vida, jamais podendo folhar-nos ou decepcionar-nos. O homem que confia neste fundamento, resistirá a tôdas as fôrças do inferno, ao passo que as vaidades humanas, que se levantam contra êle, cairão diante da face de Deus.

Por tudo isto, caríssimos senhores, tios, primos e amigos, nós sinceramente vos rogamos que examineis com atenção os nossos ressentimentos e os nossos motivos. Se não atenderdes o nosso edido, WOTESTAMOS, • or es e ms rumento, diante de Deus, nosso muco va•or • ue um ia nos toe todos os homens e de tôdas as criaturas, ue nos em noasci. nome e no e nosso povo, nao concordamos, de modo algum, com o—Wiétõá sentado nem a êle aderimos, emut o quan o conftarie a Deus, amua ua a avra a nossa cons„meneia honesta, a salvação de nossas alm e o últimrefocleEsp-----

Ao mesmo tempo, esperamos que Sua Ma es- tade Imperial se porte conosco _como um príncipe 'Cristão que ama a Deus sôbre tôdas as coisas, e de-claramo-nos a tribútar-lhe bem como a vós, amáveis senhores, todo afeto e obediência que --"s-ao nosso justo e legitimo dever".

Assim falaram, na presença da dieta, aquêles ho-mensWfálósc---) s, a ue Cristandade chamará dora-vante, OS PROTESTANTES.

Mal tinham acabado de falar, quando manifestaram a sua intenção de partir de Espira, no dia seguinte (4) .

Êste protesto e a declaração impressionaram pro-fundamente. A dieta foi interrompida de modo brusco, eficou dividida em dois grupos hostis, preludiando, as-sim, a guerra. A maioria tornou-se prêsa dos mais in-tensos receios. Quanto aos Protestantes, confiando, jure humano, no edito de Espira, e, jure divino, na Bíblia, achavam-se cheios de coragem e firmeza.

Os princípios contidos neste célebre protesto de 19 de abril de 1529, constituem a verdadeira essencia do Protestantismo. Ora, tal protesto se opõe a dois abusos humanos, em questões de fé: o primeiro é a intrusão do magistrado civil e o segundo, a autoridade arbitrária da Igreja. Em vez dêstes abusos, o Protestantismo coloca o poder da consciência acima do magistrado, e a autoridade da Palavra de Deus, acima da igreja visível. Em primeiro lugar, êle rejeita o poder civil, nos assuntos religiosos, e, com os profetas e os apóstolos, diz: "Devemos obedecer antes a Deus que ao homem". Na presença da coroa de Carlos V, o Protestantismo sobreleva a coroa de Jesus Cristo. Vai mais longe: estabelece oprincípio de que todo ensino humano deve ser subor-dinado aos oráculos de Deus. Mesmo a igreja primitiva, reconhecendo os escritos dos apóstolos, tinha executado uni ato de submissão a esta suprema autoridade, e não um ato de autoridade, como Roma sustenta; e a instituição de um tribunal encarregado da interpretação da Bíblia terminou por sujeitar servilmente o homem ao homem naquilo que devia ser extremamente livre — a consciência e a fé. Neste célebre ato de Espira, nenhum doutor aparece, e a Palavra de Deus reina sõzinha. Nunca o homem se exaltou a si mesmo corno o papa; jamais os homens se mantiveram numa posição obscura corno os reformadores.

Um historiador papista assevera que a palavra Pro-testante significa inimigo do imperador e do papa (5) . Se êle quer dizer que o Protestantismo, em questões de fé, repele a interferência tanto do império como do papado, tem tôda razão. Mesmo esta explicação, porém, não completa o significado da palavra, pois o Protestantismo rejeita a autoridade do homem tão sômente para colocar Jesus Cristo no trono da Igreja, e a Sua Palavra, no púlpito. Nunca houve algo mais positivo e, ao mesmo tempo, mais empreendedor do que a posição dos Protestantes em Espira.• Sustentando que a fé sózinha é capaz de salvar o mundo, defenderam, com intrépida coragem, os direitos do proselitismo cristão. Não podemos renunciar a êSte proselitismo, sem abandonarmos o princípio protestante.

Os Protestantes de Espira não estavam satisfeitos por exaltar a verdade; defenderam o amor cristão. Faber e os demais adeptos do papa haviam-se esforçado por desunir os príncipes, que na maioria, andavam com Lutero, das cidades que tornavam antes o partido de Zwinglio. Oecolampadius escrevera imediatamente a Melancton, esclarecendo-o acêrca das doutrinas do reformador de Zurique. Rejeitara, indignado, a idéia de que Cristo se achava exilado num canto do céu e declarara, enèrgicamente, que, de acôrdo com os cristãos da Suíça, Cristo se encontrava em todos os lugares, sus-tendo tôdas as coisas pela Palavra de Seu poder (6) . "Com símbolos visíveis — acrescentava —, damos e re-cebemos a graça invisível, como todos os crentes (7) ".

Tais declarações não foram inúteis. Havia, em Espira, dois homens que, por motivos diversos, se opunhini aos esforços de Faber e secundavam os de Oecolampa-dius. O landgrave, sempre revolvendo no pensamento planos de aliança, percebeu claramente que, se os cristãos da Saxônia e de Hessen consentissem na condenação das igrejas da Suíça e da Alta Alemanha, êles se privariam, dêste modo, de poderosos auxiliares (8) . Melancton, que, ao contrário do landgrave, estava longe de desejar uma aliança diplomática, receoso de que esta incitasse uma guerra, defendia os grandes princípios da justiça, dizendo:

— A que justas censuras não ficaríamos expostos, se fôssemos reconhecer aos nossos adversários o direito de condenar uma doutrina, sem ter ouvido os que a defendem!

A união de todos os cristãos evangélicos é, portanto, um princípio do Protestantismo primitivo.

Como Fernando não assistira ao protesto de 19 de abril, uma delegação dos Estados evangélicos foi apre-sentar-lhe êste, no dia seguinte. A princípio, o irmão de Carlos V acolheu o protesto, mas, logo depois, quis devolvê-lo. Presenciou-se, então, uma estranha cena: o rei recusando-se a ficar com o protesto, e os delegados, a recebê-lo de volta. Finalmente, êstes últimos, por res-peito, receberam-no das mãos

de Fernando; corajosa-mente, porém, o deixaram sôbre uma mesa e, em seguida, abandonaram a sala.

O rei e os comissários imperiais ficaram na presença do admirável documento. Lá estava — diante de seus olhos — um significativo exemplo da coragem e da fé dos Protestantes. Irritado com êsse silencioso mas poderoso testemunho, que lhe censurava a tirania e lhe deixava a responsabilidade de todos os males que estavam prestes a surgir no império, o irmão de Carlos V chamou alguns de seus conselheiros, ordenando-lhes restituíssem o importante documento aos Protestantes.

Tudo isto foi inútil; o protesto fôra registrado nos anais do mundo, e nada poderia apagá-lo. A liberdade de pensamento e de consciência havia sido conquistada para as épocas vindouras. Conseqüentemente, tôda a Alemanha evangélica, prevendo tais coisas, comoveu-se com êsse ato corajoso, e adotou-o como a expressão de

sua vontade e de sua fé. Os homens de tôdas as partes viam nêle não um simples acontecimento político, mas um ato cristão, e o jovem príncipe eleitoral, João Frederico, neste ponto o porta-voz de sua época, bradou aos Protestantes de Espira:

— Que o Todo-Poderoso, que vos deu graça para confessardes enérgica, livre e destemidamente a vossa fé, vos guarde nessa firmeza cristã, até o dia da eternidade (9) !

Enquanto os Cristãos se regozijavam, seus inimigos assustavam-se com o próprio trabalho. No mesmo dia em que Fernando se recusara a receber o protesto t,têrça-feira, 20 de abril) , à uma hora da tarde, Henrique de Brunswick e Felipe de Baden apresentaram-se como mediadores, declarando, entretanto, que agiam unicamente por autorização própria. Propuseram que não mais deveria fazer-se menção do decreto de Worms e que o primeiro decreto de Espira deveria ser mantido, porém com algumas modificações; que os dois partidos, embora permanecendo livres até o próximo concílio, de-veriam opor-se a qualquer nova seita e não admitir ne-nhuma doutrina contrária ao sacramento do corpo do Senhor (10) .

Na quarta-feira, dia 21 de abril, os Estados evan-gélicos não se mostravam contrários a essas propostas. Mesmo os que haviam abraçado as doutrinas de Zwinglio afirmaram, claramente, que tal sugestão não lhes comprometia a existência. Disseram:

Lembrêmo-nos apenas que, em questões difíceis como essa, devemos agir não com a espada, mas com a infalível Palavra de Deus (11) . Como diz São Paulo: O que não é de fé é pecado. Por conseguinte, se cons-trangermos os cristãos a fazer o que êles julgam injusto, em vez de os levarmos, pela Palavra de Deus, a reconhecer o que é direito, formâmo-los a pecar e a incorrer em tremenda responsabilidade.

Os fanáticos do partido católico-romano tremeram, ao ver a vitória quase a escapar-lhes; rejeitaram todos os compromissos e desejavam, pura e simplesmente, o restabelecimento do papado. Seu zêlo tudo venceu. Ces-saram-se as negociações.

Na quinta-feira, dia 22 de abril, a dieta tornou a reunir-se às sete da manhã. E leu-se a Suspensão nesse instante — pois esta fôra prèviamente redigida —, sem mencionar sequer a tentativa de reconciliação que há pouco fracassara.

Faber exultava. Orgulhoso por gozar das boas graças dos reis, atirava-se, frenèticamente, de cá para lá. Dir-se-ia ser (conforme uma testemunha ocular) um ciclope a forjar, em sua caverna, os monstruosos grilhões com que estava a ponto de sujeitar a Reforma e os reformadores (12) .

—Os príncipes papistas — disse Melancton —, en-tusiasmados com a agitação, lançaram-se, precipitada-mente, num caminho cheio de perigos (13) .

Mais nada restava aos cristãos evangélicos, senão cairem de joelhos e clamarem a Deus.

—A única coisa que temos a fazer — repetiu Me-lancton — é pedirmos a proteção do Filho de Deus (14) .

A última sessão da dieta realizou-se a 24 de abril. Os príncipes renovaram o seu protesto, no qual tomavam parte quatorze cidades livres do império. A seguir, pensaram em dar ao seu apêlo uma forma legal.

No domingo, 25 de abril, dois notários, Leonardo Stetner, de Freysingen, e Pangrace Saltzmann, de Bam-berg, achavam-se sentados diante de uma mesinha, numa acanhada sala do rés-do-chão de uma casa situada no Beco de São João, próximo à igreja do mesmo nome, em Espira, achando-se à sua volta os chanceleres dos príncipes e das cidades evangélicas, acompanhados de várias testemunhas (15) .

Esta casinha pertencia a um humilde pastor, Pedro

Mutersttat, diácono da igreja de São João, que, tomando o lugar do eleitor ou do landgrave, oferecera um local para o importante ato que se preparava. Por conseguinte, seu nome passará à posteridade. Redigido, finalmente, o documento, um dos notários pôs-se a lê-lo: "Visto que há uma comunhão natural entre todos os homens, e visto que até mesmo se permite às pessoas condenadas à morte unirem-se e apelarem contra a sua condenação, muito mais nós, que somos membros do mesmo corpo espiritual, a Igreja do Filho de Deus, filhos do mesmo Pai Celestial, e, conseqüentemente, irmãos no Espírito (16) , estamos autorizados a unir-nos, quando a nossa salvação e condenação eterna estão em jôgo".

Após examinarem retrospectivamente tudo quanto se passara na dieta e inserirem em sua apelação os principais documentos a ela relativos, os Protestantes

terminaram, dizendo: "Nós, portanto, apelamos, em nosso nome, em nome de nossos súditos e em nome de todos os que aceitam ou aceitarão, doravante, a Palavra de Deus, de tôdas as medidas vexatórias, passadas, presentes ou futuras, para Sua Majestade Imperial e para uma assembléia livre e universal da venerável Cristandade". Êste documento encheia doze fôlhas de pergaminho; as assinaturas e as chancelas foram apostas à décima-terceira.

Assim, na modesta residência do capelão da igreja foi feito o primeiro reconhecimento da verdadeira união cristã. Na presença da unidade totalmente mecânica do papa, êstes confessores de Jesus altearam a ban-deira da unidade viva de Cristo; como no tempo de nosso Salvador, se havia muitas sinagogas de Israel, não havia senão um só templo. Os cristãos da Saxô-nia eleitoral, de Luneburgo, de Anhalt, de Hessen e Margravate, de Estrasburgo, Nuremberg, Ulm, Cons-tância, Lindau, Memminger, Kempten, Nordlingen, Heilbronn, Reutlingen, Isny, São Gall, Weissemburgo e Windsheim apertaram-se as mãos, a 25 de abril, perto da Igreja de São João, apesar das ameaçadoras perseguições. Entre êles, podiam ser encontrados os que, como Zwinglio, reconheciam, na Santa Ceia, a presença exclusivamente espiritual de Jesus Cristo, bem como os que, como Lutero, admitiam a Sua presença corpórea. Naquela época, não existia, no organismo evangélico, seitas, ódio ou cisma; a unidade cristã era uma realidade. Aquêle cenáculo, onde, nos primeiros dias do cristianismo, os apóstolos, com as mulheres e os irmãos, "perseveravam unânimemente em oração e súplicas" (17) , e aquêle rés-do-chão, onde, nos primeiros dias da Reforma, os discípulos de Jesus Cristo, reavivados, apresentavam-se ao papa e ao imperador, ao mundo e ao cadafalso, como formando um só corpo, são os dois berços da Igreja. E é nesta hora de fraqueza e humilhação que a Igreja resplandece com sua maior glória.

Depois dêsse apêlo, cada qual voltou, silencioso, à sua casa. Vários indícios provocaram apreensão quanto à segurança dos Protestantes. Pouco antes, Melancton conduziu seu amigo Simão Grynmus, pelas ruas de Espira, rumo ao Reno, recomendando-lhe, insistentemente, que cruzasse o rio. O conduzido ficou surprêso com tal precipitação (18) .

— Um ancião, de ar grave e solene, mas que não conheço, apresentou-se-me, dizendo: "Num instante, Fernando enviará oficiais de justiça para aprisiona-rem Grynmus" — explicou Melancton.

Como Grynmus era amigo íntimo de Faber e ficara escandalizado com um de seus sermãos, foi procurá-lo e pediu-lhe que não mais movesse guerra contra a verdade. Faber dissimulou a cólera, mas, logo depois, dirigiu-se ao rei, de quem obtivera uma ordem de prisão contra o impertinente professor de Heidelberg (19) . Melancton não teve dúvidas de que Deus salvara o seu amigo, enviando um de Seus

santos anjos para preve- ni-lo. Imóvel à borda do Reno, esperou até que as águas daquêle rio livrassem GrynEeus de seus perse-guidores.

Finalmente — disse Melancton, ao ver o amigo do outro lado —, êle foi arrancado às fauces impiedosas dos sedentos dei sangue inocente (20) !

Ao voltar para casa, Melancton foi informado de que os oficiais de justiça, em busca de Grynmus, tinham-na varejado de alto a baixo (21) .

Nada mais havia que detesse por mais tempo os Protestantes, em Espira; portanto, na manhã seguinte à de seu apêlo (26 de abril, segunda-feira) , o eleitor, olandgrave e os duques de Luneburgo deixaram a cidade, chegaram a Worms e, então, passando por Hessen, regressaram aos próprios Estados. O landgrave publicou a apelação de Espira no dia 5 de maio, e o eleitor, a 13.

Melancton voltara a Witemberg a 6 de maio, persuadido de que as duas facções estavam prestes a sacar da espada. Seus amigos ficaram inquietos por vê-lo perturbado, exausto, sem vida (22) .

—Acaba de suceder em Espira uma coisa terrível! — disse. — Um incidente cheio de perigos, não só para o império, mas para a própria religião (23) . Tôdas as dores do inferno me oprimem (24) !

Que êsses males lhe fôssem imputados, foi a maior aflição de Melancton, pois realmente êle os atribuía a si próprio.

—A única coisa que nos prejudicou: não termos aprovado, segundo nos foi exigido, o edito contra os zwinglianos — disse Melancton.

Lutero não encarava o assunto lügubremente, mas estava longe de compreender o valor do protesto.

— A dieta — proferiu Lutero — terminou quase sem resultados, à exceção de que os que flagelam Jesus Cristo não puderam satisfazer a sua fúria (25) .

A posteridade não confirmou tal opinião; ao contrário, datando desta época a formação definitiva do Protestantismo, ela aclamou o Protesto de Espira como um dos maiores movimentos registrados na História.

Vejamos a quem pertence a principal glória dêste ato. O papel desempenhado pelos príncipes, sobretudo pelo Eleitor da Saxônia, na Reforma alemã, há-de impressionar todo observador imparcial. Foram êles os verdadeiros reformadores, os verdadeiros mártires. O Espírito Santo, que sopra onde Lhe apraz, infundira-lhes a coragem dos primeiros mártires da Igreja, e o Deus escolhido foi glorificado nêles. Talvez um pouco mais tarde, êste papel desempenhado pelos príncipes tenha produzido lamentáveis conseqüências; não há graça de Deus que o homem não possa perverter . Nada, porém, nos deverá impedir de render honra a quem a honra é

devida e de venerar o trabalho do Espírito Eterno, nestes insignes homens que, sob a orientação de Deus, foram, no décimo-sexto século, os libertadores da Cristandade.

A Reforma tomara um aspecto corpóreo. Foi Lutero, sózinho, quem havia dito NÃO, na Dieta de Worms; mas foram as igrejas e os ministros, os príncipes e o povo quem disseram NÃO, na Dieta de Espira.

Em nenhum país a superstição, a escolástica, a hie-rarquia e o papismo tinham sido tão poderosos como entre os povos alemães. Éstes povos, simples e ingênuos, humildemente se haviam submetido ao jugo que surgiu das margens do Tibre. Nêles existia, no entanto, um vigor, uma vida, uma necessidade de liberdade espi-ritual, os quais, santificados pela Palavra de Deus, po-deriam torná-los os mais ativos instrumentos da verdade cristã. Dêles estava destinada a emanar a reação contra aquêle sistema materialista, externo e legal, que tomara o lugar do cristianismo; foram êles os chamados para destruir o arcabouço que substituíra o espírito e a vida, e para restituir ao coração da Cristandade, endu-recido pela hierarquia, as benfazejas pulsações de que êle fôra privado durante tantos anos. A Igreja universal jamais esquecerá a dívida que tem com os príncipes de Espira e com Lutero.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Existem duas cópias dêste documento; a primeira é concisa, e a segunda, que é mais extensa, foi transmitida, por escrito, aos delegados imperiais. É desta última que extraímos as passagens do texto. Ambas serão encontradas em Jung Beytrãge, pág. 91-105. Vide também a Histoire der Protestation.., de Millter, pág. 52.

(2) Ibid.

(3) Ibid.

(4) Ibid.

(5) Perduelles In Pontificem ac Casarem. Pallavicinl, C.T.I., pág. 217.

(6) Ubique ut et portet omnia verbo virtutis sua. Hos-pin., Hist. Sacr., II, 112.

(7) () Ibid.

(8) Ibid.

(9) In eo mansuros esse, nec passuros ut ulla hominum machinatione ab ea sententia divellerentur. Seckend, II, 121.

(10) Vergleich artikel. Jung Beytrãge, pág. 55.

(11) In diesen Schweren Sachen, nichts mit Gewalt noch. Schwerdt, sondem mit Gottes gewissen wort. Ibid., pág. 59. Êste documento é da lavra de Sturm.

(12) Cyclops ille nune ferocen se facit. Corp. Ref., I, 1062.

(13) Ut ingrediantur lubricum isti iter, impingendo stimulis calces. Ibid.

(14) De (lua reliquum est ut Invocemos Fillum Dei. Ibid.

(15) Untem in einem Kleinen Stüblein. Jung Beytriige, pág. 78. Instrumentum Appellationis.

(16) Membra unaus corporis spiritualis Jesu Christi et filli unaus patris ccelestis, ideoque fratres splrituales. Seckend, II, 130.

(17) Atos 1:14.

(18) Miranti qua esset tanta festinationis causa. Carne-rarius, Vita Mel., pág. 113.

(19) Faber qui valde offenderetur °rationi tall, dissimulare tamen omnia. Ibid.

(20) Ereptus quasi e faucibus eorum qui sitiunt sanguinem innocentium,. Mel. ad Camer., 23 de abril, Corp. Ref., I, 1062.

(21) Affluit armata quwdam manus ad comprehendum Orynmum missa. Camer., Vit. Mel., pág. 113.

(22) Ita fuit perturbatus ut primis diebus pene extin.ctus sit. Corp. Ref., I, 1067.

(23) Non enim tantum imperhun, sed religio etiam peri-clitantur. Ibid.

(24) Omnes dolores inferni oppresserant me. Ibid., 1067, 1069.

CAPÍTULO VII

União Necessária à Reforma — Doutrina de Lutero Sôbre a Santa Ceia — Uma Advertência Luterana — Sugerida Conferência em Marburgo - Melancton e Zwinglio — Zwinglio Parte de Zurique — Rumores em Zurique — Os Reformadores em Marburgo O Pedido de Carlstadt — Debates Preliminares — O Espírito Santo — O Pecado Original — O Batismo — Lutero, Melancton e Zwingglio — Abertura da Conferência — A Oração da Igreja — "Hoc Est Corpus Meum" — Silogismo de Oecolampadius — A Carne Para Nada Aproveita —Lambert Convencido — A Velha Cantiga de Lutero — Alvorôço na Conferência — Chegada de Novos Delegados — A Finita Natureza Humana de Cristo — Matemática e Papismo — Testemunho dos Padres da Igreja — Testemunho de Agostinho —Argumento da Toalha Aveludada — Fim da Conferência — O Landgrave é o Mediador — Ne-cessidade de União — Lutero Recusa a Mão de Zwinglio — Espírito Sectário dos Alemães — Dile-ma de Bucer — Prevalece o Amor Cristão — Arti-gos de Lutero — Unidade de Doutrina — Unidade na Diversidade — Assinaturas — Dois Extremos —Três Pontos de Vista — Germe do Papismo — Partida — Desalento de Lutero — Os Turcos Diante de Viena — O Sermão do Combate e Angústia de Lutero — Firmeza de Lutero — Vitória — Exasperação dós Papistas — Perspectivas Ameaçadoras.

O protesto de Espira aumentara ainda mais a indignação dos adeptos papistas. Carlos V, de acôrdo com o juramento que fizera em Barcelona, dispunha-se a preparar o antídoto próprio para a pestífera doença de que estavam acometidos os alemães, e a vingar, de maneira surpreendente, a afronta infligida a Jesus Cristo (1) De sua parte, o papa procurava unir todos os demais príncipes da Cristandade, nesta cruzada; e a paz de Cambraia, firmada a 5 de agôsto, contribuía para a realização de seus cruéis intentos. Esta paz deixava as mãos do imperador livres para agir contra os hereges. Aos evangélicos, depois de terem apresentado seu protesto em Espira, era necessário pensar em mantê-lo.

Os Estados protestantes, que já haviam lançado os fundamentos de uma aliança, em Espira, concordaram enviar delegados a Rothach. O eleitor, porém, atordoado pelas exposições de Lutero — que, constantemente, lhe repetia: "Em vos converterdes, estaria a vossa salvação; no sossêgo e na confiança estaria a vossa fôrça (2) " —, ordenou a seus delegados ouvissem as propostas dos aliados, mas que nada decidissem. Adiou-se a conferência para uma outra que jamais se realizou. Venceu Lutero, pois as alianças dos homens fracassaram.

—Cristo, o Senhor, saberá livrar-nos, sem o land-grave, e, até mesmo, contra o landgrave — disse Lutero aos amigos (3) .

Felipe de Hessen, que se achava agastado com a obstinação de Lutero, convenceu-se de que esta provinha de uma disputa acêrca de palavras.

—Não prestarão ouvidos a nenhuma aliança por causa dos zwinglianos — disse Felipe. — Bem, então acabemos com as objeções que apartam a êstes de Lutero.

A união de todos os discípulos da Palavra de Deus parecia, de fato, uma condição necessária ao êxito da Reforma. Como poderiam os Protestantes resistir ao poder de Roma e do império, se estavam divididos? O landgrave, sem dúvida, desejava unificar as opiniões dos Protestantes para que, mais tarde, pudesse unir as suas armas. Mas a causa de Cristo não devia triunfar pela espada. Se lograssem unir seus corações e suas preces, a Reforma contaria com tal fôrça na fé de seus filhos que os lanceiros de Felipe não mais seriam necessários.

Infelizmente, esta unificação de opiniões, que, agora, devia ser procurada, antes de tudo, era tarefa bastante difícil. Lutero, em 1519, parecera, a princípio, não só reformar, mas também renovar completamente a doutrina da Santa Ceia, como os suíços o fizeram um pouco mais tarde. Dissera êle:

— Vou ao sacramento da Santa Ceia e, lá, recebo um símbolo de Deus de que a justiça e a paixão de Cristo me justificam: tal é a finalidade da comunhão (4) .

Esta asserção, que exercera várias influências nas cidades da Alta Alemanha, preparara o pensamento para a doutrina de Zwinglio. Por conseguinte, Lutero, admirado da reputação que êste granjeara, divulgou esta solene declaração, em 1527: "Declaro, diante de Deus e do mundo todo, que jamais andei com os sacramentários".

No que diz respeito à comunhão, Lutero, de fato, jamais foi zwingliano. Longe disso; em 1519, ainda acreditava na transubstanciação. Neste caso, por que mencionaria um símbolo? Era por êste motivo. Enquanto que, segundo Zwinglio, o pão e o vinho são símbolos do corpo e do sangue de Cristo, segundo Lutero, os verdadeiros corpo e sangue de Jesus Cristo são símbolos da graça de Deus. Estas opiniões diferem grandemente entre si.

Logo mais se manifestava esta diferença de opiniões. Em 1527, Zwinglio, em sua Exposição Amistosa (5) , re-batia a opinião de Lutero, com brandura e respeito. Desastradamente, o panfleto do reformador saxônio, "contra os entusiastas", estava, então, saindo do prelo, e, nêle, Lutero mostrava-se indignado de que seus adversários ousassem falar sôbre paz e unidade cristãs. Exclamava: Bem, visto que êles assim ofendem tôda a razão, far-lheá-ei uma advertência luterana (6) . Maldita esta união! Maldita esta tolerância! Abaixo, abaixo com isso! Para o inferno! Se eu matasse vosso pai, vossa mãe, vossa espôsa, vosso filho e, em seguida, desejando matar-vos, vos dissesse: "Meu caro amigo, fiquemos em paz" — que resposta daríeis? É assim que os entusiastas, matando Jesus Cristo, meu Senhor, Deus o Pai, e a Cristandade, minha mãe, desejam matar-me também e, então, dizem: "Sejamos amigos!".

Zwinglio escreveu duas respostas "ao excelente Mar-tinho Lutero", num tom frio e com uma arrogante tran-qüilidade mais difíceis de perdoar do que as invectivas do doutor saxônio "Devemos considerar-vos um vaso de honra, e assim o fazemos com prazer, apesar dos vossos defeitos" — escreveu Zwinglio. E panfleto sucedia a panfleto, Lutero sempre escrevendo com a mesma violência e Zwinglio com inalterável frieza e ironia.

Tais eram os doutores que o landgrave tentava reconciliar. Durante a sessão da Dieta de Espira, já Felipe de Hessen, magoado por ouvir os papistas repisarem freqüentemente: "Vangloriai-vos de vosso amor à pura Palavra de Deus e, contudo, sois divididos (7) ", fizera propostas a Zwinglio, por escrito. Felipe foi, agora, mais longe: convidou os teólogos dos diferentes partidos para uma reunião em Marburgo. Tais convites tiveram diferentes acolhidas . Zwinglio, cujo coração era grande e fraterno, atendeu ao convite do landgrave, mas Lutero, que percebia alianças e guerras ocultas sob a pretendida união, rejeitou-o.

Parecia, no entanto, que grandes dificuldades retardariam Zwinglio. O caminho de Zurique a Marburgo estendia-se por territórios do imperador e de outros inimigos da Reforma; o próprio landgrave não ocultava os perigos da viagem (8) , mas, a fim de afastar tais dificuldades, prometeu uma escolta de Estrasburgo a Hessen, e, de resto, havia a proteção de Deus (9) . Estas precauções não tiveram a propensão de tranqüilizar os que viriam de Zurique.

Motivos de outra espécie detiveram Lutero e Melancton.

—Não é justo que o landgrave deva preocupar-se tanto com os zwinglianos. O êrro dêles é de tal natureza que as pessoas de espírito aguiçado fàcilmente se corrompem por êle. A razão ama o que compreende, sobretudo quando os eruditos vestem suas idéias com rou-pagem bíblica — disseram ambos.

Melancton não parou aí; manifestou a idéia bas-tante surpreendente de escolher papistas para juízes dos debates.

—Se não houvesse juízes imparciais — esclareceu —, os zwinglianos teriam boa oportunidade de alardear vitória (10) .

Dêste modo, segundo Melancton, seriam papistas os juízes imparciais, quando a presença real era o assunto da discussão! Melancton foi mais longe ainda. A 14 de maio, escreveu ao Príncipe Eleitoral: "Que o eleitor se recuse a permitir-nos a viagem a Marburgo, para que possamos alegar esta desculpa". O eleitor não se prestaria a tão indigno procedimento; os reformadores de Witemberg viram-se obrigados a anuir ao pedido de Felipe de Hessen. Fizeram-no, porém, com estas palavras: "Se os suíços não concordarem conosco, todo o vosso trabalho ficará perdido". Escreveram aos teólogos dentre seus amigos, convidados pelo príncipe: "Se puderdes, não compareçais; ser-nos-á muito útil a vossa ausência (11) ".

Pelo contrário, Zwinglio, que teria ido até o fim do inundo, fêz todos os esforços para obter permissão dos magistrados de Zurique, a fim de visitar Marburgo .

—Estou persuadido de que se nós, doutores, nos encontrarmos face a face, o esplendor da verdade escla-rPe.erá as nossas mentes (12) — disse êle ao concílio secreto.

O concílio, porém, que, há pouco, firmara a primei-ra paz religiosa (13) e temia ver rebentar a guerra outra vez, certamente se recusou a autorizar a partida do reformador.

Depois disto Zwinglio decidiu-se por si mesmo . Sentia que a sua presença era necessária à manutenção da paz de Zurique, mas o bem-estar da Cristandade o chamava a Marburgo. Por conseguinte, erguendo os olhos para o céu, resolveu partir, exclamando:

— O Deus! Jamais nos abandonaste; executarás a Tua vontade, para a Tua própria glória (14) !

Na noite de 31 de agôsto, Zwinglio, pouco dis-posto, a esperar pelo salvo-conduto do landgrave, apres-tava-se para a viagem. Rodolfo Collins, o professor de grego, devia acompanhá-lo, sózinho. O reformador escrevia ao Grande e ao Pequeno Concílio: "Se parto sem vos informar, não é, sapientíssimos senhores, porque menospreze a vossa autoridade, mas, conhecendo a estima que tendes para comigo, vejo, de antemão, que a vossa solicitude impedirá a minha ida".

Quando Zwinglio redigia estas palavras, chegou uma quarta mensagem do landgrave, mais insistente ainda que as anteriores. O reformador enviou a carta do príncipe ao burgomestre, acompanhada da sua; em seguida, deixou a sua casa secretamente, encoberto pela noite (15) , ocultando a partida tanto dos amigos, cuja importunação receava, como dos inimigos, cujas ciladas tinha bom motivo para temer. Nem mesmo disse à espôsa aonde ia, temendo que isto a afligisse. Éle e Collins cavalgaram, então, dois cavalos, que tinham sido alugados para tal fim (16) , e afastaram-se ràpidamente rumo a Basiléia.

Durante o dia, o rumor da ausência de Zwinglio espalhou-se por Zurique; seus inimigos ficaram alvoro-çados.

—Fugiu do país! — exclamaram. — Foi-se com uma corja de patifes!

—Quando cruzava o rio em Bruck, o barco virou de bôrco e êle morreu afogado — disseram outros.

—O diabo apareceu-lhe em carne e osso e levou-o (17) 1 — afirmaram muitos, com sorriso malicioso.

"Seus boatos não tinham fim" — diz Bullinger. O concílio, porém, resolveu, sem demora, aceder ao desejo do reformador. No mesmo dia da partida de Zwinglio, nomeou-se um dos membros para acompanhá-lo a Mar-burgo, Ulrich Funck, que partiu incontinenti, seguido de um fâmulo e um arcabuzeiro. Da mesma maneira, Estrasburgo e Basiléia enviaram políticos junto com os seus teólogos, na suposição de que provàvelmente a conferência em aprêço teria, também, um objetivo político.

Zwinglio chegou a Basiléia sem novidade (18) e tomou o barco no rio a 6 de setembro, com Oecolampadius evários mercadores (19) . Em treze horas, atingiram Estrasburgo, onde os dois reformadores se hospedaram na casa de Mateus Zell, o pregador da catedral. Catarina, a espôsa do pastor, preparou a comida na cozinha eserviu à mesa, conforme o antigo costume alemão (20) ; depois, sentando-se ao lado de Zwinglio, prestando aten-ção à conversa, falou com tanta piedade e sabedoria que êste último logo a reputou acima de muitos doutores.

Após discutir com os magistrados o modo de resistência contra a liga papista e examinar a constituição a ser dada à aliança cristã (21) , Zwinglio deixou Estrasburgo. Êle e os amigos, conduzidos por estradas secundárias, florestas, montanhas, vales e por caminhos se- eretos e seguros, chegaram, finalmente, a Marburgo, escoltados por quarenta cavaleiros de Hessen (22) .

De sua parte, Lutero, acompanhado de Melancton, Cruciger e Jonas, detera-se na fronteira de Hessen, afir-mando que nada o induziria a cruzá-la sem um salvo-conduto do landgrave. Obtido êste documento, chegou Lutero a Asfeld, onde os colegiais, sob as janelas do re-formador, entoaram os seus hinos religiosos, e penetrou em Marburgo a 30 de setembro, um dia depois da chegada dos suíços. Ambos os partidos foram para as estalagens; mal, porém,haviam apeado de suas montarias, já o landgrave os convidava a que fôssem hospedar-se no castelo, dêste modo julgando tornar mais unidos os partidos opostos. Felipe hospedou-os de maneira verdadeiramente régia (23) .

— Não é em honra das Musas, mas em honra de Deus e de Seu Filho Cristo que somos tão munificente-mente tratados nestas florestas de Hessen — exclamou o piedoso Jonas, enquanto passeava pelas salas do palácio.

No primeiro dia, após o jantar, Oecolampadius, Hédio e Brucer, desejosos de simpatizar com os pontos de vista do príncipe, foram cumprimentar Lutero. Éste conversou cordialmente com Oecolampadius; entretanto, Brucer, de quem fôra, certa vez, amigo íntimo, e que se achava agora cio lado de Zwinglio, tendo-se apro-ximado dêle, disse-lhe Lutero, sorridente, fazendo um gesto com a mão:

— Quanto a vós, sois um camarada imprestável e um velhaco (24) !

O infeliz Carlstadt, que começara esta contenda, encontrava-se, naquela época, na Frísia, pregando a presença espiritual de Cristo; vivia numa penúria tal que fôra

obrigado a vender a sua Bíblia em hebraico a fim de conseguir pão. A provação esmagara-lhe o or- Bulho. Escreveu ao landgrave: "Não somos senão um só corpo, uma só casa, um só povo, uma só raça sacerdotal; vivemos e morremos por um só e pelo mesmo Salvador (25) . Por êste motivo, eu, pobre e exilado, humildemente rogo a Vossa Alteza permissão para com-parecer aos debates".

Mas, como trazer Lutero e Carlstadt frente a frente? E contudo, como evitar o infortunado homem? O landgrave, para desembaraçar-se de tal dificuldade, indicou-o ao reformador saxônio. Carlstadt não compareceu.

Felipe de Hessen desejava que, antes da conferência pública, os teólogos tivessem uma entrevista particular. "Entretanto, considerava-se perigoso Zwinglio e Lutero, ambos de natureza irascível, contenderem entre si logo no início; como Oecolampadius e Melancton eram os mais moderados, foram distribuídos aos acirrados campeões (H) " — diz um autor contemporâneo. Na sexta-feira, dia 1.° de outubro, após o serviço religioso, Lutero e Oecolampadius foram introduzidos numa sala, e Zwinglio e Melancton, noutra . Os combatentes foram, então, deixados a discutir de dois em dois.

A principal discussão ocorreu na sala de Zwinglio e Melancton.

—Afirma-se que alguns dentre vós se referem a Deus segundo a maneira dos judeus, como se Cristo não fôsse essencialmente Deus — disse Melancton a Zwinglio

—Considero a Santíssima Trindade conforme o Concílio de Nicéia e o credo de Atanásio — respondeu-lhe Zwinglio

—Concílios!? Credos!? Que significa isso? — quis saber Melancton. — Não tendes repetido, freqüentemente, que não reconheceis nenhuma outra autoridade, senão a Bíblia?

—Jamais rejeitamos os concílios, quando baseados na Palavra de Deus (27) — replicou-lhe o reformador suíço. — Pelo que diz respeito à doutrina, os quatro primeiros concílios são verdadeiramente santos, e nenhum dos fiéis jamais os tem rejeitado.

Esta importante declaração, a nós transmitida por Oecolampadius, caracteriza a teologia reformada (28) . Prossegue Melancton:

—Todavia, ensinais, como Tomé Munster, que o Espírito Santo atua inteiramente só, sem a dependência dos sacramentos e da Palavra de Deus.

—O Espírito Santo opera em nós a justificação pela Palavra, mas pela Palavra pregada e entendida, pela alma e essência da Palavra, pelo propósito e vontade de Deus vestidos de linguagem humana (29) — respondeu Zwinglio

— De qualquer forma — continuou, ainda, Melancton negais o pecado original e fazeis o pecado consistir apenas em obras atuais e externas, como os pelagianos, filósofos e papistas.

Era esta a principal dificuldade.

—Visto que o homem, por natureza, ama a si próprio, em vez de amar a Deus — aduziu Zwinglio —, há, nisso, uma grave falta, um pecado que o condena (30) .

Mais de uma vez havia Zwinglio expressado, antes, a mesma opinião (31) ; contudo, Melancton exultava ao ouvi-lo. Disse êste, mais tarde:

—Nossos adversários transigiram em todos êsses pontos!

Lutero adotara com Oecolampadius o mesmo método que Melancton adotara com Zwinglio . A discussão girara, especialmente, acêrca do batismo . O refor-mador saxônio queixou-se de que os suíços não reconhe-cessem que, por meio dêste simples sacramento, um ho-mem se tornava membro da Igreja.

—É verdade que exigimos a fé — respondeu-lhe Oecolampadius —; ou uma fé atual, ou futura. Por que devemos negá-lo? Que é cristão, senão o que crê em Cristo? Entretanto, eu estaria pouco disposto a negar que a água batismal seja, de certo modo, uma água regeneradora, pois, por meio dela o homem, a quem a Igreja não reconhecia, se torna seu filho (32) .

Os quatro teólogos achavam-se justamente no calor das discussões, quando os criados vieram informá-los que o jantar do príncipe estava na mesa. Levantaram-se, rápidos. Zwinglio e Melancton encontraram-se com Lutero e Oecolampadius, que deixavam, também, a sua sala. Êste último, aproximando-se de Zwinglio, sussurrou-lhe no ouvido, pesarosamente:

— Caí, pela segunda vez, nas mãos do Dr. Eck (33) .

Na linguagem dos reformadores, nada mais animoso poderia ser dito.

Não parece que a conferência entre Lutero e Oeco-lampadius foi reencetada após o jantar. A atitude de Lutero oferecia muito pouca probabilidade; Melancton e Zwinglio, no entanto, voltaram à discussão. O doutor de Zurique, vendo o professor de Witemberg fugir-lhe como uma enguia, conforme disse, e tomar "como Proteu, mil formas diferentes", pegou de uma pena, a fim de prender o seu antagonista. Zwinglio escrevia tudo quanto Melan.cton ditava; em seguida, redigia a sua resposta, entregando-a ao outro para que a lesse (34) . Desta maneira, êles passaram seis horas: três de manhã e três à tarde (35) . Preparavam-se para a conferência geral.

Zwinglio solicitou que a conferência fôsse pública. Lutero opôs-se a isso. Resolveu-se, posteriormente, que os príncipes, os nobres, os delegados e os teólogos

seriam admitidos; mas o grosso dos cidadãos, e mesmo muitos eruditos e fidalgos, vindos de Frankfurt, das regiões do

Reno, de Estrasburgo, da Basiléia, e de outras cidades suíças foram rejeitados. Brentz menciona cinqüenta ou sessenta ouvintes; Zwinglio, vinte e quatro, apenas (36) .

Numa suave elevação de terreno, banhada pelo Lahn, situa-se um velho castelo, dando vista para Mar-burgo. Ao longe, pode ver-se o lindo vale do Lahn e, mais adiante, os cumes das montanhas a elevar-se um sôbre o outro, até que se perdem no horizonte. Era sob as abóbodas e arcos góticos de um vetusto salão dêsse castelo, conhecido como Salão Nobre, que a conferência devia realizar-se.

Na manhã de sábado (2 de outubro) , o landgrave ocupou o seu assento no salão, rodeado de sua côrte, mas vestido com tanta simplicidade que ninguém o teria tomado por príncipe. Desejava fugir a tôda aparência de estar desempenhando o papel de um Constantino nos negócios da Igreja. Diante dêle, achava-se uma mesa, da qual se aproximaram Lutero, Zwinglio, Melancton e Oecolampadius . Lutero, apanhando um pedaço de giz e curvando-se sôbre a toalha aveludada que cobria a mesa, imperturbàvelmente escreveu quatro palavras, com letras grandes. Todos os olhares acompanharam o movimento de sua mão, e logo leram: HOC EST CORPUS MEUM (37) . Lutero desejava ter constan-temente diante de si esta declaração, para que ela lhe reforçasse a fé e constituísse uma advertência aos seus adversários.

Atrás dêsses quatro teólogos, sentaram-se os seus amigos — Hédio, Sturm, Funck, Frey, Eberhard, Thane, Jonas, Cruciger e outros. Jonas lançou um olhar rápido aos suíços, dizendo:

— Zwinglio tem certa rusticidade e arrogância (38) ; se é bem versado nas letras, tal se dá sem levar em conta Minerva e as musas. Em Oecolampadius, há bondade natural e admirável mansuetude. Hédio parece ter tanta tolerância quanta delicadeza; no entanto, Bucer pos7 sui a manha de uma rapôsa, sabendo dar-se ares de sagacidade e prudência.

Os homens de índole moderada muitas vêzes recebem pior tratamento que os dos pontos extremos.

Outros sentimentos animavam os que acompanhavam de longe esta reunião. Os grandes homens que haviam conduzido o povo em seus passos nas planícies da Saxônia, nas margens do Reno e nos majestosos vales da Suíça lá estavam frente a frente. Os chefes da Cristandade, que se tinham separado de Roma, achavam-se reunidos para averiguar se poderiam continuar a ser um só corpo. Por conseguinte, preces e olhares ansiosos de tôdas as partes da Alemanha voltavam-se para Marburgo.

— Ilustres príncipes da Palavra (39)! --- gritava a Igreja evangélica, pela bôca do poeta Cordus. — Pers-picaz Lutero, afável Oecolampadius, magnânimo Zwinglio, piedoso Snepf, eloqüente Melancton, intrépido Bu-cer, sincero Hédio, preclaro Osíander, denodado Brentz, benévolo Jonas, vívido Craton, Menus, cuja alma é mais poderosa que o próprio corpo, grande Dionísio e vós, Micônio, todos vós a quem o Príncipe Felipe, êsse nobre heroi, convocou, vós, ministros e bispos, a quem as cidades cristãs enviaram para pôr fim ao cisma e mostrar-nos o caminho da verdade: a Igreja, súplice, cai, em pranto, aos vossos pés, implorando-vos, pelas entranhas de Jesus Cristo, que leveis êste assunto a um feliz desfecho, para que o mundo reconheça em vossa decisão o trabalho do próprio Espírito Santo (40) !

Tendo-lhes lembrado o chanceler do landgrave, João Feige, em nome do príncipe, que o objetivo da confe- rência era o restabelecimento da união, falou Lutero:

— Declaro que, quanto à doutrina da Santa Ceia, discordo dos meus adversários, e sempre discordarei dê- les. Disse Cristo: Isto é o meu corpo. Que me provem que um corpo não é corpo. Recuso raciocínio, senso co- mum, argumentos mundanos e provas matemáticas. Deus está acima da matemática (41) . Temos a Palavra de Deus; devemos respeitá-la e cumpri-la!

— Não se pode negar — disse Oecolampadius — que há figuras de retórica na Palavra de Deus, tais como, João é Elias, a pedra era Cristo, eu sou a videira. A expressão Isto é o meu corpo é uma figura do mesmo gê-nero.

Lutero admitiu que havia figuras de retórica na Bí-blia, porém contestou que esta última locução fôsse de sentido figurado.

Tôdas as demais partes de que se compõe a Igreja Cristã vêem, no entanto, uma figura de retórica nessas palavras. De fato, os papistas afirmam que Isto é o meu corpo significa não só "meu corpo", mas, também, "meu sangue", "minha alma" e, mesmo, "minha divindade", "Cristo integralmente" (42) . Tais palavras, de acôrdo com Roma, são, portanto, uma sinédoque, tropo pelo qual uma parte é tomada pelo todo. E, pelo que toca aos luteranos, a figura de linguagem é ainda mais evidente (43) . Seja sinédoque, metáfora, ou metonímia, há ainda, uma figura.

A fim de provar isso, Oecolampadius empregou o seguinte silogismo:

— O que Cristo rejeitou no capítulo 6 de S. João, não poderia admitir nas palavras da Eucaristia. Ora, Cristo, dizendo ao povo de Cafarnaum que a carne para nada aproveita, rejeitou, por meio daquelas palavras, a manducação bucal de Seu corpo. Logo, Cristo não es-tabeleceu êste ato ao instituir a Santa Ceia.

LUTERO: — Nego a menor (a segunda dessas pre-missas) ; Cristo não rejeitou tôda manducação bucal, mas apenas uma certa manducação material, como a da carne bovina ou suína (44) .

OECOLAMPADIUS: — Há perigo em atribuir de-masiado a tão simples assunto.

LUTERO: — Tudo quanto Deus ordena se trans-forma em espírito e vida. Se, por ordem do Senhor, levantarmos uma palha, executamos um trabalho espi-ritual. Devemos prestar atenção ao homem que fala, e não àquilo que êle diz. Deus fala: "Homens, vermes, ouvi!"

Deus ordena: que o mundo obedeça! Que todos nós, juntos, nos prosternemos e humildamente beijemos a Palavra (45) !

OECOLAMPADIUS: — Mas, uma vez que temos o alimento espiritual, qual é a necessidade do alimento material?

LUTERO: — Não pergunto que necessidade temos dêle; vejo-a, porém, declarada: Comei, isto é o meu corpo. Logo, devemos crer e obedecer. Devemos obedecer! Devemos obedecer (46) ! Se Deus me ordenasse comer es-têrco, eu o faria, com a certeza de que seria salutar (47) .

A esta altura, Zwinglio interveio na discussão, di-zendo:

— Devemos explicar Escritura por Escritura. Não podemos admitir duas espécies de manducação material, como se Jesus houvesse mencionado comer, e os habitantes de Cafarnaum, fazer em pedaços, pois a mesma palavra é empregada em ambos os casos. Diz Jesus que comer a Sua carne, materialmente, para nada aproveita (João 6:63) ; daí resultaria que êle nos dera, na Santa Ceia, uma coisa que nos seria inútil. Além disso, existem certos vocábulos que me parecem pueris. O estêrco por exemplo. Os oráculos dos demônios eram obscuros; assim não o são os de Jesus Cristo.

LUTERO: — Quando Cristo diz que a carne para nada aproveita, Êle não se refere à Sua própria carne, mas a nossa.

ZWINGLIO: — A alma sustenta-se com o Espírito, e não com a carne.

LUTERO: — É com a bôca que comemos o corpo. Não o come a alma (48) .

ZWINGLIO: — O corpo de Cristo é, então, alimento físico, e não espiritual.

LUTERO: — Vós sois capcioso.

ZWINGLIO: — Isso não; mas vós proferis contradi-ções.

LUTERO: — Se Deus me apresentasse maçãs sil-vestres, eu as comeria espiritualmente. Na Eucaristia, a bôca recebe o corpo de Cristo e a alma crê em Suas palavras.

Zwinglio citou, então, numerosas passagens das Sa-gradas Escrituras, onde se descreve o símbolo pela pró-pria coisa significada, daí inferindo que, considerando a

declaração de Jesus em S. João que a carne para nada aproveita, devemos explicar as palavras da Eucaristia de maneira idêntica.

Muitos ouvintes ficaram perplexos com tais argu-mentos. Entre os professôres de Marburgo, sentava-se o francês Lambert . Seu corpo, alto e magro agitou-se intensamente. A princípio, fôra da opinião de Lutero (49) e, agora, vacilava entre os dois reformadores. Ao ir à conferência, dissera:

—Desejo ser uma fôlha de papel em branco, na qual o dedo de Deus possa escrever a Sua Verdade.

Em breve, após ouvir Zwinglio e Oecolampadius, ex-clamava:

—Sim! O Espírito é o que vivifica (50) !

Quando se soube dessa conversão, os habitantes de Witemberg, encolhendo os ombros, denominaram-na "volubilidade gaulêsa". Respondeu-lhes Lambert:

—Foi S. Paulo volúvel, porque se converteu do f a-risaísmo? Fomos nós próprios volúveis, ao abandonarmos as corrompidas seitas do papismo?

Lutero, no entanto, não se abalou, absolutamente.

—Isto é o meu corpo — repetiu, apontando com o dedo as palavras escritas diante de si. — Isto é o meti corpo. O próprio diabo não me moverá desta declaração. Tentar compreendê-la, é abjurar a fé (51) .

—Mas, doutor — disse-lhe Zwinglio —, S. João ex-plica de que maneira se come o corpo de Cristo, e sereis forçado, por fim, a deixar de cantar sempre a mesma cantiga.

—Usais de expressões descorteses (52) — retor-quiu-lhe Lutero. — Os próprios habitantes de Witemberg chamavam de "sua velha cantiga" ao arrazoado de Zwinglio (53) .

Êste, sem se perturbar, continuou:

—Pergunto-vos, doutor, se Cristo, no capítulo 6 de S. João, não quis responder à pergunta que lhe fôra apresentada.

LUTERO: — Mestre Zwinglio, desejais fazer-me ca-lar com a presunção da vossa língua. Essa passagem não vem a êste caso.

ZWINGLIO, apressadamente: — Perdão, doutor; essa passagem vos degola.

LUTERO: — Não vos gabeis tanto! Estais em Hessen, não na Suíça. Neste pais, não degolamos pessoas.

Voltando-se, então, para os seus amigos, Lutero queixou-se acrimoniosamente de Zwinglio, como se êste, de fato, tivesse desejado cortar-lhe o pescoço.

-Êle emprega linguagem de acampamento e palavras sanguinárias (54) — disse.

Lutero esquecia-se de que empregara idêntica ex-pressão ao se referir a Carlstadt.

Zwinglio recomeçou:

—Também na Suíça há justiça severa, mas não degolamos julgamento. Essa ex-pressão significa simplesmente que a sua desesperada homem algum, sem causa está perdida,

Grande alvorôço dominou o Salão Nobre. A rispidez dos suiços e a pertinácia dos saxônios haviam entrado em conflito. O landgrave, temendo ver o malôgro do seu plano de conciliação, aprovou o esclarecimento de Zwinglio, fazendo um sinal com a cabeça.

—Doutor — disse Felipe a Lutero —, não deveis melindrar-vos com essas expressões corriqueiras.

Em vão. O mar agitado não podia acalmar-se de novo. Por conseguinte, o príncipe levantou-se, e todos êles se dirigiram ao salão de banquetes. Findo o jantar, reencetaram os trabalhos.

Falou Lutero:

—Creio que o corpo de Cristo se acha no céu, mas creio, também, que está na Santa Ceia. Pouco me importa que isto seja contra a natureza, contanto que não seja contra a fé (55) . Cristo está, substancialmente, nesse sacramento, tal como nasceu da Virgem.

OECOLAMPADIUS, referindo-se a uma passagem de S. Paulo: — "Não conhecemos Jesus Cristo segundo a carne (56) ".

LUTERO: — Segundo a carne, nessa passagem, significa segundo o nosso amor carnal (57) .

OECOLAMPADIUS: — Não admitis que haja uma metáfora nestas palavras Isto é o meu corpo; contudo reconheceis uma sinédoque.

LUTERO: — A metáfora consente na existência de um símbolo apenas; assim não se dá com a sinédoque. Se um homem diz que deseja beber uma garrafa, com-preendemos que êle se refere à cerveja da garrafa. O corpo de Cristo está no pão, como uma espada na bainha (58) , ou como o Espírito Santo na pomba.

Prosseguia a discussão dêste modo, quando Osíander, pastor de Nuremberg, Estêvão Agrícola, pastor de Ausbi.u.go, e Brentz, pastor de Halle, na Suábia, autor da célebre "Syngramma", entraram no salão. Tam-bém êles haviam sido convidados pelo landgrave. En- naturam, modo non contra tretanto, Brentz, a quem Lutero escrevera pedindo que se abstivesse de comparecer, por certo, devido à sua in-decisão, retardara a própria partida, bem como a de seus amigos. Foram-lhes designados lugares ao lado de Lutero e Melancton.

— Prestai atenção; e falai, se fôr necessário — in-formaram-nos.

Não tiraram senão pouco proveito de tal consenti-mento. "Salvo Lutero, todos nós fomos personagens mudos" — disse Melancton (59) .

A porfia prosseguiu.

Zwinglio ao ver que a exegese não bastava a Lutlero, acrescentou a esta teologia dogmática e, como refôrço, a filosofia natural. Proferiu:

— Contradito-vos com êste artigo de nossa fé: Ascendit in ccelum. Êle subiu ao céu. Se Cristo se acha no céu, pelo que respeita ao Seu corpo, como pode estar no pão? Ensina-nos a Palavra de Deus que Éle era, em tudo, semelhante aos irmãos (Hebr. 2:17) . Cristo não pode, portanto, estar em vários lugares simultânea-mente.

LUTERO: — Estivesse eu desejoso de argumentar assim, e comprometer-me-ia a provar que Jesus Cristo teve uma espôsa, possuía olhos negros (60) e viveu em nossa boa terra da Alemanha (61) ! Pouco me incomodo com a matemática!

— Aqui não se trata de matemática — respondeu-lhe Zwinglio —, mas de S. Paulo, que escreve aos filipenses: (E leu em grego) (62) .

LUTERO, interrompendo-o: — Lede-nos em latim, ou em alemão, não em grego.

ZWINGLIO (em latim) : — Perdoai-me; durante os últimos doze anos, servi-me apenas do Testamento em grego.

Em seguida, continuando a ler a passagem, dela in- feriu que a natureza humana de Cristo é de constituição finita, como a nossa.

LUTERO, indicando com o dedo as palavras escritas diante- de si: — Caríssimos senhores: uma vez que meu Salvador Jesus Cristo diz Hoc est corpus meum, creio que Seu corpo está realmente ali.

A esta altura, a situação animou-se. Zwinglio saltou da cadeira, investiu para Lutero e bradou, esmur-rando a mesa diante dêste (63) :

— Sustentais, então, doutor, que o corpo de Cristo, localmente, está na Eucaristia, pois dizeis que o corpo de Cristo está realmente ali, ali, ali — repetiu. — Ali é um advérbio de lugar (64) . O corpo de Cristo é, portanto, de tal natureza que

está num lugar. Se êle está num lugar, está no céu, donde se conclui que não está no pão.

LUTERO: — Repito que nada tenho a ver com pro-vas matemáticas. Assim que se pronunciam, sôbre o pão, as palavras consagradoras, o corpo ali se acha, por mais iníquo que seja o ministro que as pronunciar.

ZWINGLIO: — Neste caso, estais restabelecendo o papismo (65) .

LUTERO: — Isso não se realiza pelas virtudes do .oficiante, mas por causa da ordenança de Cristo. Quando o corpo de Cristo está em questão, não costumo ou-vir falar sôbre um lugar específico. Não costumo, abso-lutamente.

ZWINGLIO: — Então, tudo tem de existir exatamente como desejais?

O landgrave, percebendo que a discussão estava fi-cando perigosa, como o repasto os aguardava, suspendeu os debates (66) .

A conferência prosseguiu no dia seguinte, domingo, 3 de outubro, devido, talvez, a uma epidemia (o suor maligno) que acabara de irromper em Marburgo, a qual não dava lugar a que os debates se prolongassem muito. Voltando à discussão da véspera, disse Lutero:

—O corpo de Cristo está no sacramento, mas ali não se encontra como num lugar.

ZWINGLIO: — Logo, não está ali, absolutamente .

LUTERO: — Dizem os sofistas que um corpo pode muito bem estar em vários lugares simultânea-mente. O universo é um corpo; contudo, não podemos afirmar que esteja num determinado lugar.

ZWINGLIO: — Ah! mencionais os sofistas, doutor! Realmente, estais, apesar de tudo, obrigado a voltar às cebolas e panelas do Egito (67) ? Quanto ao que dizeis, que o universo não se acha num determinado lugar, rogo a todos os homens lúcidos que examinem cuidadosamente tal prova.

Zwinglio, que, dissesse Lutero o que dissesse, tinha mais de uma seta em sua aljava, depois de estabelecer sua proposição pela exegese e pela filosofia, decidiu, então, confirmá-la através do testemunho dos Padres da Igreja, proferindo:

—Prestai atenção ao que Fulgêncio, bispo de Ruspa, na Numídia, disse, no século quinto, a Trasamondo, rei dos vândalos: "O Filho de Deus assumiu as caracte-rísticas da verdadeira natureza humana e não perdeu os atributos da verdadeira divindade. Nascido no século, segundo Sua mãe, vive na eternidade, consoante a natureza divina que recebe do Pai. Vindo do homem, é homem e, conseqüentemente, num lugar; procedendo do Pai, é Deus e, portanto, presente em todos os lugares . De acôrdo com a Sua natureza humana, ausentou-Se do céu, enquanto esteve na terra;

e deixou a terra, quando subiu ao céu. Entretanto, de conformidade com a Sua natureza divina, Éle permaneceu no céu, ao descer de lá, e não abandonou a terra, ao voltar para lá (68) ".

Mas, ainda assim, respondeu-lhe Lutero:

—Está escrito: Isto é o meu corpo.

Zwinglio, tornando-se impaciente, disse:

—Tudo isso é disputa inútil. Um contestador obs-tinado poderia também sustentar esta expressão de nos- so Salvador à Sua mãe, aludindo a S. João: Eis aí o teu filho. Vã seria tôda explicação; êle continuaria a bradar: Não! Não! E Cristo disse: Ecce filius tuus. Eis aí o teu filho! Eis aí o teu filho! Prestai atenção a um outro testemunho. Ë do grande Agostinho. Não pensemos — diz êle — que Cristo, segundo a Sua natureza humana, está presente em tôda parte; em nosso esfôrço para determinar-Lhe a natureza divina, acautelemo-nos com o separar a Sua realidade do Seu Corpo. Como Deus, Cristo está, agora, em tôda parte; todavia, em razão de Seu corpo real, Éle está num determinado lugar do céu (69) .

Replicou Lutero:

—Santo Agostinho não se refere à Eucaristia, nesse trecho. O corpo de Cristo não está na Eucaristia como se estivesse num lugar.

Oecolampadius viu que poderia tirar partido desta asseveração da parte de Lutero, e disse-lhe:

—O corpo de Cristo não está localmente na Euca-ristia; logo, nenhum corpo real está ali, pois todos sabem que a substância de um corpo é a sua existência num lugar.

Neste ponto, terminou a discussão da manhã.

Depois de bem refletir, Oecolampadius convenceu-se de que a asseveração de Lutero poderia ser encarada como uma aproximação.

—Lembro-me — disse, após o jantar — que, esta manhã, o doutor admitiu que o corpo de Cristo não se achava no sacramento como num lugar. Indaguemos, então, amigàvelmente, qual é a natureza da presença corpórea de Cristo.

—Não me fareis dar um passo a mais! — exclamou Lutero, vendo aonde êles queriam arrastá-lo. —Tendes Fulgêncio e Agostinho do vosso lado, porém os demais Padres estão do nosso.

Oecolampadius, que aos de Witemberg pareceu ser aborrecidamente cerimonioso (70) , proferiu, então:

—Indicai êsses doutores. Nós nos encarregaremos de provar que êles estão conosco.

—A vós, não os indicaremos (71) — disse-lhe Lu-tero, e acrescentou: — Foi em sua mocidade que Agos-tinho escreveu o que citastes. Além disso, êle é um es-critor nada claro.

E retrocedendo ao terreno que jamais resolvera abandonar, já não se contentando com apontar o dedo para os dizeres Hoc est corpus meum, deitou a mão à toalha aveludada, onde se achavam redigidas estas palavras, arrancou-a da mesa, ergueu-a diante de Zwinglio

Oecolampadius e, pondo-a bem defronte dos olhos dês-tes (72) , disse-lhes:

—Vêde! Vêde! liste é o nosso lema! Ainda não nos desviastes dêle como tendes alardeado! E não nos in-teressam outras provas!

—Se fôr êste o caso, seria melhor abandonarmos a discussão — aconselhou Oecolampadius. — Antes, porém, desejo declarar que, se citamos os Padres, é apenas para eximir a nossa doutrina de acusação de novidade, e não para defender a nossa causa com a sua autori-dade.

Nenhuma explicação melhor pode ser dada sôbre a legítima finalidade dos doutores da Igreja.

De fato, não havia razão para prolongar a conferência. "Como Lutero era de gênio obstinado, e auto-ritário — diz, mesmo, seu grande apologista Seckendorf —, não cessava de impor aos suiços que se submetessem simplesmente à sua própria opinião (73) ".

Alarmado com êsse término da conferência, o chan-celer exortou os teólogos a que chegassem a um acôrdo.

—Não conheço senão um meio para isso — disse Lutei'o —, e êsse é: que os nossos adversários creiam como nós.

—Não podemos — responderam-lhe os suíços.

—Bem, então — concluiu o reformador saxônio deixo-vos ao julgamento de Deus, e rogo para que Éle vos ilumine.

— Faremos o mesmo — acrescentou Oecolampadius .

Enquanto se trocavam estas palavras, Zwinglio sen-tou-se, silenciosp, pasmado, profundamente comovido. A intensidade de suas emoções, de que mais de uma vez dera provas durante a conferência, evidenciou-se, então, de maneira bem diferente: na presença de todos, rompeu em prantos.

A conferência estava terminada. Na realidade, fôra mais calma do que os documentos parecem indicar, ou, talvez, os historiadores apreciam tais assuntos de modo diferente do nosso. "A exceção de alguns repentes, tudo correu em sossêgo, de maneira cortês e com enorme mo-deração" — diz uma testemunha ocular (74) . "Durante a conferência, não se ouviam outras palavras, senão estas: senhor, caríssimo amigo, vossa bondade —ou outras expressões semelhantes. Nem uma só pala-vra de cisma ou de heresia. Dir-se-ia que Lutero e Zwinglio eram irmãos, e não adversários (75) ". É o de-poimento de Brentz. Estas flôres, porém, escondiam um abismo, e Jonas, também testemunha ocular, chama a conferência de "uma disputa bastante acerba (76) ".

A epidemia que irrompera em Marburgo causava tremendas devastações, enchendo tôda gente de terror (77) . Todos ansiavam por deixar a cidade.

—Senhores — observou o landgrave —, não podeis deixar-vos assim — e, desejoso de proporcionar aos dou-tores uma oportunidade de um encontro com as men- tes libertas dos debates teológicos, convidou-os a um repasto.

Isto foi no domingo, à noite.

Durante todo o tempo, Felipe de Hessen demonstrara a mais contínua atenção, e cada qual o supunha do seu lado.

— Eu antes preferiria pôr a minha fé nas palavras simples de Cristo, do que nos engenhosos pensamentos humanos — foi uma observação feita por Felipe, segundo Jonas (78) .

Zwinglio, porém, afirmava que êste príncipe nutria as mesmas opiniões que êle próprio, embora, por consideração a certas pessoas, dissimulasse a mudança. Cônscio da fragilidade de sua defesa no tocante às declarações dos Padres, Lutero enviou uma nota a Felipe, na qual se frisavam várias passagens de Hilário, Crisóstomo, Cipriano, Irineu e Ambrósio, que, pensava êle, depunham em seu favor.

A hora da partida aproximava-se, e nada se fizera. O landgrave lutava a todo custo pela união, conforme Lutero escreveu à própria espôsa (79) . Um após outro, Felipe convidou os teólogos a entrar em seu gabinete reservado (80) . Instou com êles e dirigiu-lhes rogos, admoestações, conselhos, súplicas.

-- Pensai — disse-lhes — na salvação da república cristã, e fazei desaparecer de seu seio tôda a discórdia (81) .

General algum, à frente de um exército, se esforçara tanto para vencer uma batalha.

Realizou-se uma conferência final e, sem dúvida alguma, raras vêzes a Igreja assistiu a uma reunião de maior solenidade. Lutero e Zwinglio — a Saxônia e a

Suíça — encontravam-se pela última vez. O suor maligno ceifava a vida dos homens que os cercavam, aos milhares (82) . Na Itália, aliavam-se Carlos V e o papa. Fernando e os príncipes católicos-romanos preparavam-se para rasgar o Protesto de Espira. As nuvens prenun-ciativas de trovoadas tornavam-se cada dia mais amea-çadoras. Só a união parecia capaz de salvar os Protes-tantes, e a hora da partida estava prestes a soar — hora que os separaria, talvez, para sempre.

—Manifestemos a nossa união em tudo quanto concordamos — disse Zwinglio —; quanto ao mais, lem-bremo-nos de que somos irmãos. Jamais haverá concórdia entre as igrejas se, enquanto sustentarmos a sublime doutrina da salvação pela fé, não pudermos dis-sentir nas questões secundárias (83) .

Tal é, de fato, o verdadeiro princípio da união cristã. O décimo-sexto século achava-se, ainda, bem pro-fundamente mergulhado no escolasticismo para compreender isso; esperemos que o século décimo-nono o compreenda melhor.

—Sim, sim! — bradou o landgrave. — Vós concor-dais! Dai, pois, testemunho da vossa união, reconhecendo-vos uns aos outros como irmãos.

—No mundo não há outros com quem eu mais deseje estar unido, do que convosco — proferiu Zwinglio, aproximando-se dos doutores de Witemberg (84) .

Oecolampadius, Bucer e Hédio disseram o mesmo.

—Reconhecei-os, reconhecei-os como irmãos! —continuou o landgrave (85) .

Corações comovidos, achavam-se a um passo da união . Zwinglio, desfeito em lágrimas, na presença _do príncipe, dos cortesãos e dos teólogos (é o próprio Lutero quem o relata) (86) , aproximou-se de Lutero, estendendo-lhe a mão. As duas famílias da Reforma estavam a ponto de unir-se, as longas disputas, prestes a pax constituta sit, facultatem faciant.

Langravio et omni- serem sufocadas no berço. Mas Lutero recusou a mão que lhe era oferecida.

—Tendes espírito diverso do nosso — objetou.

Aos suíços, tais palavras transmitiram, por assim dizer, um choque elétrico. Seus corações mortificavam-se tôda vez que Lutero as repetia, e êle o fêz freqüentemente. O próprio reformador saxônio é nosso informante.

Houve uma breve reunião entre os doutores de Wi-temberg. Lutero, Melancton, Agrícola, Brentz, Jonas e Osíander conferenciaram entre si. Convencidos de que a sua própria doutrina acêrca da eucaristia era indispensável à salvação, consideraram todos os que a rejeitavam como sem a paliçada da fé.

—Que estultícia (87) ! — disse Melancton, que, posteriormente, quase coincidiu com os pontos de vista de Zwinglio. — Êles nos condenam e, contudo, acham que devemos considerá-los nossos irmãos!

— E que inconstância! — acrescentou Brentz. —Ainda há pouco, acusavam-nos de adorar um deus-pão e, agora, pedem união conosco (88) !

Voltando-se, então, para Zwinglio e seus amigos, os doutores de Witemberg responderam-lhes:

— Não pertenceis à comunhão da Igreja Cristã. Não podemos reconhecer-vos como nossos irmãos (89) !

Os suíços estavam longe de participar dêsse espírito sectário. Disse Bucer:

—Achamos que a vossa doutrina ofende a glória de Jesus Cristo, que reina, agora, à direita do Pai. Visto, porém, que em tôdas as coisas reconheceis a vossa de-i pendência do Senhor, olhamos para a vossa consciência, que vos impele a aceitar a doutrina que professais, e não duvidamos que pertenceis a Cristo.

—E nós, mais uma vez, vos declaramos — retorquiu Lutero — que a nossa consciência se opõe a que vos aceitemos como irmãos.

—Assim sendo, seria tolice pedi-lo — tornou Bucer. Lutero prosseguiu:

—Surpreende-me muitíssimo que queirais consi-derar-me como vosso irmão. Isto mostra claramente que não ligais muita importância à vossa própria doutrina.

—Escolhei o que quiserdes — disse Bucer, propon-do ao reformador um dilema: — Ou não deveis reconhecer como irmãos os que diferem de vós em qualquer ponto — e, se assim fôr, não encontrareis um único irmão em vossas próprias fileiras (90) —, ou, então, aceitareis alguns dos que divergem de vós, e, nesse caso, deveis aceitar-nos.

Os suíços, que haviam esgotado as suas propostas, concluiram:

—Estamos cônscios de que agimos como se esti-véssemos na presença de Deus. A posteridade será a nossa testemunha (91) .

Os suíços estavam prestes a partir. Lutero continuava feito uma rocha, causando grande indignação ao landgrave (92) . Os teólogos de Hessen, Kraft, Lambert, Snepf, Lonicer e Melander, uniram os seus esforços aos do príncipe.

Lutero, desorientado, conferenciou de novo com os seus colegas.

—Para que não saia sangue — disse êle aos amigos —, evitemos assoar os nossos narizes de maneira áspera demais (93) .

Voltando-se, então, para Zwinglio e Oecolampadius, disseram-lhes:

—Nós vos reconhecemos como amigos. Não vos consideramos irmãos e membros da Igreja de Cristo (94) . Entretanto, não vos excluímos dêsse amor cristão universai, que devemos até mesmo aos nossos inimigos (95) .

Os corações de Zwinglio, Oecolampadius e Bucer estavam prestes a sofrer um calapso (96) , pois essa con-cessão era quase um novo insulto .

—Evitemos, cuidadosamente, todos os escritos e vocábulos violentos e ofensivos — murmuraram. — Que cada qual se defenda sem injuriar (97) .

Nesse momento, Lutero avançou para os suíços e falou-lhes:

—Estamos de acôrdo! Ofereço-vos a mão da paz e do amor cristão.

Bastante emocionados, os suíços precipitaram-se para os representantes de Witemberg, e todos êles trocaram um apêrto de mão (98) . O próprio Lutero ficou comovido: o amor cristão reassumiu os seus privilégios, no intimo do reformador.

— Indubitàvelmente, resgata-se grande parte do escândalo, com a supressão dos nossos agitados debates —disse Lutero . — Não poderíamos ter esperado tanto! Oxalá a mão de Cristo elimine o último obstáculo que nos separa (99) ! Existe, hoje, uma união amistosa entre nós, e, se perseverarmos na oração, virá a confraternidade.

Desejou-se confirmar êste importante resultado da conferência, por meio de um documento. Propôs o land-grave:

— Devemos fazer com que o mundo cristão saiba que, à exceção da forma do corpo e do sangue na eucaristia, vós estais de acôrdo em todos os pontos doutrinários (100) .

Isto ficou decidido. Entretanto, quem ficaria en-carregado da redação do documento? Todos os olhares voltaram-se para Lutero. Os próprios suíços invocaram-lhe a imparcialidade.

Perdido em reflexões, preocupado, achando deveras difícil a incumbência, recolheu-se Lutero em seu gabinete privado. "Por um lado, aos suíços, gostaria de poupar-lhes a fraqueza (101) ; por outro lado, eu não ofenderia de modo algum a sagrada doutrina de Cristo" — pensava. O reformador não sabia como empreender a tarefa; aumentava-se-lhe a angústia. Finalmente, libertou-se. Escreverei os artigos do modo mais irrepreensível. Não sei eu que, seja o que fôr que eu escreva, êles jamais assinarão êsses artigos (102) ?

Em breve, quinze artigos achavam-se redigidos. Le-vando-os consigo, Lutero encaminhou-se para os teólogos de ambos os lados. Ésses artigos são

importantes. As duas doutrinas, que, independentemente, se desenvolveram na Suíça e na Saxônia, foram reunidas e confrontadas. Se humanas, nelas se acharia uma uniformidade servil, ou uma enorme oposição. Tal não se deu. Verificou-se haver uma grande unidade entre as Reformas alemã e suíça, pois ambas promanavam do mesmo ensino divino, e certa divergência acêrca de questões secundárias, porquanto foi por intermédio do homem que Deus as levara a efeito.

Lutero, segurando o papel, leu o primeiro artigo:

"Artigo 1.°) : Cremos que há um único, ver-dadeiro e eterno Deus, criador do céu, da terra e de tôdas as criaturas; e que êsse mesmo Deus, de uma só substância e natureza, é, pessoalmente, trino, ou seja, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, conforme se declarou no Concílio de Nicéia e conforme tôda a Igreja Cristã professa".

A êste artigo, os suíços deram a sua aprovação. Éles estavam de acôrdo, também, acêrca da divindade e da natureza humana de Jesus Cristo; acêrca de Sua morte e ressurreição, acêrca do pecado original, da justificação pela fé, da atuação do Espírito Santo e da Palavra de Deus, do batismo, das boas obras, confissão, ordem civil e tradição.

Até aqui, todos estavam concordes. Os doutores de Witemberg não podiam recobrar-se do espanto (103) . Os dois partidos haviam rejeitado, por um lado, os erros dos papistas, que fazem da religião pouco mais que um aparato externo, e, por outro lado, os erros dos Entusiastas, que se referem tmicamente às sensações espirituais. Verificou-se que ambos os partidos se formaram sob bandeiras idênticas, entre êstes dois campos. Mas chegou o momento que os separaria. Lutero deixara para o fim o artigo sôbre a Eucaristia.

O reformador reiniciou a leitura:

No tocante à Santa Ceia, todos nós cremos que esta deve ser celebrada na forma das duas espécies, segundo a instituição primitiva; que a missa não é um ofício pelo qual um cristão obtém perdão para alguém, seja morto ou vivo; que o sacramento do altar é o sacramento do próprio corpo e do próprio sangue de Jesus Cristo; e que a manducação espiritual dêstes corpo e sangue é particularmente necessária a todo crente fiel (104) .

Agora foi a vez dos suiços ficarem surpresos. Lu- tero prosseguiu: "Do mesmo modo, quanto ao uso do sacramento, concordamos que, como a Palavra, Deus Todo-Poderoso o instituí para que as consciências fracas pudessem, pelo Espírito Santo, ser estimuladas à fé e ao amor cristão". Redobrou-se a alegria dos suíços. Lutero continuou: Na ocasião atual, pôsto que não estejamos de acôrdo acêrca da questão de se o corpo e sangue reais de Cristo se encontram materialmente presentes no pão e no vinho, ainda assim ambas as partes nutrirão, uma pela outra, cada vez mais, um verdadeiro amor cristão, tanto quanto a consciência o permitir; e nós,

sinceramente, imploraremos ao Senhor que Se digne confirmar-nos, pelo Seu Espírito, na perfeita doutrina (105).

Os suíços conseguiram o que haviam pedido: unidade na diversidade. Resolveu-se, em seguida, realizar uma reunião para a assinatura dos artigos.

Êstes foram relidos do princípio ao fim. Oecolampa-dius, Zwinglio, Bucer e Hédio assinaram-nos, primeira-mente, numa via, enquanto Lutero, Melancton, Jonas, Osíander, Brentz e Agrícola firmavam a outra com os seus nomes; depois, ambas as partes assinaram a via dos adversários e êste importante documento foi enviado ao prelo (106) .

A Reforma dera um enorme passo em Marburgo. A opinião de Zwinglio a respeito da presença espiritual e a de Lu tero sôbre a presença corpórea são, ambas, encon-tradas na antigüidade cristã. As duas doutrinas extremas, todavia, foram sempre rejeitadas: por um lado, a dos racionalistas, que nada vêem na Eucaristia, senão mera comemoração e, por outro, a dos papistas, que nesse sacramento adoram urna transubstanciação. Ambas as últimas doutrinas são erros, ao passo que as de Lutero e Zwinglio, bem como a do meio têrmo adotado por Calvino, já sustentado por alguns Padres da Igreja, eram consideradas, nos tempos antigos, como diferentes opiniões acêrca da mesma verdade. Se Lutero ti-vesse cedido, poderia recear-se que a Igreja caísse no extremo do racionalismo; se Zwinglio, que ela se preci-pitasse no extremo do papismo . A Igreja, é benéfico que se tomem em consideração êsses diferentes pontos de vista; é, porém, perigoso aos indivíduos apegarem a um dêles de tal modo a condenar o outro.

Escreveu Melancton: "Há apenas êste pequeno obstáculo a embaraçar a Igreja de nosso Senhor (107) ".

Papistas e evangélicos, saxônios e suíços, todos ad-mitiam a presença de Cristo e, mesmo, a Sua presença real. Eis, porém, onde se achava o ponto fundamental da separação: é essa presença efetuada pela fé do co-mungante, ou pelo opus operaturn do ministro? Os germes do papismo, do sacerdotalismo e do puseísmo estão, inevitavelmente, contidos nesta última tese. Se se sustentar que um oficiante iníquo (segundo foi dito) opera essa presença real por três palavras, ingressamos na igreja do papa. Lutero parecia, às vêzes, aceitar tal doutrina, mas, freqüentemente, falou de urna maneira mais espiritual. Levando em conta êste grande homem em seus melhores momentos, vemos, simplesmente, uma unidade fundamental e urna divergência de segunda plana nos dois partidos da Reforma. Sem dúvida alguma, o Senhor deixou à Sua Igreja os selos exteriores da Sua graça, porém Éle não atribuiu salvação a êsses sinais. O ponto essencial é a união do crente com a Palavra, com o Espírito Santo e com o Cabeça da Igreja. É esta a grande verdade que a Reforma Suíça proclama e que o próprio luteranismo reconhece. Depois da conferência de Marburgo, a controvérsia tornou-se mais moderada.

Houve uma outra vantagem. Os teólogos evangélicos, em Marburgo, manifestaram unânimemente sua separação do papado. Zwinglio não se achava livre de receio (infundado, sem dúvida) , no tocante a Lutero; tais receios se dissiparam.

— Agora que estamos de acôrdo — disse Zwinglio —, os papistas não mais esperarão que Lutero, algum dia, venha a ser um dêles (108) .

Os artigos de Marburgo foram o primeiro baluarte erguido em conjunto pelos reformadores, contra Doma. Não foi, então, em vão que, após o Protesto de Es- pira, Felipe de Hessen se esforçou, em Marburgo, por unir os amigos do Evangelho.

Mas, se o objetivo religioso foi, em parte, atingido, o político fracassou quase totalmente. Os reformadores não puderam chegar a uma confederação suíço-alemã. Não obstante, Felipe de Hessen e Zwinglio tiveram, nesse sentido, várias conversas secretas, as quais deixaram os saxônios preocupados, pois, não menos que à teologia de Zwinglio, eram contrários às idéias políticas dêle.

Quando tiverdes reformado o casquete do camponês, pretendereis também reformar o chapéu de zibelina dos príncipes — disse Jonas a Zwinglio.

Tendo o landgrave reunido todos os doutores, em sua mesa, no último dia, êstes, cordialmente, trocaram um apêrto de mão (109) , cada qual pensando em deixar a cidade.

Na têrça-feira, 5 de outubro, Felipe de Hessen deixou Marburgo de manhã e, à tarde do mesmo dia, par-tia Lutero, acompanhado dos seus colegas, porém não como vencedor. Uma sensação de desalento e receio apoderara-se-lhe da mente (110) . Contorcia-se no pó, como verme, segundo a sua própria expressão. Cismava que jamais veria outra vez a espôsa e os filhos, bradando que êle, "o consolador de tantas almas torturadas, se via, agora, sem consôlo algum (111) "!

Essa disposição de ânimo poderia, até certo ponto, provir da necessidade que Lutero tinha de afeto fraternal; mas havia, também, outras causas . Solimão chegara, a fim de cumprir uma promessa feita ao Rei Fernando. Tendo êste último, em 1528, exigido a capitulação de Belgrado, o sultão, altivamente, respondera que levaria, êle mesmo, as chaves a Viena. De fato, cruzando as fronteiras da Alemanha, o sultão invadira países "onde os cascos dos cavalos de batalha muçulmanos nunca tinham pisado", e, oito dias antes da conferência de Marburgo, cobrira, com suas incontáveis barracas, a planície e as férteis colinas entre as quais se erguem os baluartes de Viena.

A luta começara no subsolo, tendo as duas facções aberto fundas galerias por baixo das muralhas. Três vêzes espaçadas os petardos otomanos explodiram; os baluartes vieram abaixo (112) . "Os projéteis riscavam o ar como vôo de passarinhos,

e houve um horrendo festim, no qual os gênios tutelares da morte prazenteiramente esvaziaram as suas taças" —narrou um historiador turco (113) .

Lutero não ficou no segundo plano. Escrevera antes contra os otomanos e, nessa ocasião, publicou o Ser-mão do Combate. Maomé — disse Lutero — exalta Cristo como isento de pecado, mas nega que 21e fôsse o verdadeiro Deus; por conseguinte, Maomé é inimigo de Cristo. Ai! a estas horas a situação do mundo é tal que parece chover, em tôda parte, discípulos de Maomé! Dois homens devem combater os turcos: o primeiro é o Cristão, isto é, o que ora; o segundo, Carlos, isto é, a espada". E em outro lugar: "Bem sei, meus caros alemães: porcos cevados e bem nutridos como os turcos são, tão logo passa o perigo, pensam semente em comer e dormir. Ai de ti, homem! Se não pegares em armas, virá o turco, e êle te arrebatará para a Turquia, onde te porá à venda como cão; dia e noite, tu o servirás, debaixo do látego e do porrete, em troca de um copo de água e de um bocado de pão. Reflete sôbre isto, converte-te e roga ao Senhor que não te dê o turco por mestre (114) .

As duas armas a que Lutero aludiu foram, com efeito, enèrgicamente empregadas. Solimão, percebendo, por fim, que não era a alma do universo", como o inti-tulavam os seus poetas, mas que havia, no mundo, um poder superior ao seu, levantou o cêrco de Viena, a 16 de outubro. E "a sombra de Deus sôbre os dois mundos", como o sultão se chamava a si mesmo, "retirou-se edesapareceu no Bósforo.

Lutero, porém, cismava que, ao se retirar de diante das muralhas de Viena, o Sultão, ou, pelo menos, o seu deus, que é o diabo, caíra sôbre êle . Em sua terrivel angústia, imaginava que era êsse 'inimigo de Cristo e dos servos de Cristo que êle estava destinado a combater e derrotar (115) . Há uma imediata reação da lei divina infringida contra aquêle que a infringe. Ora, Lutero transgredira o mandamento áureo, que é o amor cristão, e sofria o castigo.

Finalmente, tornou a Witemberg, arrojando-se nos braços dos amigos, atormentado pelo anjo da morte (116) .

Não negligenciemos, todavia, os atributos essenciais do reformador que Lutero revelou em Marburgo. Na obra de Deus, como num drama, há papéis vários. Que personagens heterogêneos encontramos entre os apóstolos e entre os reformadores! Tem-se dito que os mesmos atributos e os mesmos papéis foram atribuídos a São Pedro e a Lutero, por ocasião da Constituição e da Reforma da Igreja (117) . De fato, ambos foram homens de iniciativa, que começam inteiramente sós, mas ao redor dos quais cedo se reune uma multidão, ao ver a bandeira que êles agitam. Talvez houvesse, contudo, no reformador, um traço característico que não existia, na mesma intensidade, no apóstolo: era a firmeza.

Quanto a Zwinglio, deixou Marburgo alarmado com a intolerância de Lutero. "O luteranismo pesará sôbre nós tanto quanto o papismo (118) " — escreveu êle ao

landgrave. O reformador suíço chegou a Zurique a 19 de outu-bro, e disse aos seus amigos:

— A verdade prevaleceu de maneira tão manifesta que, se já houve alguém derrotado perante o mundo todo, êsse alguém é Lutero, embora êle constantemente bradasse ser invencível (119) . De sua parte, o reformador saxônio falava de idêntico modo, acrescentando:

—É por mêdo dos seus concidadãos que os suíços, conquanto vencidos, estão relutantes em retratar-se (120) .

Se se perguntasse de que lado, realmente, se achava a vitória, talvez devêssemos dizer que Lutero assumiu ar de vencedor, mas na verdade Zwinglio o foi. A conferência difundiu por tôda a Alemanha a doutrina dos suíços, que, até então, tinha sido pouco conhecida ali, e tal doutrina foi adotada por enorme número de pessoas. Entre estas, achavam-se Laffards, primeiro diretor da Escola São Martinho, de Brunswick, Dionísio Melander, Justo Lening, Hartmann, Ibach e muitas outras. O próprio landgrave, pouco antes da sua morte, declarou que essa conferência o induzira a rejeitar a manducação oral de Cristo (121) .

Aitida assim, o princípio dominante, nessa célebre época, foi a unidade. E são os adversários os melhores juízes. Os papistas ficaram exasperados porque os luteranos e os zwinglianos se tinham pôsto de acôrdo acêrca dos pontos doutrinários essenciais. Disseram:

—Éles têm um sentimento de solidariedade contra a Igreja Católica, como Herodes e Pilatos contra Jesus Cristo.

As seitas entusiastas declararam o mesmo (122) , e opartido extremo-hierárquico bem como o extremo-ra-dical insurgiram-se, igualmente, contra a unidade resultada em Marburgo.

Logo maior agitação ofuscava todos êsses rumores, eas ocorrências, que punham em perigo todo o organismo evangélico, proclamavam a sua grande e íntima união, com nova fôrça. Em tôda parte, dizia-se que o imperador, irritado com o Protesto de Espira, chegara a Gênova com o aparato de um soberano vitorioso . Depois de ter jurado, em Barcelona, submeter os hereges ao poder do papa, ia visitar êste pontífice, humildemente genuflectir diante dêle. Só se ergueria para transpor os Alpes e levar a cabo os seus terríveis planos.

— O Imperador Carlos — disse Lutero, alguns dias após a chegada dêste — resolveu mostrar-se mais cruel conosco do que o próprio Sultão, e já proferiu as mais tremendas ameaças. Contemplai a hora da agonia e do desalento de Cristo! Oremos por todos os que, brevemente, terão de suportar a escravidão e a morte (123) .

Tais eram as notícias que, então, sacudiam tôda a Alemanha. A questão principal era se o Protesto de Espira poderia ser mantido contra o poder do imperador e do papa. Isto se viu no ano de 1530.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Illatamque Christo injuriam pro viribus ulciscentur. Dumont, Corp. Univ. Diplomatique, IV, 1, 5.

(2) Isaías 30:15. L. Epp., III, 454.

(3) Unser Herr Christus, &c. Ibid. Esta confidência de Lutero surpreende um historiador luterano -- Plank, II, 454.

(4) Na obra intitulada Dass diese Worte noch feste Stehen. L. Opp., XIX.

(5) Arnica exegesis, id est, Expositio EucharistiEe negotii ad M. Lutherum. Zw. Opp.

(6) Eine Lutherische Warnung. L. Opp., XIX, 391. Wider die Schwãrmgeister.

(7) Inter nos ipsos de religionis doctrina non consentire. Zw. Epp., II, 287.

(8) Viam Francofurdi copias, quam autem hac periculosiorem esse putamus. Ibid., pág. 312.

(9) Juvante Deo tuti. Ibid., pág. 329.

(10) Papistische als unparteische. Corp. Ref., I, 1066.

(11) Si potes, noli adesse. L. Epp., III, 501.

(12) Ut veritatis splendor oculos nostros feriat. Zw. Epp., II, 321.

(13) Vide adiante, Livro XVI, Cap. II, ano 1529.

(14) Dei nunquam fallentis, qui nos nunquam deseruit, gratiam reputavi. Zw. Epp., II, 356.

(15) Sabbati die, mane ante lucen, 1 Septembris. Zw. EPP4 14 356.

(16) Equis conductoriis. Ibid., 361.

(17) Der Tufel vere by imm gesin. Bulling, II, 224.

(18) Integer et sanus Basiliam pervenit. Zw. Epp., II, 361.

(19) Aliquos mercatorum fide dignos, comites. Zw. Epp., II, 361.

(20) Ich bin 14 Tag magd und KiSchin gewesen. Füssl. Beytr., V, 313.

Vide sua notável correspondência com o superinten-dente Rabus. Ibid. 191-354.

(21) De jure preesidenti conciliis civitatum christianarum. Füssl. Beytr., V, 364. Vide livro XVI desta História.

(22) Per devia et sylvas, montes et valles, tutissimos et occultos. Ibid., 368.

(23) Excepit in arte hopitio et mensa regali. Corp. Ref., I, 1096.

(24) Subridens aliquantulum respondit: tu es nequam et nebulo. Sculteti Annal. ad 1529.

(25) Documentos públicos de Cassei.

(26) Abgetheilt zu den rühren. Bull., XI, 225.

(27) Ubi unquam concilia rejicimus, verbi divini auctoritati suffulta! Zw. Opp., IV, 191.

(28) Emprega-se o vocábulo Reformada para distinguir a doutrina e a igreja de Zwinglio e Calvino das de Lutero.

(29) . Mens et medulla verbi, mens et voluntas Dei =letra tamen humanis verbis. Zw. Epp., rv, 173.

(30) Malum, peccatum. Ibid., 172.

(31) De peccato originall ad Urb. Rhegium. Ibid., III, 632.

(32) Atque adeo ipse non negarim, aguam baptismi esse aguam regenerantem: lit enim puer ecclesi, qui dudum ab ecclesia non agnoscebatur. Zw. Opp., IV, 193.

(33) Lutherum cEcolampadem ita excepit, ut ad me veniens ciam queratur, se denuo in Eccium incidisse. Zw. Epp., 369.

(34) At Melancthon, cum nimis lubricus esset et Protel in morem se in omnia transformaret, me compulit, ut sumpto calamo manu armarem. Zw. Epp., II, 369.

(35) Istud colloquium sex in horas traximus. Ibid., 370.

(36) Quinquaginta aut sexaginta colloquio presentes. Zw. Opp., IV, 201. Pauci arbitri ad summum quatuor et viginti. Epp., II, 370.

(37) Isto é o meu corpo. Zw. Opp., IV, 175.

(38) In Zwinglio agreste quiddam est et arrogantulum. Corp. Rei., 1, pág. 1097.

(39) Insignes verbi proceres. Bull., II, 236.

(40) Et cupido supplex vobis Ecclesia voto Vestros cadit flens ad pedes. Bull., II, 236.

(41) Deum esse supra mathematicam. Zw. Opp., IV, 175.

(42) Se alguém negar que o corpo e o sangue de nosso Salvador Jesus Cristo, com sua alma e sua divindade, e, con-seqüentemente, Jesus Cristo inteiro, está contido no sacra-mento da. Eucaristia, que seja anátema. Concílio de Trento, ses. 13.

(43) Tota Christi persona. Form. concord., VIII.

(44) Qualis est carris bovill2e aut suillae. Scult., pág. 217.

(45) Quum prwcipt quid, pareat mundus; et omnes osculemur verbum. Zw. Opp., IV, 176.

(46) Man mus es Lhun so3pe inculcabat. Zw. Opp., IV, 176.

(47) Si juberet firnum comedere, facerem. Ibid.

(48) Anima non edit ipsum (corpus) corporaliter. Zw. Epp., II, 370.

(49) Vide seu comentário sôbre S. Lucas 22:19-20.

(50) Acrescentou que o corpo de Cristo, na Eucaristia, não se achava nem matemática ou comensuràvelmente, nem na realidade (negue mathematice seu commensurative, negue reEpist. Lamb. de Marb. col.

(51) Si interrogo, exeldo a !ide. Zw. Epp., II, 177.

(52) Invidiose loqueris. Bull., II, 228.

(53) Veterem suam cantilenam. Zw. Opp., IV, 221.

(54) Verbum istud, tanquam castrense et cruentum. Hospin., pág. 131.

(55) Non curo quod sit contra fidem.Zw. Opp., IV, 178.

(56) IICor.5:16.

(57) Pro carnalibus affectibus.Zw. Opp., IV, pág.202.

(58) Corpus est in pane sicut gladius in vagina.Zw. Opp., IV, 202.

(59) Fuimus () • Corp. Ref., I, 1098.

(60) Quod uxorem et nigros () mios habuisset. Scultet., pág. 225.

(61) In Germania diuturnum contubernium egisse. Zw. Opp., IV, 202.

(62) Tomando a forma de servo. Filipenses 2:7.

(63) Ibi Zwinglius illico prosiliens. Scultet., pág. 225.

(64) Da, da, da. Ibi est adverbium loci. Scultet., pág. 225.

(65) Damit richtend ir das papstum uf. Zw. Opp., III, 57.

(66) Coena instabat et diremit certamen, Ibid., IV, 17$,

(67) Ad capas et ollas lEgyptiacas. .Zw. Opp., II, par. 3, 57.

(68) Secundum humanam substantiam, absens ccelo, cum esset in terra, et dereliquens terram cum.ascendisset in ccelum. Fulgêncio ao Rei Trasamondo, livro II.

(69) Ibid

(70) Quem omnes sperassemus mitiorem, interdum videbatur paulo moro sior, sed citra contumeliam. Zw. Opp., IV, 201.

(71) Non nominabimus illos. Scultet., pág. 228.

(72) Da hub Luther die Sammatendeck auf, und Zeigt ihm den Spruch, den er mit kreyden hett für sich geschrieden. Osiander; Niederer's Nachrichten, II, 114.

(73) Lutherus vero ut erat fero et imperioso ingenio. Seck., pág. 136.

(74) Omnia humanissime et summa cum mansuetudine transigebantur. Zw. Opp., IV, 201.

(75) Amicissime Domine, Vestra charitas, et id genus... Dixisses Lutherum et Zwinglium non adversarios. Ibid.

(76) Acerrimo certamine. Corp. Ref., I, 1096.

(77) Nisi Sudor Anglicus subito Marburgum invasisset et terrore omnium animos percutisset. Hospin., pág. 131.

(78) Dicitur palam proclamasse. Corp. Ref., pág. 1097.

(79) Da arbeit der Landgraf heftig. L. Epp.,'ILI, 512.

(80) Unumquemque nostrum seorsim absque arbitris. Zw. Opp., IV, 203.

(81) Compellans, rogans, monens, exhortans, postulans ut Reipublicae Christianm rationem haberemus, et discordiam e medio tolleremus. Zw. Opp., IV, 203.

(82) Multa perierunt millia. Hospin.,

(83) Quod nulla unquam Ecclesiarum si non in multis afins dissentiendi a se Scultet., pág. 207.

(84) Es werendt keine lüth uff Erden.

(85) Idque Princeps valde urgebat. L.

(86) Zwinglius galam lacrymans coram bus. Hospin., pág. 136.pág. 131. Bull., II, 225. Epp., III, 513.

(87) Vide eorum stultitiam! Corp. Ref ., I, 1108.

(88) Nos tanquam adoratores panifici Dei traduxerant. Zw. Opp., IV, 203.

(89) Eos a comunione Ecclesim Christianae alienos esse. Ibid.

(90) Nemo alteri vel inter ipsos frater erit. Zw. Opp., IV, 194.

(91) Id testabitur posteritas. Ibid.

(92) Principi illud durum videbatur. Ibid., 203.

(93) Ne nimis mungendo, sanguinem eliceremus. L. Epp. —em sua carta a Gerbellius, do mesmo dia — segunda-feira.

(94) Agnoscere quidem velimus tanquam amicos, sed non tanquam fratres. Zw. Opp., IV, 203.

(95) Charitate que etiam hosti debetur Zw. Opp., IV, 190.

(96) Indignissime affecti sunt. Ibid.

(97) Quisque suam sententiam doceat absque invectivis. L. Epp., III, 514.

(98) Dedimus tamen manus pacis et caritatis. L. Epp., III, 513.

(99) Utinam et ille reliquus scrupulus per Christum tan-dem tollatur — em sua carta a Gerbellius, após deixar a conferência.

(100) Ut orbi Christiano notum fieret eos in omnibus fidei capitibus consentire. Hospin., pág. 127.

(101) Het gern ihrer Schwachheit verschont. Niederer Nachr., II, 120.

(102) Doch zuletz sprach er Ich will die artikel auf aller pesste stellen sy werdens doch nicht annemen. Ibid.

(103) Quod mirari non satis potuimus. Brentius, Zw. Opp., IV, 203.

(104) Quod spiritualis manducatio hujus corporis et san-guinis unicuique Christiano precipue necessaria sit. Scultet., pág. 232.

(105) Osíander (luterano) emprega o acusativo — "in den rechten Verstand", que indicaria movimento para uma coisa que não possuímos; Bullinger e Scultet (ambos teólogos reformados) empregam o dativo.

(106) Bullinger e outros mencionaram o dia 3 de outubro como sendo o da data da assinatura dos artigos; Osíander, testemunha ocular, cuja narrativa é bastante exata, diz que foi no dia 4, o que concorda com todos os demais informes.

(107) Hic unus in Ecclesia hret scrupulus. Corp. Ref., 1, 1106.

(108) Pontificl non ultra possunt sperare Lutherum suum fure. Zw. Opp., II, 370,

(109) Die Hãnd einander früntlich gebotten. Bul., II, 236.

(110) Ego vix et Ee g r e domum reversus sum. L. Epp., 520.

(111) Sic me vexante Angelo Satanw, ut desperarim me vivum et salvum visurum meos. Ibid.

(112) Ipsam urbem in tribus locis, suffoso solo et pulvere supposito disjicit et patefecit. L. Epp., III, 518.

(113) Dschelalsade, citado por Ranke.

(114) Heer predigt wider die Türken. L. Opp. (W.) , XX, 2691,

(115) Forte ipsum Turcam partim In isto agone cogor ferre et vincere, saltem ejus Deum, diabolum. L. Epp., III, 520.

(116) Arigelus Satanw, vel quisquis est diabolus mortis ita me fatigat. Ibid., 515.

(117) Dr. Vinet.

(118) Das Lutherthum werde so schwer, als das Papsthum. Zw. Epp., pág. 374.

(119) Lutherus impudens et contumax aperte est victus. Ibid., pág. 370.

(120) Metuebant plebem suamiad quam non licuisset reverti. Zw. Opp., II, 19.

(121) Rommels Anmerkungen, pág. 227-229.

(122) Pontificiis et catabaptistis multum displicuit consensus Marpurgi. Scultet., pág. 208.

(123) Carolus Casar multo atrocius minatur et savire statult in nos, quam Turca. L. Epp., III, 324

LIVRO XIV. A CONFISSÃO DE AUSBURGO — 1530

CAPfTULO I

Duas Surpreendentes Lições — Carlos V na Itália — Os Emissários Alemães — Sua Coragem —O Presente do Landgrave — Os Emissários De-tidos — Sua Libertação e Partida — Encontro de Carlos com Clemente — A Proposição de Gattinara — As Armas de Clemente — Guerra Iminente —Objeções de Lutero — O Salvador Vem — Lin-guagem Concilatória de Carlos — Os Motivos do Imperador.

A Reforma foi efetuada em nome de um princípio espiritual. Para o seu ensinador, proclamara a Palavra de Deus; para a salvação, a Fé; por Rei, Jesus Cristo; por armas, o Espírito Santo. Por isso mesmo, rejeitara todos os elementos temporais. Roma fôra instituída pela lei do mandamento carnal; a Reforma, pela virtude da vida incorruptível (1) .

Se há alguma doutrina que distinga o Cristianismo de tôdas as demais religiões, é a sua espiritualidade..

Uma vida celestial trazida até o homem — tal é o seu trabalho. Por conseguinte, a resistência do espírito do Evangelho ao espírito do mundo era o grande fato que assinalava a entrada do Cristianismo entre as nações. Entretanto, o que o seu Fundador separara, cedo se juntava novamente. A Igreja caíra nos braços do mundo e, devido a essa criminosa união, fôra reduzida ao lamentável estado em que a encontramos na época da Reforma.

Assim, uma das maiores tarefas do décimo-sexto século foi restituir aos seus direitos o elemento espiritual. O Evangelho dos reformadores nada tinha a ver com o mundo e com a política. Enquanto a hierarquia de Roma se tornava uma questão de diplomacia e de intriga de côrte, a Reforma estava fadada a não exercer nenhuma outra influência sôbre os príncipes e os povos, senão a que provem do Evangelho da paz.

Sé a Reforma, tendo chegado a um certo ponto, traísse a sua natureza, começasse a parlamentar e a contemporizar com o mundo, e deixasse, assim, de seguir de perto o princípio espiritual que tão altissonan-temente apregoara, seria infiel a Deus e a si mesma.

Daí por diante, o seu declínio estaria próximo.

Ë impossível a uma sociedade prosperar, se fôr infiel aos princípios que ela estabelece. Tendo abandonado o que constituía a sua vida, nada pode encontrar, senão a morte.

Quis Deus que essa grande verdade fôsse inscrita no próprio limiar do templo que Me, então, erigia no mundo. E um notável contraste devia fazer com que essa verdade continuasse gloriosamente ressaltada.

Uma parte da reforma ia procurar a aliança do mundo, e, nessa aliança, encontra uma destruição cheia de tristeza.

Outra parte, buscando a Deus, ia, altivamente, re-jeitar a arma da carne, e, por êsté simples ato de fé, consegue uma nobre vitória. Se se perderam três séculos, é porque não se pôde compreender tão justa e tão solene lição.

* * *

Foi no comêço de setembro de 1529• que Carlos, o vencedor do papa e do Rei da França, através de batalias ou tratados, chegou a Gênova. Ao deixar a península ibérica, ovacionaram-no os brados dos espanhóis; mas os olhares desalentados, as cabeças descaídas e a mudez dos italianos, entregues às suas mãos, o receberam, sõzinhos, no sopé dos Apeninos. Tudo levava a crer que Carlos desejava indenizar-se dêstes, pela manifesta generosidade com que tratara o papa.

Os italianos estavam enganados. Em vez daqueles rudes chefes dos Gôdos e dos Hunos, em vez daqueles arrogantes e irascíveis imperadores que, mais de uma vez, tinham cruzado os Alpes, lançando-se sôbre a Itália, de espada na mão e com gritos de vingança, viam, entre êles, um jovem e elegante príncipe, de rosto pálido, compleição franzina, voz débil e maneiras atraentes, tendo mais a aparência de cortesão do que de guerreiro, a cumprir escrupulosamente todos os deveres da religião católica, trazendo consigo não uma coorte de bárbaros germânicos, mas um admirável séquito de pessoas da nobreza da Espanha, que, complacentemente, exibiam o orgulho de sua raça e o esplendor de sua nação. Ésse soberano, conquistador da Europa, só falava em paz e anistia, e, até mesmo, o Duque de Ferrara que, de todos os príncipes italianos, tinha mais motivo para o temer, tendo-lhe entregue, em Modena, as chaves da cidade, ouviu dos seus lábios amigos os mais inesperados encoraj amentos.

Donde provinha essa estranha conduta? Carlos havia demonstrado bem claramente, por ocasião da captura de Francisco I, que a magnanimidade para com os próprios inimigos não era a virtude que mais lhe sobres-saía. Não levou muito tempo para que tal mistério ficasse esclarecido.

Quase ao mesmo tempo que Carlos, chegavam à Itália, pelo caminho de Lião e Gênova, três burgueses alemães, cuja equipagem tôda consistia em seis cavalos (2) . Eram João Ehinger, burgomestre de Memminger, que mantinha a cabeça erguida, espalhava dinheiro à sua volta e não era digno de nota por grande sobriedade; Miguel Caden, síndico de Nuremberg, homem bravo; piedoso .e honrado, porém detestado pelo Conde de Nassau, o mais prestigioso dos ministros de Carlos.

E, finalmente, Aleixo Frauentraut, secretário do Mar-grave de Bramdemburgo, que, tendo desposado uma freira, era muito mal visto pelos papistas. Eram os três homens a quem os príncipes protestantes, reunidos em Nuremberg, encarregaram de levar ao imperador o célebre Protesto de Espira. De propósito, tinham escolhido êsses emissários de condição social média, supondo que êles correriam menos perigo (3) . Levar tal mensagem a Carlos V era, para falarmos a verdade, incumbência que pouca gente desejava executar. Por conseguinte, garantira-se uma pensão às viúvas dêsses emissários, em caso de desgraça.

Carlos estava a caminho de Gênova a Bolonha e fazia uma parada em Piacenza, quando os três mensageiros protestantes o alcançaram. Éstes modestos alemães destoavam, em meio àquela pompa e fervor papistas dos espanhóis, de que o jovem príncipe se achava rodeado. O cardeal Gattinara, chanceler do imperador, que desejava sinceramente uma reforma da Igreja, arranjou-lhes uma audiência do imperador para o dia 24 de setembro; êles, porém, foram aconselhados a que usassem de parcimônia em suas palavras, pois não havia nada que desagradasse tanto ao imperador como um sermão protestante.

Os emissários não ficaram tolhidos por causa dessas insinuações. Depois de entregarem o protesto, Frauentraut pôs-se a falar:

— É ao Supremo Juiz que cada um de nós deverá prestar contas, e não a criaturas que mudam a cada momento. É melhor cair na mais dolorosa miséria do que incorrer na ira de Deus. Nossa nação não obedecerá a decreto algum baseado em outro fundamento que não a Santa Escritura (4) .-

Tal foi o tom de orgulho mantido por êsses cidadãos alemães com o imperador do ocidente. Carlos não disse palavra — teria sido dar-lhes demasiada honra; contudo, encarregou um dos seus secretários de dar-lhes uma resposta, numa ocasião futura.

Não havia pressa para enviar de volta êsses reteses embaixadores. Em vão renovavam êles todos os dias a sua solicitação. Gatunara tratava-os com bondade, mas Nassau mandava-os embora com palavras ásperas. Um artífice, armeiro da eôrte, tendo de visitar Ausburgo, a fim de adquirir armas, implorou ao Conde de Nassau que despachasse os emissários protestantes.

—Podeis dizer-lhes — respondeu o ministro de Carlos V — que terminaremos o assunto dêles, para que possais contar com companheiros de viagem.

Entretanto, tendo o armeiro encontrado outra companhia, os emissários foram obrigados a esperar (5) .

Os mensageiros protestantes procuraram, ao menos, fazer bom uso do seu tempo.

—Tomai êste livro e entregai-o ao imperador —disse o landgrave a Caden, no mesmo instante da partida, passando-lhe uma obra em francês, encadernada em veludo e ricamente ornamentada (6) .

Tratava-se de um resumo da Fé Cristã, que o land-grave recebera de Francisco Lambert e que, provável-mente, fôra escrito por êsse doutor. Caden buscava uma oportunidade para fazer o presente dêsse tratado, e fê-lo numa ocasião, quando Carlos,' à vista de todos, se dirigia à missa. O imperador recebeu o livro e passou-o, em seguida, a um bispo espanhol, que se pôs a lê-lo (7) , dando com aquela passagem bíblica em que Cristo ordena aos seus apóstolos que não exercessem autoridade (8) . O autor aproveitava êsse trecho a fim de sustentar que ❑ministro de Deus, incumbido das coisas espirituais, não deve interferir nas que são temporais. O prelado papista mordeu os lábios. Carlos, percebendo isso, perguntou-lhe:

— Bem, o que há?

O bispo, confuso, recorrera a uma falsidade (9) :

—Êste tratado — explicou — tira a espada dos governadores cristãos, conferindo-a sómente às nações que desconhecem a fé.

Houve, imediatamente, enorme tumulto. Os es-panhóis, sobretudo, ficaram fora de si. Disseram:

—Os canalhas que tentaram corromper um tão jovem príncipe, merecem ser enforcados na primeira ár-vore à beira da estrada!

Carlos jurou, mesmo, que o portador seria punido pela sua audácia.

Finalmente, a 12 de outubro, Alexandre Schweiss, secretário do império, transmitiu a resposta de Carlos aos mensageiros. Dizia esta que o partido minoritário devia submeter-se aos decretos aprovados na dieta e que, se o Duque de Saxônia e seus aliados se insubordinassem, não faltariam meios para obrigá-los (10) .

Depois disso, Ehinger e Cadem leram, em voz alta, oapêlo ao imperador, redigido em Espira, enquanto Frauentraut, que renunciara a sua condição de delegado e assumira a de notário (11) , registrava o que se passava. Finda a leitura, os emissários avançaram para Schweiss e apresentaram-lhe o apêlo. O secretário im-perial, atônito, recusou o documento. Os alemães in-sistiram; Schweiss continuava firme. Puseram, então, oapêlo sôbre a mesa. Schweiss ficou confuso; apanhou o papel e levou-o ao imperador.

Após o jantar, precisamente quando um dos emis-sários (Caden) saíra, um tumulto, na hospedaria, anun-ciava alguma desgraça. Era o secretário imperial que voltava, devidamente acompanhado.

—O imperador acha-se muitíssimo irritado, por causa dêsse apêlo — disse êle aos protestantes —, e proíbe-vos, sob pena de confisco e morte, de deixar a vossa hospedaria, escrever à Alemanha, ou enviar men-sagem de qualquer espécie (12) .

Por conseguinte, Carlos manteve os embaixadores detidos, conforme ordenou aos oficiais da sua guarda, desejando, assim, demonstrar o seu desdém e amedrontar os príncipes protestantes.

Aterrado, o fâmulo de Caden escapuliu da hospe-daria, correndo ao encontro do amo. Êste último, jul-gando-se livre ainda, escreveu, à pressas, um relato de tôda a situação ao senado de Nuremberg, expedindo as cartas por mensageiro especial, e voltou para compar-ticipar na detenção dos companheiros (13) .

A 23 de outubro, o imperador partiu de Piacenza, levando consigo os três alemães. No dia 30, porém, li-bertou Ehinger e Frauentraut, os quais, à meia-noite, se afastaram a tôda a brida, por uma turbamulta de soldados e salteadores.

— Quanto a vós — disse Granvelle a Caden — fi-careis sob pena de morte. O imperador espera que o livro que lhe destes seja entregue ao papa (14) .

Carlos talvez julgasse divertido mostrar ao pontífice romano essa proibição lançada contra a ingerência dos ministros de Deus no govêrno dos países. Aproveitando-se da confusão da côrte, Caden, no entanto, arranjou, às escondidas, um cavalo e fugiu para Ferrara; de lá, foi para Veneza, donde voltou a Nuremberg (15) .

Quanto mais irritado Carlos se revelava com a Ale-manha, maior moderação mostrava para com os italianos — pesadas contribuições era tudo quanto pedia. Era do outro lado dos Alpes, no centro da Cristandade, através dessas mesmas controvérsias religiosas, que êle desejava estabelecer o seu poder. Impunha e exigia apenas duas coisas: na sua ausência — paz; na sua presença — dinheiro.

A 5 de novembro, Carlos entrou em Bolonha. Tudo, à sua volta, era surpreendente: a multidão dos nobres, o esplendor das equipagens, o garbo das tropas espanholas, os quatro mil ducados espalhados, a mancheias, entre o povo (16) , mas, acima de tudo, surpreendiam a majestade e a grandeza do jovem imperador.

Os dois chefes da cristandade católica estavam pres-tes a encontrar-se. O papa deixou o palácio com tôda a sua côrte; Carlos, à frente de um exército que teria subjugado .a Itália inteira em poucos dias, afetando a humildade de uma criança, caíu de joelhos e beijou os pés do pontífice.

Em Bolonha, o imperador e o papa hospedaram-se em dois palácios contíguos, separados por um simples muro, através do qual fôra aberta uma passagem de que

ambos possuíam urna chave; muitas vêzes o jovem e hábil imperador foi visto a visitar o velho e astuto pontífice, levando papéis nas mãos.

Clemente obteve o perdão de Sforza, que se apre-sentou ao imperador, enfêrmo e apoiado num bordão. Veneza também foi perdoada: um milhão de coroas con-ciliou os dois assuntos. Todavia, Carlos não pôde obter do papa o perdão para Florença. A nobre cidade foi sacrificada ao Mediei.

— Considerando — disse-se — ser impossível ao vi-gário de Cristo exigir algo injusto.

O assunto mais importante foi a Reforma. Alguns fizeram ver ao imperador que, tendo êle triunfado contra todos os seus inimigos, devia agir com pulso forte e sujeitar os Protestantes pela fôrça das armas (17) . Carlos era mais prudente: preferia enfraquecer os Protestantes através dos Papistas; em seguida, os Papistas através dos Protestantes; e, dêste modo, elevar o seu po-der sôbre ambos.

Um caminho mais assisado foi, não obstante, propos-to numa solene conferência.

— A Igreja está dividida — falou o Chanceler Gat-tinara. — Vós (Carlos) sois o chefe do império; vós (o papa) , o chefe da Igreja. É vosso dever precaver-vos, de comum acôrdo, contra necessidades sem precedentes.

Reuni os homens piedosos de tôdas as nações e permiti que um concílio independente infira da Palavra de Deus um sistema de doutrina tal que possa ser aceito por todos os povos (18) .

Um raio que caísse aos pés de Clemente não lhe teria causado maior surprêsa. Fruto de uma união ilegítima, tendo alcançado o govêrno papal por meios longe de serem honrosos e malbaratado os tesouros da Igreja numa guerra iníqua, êsse pontífice tinha mil razões pessoais para temer uma reconciliação da Cristandade.

—As grandes assembléias servem apenas para in-troduzir opiniões populares. Não é por meio de decretos de concílios, mas a fio da espada que devemos pôr fim às controvérsias (19) — respondeu-lhe o papa.

Quando Gattinara ainda insistia, o papa, interrom-pendo-o, irado, bradou-lhe:

—Como!? Atrevei-vos a contradizer-me e incitais contra, mim o vosso imperador!?

Carlos levantou-se; tôda a assembléia guardava pro-fundo silêncio, e o príncipe, tornando a sentar-se, secundou a solicitação do seu chanceler. Clemente limitou-se a dizer que refletiria sôbre isso. E, então, pôs-se a persuadir o jovem imperador em suas conferências particulares. Carlos, por fim, comprometeu-se a sujeitar os hereges pela violência, enquanto o papa devia convocar todos os demais príncipes em seu auxílio (20) . "Subjugar a Alemanha e, depois, suprimi-la da face da terra é o único objetivo dos italianos" — escreveram, de Veneza, ao eleitor (21) .

Tal era a notícia que, espalhando o terror entre os Protestantes, devia tê-los unido também. Infelizmente, ocorria, nessa ocasião, um movimento desfavorável. Lutero e alguns dos seus colegas haviam alterado os artigos de Marburgo num sentido exclusivamente luterano, e os ministros do Eleitor da Saxônia apresentaram-nos à conferência de Schwabach. Os delegados reformados de Ulm e Estrasburgo retiraram-se no mesmo instante, e a conferência dissolveu-se.

Em breve, porém, novas conferências fizeram-se ne-cessárias. O mensageiro especial que Caden expedira de Piacenza chegara a Nuremberg. Todos, na Alemanha, interpretaram a detenção dos emissários dos príncipes como uma declaração de guerra. O eleitor ficou estupefato, ordenando ao seu chanceler consultasse os téologos de Witemberg.

Em bôa consciência — escreveu Lutero ao eleitor, no dia 18 de novembro —, não podemos aprovar a aliança aventada. Dez vêzes preferiríamos morrer ao ver o nosso Evangelho ocasionar o derrame de uma gôta de sangue (22) . Nossa porção é sermos como .os cordeiros do matadouro. A cruz de Cristo tem de ser carregada.

Ficai Vossa Alteza tranqüilo. Mais faremos nós com as nossas preces, do que todos os nossos inimigos com as suas fanfarrices. Apenas, não permiti que as vossas mãos fiquem manchadas do sangue dos vossos irmãos! Se o imperador exige que sejamos entregues aos seus tribunais, estamos prontos a comparecer. Não podeis defender a nossa fé: cada qual deve crer por sua conta e risco (23) .

A 29 de novembro, procedeu-se à abertura de um congresso evangélico, em Smalkald, e um acontecimento imprevisto tornou ainda mais importante essa assembléia. Ehinger, Caden e Frauentraut, que haviam escapado às garras de Carlos V, compareceram diante de todos (24) . O landgrave já não duvidava do bom êxito do seu plano.

Me estava enganado. Nenhum pacto entre as doutrinas opostas, nenhuma aliança entre a política e a religião — eram os dois princípios de Lutero, e êstes ainda prevaleceram. Ficou resolvido que aquêles que se achassem dispostos a assinar os artigos de Schwa-bach, e êsses ~ente, deveriam reunir-se em Nurem-berg, a 6 de janeiro.

A cada hora, o horizonte tornava-se mais ameaçador. Os papistas alemães escreviam entre si estas poucas, mas significativas palavras: "O Salvador vem (25) ". Exclamava Lutero:

—Ai! Que Salvador impiedoso! Irá devorá-los a todos, e a nós também!

De fato. Dois bispos italianos, autorizados por Carlos V, exigiam, em nome clo papa, todo ouro e tôda prata das igrejas, bem como uma têrça parte das rendas eclesiásticas, procedimento êsse que causava enorme surpresa.

—Que o papa vá para o diabo! — respondeu-lhes um cônego de Paderborn, algo irreverente (26) .

—Sim, sim! — disse Lutero, malicioso. É êsse o vosso salvador que está para vir!

O povo já se punha a falar sôbre medonhos pressá-gios. Não eram apenas os vivos que se achavam sobres-saltados: uma criança, ainda no ventre materno, lançara espantosos guinchos (27) .

—Está tudo consumado: o Sultão atingiu o auge do seu poder, a glória do papado aproxima-se do fim e o mundo estala por todos os lados (28) — sentenciou Lutero.

O reformador, temendo que sobreviesse o fim do mundo antes que êle traduzisse tôda a Bíblia, publicou, àparte, as profecias de Daniel.

—Um livro — disse — para êstes últimos tempos.

Eacrescentou: — Contam-nos os historiadores que Ale-xandre, o Grande, sempre colocava Homero sob o tra-vesseiro; o profeta Daniel é digno não apenas de que os reis e os príncipes o ponham sob as suas cabeças, mas, também, de que o tragam no coração, pois Daniel lhes ensinará que o govêrno das nações procede do poder de Deus. Movemo-nos na mão do Senhor como um navio sôbre o mar, ou uma nuvem no céu (29) .

Todavia, a horrenda visão que Felipe de Hessen não cessava de frizar aos seus aliados, cujas fauces amea-çadoras já se afiguravam expostas, desapareceu súbita-mente e, em seu lugar, descobriram a graciosa figura do mais afável dos príncipes.

A 21 de janeiro, Carlos mandou chamar a Ausburgo todos os Estados do império, e esforçara-se por empregar a mais conciliadora linguagem. Falou:

— Acabemos com tôda a discórdia; abandonemos as nossas antipatias; ofereçamos ao nosso Salvador o sacrifício de todos os nossos erros; e tornemos nosso objetivo compreender e considerar com mansuetude as opiniões alheias. Invalidemos tudo quanto se disse ou se fêz, de ambos os lados, contràriamente à justiça, e procuremos a verdade cristã. Que todos nós lutemos juntos sob um só e sob o mesmo comandante, Jesus Cristo, e esforcemo-nos por comparticiparmos numa só comunhão, numa só igreja e numa só unidade (30) !

Que linguagem! Como explicar que êsse príncipe, que, até aqui, só falara em espada, falasse, agora, apenas em paz? Alguns poderão dizer que o judicioso Gattinara teve participação nisso; que o ato da convocação foi redigido sob o efeito do terror motivado pela invasão turca; que o imperador já via com quão pouca vivacidade os papistas alemães apoiavam os pontos de vista imperiais; que êle desejava intimidar o papa; que essa linguagem, tão cheia de complacência, não era senão um disfarce de que Carlos se servia para iludir os seus inimigos; que êle

desejava manejar a religião à verdadeira moda imperialista, como Teodósio e Constantino, procurando, primeiro, unir ambos os partidos, através da influência do seu critério e dos seus favores, e reservando-se, para mais tarde, caso a complacência não sur-tisse os resultados esperados, o emprêgo da fôrça.

É impossível que cada um dos motivos apontados possa ter exercido certa influência em Carlos; o último dêles, porém, parece-nos mais próximo da realidade e mais condicente com o caráter dêsse príncipe.

Contudo, se Carlos mostrava alguma inclinação para a brandura, o fanático Fernando estava prestes a fazê-lo voltar atrás. "Continuarei a parlamentar, sem tomar decisão alguma. Caso eu seja, mesmo, compe-lido a isso, não receies: não faltarão protestos para cas-tigarmos os rebeldes, e conseguireis homens suficientes, que terão prazer em auxiliar-nos em vossa vingança" —escreveu o imperador ao irmão (31) .

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Hebreus 7:16.

(2) Legatis attribuerunt equos sex. 'Seckend., II, I34.

(3) Ut essent tutiores. Ibid., 133.

(4) Negue suarum esse virium aut officii, ut eos ad im-possibilia et noxia adigant. Seckend., II, 134.

(5) Horteblen, von den Ursachen des deutschen Krlegs, pág. 50.

(6) Libellum eleganter ornatum. Scultet., pág. 253.

(7) Cum obiter legisset. Ibid.

(8) Lucas 22:26.

(9) Falso et maligne relatum esset. Seckend., U, 133.

(10) Sibi non defore media quibus ad id compellerentur. Ibid.

(11) Tabellionis sive notarii officium. Seckend., II, 133.

(12) Sub tapitis pcena, ne pedem a diversario moveant. Seckend., II, 133.

(13) A famulo certior factus, rem omnem senatui aperuit. Ibid.

(14) Ut idem scriptum exhibeat quoque Pontifiel. Scultet., pág. 254.

(15) Silentio conscendit equum. Ibid.

(16) In vulgus sparsum aurum quatuor millia ducatorum. L. Epp., III, 565.

(17) Armis cogandos. Seckend., II, 112; Maimbourg, II, 194.

(18) Oratio de Congressu Bononiensi, em Melancthonis Orationum, IV, 87, e Calestinus Hist. Concil., 1830, Augusta, I, 10. Escritores respeitáveis. Walsh, Muller, citam incorreta-mente na íntegra os discursos proferidos nessa conferência. Trata-se de interpolações; porém, negar que tenham alguma base histórica seria fugir para o extremo oposto.

(19) Non concilii decretis, sed armis controversias dirimendas. Scultet., pág. 248; Maimbourg, o Jesuíta, II, 177.

(20) Pontifex, ut caeteri Christiani príncipes, ipsos pro viribus juvent. Guicciardini, XIX, 908.

(21) Ut Germania vi et armis opprimatur, funditus delea-tur et eradicetur. Calestin., I, 42.

(22) Lieber zehn mal todt seyn. Epp., III, 526.

(23) Auf sein eigen Fahr glauben. Ibid., 527.

(24) Advenerant et gesta referebant. $eckend., II, 140; $leidan, I, 235.

(25) Invicem scriptillant, dicentis: Salvator venit. L. Epp., III, 540.

(26) Dat de Duwel dem Bawst int Lieff fare. Ibid.-

(27) Infans in utero, audiente tota familia, bis vociferatus est. Ibid.

(28) Dedicatória de Daniel a João Frederico. L. Epp., III, 555.

(29) Schwebt in seiner Macht, wie ein Schiff auf dem Meer, ja wie eine Wolke unter dem Himmel. Ibid.

(30) Wie wir alie unter einem Christo seyn un streiten. Forstenmann's Urkundenbuch, I, 1.

(31) Bucholz Geschichte Ferdinands, III, 432.

CAPÍTULO II

A Coroação — O Imperador Ordenado Diácono —A Igreja Romana e o Estado — Temor dos Pro-testantes — Lutero Advoga a Resistência Passiva —O Nobre Conselho de Bruck — Preparados os Artigos de Fé — O Refúgio Forte de Lutero — Lutero em Coburgo — Carlos em Inspruck — Dois Partidos na Côrte — Gattinara — Carlos Conquista O Rei da Dinamarca — Piedade do Eleitor — Astúcias dos Papistas.

Carlos V, como Carlos Magno outrora e Napoleão últimamente, desejava ser coroado pelo papa e pensara, a princípio, em visitar Roma, com êsse fim; no entanto, as cartas urgentes de Fernando forçaram-no a escolher Bolonha (1) . Fixou o dia 22 de fevereiro para receber a coroa de ferro, como rei da Lombardia, e decidiu cingir a coroa de ouro, como imperador dos romanos, a 24 do mesmo mês — data do seu aniversário natalício e do aniversário da batalha de Pavia, data essa que, achava êle, sempre lhe era propícia (2) .

As funções de honra, que pertenciam aos eleitores do império, foram conferidas a estrangeiros; na coroação do Imperador da Alemanha, só havia espanhol ou italiano. O Marquês de Montferrato conduzia o cetro, o Duque de Urbino, a espada, e o Duque de Sabóia, a coroa de ouro. Um único príncipe alemão, o conde palatino Felipe, achava-se presente: conduzia o globo de cruz sobreposta, símbolo da realeza. Depois dêsses nobres, vinha o próprio imperador, entre dois cardeais; a seguir, os conselheiros de Carlos. Todo êsse cortejo desfilava por uma esplêndida ponte provisória, construída entre o palácio e a igreja. Precisamente quando o imperador se aproximava da igreja de .São Petrônio, onde devia realizar-se a coroação, o madeiramento atrás dêle cedeu e veio abaixo, ferindo-se muitas pessoas do préstito; a multidão, em pânico, correu, procurando abrigo. O imperador calmamente se voltou e sorriu, convencido de que a sua boa estrêla o salvara.

Por fim, Carlos V chegou diante do trono onde Cle-mente se achava assentado. Antes, porém, de ser feito imperador, era necessário que êle fôsse elevado às ordens sacras. O papa presenteou-o com a sobrepeliz e o amicto, para fazê-lo cônego das igrejas de São Pedro e São João Latrão, e, em seguida, os cônegos destas duas igrejas tiraram-lhe os ornamentos reais e paramentaram-no com vestes litúrgicas. O papa foi ao altar e iniciou a missa, aproximando-se o novo cônego para servir-lhe de acólito. Após o ofertório, o diácono imperial apresentou a água ao pontífice; depois, ajoelhando-se entre dois cardeais, recebeu a comunhão das mãos do papa. Ato contínuo, o imperador voltou ao seu trono, onde os príncipes o cobriram com o manto imperial, trazido de Constantinopla, todo resplandecente de diamantes, e ge-nuflectiu, com humildade, diante Clemente VII.

Tendo ungido o imperador com óleo e tendo-lhe dado o cetro, o pontífice presenteou-o com urna espada desembainhada, dizendo:

—Usai-a em defesa da Igreja, contra os inimigos da fé!

Tomando, em seguida, o globo de ouro, guarnecido de pedras preciosas, sustido pelo conde palatino, acrescentou:

— Governai o mundo com piedade e firmeza!

Por último, aproximou-se o Duque de Sabóia, trazendo a coroa de ouro, ornada de diamantes. O príncipe inclinou-se e Clemente, coroando-o, proferiu ainda:

—Carlos, imperador invencível, recebei esta coroa com que vos cinjo a cabeça, em sinal, para tôda a terra, da autoridade que vos é conferida.

O imperador beijou, então, a cruz branca bordada na sandália do papa, exclamando:

—Juro, com tôdas as minhas fôrças e recursos, ser odefensor perpétuo da dignidade pontifícia e da Igreja de Roma (3) !

A seguir, os dois príncipes tomaram os seus assentos sob o mesmo dossel, porém em tronos de diferentes alturas, sendo o do imperador aproximadamente quinze centímetros mais baixo que o do papa.

O cardeal-diácono proclamou ao povo:

—O invencível imperador, Defensor da Fé!

Durante a meia hora que se seguiu, nada se ouviu, senão o barulho de mosquetaria, trombetas, tambores e pífaros, de todos os sinos da cidade e dos gritos da mul-tidão. Assim, proclamou-se, mais uma vez, a estreita aliança da política com a religião. O poderoso imperador, convertido em diácono papista e ajudando à missa, feito cônego da igreja de São Pedro, simbolizara e evidenciara a união da Igreja Católica com o Estado . Esta é uma das doutrinas essenciais do Papismo e um dos mais destacados característicos que o distinguem da Igreja Cristã e evangélica.

Não obstante, o papa, no decorrer de tôda a cerimônia, parecia inquieto, e suspirou, aliviado, quando os olhos humanos deixaram de fitá-lo. De acôrdo com isso, o embaixador francês escreveu à sua côrte que esses quatro meses em que o imperador e o papa passaram juntos, em Bolonha, dariam frutos dos quais o Rei da França não teria motivos para queixas (4) .

Mal se erguera Carlos de diante do altar de São Pe-trênio, já êle voltava a face para a Alemanha e surgia nos Alpes como o ungido do Papado. A carta de convo-cação, tão indulgente e benigna, parecia esquecida. Desde as bençãos do papa, tôdas as coisas tornaram-se novas. Não havia senão um único pensamento no séquito

imperial: a necessidade de severas medidas. O núncio Campeggio não se cansava de insinuar palavras irritantes no ouvido de Carlos.

—O primeiro rumor da tempestade que os ameaça — dizia Granvelle —, veremos os Protestantes fugir por todos os lados, como pombos assustadiços sôbre os quais se precipita a águia dos Alpes (5) .

De fato. Grande era o temor por tôda a Alemanha. O povo, assustado, receoso de maiores desgraças, já repetia, mesmo, por tôda parte, que Lutero e Melancton haviam morrido.

—Ai! — disse Melancton, consumido de tristeza, ao saber dêsses rumores. — O boato não é senão mais que a verdade, pois morro todos os dias (6) !

Lutero, ao contrário, erguendo, corajosamente, os olhos da fé para o céu, exclamou:

—Nossos inimigos exultam, mas, em breve, pere-cerão!

Na verdade, os concílios do eleitor evidenciaram uma coragem inaudita.

—Reunamos as nossas tropas! — disseram. — Mar-chemos sôbre o Tirol, e fechemos ao imperador a passa-gem dos Alpes (7) .

Felipe de Hessen soltou um grito de alegria, quando soube disso. A espada de Carlos despertara-lhe, finalmente, os apáticos aliados. Sem tardança, foram enviados novos correios da parte de Fernando, a fim de apressarem a vinda de Carlos. E a Alemanha inteira ficou na expectativa.

Antes de levar a cabo êsse gigantesco plano, o eleitor quis consultar Lutero, outra vez. O imperador, en- tre os eleitores, nada mais era do que o primeiro entre os seus iguais, e permitia-se aos príncipes independentes resistirem a outro, ainda que êste fôsse de posição mais elevada. Lutero, porém, temendo, acima de tudo, a in- tervenção do braço secular nos assuntos da igreja, foi induzido a responder, a 6 de março, desta singular maneira:

—Os súditos dos nossos príncipes são, também, súditos do imperador e, até mesmo, mais do que os prín-cipes. Proteger, à mão armada, os súditos do imperador, contra o imperador, seria o mesmo que o burgomestre de Torgau desejasse proteger, pelo emprêgo da fôrça, os seus cidadãos, contra o eleitor.

—O que se deve fazer, então?

—Ouvi! — disse-lhe Lutero. — Se o imperador deseja marchar contra nós, que nenhum príncipe em-preenda a nossa defesa. Deus é fiel: não nos abandonará.

Suspenderam-se, imediatamente, todos os prepara-tivos para a guerra; o landgrave recebeu uma recusa polida; e dissolveu-se a confederação. Era vontade de

Deus que a Sua causa enfrentasse o imperador, sem alianças nem soldados, tendo por escudo apenas a fé.

Jamais, talvez, se testemunhara tal coragem em homens fracos e indefesos; jamais, porém, embora sob a aparência de cegueira, houve tanta sabedoria e entendimento.

.A questão que se discutiu, em seguida, no concílio do eleitor, foi se êle devia ir à dieta. A maioria dos membros opôs-se a isso.

—Não é arriscar tudo — disse a maioria — ir en-cerrar-se dentro das muralhas de uma cidade, com um poderoso inimigo?

Bruck e o príncipe-eleitoral eram de outra opinião. Segundo o ponto de vista dêles, o dever era melhor con-selheiro do que o mêdo. Perguntaram:

—Quê!? Insistiria tanto o imperador na presença dos príncipes em Ausburgo, só para atraí-los a uma cilada? Não podemos imputar-lhe tal perfídia.

O landgrave, ao contrário, sustentava a opinião da maioria.

—Lembrai-vós de Piacenza — aconselhou. — Alguma circunstância imprevista poderá levar o imperador a apanhar todos os seus inimigos com um só arremêsso de rêde.

O chanceler permaneceu inalterável, e falou:

— Que os príncipes tão somente se conduzam com coragem e a causa de Deus está ganha.

A decisão foi a favor do plano mais digno .

Essa dieta devia ser uma assembléia secular, ou, pelo menos, um congresso nacional (8). Previam os evangélicos que lhes seriam feitas algumas insignifican-tes concessões, a princípio, e que, a seguir, lhes seria exigido a renúncia á sua fé. Era necessário, pois, esta-belecerem quais os artigos essenciais da verdade cristã, a fim de saber se, por que meios e até que ponto poderiam chegar a um acôrdo com os seus adversários . Por conseguinte, o eleitor, a 14 de março, mandou expedir cartas aos quatro principais teólogos de Witemberg, de-signando-lhes essa tarefa com precedência a quaisquer outros assuntos (9) . Assim, em vez de reunir soldados, êsse príncipe formulou artigos: eram o melhor armamento.

Lutero, Jonas e Melancton (Pomerano ficou em Wi-temberg) chegaram a Torgau na semana da Páscoa, so-licitando permissão para entregarem pessoalmente os artigos a Carlos V (10) .

— Deus não permita! Também eu desejo confessar o meu Senhor — respondeu-lhes o eleitor.

Tendo confiado, então, a Melancton o arranjo final sôbre a confissão e ordenado que se erguessem preces gerais, iniciou João a viagem, a 3 de abril, com cento e sessenta cavaleiros, trajados de ricos mantos escarlates, bordados a ouro .

Todos se achavam cientes dos perigos que ameaçavam o eleitor e, por isso, muitos homens da escolta marchavam com tristeza no olhar e coração deprimido. Lutero, contudo, cheio de fé, fêz renascer a coragem dos seus amigos, compondo e cantando com a sua bela voz aquêle lindo hino que, desde então, se tornou famoso: feste Burg ist unser Gotte — Nosso Deus é um forte refúgio (11) . Jamais alma alguma, conhecendo a sua própria fraqueza, mas que, olhando para Deus, deixasse todo o temor, encontrou tão admiráveis palavras.

Com as nossas fôrças, tudo é vão;

Mostra-se a morte por todos os lados:

Luta por nós nosso vero campeão,

O Eleito de Deus, por quem somos guiados. Seu nome, qual é? O Ungido Salvador, Dos exércitos o Deus,

Do céu e da terra o único Senhor

Nêle, na batalha campal, vencedor,

Subsiste a vitória dos Seus!

Ésse hino foi cantado durante tôda a dieta, não só em Ausburgo, mas em tôdas as igrejas da Saxônia, e muitas vêzes se viu os seus sons enérgicos despertarem e encorajarem os mais desalentados espíritos (12) .

Na véspera da Páscoa, a tropa chegou a Coburgo e, a 23 de abril, o eleitor reiniciou a viagem. Lutero, porém, no momento exato da partida, recebeu ordem para ficar. "Alguém me disse: dominai a vossa língua; tendes uma voz desagradável" — escreveu o reformador a um amigo (13) . Submeteu-se, sem hesitar, dando um exemplo daquela resistência passiva que tão corajosamente advogou. O eleitor receava que a presença de Lutero exasperasse ainda mais os seus adversários e levasse Carlos a tomar medidas extremas; a cidade de Ausburgo escrevera, também, ao eleitor, nesse sentido. Ao mesmo tempo, João desejava muitíssimo manter o reformador ao seu alcance, para que pudesse consultá-lo. Por conseguinte, Lutero foi deixado em Coburgo, no castelo que dava vista para a cidade e para o rio Itz, no pavimento superior, do lado sul. Foi dêsse lugar que êle escreveu aquelas numerosas cartas com data da região dos pássaros; e foi ali que, por muitos meses, teve de sustentar, com o seu velho inimigo de Wartburgo, Satanás, uma luta tenebrosa e triste.

A 2 de maio, o eleitor atingiu Ausburgo. Contava-se que êle não comparecesse e, com grande assombro de todos, foi o primeiro, no encontro (14) . Em seguida, enviou Dolzig, mestre-sala da côrte, para encontrar-se com o imperador e cumprimentá-lo. A 12 de maio, Felipe de Hessen, que, por fim, decidira não se separar do seu aliado, chegou com uma escolta de cento e no-venta cavaleiros; quase simultâneamente, entrou o im-perador em Innspruck, no Tirol, acompanhado do seu irmão, das rainhas da Hungria e da Boêmia, dos embai-xadores da França, Inglaterra e Portugal, de Campeg-gio, o núncio, de outros cardeais e com muitos príncipes e fidalgos da Alemanha, Espanha e Itália.

Como reconduzir os hereges à, obediência à. Igreja era o grande assunto de conversa, nessa ilustre côrte entre nobres e clérigos, senhoras e soldados, conselhei-ros e embaixadores. Éstes, ou Carlos pelos menos, não eram favoráveis a que os hereges fôssem levados ao ca-dafalso, porém desejavam agir de tal maneira que os protestantes, renegando à sua fé, se submetessem ao papa. Carlos detia-se em Innspruck para estudar a situação da Alemanha e assegurar o bom êxito dos seus planos.

Mal se soube da chegada do imperador, já uma multidão de pessoas de tôdas as classes afluía à sua volta, e mais de 270.000 coroas, prèviamente arrecada-das na Itália, contribuíram para fazer os alemães com-preender a justiça da causa de Roma.

— Todos êsses hereges — era a voz corrente — cai-rão por terra e rastejarão aos pés do papa (15) . Carlos não pensava assim. Ao contrário, ficou sur- prêso de ver que fôrça a Reforma ganhara. Por um momento, nutriu, mesmo, a idéia de deixar Ausburgo sõzinho, ir diretamente à Colônia e, lá, proclamar o seu irmão Rei dos Romanos (16) . Dessa forma, os interêsses religiosos teriam cedido terreno aos interêsses dinásticos, pelo menos assim corriam os rumores. Mas Carlos V não se deteve nessa idéia. A questão da Refor-ma ali estava, diante dêle, com os seus adeptos aumen-tando a cada hora, e não podia ser evitada.

Dois partidos dividiam a côrte imperial. Um, nu-meroso e ativo, solicitava ao imperador que, simples-mente, pusesse de novo em vigor o edito de Worms e, sem ouvir os protestantes, declarasse ilegal a causa (17) . O núncio papal achava-se à frente dêsse partido.

— Não hesiteis — disse Campeggio a Carlos. —Confiscai-lhes as propriedades, estabelecei a inquisição e puni os obstinados rebeldes a fogo e espada (18) .

Os espanhóis, que apoiavam firmemente êsses con-selhos, entregaram-se à sua habitual libertinagem, e muitos dêles foram detidos por sedução (19) . Essa conduta era uma deplorável amostra da fé que êles desejavam impor à Alemanha. Roma sempre deu pouca importância à moralidade.

Gattinara, conquanto enfêrmo, seguira, penosa-mente, com o séquito de Carlos, a fim de neutralizar a influência do legado papal. Corajoso adversário do sis-tema de Roma, achava que os Protestantes poderiam prestar importantes serviços à Cristandade.

— Não há nada que eu deseje tanto — disse —como ver o Eleitor da Saxônia e os seus aliados perseverar destemidamente na religião do Evangelho e exigir um concílio religioso livre. Se êles se deixarem to- lher por promessas ou ameaças, eu próprio hesito, va-cilo e duvido dos meios da salvação (20) .

Os esclarecidos e honrados membros da Igreja do Papa (dos quais há sempre um pequeno número) ine• vitàvelment'e simpatizam com a Reforma .

Carlos V, exposto a essas influências opostas, quis restituir a Alemanha à unidade religiosa, através da sua intervenção pessoal; por um momento, julgou-se prestes a triunfar.

Entre as pessoas que afluíram a Innspruck, acha-va-se o infeliz Cristiano, rei da Dinamarca, cunhado de Carlos . Em vão propusera êle aos seus súditos em-preender uma peregrinação a Roma, como penitência das crueldades de que era acusado: o povo o baniu.

Tendo-se dirigido à Saxônia, ao seu tio, o eleitor, lá ouvira Lutero e abraçara as doutrinas evangélicas, pelo menos no que diz respeito à confissão externa. Êsse pobre monarca destronado não pode resistir à eloqüên-cia do poderoso governante dos dois mundos, e Cris-tiano, atraído por Carlos V, públicamente se pôs, de novo, sob o cetro da hierarquia romana. Todo o partido papalino lançou um brado de triunfo. Nada se equipara à credulidade dos papistas e à importância que atribuem a essas adesões sem valor. "Não posso descrever a emoção de que fui tomado por essa notícia" — escreveu Clemente VII a Carlos, com a mão trêmula de alegria. "O fulgor das virtudes de Sua Majestade começa, por fim, a dissipar as trevas. Ésse exemplo resultará em inúmeras conversões".

Estavam as coisas nesse pé, quando o Duque Jorge da Saxônia, o Duque Guilherme da Baviera e o Eleitor Joaquim de Brandemburgo, os três príncipes alemães que eram os maiores inimigos da Reforma, chegaram, apressados, a Innspruck.

A tranqüilidade do eleitor, a quem viram em Aus-burgo, alarmara-os, pois desconheciam a fonte donde João recebia a sua coragem. Imaginaram que êle esti-vesse planejando algum plano traiçoeiro.

—Não é sem motivo que o Eleitor João se dirigiu, por primeiro, a Ausburgo e que lá apareceu acompanhado de um grande séquito: êle deseja apresar-vos. Agi, pois,

enèrgicamente e permiti-nos oferecer a Vossa Majestade uma guarda de seis mil soldados de cavalaria (21) — disseram a Carlos.

Imediatamente se sucederam as conferências. Os protestantes atemorizaram-se. Proferiu Melancton:

—Realizam uma dieta, em Innspruck, visando ao melhor meio de conseguir as nossas cabeças (22) !

Mas Gattinara persuadiu Carlos a manter a sua imparcialidade. Enquanto ocorria essa agitação no Tirol, os cristãos evangélicos, em vez de reunirem-se em tropas armadas, segundo eram acusados, elevavam as suas preces a Deus. Os princípios protestantes preparavam-se para prestar contas de sua fé.

O Eleitor da Saxônia ocupava o primeiro lugar entre êsses príncipes. Sincero, honesto e puro, desde a sua juventude, logo enfastiado das brilhantes justas das quais, a princípio, participara, João da Saxônia saudara jubilosamente o dia da Reforma, e o Evangelho penetrara, de modo gradual, em seu espírito circunspecto, dado a reflexões. Seu grande prazer era fazer com que lhe lessem as Santas Escrituras, nas derradeiras horas do dia. É certo que, tendo chegado a uma idade avançada, o piedoso eleitor, às vêzes, adormecia, mas logo acordava com urna sacudidela, e repetia, em voz alta, a última passagem. Conquanto moderado e amigo da paz, dispunha de uma energia que era pode-rosamente acentuada pelos grandes interêsses da fé. No décimo-sexto século, não há príncipe — e nenhum há, talvez, desde os tempos primitivos da Igreja — que tenha feito tanto quanto João da Saxônia pela causa do Evangelho. Por conseguinte, foi contra êle que se dirigiram as primeiras tentativas dos papistas.

Para atraí-lo, desejaram pôr em ação tática bem diferente da que fôra empregada antes. Em Espira, os evangélicos encontraram, por tôda parte, fisionomias coléricas; em Ausburgo, ao contrário, deram-lhes cordiais boas-vindas Os papistas agiram como se a distância que separava os dois partidos fôsse insignificante, e, nas palestras íntimas, empregaram a mais afável linguagem. "Procurando, assim, engodar os crédulos protestantes para que caíssem no laço" — diz um historiador (23) . Éstes, na sua simplicidade, capitularam ante essas hábeis manobras .

Carlos V estava convicto de que os ingênuos alemães não poderiam resistir à sua boa estrêla.

—O Rei da Dinamarca converteu-se — disseram-lhe os cortesãos. — Por que não seguiria o eleitor o seu exemplo? Atraiamo-lo ao ambiente imperial.

È:Logo foi João convidado para ir conversar à vontade com o imperador, em Innspruck, e asseveraram-lhe que êle talvez pudesse contar com o favor pessoal de Carlos.

O príncipe-eleitoral, João Frederico, a princípio, ao ver os avanços dos papistas, exclamara:

—Conduzimos os nossos assuntos com tal inépcia que é deveras lamentável!

Até êle se deixou apanhar por êsse estratagema. Disse ao pai:

—Os príncipes católicos empregam todos os meios para difamar-nos o caráter. Ide a Innspruck a fim de pôr um paradeiro nesses procedimentos desleais; ou, se não estiverdes disposto, mandai-me em vosso lugar. Nessa ocasião, o prudente eleitor conteve a precipi-tação do filho e respondeu aos ministros de Carlos que não era conveniente tratar dos assuntos da dieta em lugar algum, senão naquele que o próprio imperador designara; e solicitava, portanto, que Sua Majestade apressasse a sua vinda. Foi êste o primeiro obstáculo com que Carlos topou.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Sopravennero lettere di Germania che lo sollicittavano à transferirsi in quella provincia. Guicciardini, L., XX.

(2) Natali suo quem semper felicem ha.buit. Seckend., II, 150.

(3) Omnibus viribus, et facultatibus suis Pontificise dignitatis et Romance Ecclesim perpetuum fore defensorem. Ccelestin. Hist. Commit. Aug. 16.

(4) Carta a M. L'Admiral, 25 de fevereiro. Legrand, Histoire du Divorce, III, 386.

(5) Tanquam columbw, adveniente aquila, dispergentur. Rommel Anmerkungen, pág. 236.

(6) Ego famam de qua scribis intelligo nimis veram esse, morlor enim quotidie. Corp. Ref., II, 122.

(7) Cum copiis quas habitant per Tyrolensem ditionem incedenti occurrere et Alpium transitum impedire. Seckend., II, 150.

(8) Cum hwc comitia pro concilio aut conventu nationall haberi videantur. Seckend., II, 17. Carta ao Eleitor, Corp. Ref., II, 26

(9) Omnibus sepositis aliis rebus. L. Epp., III, 564.

(10) Encontrar-se-ão diferentes planos em Forsteninann's Urkundenbuch, I, págs. 63-108, e em Corp. Ref., IV, pág. 973. Os apresentados foram, sem dúvida, os

Articuli non concedendi, Artigos que não serão transigidos. Tratam êstes da comunhão de ambas as espécies, do celibato, da missa, das or-dens religiosas, do papa, conventos, confissão, discriminação de carnes e dos sacramentos. Corp. Ref., IV, 981.

(11) Empreendemos uma medíocre tradução da segunda estrofe.

(12) Quis tristem etiam et abjectum animum erígere et exhilarare, et velut () possent. Scultet., pág. 270.

(13) Sed erat qui diceret: Tace tu, habes malam votem. L. Epp., IV, 2.

(14) Mirantibus hominibus. Seck., II, 153.

(15) Zum kreutz kriechen werden. Mathesius Pred., pág. 91. Alude-se à. cruz bordada na sandália do papa.

(16) Iter Coloniam versus decrevisse. Epp. Zw., 13 de maio.

(17) Alii censent Cursarem debere, edicto proposito, sine ulla cogitatione damnare causam nostram. Corp. Ref., II, 57.

(18) Instructio data Cwsari dal Reverendissimo Campeg-gio. Ranke, III, 286.

(19) Sich die Spanier zu Inspruck unflãthig gehalten. Corp. Ref., II, 56.

(20) Idem

(21) Ut mascule ageret, sex mille equitum, prwsidium ei offerentes. Seck., II, 156.

(22) Ibi habentur de nostris cerviclbus comItia. Corp. Ref., II, 45.

(23) Seckendorf.

CAPÍTULO III

Ausburgo — O Evangelho Pregado — A Men-sagem do Imperador — Proibidos os Sermões —Firmeza do Eleitor — A Resposta do Eleitor —Preparação da Confissão — O Sinai de Lutero —Seu Filho e Seu Pai — Alegria de Lutero — Dieta de Lutero, em Coburgo — A Saxonia, um Paraíso na Terra — Aos Bispos — Trabalho Árduo da Igreja — Carlos — A Carta do Papa — Melancton Sôbre o Jejum — A Igreja, o Juiz — O Espírito Católico do Landgrave.

Entrementes, Ausburgo tornava-se cada dia mais abarrotada. Príncipes, bispos, delegados, gentis-homens, cavaleiros e soldados em ricos fardamentos entravam por tôdas as portas da cidade, acotovelando-se nas ruas, logradouros públicos, estalagens, igrejas e palácios. Tudo quanto havia de mais suntuoso na Alemanha ali estava prestes a ser reunido. As circunstâncias críticas em que se achavam o império e a Cristandade, a presença de Carlos V e seus modos afáveis, o amor à novidade, aos espetáculos aparatosos e às emoções fortes arrancavam os alemães de suas casas. Todos os que tinham grandes interêsses a discutir, sem contarmos uma legião de vadios, concorriam, em multidão, das várias províncias do império e apressadamente se punham a caminho, rumo a essa célebre cidade (1) .

Em meio a essa turba, o eleitor e o landgrave esta-vam resolvidos a confessar Jesus Cristo, aproveitando a convocação para converterem o império. Nem bem João havia chegado, ordenou a um dos seus teólogos que pregasse, todos os dias, com as portas abertas, na igreja dos dominicanos (2) . No domingo, 8 de maio, fêz-se o mesmo na igreja de Santa Catarina; no dia 13, Felipe de Hessen abriu as portas da catedral e o seu capelão, Snepff, ali anunciou a Palavra da Salvação; e, no do-mingo posterior (15 de maio) , êsse príncipe ordenou a Cellarius, ministro de Ausburgo e adepto de Zwinglio, que pregasse no mesmo templo.

Logo mais, o landgra-ve, com firmeza, assentava-se na igreja de São Ulrico, eo eleitor, na de Santa Catarina. Tais foram as duas atitudes adotadas por êsses ilustres príncipes. Todos os dias, anunciava-se o Evangelho, nesses lugares, a uma enorme e atenciosa multidão (3) .

Os sectários de Roma ficaram pasmados. Espera-vam ver criminosos tentando encobrir os seus erros e encontravam confessores de Cristo, de cabeça erguida epalavras poderosas. Desejoso de contra-balançar êsses sermões, o Bispo de Ausburgo ordenou ao seu sufragâ-neo e ao seu capelão que assomassem ao púlpito. Mas os padres de Roma entendiam mais de como celebrar a missa do que- pregar o Evangelho.

—Gritam e vociferam! — proferiram alguns.

—São sujeitos parvos! — acrescentaram os que os ouviram, encolhendo os ombros (4) .

Envergonhados dos seus padres, os romanistas co-meçaram a irar-se (5) e, incapazes de se manterem fir-mes no terreno da pregação, recorreram à fôrça secular.

—Os padres estão pondo em atividade prodigiosos engenhos, para cairem nas graças do imperador — disse Melancton (6) .

Os papistas foram bem sucedidos. Carlos tornou público o seu descontentamento com a audácia dos prín-cipes. Os amigos de Clemente, aproximando-se, então, dos protestantes, sussurraram aos ouvidos dêstes "que o imperador, vencedor do Rei da França e do pontífice romano, apareceria na Alemanha para esmagar todos os evangélicos (7) ".

O eleitor, inquieto, pediu o conselho dos seus teó-logos.

Antes que estivesse pronta a resposta, chegaram as ordens de Carlos, trazidas por dois dos seus mais in-fluentes ministros, os Condes de Nassau e de Nuenar.

Não poderia ter sido feita mais hábil escolha. Ësses dois fidalgos, pôsto que afeiçoados a Carlos, aprovavam o Evangelho, que professaram pouco tempo depois. O eleitor achava-se, portanto, inteiramente disposto a ouvir-lhes os conselhos.

A 24 de maio, os dois condes entregaram as suas cartas a João da Saxônia, mostrando-lhe o enorme des-gôsto do imperador de que as controvérsias religiosas turbassem a harmonia que, durante muitos anos, unira as casas da Saxônia e da Austria; (8) que Carlos estava admirado de ver o eleitor contrariar um edito (o de Worms) unânimemente aprovado por todos os Estados do império; e que as alianças feitas por êle, João, contribuíram para romper a unidade da Alemanha e poderiam inundá-la de sangue. Exigiram, por fim, que João imediatamente pusesse têrmo às pregações do Evangelho, acrescentando, em tom confidencial, que tremiam ao pensamento das imediatas e lamentáveis conseqüências que, sem dúvida, se seguiriam à recusa do eleitor.

—Trata-se apenas da expressão dos nossos senti-mentos pessoais — disseram.

Foi uma manobra diplomática; o imperador lhes ordenara proferissem algumas ameaças, mas tão ~ente como se elas procedessem dêles próprios (9) .

—Se Sua Majestade proíbe a pregação do Evange-lho, voltarei imediatamente para casa (10) !

Não obstante, João aguardou o parecer dos seus teó-logos.

A resposta de Lutero foi dada primeiro.

—O imperador é o nosso soberano — disse êle —; a cidade e tudo quanto nela existe lhe pertencem....

Se Vossa Alteza desse ordens, em Torgau, para isso ser feito, ou para se deixar de fazer aquilo, o povo não devia opor-se. Eu preferiria tentar remover a decisão de Sua Majestade por solicitação humilde e respeitosa; se, porém, êle insistir, a fôrça gera o direito; não devemos se não cumprir o nosso dever (11) .

Assim falou o homem que muitas vêzes foi pintado como rebelde.

Melancton e os demais teólogos eram quase da mesma opinião, exceto que insistiam, com preferência, na necessidade de fazer ver ao imperador "que em seus sermões não se inseria nada relativo a controvérsias, mas que se contentavam com o ensinar a doutrina de Cristo, o Salvador (12) ".

— Acima de tudo — continuaram —, livremo-nos de deixar a cidade. Que Vossa Alteza confesse, com destemor, na presença de Sua Majestade, por que meios maravilhosos alcançou um perfeito conhecimento da verdade (13) . Não se deixe alarmar por êsses trovões que partem dos lábios dos nossos inimigos.

Para falarmos a verdade, tal era o objetivo a que, segundo os reformadores, tudo o mais deveria subordinar-se.

Cederá o eleitor a essa primeira exigência de Carlos, iniciando, assim, antes mesmo da chegada do imperador, aquela série de renúncias cujo fim não se pode prever?

Ninguém em Ausburgo era mais inabalável do que João. Em vão os reformadores alegaram que se encon-travam em cidade do imperador e que eram hóspedes, apenas (14) : o eleitor abanou a cabeça, negativamente. Melancton, desesperado, escreveu a Lutero: "Ai! quão indócil é o nosso velho (15) !" Melancton, não obstante, voltou de novo à carga. Felizmente, havia um homem corajoso à mão direita do eleitor, o chanceler Bruck, que, persuadido de que a política, a honra e, aci ma de tudo, o dever obrigavam os amigos da reforma a resistir às ameaças de Carlos, disse ao eleitor:

— A exigência do imperador não passa de um comêço honroso de efetuar a abolição definitiva do Evangelho (16) . Se cedermos agora, êles nos esmagarão daqui a pouco. Humildemente, pois, roguemos a Sua Majestade que permita a continuação dos sermões.

Dessa forma, um estadista ocupou o primeiro lugar dos confessores de Jesus Cristo, naquela ocasião. Êste é um dos característicos distintivos dessa grande época e não deve ser olvidado, se quisermos compreender bem a sua história.

A. 31 de maio, o eleitor enviou a sua resposta, por escrito, aos ministros de Carlos. Sustentava ela: "Não é verdade que o edito de Worms foi aprovado pelos seis eleitores. Como poderíamos o eleitor, meu irmão, e eu próprio ter contrariado a palavra eterna de Deus Todo-Poderoso? Tanto é assim que as dietas subseqüentes declararam ser impossível cumprir êsse edito. Quanto às relações de amizade que encetei, visam apenas a proteger-me contra os atos de violência. Que meus acusadores submetam à consideração de Sua Majestade os pactos que fizeram; estou disposto a submeter o meu à sua apreciação, e o imperador decidirá entre nós. Finalmente, no que respeita à exigência para que suspendamos as nossas prédicas, nelas nada se anuncia senão a gloriosa verdade de Deus, e nunca esta nos foi tão necessária. Não podemos, pois, prescindir disso (17) !"

Tal resposta devia, forçosamente, apressar a vinda de Carlos; era preciso que estivessem preparados para recebê-lo. Proclamar a fé e, em seguida, silenciar-se, era todo o plano de campanha dos protestantes. Era necessária, portanto, uma Confissão de Fé. Um homem de baixa estatura, débil de corpo, tímido, grandemente alarmado, recebeu a incumbência de elaborar êsse instrumento de guerra.

Dia e noite, Felipe Melancton ficou trabalhando êsse documento: pesava cada palavra, abrandava-a, alterava-a, depois freqüentemente voltava à sua idéia primitiva. Definhavam-se-lhe as fôrças; seus amigos temiam que êle morresse debruçado sobre o serviço; e já no dia 12 de maio Lutero lhe ordenava, sob pena de anátema, tomasse medidas para a preservação de "seu débil corpo" e para que "não se suicidasse por amor a Deus (18) ", acrescentando:

— Com ❑repouso, também se serve proveitosa-mente a Deus. De fato, o homem jamais O serve me-lhor do que quando guarda o descanso. É por êste motivo que Deus quis que o sábado fôsse tão rigorosamente observado (19) .

Não obstante essas solicitações, a atividade de Me-lancton tornou-se maior; e êle encetou uma exposição da fé cristã, ao mesmo tempo conciliadora, moderada e afastada tão ligeiramente quanto possível da doutrina da Igreja de Roma. Já em Coburgo pusera as mãos à obra, esboçando, na primeira parte, as doutrinas da fé, conforme os artigos de Schwabach, e, na segunda, os abusos da Igreja, consoante os artigos de Torgau, fazendo, enfim, um trabalho inteiramente novo. Em Ausburgo, deu uma forma mais elegante e cordial a essa Confissão (20) .

A Apologia, corno era chamada então, ficou termi-nada a 11 de maio. O eleitor remeteu-a a Lutero, pedindo-lhe assinalasse o que devia ser alterado. Melancton, receando que o seu amigo achasse a Confissão fraca demais, acrescentou: "Disse o que julguei ser o mais conveniente, pois o Eck não cessa de espalhar contra nós as mais diabólicas calúnias e procurei contrapor um antídoto aos venenos dêle (21) ".

A 15 de maio, Lutero respondeu ao eleitor: Li Apologia de Mestre Felipe . Acho-a suficientemente boa, e não tenho correções a fazer.

Demais, isso difi-cilmente me ficaria bem, pois não sei portar-me de maneira tão mansa e sossegada. Que Cristo, nosso Senhor, permita que êste trabalho produza muitos e grandes frutos.

Todo dia, no entanto, os conselheiros e teólogos do eleitor, em comum acôrdo com Melancton, melhoravam a Confissão, procurando torná-la de tal maneira que a dieta, enlevada, contra a sua própria vontade a ouvisse exatamente até o fim (22) .

Enquanto a luta se preparava dêsse modo em Aus-burgo, Lutero, em Coburgo, no cume do monte, "no seu Sinai", como o chamava, erguia, como Moisés, as mãos para o céu (23) . Foi êle ❑verdadeiro general da guerra espiritual que, então, se travava; suas cartas não cessavam de levar aos combates as instruções que êstes necessitavam, e os numerosos folhetos provindos da sua cidadela, feito descargas de mosquetaria, espalhavam confusão no acampamento do inimigo.

O local onde Lutem fôra deixado era, pelo seu iso-lamento, propicio ao estudo e á meditação (24) . Escreveu êle, a 22 de abril: Farei dêste Sinai um Sião e edificarei, aqui, três tabernáculos: um aos Salmos, outro aos Profetas, e um terceiro a.. . Esopo! Esta última palavra talvez nos surpreenda. Essa associação de idéias não pertence nem à linguagem dos apóstolos nem à mentalidade dêles. É certo que Esopo não devia ser o principal estudo do reformador saxônio: cedo foram as fábulas postas de lado e só a verdade absorvia Lutero. Escreveu êle: "Lamentarei, orarei e jamais me calarei, até que eu tenha a certeza de que o meu clamor foi ouvido no céu (25) ".

Além disso, por passatempo tinha Lutero algo melhor que Esopo: tinha aquelas alegrias domésticas cujos preciosos tesouros a Reforma descerrara aos ministros da Palavra.

Foi nessa época que êle escreveu aquela encantadora carta ao filho ainda na primeira infância, na qual descreve um aprazível jardim, onde, vestidas de ouro, brincam crianças, apanhando do chão maçãs, peras, cerejas e ameixas; as crianças brincam, dançam, divertem-se e montam belos cavalinhos de freios dourados e selas de prata (26) .

Logo, porém, foi o reformador arrancado a essas agradáveis imagens. Por essa época, soube êle que lhe morrera o pai, suavemente, na fé em Jesus Cristo.

— Ai! — lamentou-se, vertendo lágrimas de amor filial. — Com o suor do seu rosto, êle me tornou o que sou (27) !

Assaltaram-no outras tribulações. Aos sofrimentos físicos, acrescentaram-se-lhe os fantasmas da imaginação. Uma noite, especialmente, viu passar diante dos seus

olhos três archotes e, no mesmo instante, ouviu ribombar trovões em sua cabeça, o que imputou ao diabo. No momento em que desmaiava,--a seu criado acudiu, e depois de êste conseguir que o reformador recobrasse os sentidos, leu-lhe a Epístola aos Gálatas. Lutero, que adormecera, convidou-o, ao despertar:

— Vamos, apesar do diabo, entoemos o cântico Das Profundezas a Ti clamo, ó Senhor!

Ambos cantaram o hino. E durante todo o tempo em que Lutero se achava assim atormentado por êsses ruídos internos, êle traduziu o profeta Jeremias; e, contudo, muitas vêzes deplorou a sua ociosidade.

Em breve Lutero se dedicava a outros estudos, des-carregando a sua ironia sôbre as práticas mundanas das côrtes. Imaginava Veneza, o papa e o Rei cia França dando as mãos a Carlos V, para esmagarem o Evangelho. Sózinho em seu quarto, no velho castelo, o reformador caía, então, em irresistíveis gargalhadas, monologando:

O Sr. Par-ma-foy (assim se referia a Francisco I) , o sr. In-nomine-Domini (o papa) e a república de Veneza hipotecam os seus haveres e as suas pessoas ao imperador... Sanctissimum foedus. Uma santíssima aliança, sem dúvida! Ésse pacto entre os quatro poderes pertence ao capítulo Non-credimus. Veneza, o papa e a França tornam-se imperialistas! ... Mas, são pessoas do mesmo estôfo, cheias de indescritível ódio contra o imperador! O sr. Par-ma-foy não pode esquecer-se da sua derrota em Pavia. O sr. In-nomine-Domini é: primeiro, italiano, o que já é muítissimo; segundo, florentino, o que é pior; terceiro, bastardo, quer dizer, filho do diabo; quarto, jamais olvidará a vergonha do saque de Roma. Quanto aos venezianos, são venezianos: e isso basta; têm bons motivos para se vingarem da descendência de Maximiliano. Tudo isso pertence ao capítulo Firmiter-credimus . Mas Deus socorrerá o piedoso Carlos que é uma ovelha entre lôbos. Amém (28) !

O ex-monge de Erfurth possuía uma previsão política mais certa, do que muitos diplomatas de sua época.

Impaciente por ver a dieta dia a dia protelada, Lu-tero tomou uma decisão, acabando por convocá-la em Coburgo mesmo. Escreveu aos colegas, a 28 de abril e 9 de maio (29) : Já estamos em plena assembléia. Poderíeis ver, aqui, reis, duques e outros fidalgos, deliberando sôbre os assuntos dos seus reinos e, com voz infatigável, apregoando, aos quatro ventos, os seus dogmas e decretos. Não habitam aquelas cavernas que aformoseais com o nome de palácios: os céus são o seu teto, as árvores frondosas formam um soalho de mil côres, e as paredes são os confins da terra. Têm êles horror a tôda ostentação frívola de sêda e de ouro, não pedem corcéis nem arnêses, e têm todos a mesma vestidura e a mesma côr heráldica. Não vi nem ouvi o imperador dêles, mas, se é que os entendo, resolveram, êste ano, fazer uma guerra impiedosa contra. . . os mais excelentes frutos da terra. Ah!, meus caros amigos, são

êsses os sofistas, os papistas que se agrupam à minha frente, vindos de tôdas as partes do mundo, para me fazerem ouvir os seus sermões e os seus clamores.

Essas duas cartas, datadas do império dos corvos e das gralhas, terminam no seguinte tom triste, que nos mostra o reformador caindo em si, após êsse rasgo de imaginação: "E basta de gracejo!" — gracejo que, no entanto, às vêzes é necessário para dissipar os melancólicos pensamentos que me acabrunham (30) .

Lutero logo voltou à vida real, e vibrou de alegria ao contemplar os frutos que a Reforma já estava produzindo, os quais, para êle, eram uma "apologia" mais convincente até mesmo que a Confissão de Melancton. Escreveu ao eleitor: "Há, no mundo todo, um só país que se compare aos Estados de Vossa Alteza, que possua pregadores de uma doutrina tão pura, ou pastores tão aptos para promoverem o reino da paz? Onde vemos, como na Saxônia, meninos e meninas bem instruídos nas Sagradas Escrituras e no catolicismo, crescendo em sabedoria e em estatura, orando, crendo, falando acêrca de Deus édé Cristo melhor do que até hoje tem sido feito pelas universidades, conventos e capítulos de todos os países cristãos (31) ? Meu caro Duque João, diz-vos o Senhor: Confio-te êste paraíso, o mais lindo da terra, para que possas ser o seu jardineiro". A seguir, Lutero acrescentou: "Ai! a loucura dos príncipes papistas transforma êsse paraíso de Deus num lodaçal imundo, e, corrompendo a juventude, todos os dias povoa de verdadeiros demônios os seus Estados, as suas mesas e os seus palácios!"

Não contente com o encorajar o seu príncipe, Lutero quis, também, infundir mêdo aos seus adversários. Foi com êsse propósito que êle redigiu, naquela ocasião, uma mensagem aos membros do clero, reunidos em Aus-burgo.

Uma multidão de pensamentos, como lansquenês armados da cabeça aos pés, assomaram de roldão, a fatigá-lo e a confundi-lo (32) ; de fato,- não há neces-sidade de palavras agressivas no arrazoado que Lutero dirige aos bispos. E a êstes disse, concluindo: "Em su-ma, nós sabemos e vós sabeis que temos a Palavra de Deus, e que vós não a tendes. ó papa, se eu vivo, serei uma peste para ti; se morro, serei a tua morte (33) !"

Assim Lutero esteve presente em Ausburgo, pôsto que invisível. E fêz mais com as suas palavras e preces do que Agrícola, Brentz ou Melancton. Foram êsses os dias de árduo trabalho para a verdade evangélica. Esta se achava prestes a surgir no mundo, com poder, desti-nada a ofuscar tudo quanto se fizera desde o tempo de S. Paulo. Lutero, porém, ~ente anunciava e reve-lava as coisas que Deus fazia: êle próprio não as exe-cutava. O reformador saxônio foi, pelo que respeita aos acontecimentos da Igreja, o que Sócrates foi para a filosofia.

— Sigo o exemplo de minha mãe — costumava dizer êste filósofo cuja mãe era parteira —; ela própria não sofre as dores do parto, mas presta auxílio às outras.

Lutero — e êle nunca se cansava de repeti-lo —nada criou, mas trouxe à luz a semente preciosa, oculta, durante séculos, no seio da Igreja. O homem de Deus não é o que procura moldar a sua época de acôrdo com as suas idéias pessoais, mas aquêle que, compreendendo claramente a vontade de Deus, como esta se encontra na Bíblia e oculta em Sua Igreja, a apresenta aos seus contemporâneos, com coragem e decisão.

Nunca essas qualidades foram mais necessárias, pois as coisas estavam tomando um aspecto alarmante. A 4 de junho, morria o Chanceler Gattinara, que era para Carlos V "o que Ulpiano era para Alexandre Severo", na expressão de Melancton, e, com êle, desvaneciam-se tôdas as esperanças humanas dos protestantes. Lutero havia dito:

— Foi Deus que nos levantou um Naamã, na côrte. do Rei da Síria.

— Na verdade, Gattinara, sõzinho, resistiu ao papa. E quando Carlos lhe apresentou as objeções de Roma, respondeu-lhe:

— Lembrai-vos que sois vós o soberano!

Daí por diante, tudo parecia tomar um novo rumo. O papa exigiu que Carlos se contentasse em ser o seu "lictor", como diz Lutero, para executar os seus julgamentos contra os hereges (34) . Eck, cujo nome (se-gundo Melancton) não era má imitação do crocitar das gralhas de Lutero, acumulou, uma sôbre a outra (35) , uma profusão de pretensas asserções heréticas, extraídas dos escritos do reformador. Estas se elevavam a quatrocentas e quatro e, ainda assim, êle se escusou ale-gando que, apanhado desprevenido, foi obrigado a res-tringir-se a um número tão insignificante, e exigiu, es-palhafatosamente, uma disputa com os luteranos. Os protestantes revidaram a essas proposições com diversos ensaios irônicos e mordazes sôbre "vinho, Vênus e banhos, contra João Eck". O pobre doutor tornou-se alvo do riso geral.

Outros, porém, puseram-se a trabalhar mais hábil-mente do que êle. Cochlceus, que se tornou capelão do Duque Jorge da Saxônia em 1527, solicitou uma entrevista com Melancton. Pois não posso conversar com os vossos ministros casados (36) — acrescentou. Melancton, que era visto com maus olhos em Ausburgo e lastimara ser mais solitário ali do que Lutero no castelo (37) , ficou tocado com essa deferência e ainda mais plenamente imbuído da idéia de que os assuntos deviam ser dirigidos da maneira mais moderada possível.

Os padres e leigos romanistas faziam grande escar-céu porque, nos dias de jejum, geralmente se comia carne na côrte do eleitor. A êsse respeito, Melancton aconselhou o príncipe a restringir a liberdade dos membros de sua comitiva.

—Essa discórdia — disse — longe de levar as pes-soas sinceras ao Evangelho, escandaliza-as.

Eacrescentou, mal-humorado:

—Uma perfeita santidade, de fato, essa de fazer do jejum um caso de consciência e, contudo, entregar-se, noite e dia, ao vinho e à loucura (38) !

meleitor não cedeu ao conselho de Melancton; teria sido um sinal de fraqueza, do qual os seus adversários teriam sabido como tirar vantagem.

A 31 de maio, a Confissão Saxônia foi, por fim, par-ticipada aos demais Estados protestantes que pediam fôsse ela apresentada em comum, em nome de todos (39) . Mas, ao mesmo tempo, desejaram fazer as suas restrições quanto à influência do Estado.

—Apelamos para um concílio — proferiu Melancton. — Não aceitaremos o imperador como ❑nosso juiz; as próprias constituições eclesiásticas impedem-no de pronunciar-se em assuntos espirituais (40) . Moisés declara que não são os magistrados civis que julgam, mas os filhos de Levi. S. Paulo também diz (1 Cor. 14) e os outros julguem, o que não se pode entender senão tôda urna assembléia cristã. E o próprio Salvador dá-nos êste mandamento: Dize-o à igreja. Prometemos, pois, a nossa obediência ao imperador, em assuntos civis; mas, quanto à Palavra de Deus, exigimos liberdade.

Todos os Estados estavam de acôrdo acêrca dêste ponto; o dissentimento surgiu de uma outra parte. Os luteranos receavam comprometer a sua causa, se fôssem de mãos dadas com os adeptos de Zwinglio.

—É loucura dos luteranos — sentenciou Bucer — Sucumbirá oprimida por si mesma (41) .

Longe, porém, de deixarem "sucumbir" essa loucura, os reformadores agravaram a dissenção com protestos exagerados.

—Estão recomeçando a cantar hinos em latim, na Saxônia — disseram. — As vestimentas litúrgicas foram readotadas, e exigem-se oblações, novamente (42) . Preferiríamos ser levados à matança do que sermos cristãos dessa maneira.

O aflito landgrave, diz Bucer, achava-se "entre o malho e a bigorna"; seus aliados davam-lhe mais desas-sossêgo do que os seus inimigos (43) . Dirigiu-se a Régio, Brentz e Melancton, declarando que o seu mais ardente desejo era ver reinar a harmonia entre todos os doutores evangélicos.

—Se essas importantes doutrinas não se opuserem, haverá cismas, na Igreja, que durarão até ❑fim do mundo — respondeu-lhe Melancton. — Não se vangloriam

os zwinglianos dos seus cofres cheios, de ter soldados preparados e de nações estrangeiras dispostas a auxiliá-los? Não falam em repartir entre si os direitos e a propriedade dos bispos, e em proclamar a liberdade?... Bom Deus! Não pensaremos nós nas gerações futura-sque, se não reprimirmos essas criminosas sedições, fidarão, ao mesmo tempo, sem trono e sem altar (44) ?

—Não, não! Somos um! — replicou-lhe o nobre príncipe, que se achava muitíssimo à frente de sua época. — Todos confessamos o mesmo Cristo, todos professamos que devemos manducá-LO, mediante a fé, na eucaristia. Unamo-nos.

Tudo baldado. O tempo em que a verdadeira cato-licidade devia tomar o lugar dêsse espírito sectário, do qual Roma é a mais perfeita expressão, ainda não chegara.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Omnes alliciebat. Cochlceus, pág. 191.

(2) Rogantibus Augustanis publice in templum Domini-corum. Seck. Lat., pág. 193.

(3) Tãglig in den kircben, unverstõrt, dazu kommt sehr viel Volks. Corp. Ref., II, 53.

(4) Clamant et vociferantur. Audires homines stupidis-simos ataue etiam sensu communi carentes. Ibid., 86.

(5) Urebat hoc pontifices. Scultet., pág. 271.

(6) O miras machinis oppugnant. Cbrp. Ref.,, II,- 70.

(7) Evangelicos omnes obtriturum. Scultet., pág. 269.

(8) Essas ordens podem ser encontradas em Ccelestin, I, 50, e ern Forstemann Urk, I, 220.

(9) Quidquid duri Electorl denuntiabant suo veluti no-mine et Injussi dicebant. Seck., II, 156.

(10) Den náchsten heim zu reiten. Corp. Ref., II, 88.

(11) L. Epp., IV, 18.

(12) Nullas materias disputabiles a nobis doceri. Corp. Ref., II, 72.

(13) Quo modo plane inenarrabili atque mirifico. Ibid., 46.

(14) In cujus urbe jam sumus hospites. Ibid., 46.

(15) Sed noster senex difficilis est. Corp. Ref., II, 46.

(16) Ein fügsamer Anfang der Niderbrengung des Evangelii. Ibid., 76.

(17) Quo carere non possit. Seck., pág. 156; Muller, Hist. Prot., pág. 500.

(18) TJt sub anathemate cogam te in regulas servandi cor-pusculi tui. L. Epp., IV, 16.

(19) Ideo enim Sabbatum voluit tam rigide prae ceteris servari. Ibid.

(20) Mais retõricamente. Feci aliquando quam Coburgm scripseram. Corp. Ref., II, 40.

(21) Quia Eckius addidit o contra nos. Ibid., 45.

(22) In Apologia quotidie multa mutamus. Corp. Ref., IT, 60.

(23) Mathesius Predigten, pág. 92.

(24) Longe amnissimus et studiis eomodissimus. L. Epp., IV, 2.

(25) Orabo igitur et plorabo, non quieturus donec, &c. L. Epp., IV, 2.

(26) Essa carta, que é uma obra-prima da sua espécie, pode ser encontrada em "Luther's Epp.", IV, 41, e também em "Luther and his Times", de Riddle, pág. 268.

(27) Per ejus sudores aluit et finxit qualis sum. Epp., IV, 33.

(28) A Gasp. de Teutleben, 19 de junho. L. Epp., IV, 37.

(29) An seine Tischgesellen — C_omensais ou companheiros de mesa. L. Epp., IV, 7.

(30) Sed serio et necessario joco qui mihi irruentes cogi-tationes repelleret. Ibid., 14.

(31) Es wãchst jetzt daher die zart Jugend von Knãblin un Maidlin. L. Epp., 21.

(32) Ut plurimos Lanskneckto‌s, prorsus vi repellere to-gar, qui insalutati non cessant obstrepere. Ibid., 10.

(33) Pestis eram vivus, moriens ero mors tua, Papa. L. Opp., XX, 164.

(34) Tantum lictorem suum in hwreticos. Epp., IV, 10.

(35) Magnum acervum conclusionum congessit. Corp. Ref., pág. 39.

(36) Cum uxoratis presbyterls tuis privatim colloqui non intendimus. Ibid., pág. 82.

(37) Nos non minus sumus monachi quam vos in illa arce vestra. Ibid., pág. 46.

(38) Und dennoch Tag und Naeht volt und toll seyn. Corp. Ref., II, pág. 79.

(39) In gemein in a.iler Fürsten und Stadte Nãmen. Ibid., II, pág. 88.

(40) Die constitutiones cononieze den Kaysern verbleten zu rlehten und sprechen in geistlichen sachen. Ibid., pág. 66.

(41) De Lutheranis furoribus... sua lpsi mole ruent. Zw. Epp., II, 432.

(42) Hine Latins resumunÉ,ur cantiones, repetuntur sane-ta vestes. Ibid., pág. 457.

(43) Ca.ttus Inter sacrum et saxum stat, et de socils magís quam hostibus solicitus est. Zw. Epp., II, 457.

(44) Keine Kirche und kein. Regiment. Corp. Ref., II, 95.

CAPÍTULO IV

Agitação em Ausburgo — Violência dos Im-perialistas — Carlos em Munique — Chegada de Carlos — As Bênçãos do Núncio — O Cortejo Imperial — Aparência de Carlos — Entra em Ausburgo — "Te Deum" — A Bênção — Carlos Deseja que Cessem os Sermões — Brandemburgo Oferece a Sua Cabeça — A Solicitação do Imperador para "Corpus Christi" — Recusa dos Príncipes —Alvoroço de Carlos — Os Príncipes Opõem-se à Tradição — Procissão de "Corpus Christi" — Exasperação de Carlos.

A medida que o imperador se aproximava de Aus-burgo, continuavam a aumentar as ansiedades dos pro-testantes. Os burguêses dessa cidade imperial esperavam vê-la tornar-se teatro de extraordinários aconte-cimentos. Por conseguinte, diziam que, se o eleitor, o landgrave e os demais amigos da Reforma não estivessem entre êles, todos a abandonariam (1) .

—Ameaça-nos uma grande carnificina — repetia-se por tôda parte (2) .

Uma das arrogantes expressões de Carlos, sobretudo, inquietava os protestantes:

—Que querem comigo êsses eleitores? — indagara, impacientemente. — Farei o que me aprouver (3) !

Dessa forma, o critério arbitrário era a lei impe-rial destinada a predominar na dieta.

A essa agitação de mentes humanas, juntava-se a agitação das ruas, ou antes, uma levava à outra. Alvanéis e serralheiros trabalhavam em todos os logradouros e passagens públicos, fixando, com afã, barreiras e correntes aos muros, para que pudessem ser fechadas ou repuxadas ao primeiro grito de alarma (4) . Ao mesmo tempo, cêrca de oitocentos soldados a pé e a cavalo eram vistos a patrulhar as ruas, trajando veludo e sêda (5) Os quais os magistrados haviam recrutado para receber pomposamente o imperador.

Estavam as coisas nesse pé e era mais ou menos meados de maio, quando diversos quartéis-mestres espa-nhóis e insolentes chegaram, os quais, lançando um olhar desdenhoso àqueles desprezíveis burguêses, entra-ram-lhes pela casa a dentro, portando-se dom violência e, até mesmo, arrebatando incivilmente as armas a alguns dos príncipes (6) . Tendo os magistrados incumbido conselheiros de parlamentar com os espanhóis, êstes lhes deram urna resposta desavergonhada.

— Ai! — lamentavam os cidadãos. — Se os fâmulos são assim, como será o seu senhor?

Os ministros de Carlos ficaram desgostosos com a impertinência dêsses homens, e expediram um quar-tel-mestre alemão que empregou os modos de polidez germânica para que os cidadãos se esquecessem da in-solência dos espanhóis.

Isso não durou muito tempo e cedo sentiram êles mais sério temor. O Conselho de Ausburgo foi inquirido sôbre o que significavam aquelas correntes e sol-dados, sendo intimado, em nome do imperador, a pôr abaixo as primeiras e a dispersar os segundos. Espavo-ridos, responderam os magistrados da cidade:

— Há mais de dez anos que tencionávamos pôr essas correntes (7) . Quanto aos soldados, nosso propósito é simplesmente prestar a devida honra a Sua Majestade.

Depois de muitas parlamentações, concordou-se que as tropas fôssem dispensadas e que os comandantes imperiais escolheriam, de novo, mil homens, os quais prestariam juramento ao imperador, porém seriam pagos pela cidade de Ausburgo.

Os quartéis-mestres imperiais reiniciaram, então, tôda a sua insolência. Não mais se dando ao trabalho de invadir casas e lojas, arrancaram as tabuletas dos cidadãos de Ausburgo, escrevendo, no espaço vazio por elas deixado, quantos homens e cavalos êstes últimos deviam alojar (8) .

Tais eram os prelúdios da obra de reconciliação que Carlos V anunciara e que êle estava custando a começar. Por conseguinte, a sua demora — atribuí-da, por alguns, às multidões de pessoas que o rodeavam com as suas aclamações; por outros, às instâncias dos padres, que se opunham à sua entrada em Ausburgo até que impusesse silêncio aos ministros; e, por outros, finalmente, às lições que o papa lhe dera sôbre as artes da política e da estratégia (9) — indispôs ainda mais o eleitor e os seus aliados.

Por fim, tendo partido de Innspruck dois dias após a morte de Gattinara, Carlos chegou a Munique a 10 de junho. A sua recepção foi magnífica. Cêrca de duas milhas distantes da cidade, fôra erigida uma praça forte provisória, à volta da qual se realizou um combate simulado. Soldados puseram-se a cavalo para o ataque, explodiram-se minas; as descargas de ar-tilharia, as nuvens de fumaça, o estrépito das armas e os gritos dos combatentes deliciaram os olhos e os ou-vidos do imperador (10) . No centro da cidade, er-gueram-se teatros ao ar livre, onde foram representadas as peças Páscoa dos Judeus, Cambises da Pérsia e outras não menos famosas. E o conjunto, aliado aos esplêndidos fogos de artifício, constituiu a cordial recepção dada pelos adeptos do papa àquele a quem chamavam de seu salvador.

Carlos não se achava muito distante de Ausburgo. Já a 11 de junho, todo dia e a tôda hora, entravam na cidade membros da casa imperial, carruagens, carroças e bagagens, ao som de cometas e de chicotes que estalavam (11) .

Os burguêses, pasmados, fitavam com olhar tristonho tôda essa petulante comitiva que lhes caía sôbre a cidade como uma nuvem de gafanhotos (12) .

As cinco horas da manhã de 15 de junho (13) , o eleitor, os príncipes e os seus conselheiros reuniram-se na câmara administrativa do burgo, e logo chega-ram os delegados imperiais com as ordens para êles irem encontrar-se com Carlos. As três da tarde, os príncipes e os delegados deixaram a cidade e, tendo atingido uma pontezinha sôbre o rio Lech, detiveram-se e esperaram pelo imperador. Os olhares de todos os participantes do ilustre grupo parado, assim, às margens risonhas de uma torrente alpina, dirigiam-se para a estrada de Munique. Por fim, depois de esperarem duas ou três horas, nuvens de pó e grande tropel anunciaram o imperador. Dois mil homens da guarda imperial marchavam à frente; e tão logo o imperador chegava a cinqüenta passos do rio, os eleitores e os príncipes apearam dos animais. Os seus filhos, que haviam ultrapassado a ponte, percebendo o imperador preparar-se para fazer o mesmo, correram para êle e rogaram-lhe permanecesse a cavalo (14) . O imperador, porém, desmontou-se, sem vacilar (15) , e, aproximando-se dos príncipes, sorrindo amàvelmente, com êles trocou cordial apêrto de mão. Alberto de Mentz, na sua qualidade de arquichanceler clo império, deu, na ocasião, as boas-vindas ao imperador, e o conde palatino Frederico respondeu em nome de Carlos.

Enquanto isto sucedia, três indivíduos mantinham-se à distância, numa pequena eminência (16) ; eram o legado de Roma, montado, orgulhosamente, em urna mula, resplandecente de púrpura, e acompanhado de dois cardeais, o Arcebispo de Salisburgo e o Bispo de Trento. Vendo todos aquêles grandes personagens na estrada, o Núncio ergueu as mãos, dando-lhes a bênção.

No mesmo instante, o imperador, o rei e os príncipes que prestavam obediência ao papa ajoelharam-se; os espanhóis, italianos, holandêses e alemães de seu séquito imitaram-lhes o movimento, lançando, porém, um olhar de esguelha aos protestantes, que, no meio dessa multidão humildemente prostrada, permaneciam, sózinhos, em pé (17) . Carlos não dava mostras de reparar nisso, mas, sem dúvida, compreendia o seu significado. A seguir, o Eleitor de Brandemburgo proferiu um discurso em latim, dirigido ao representante do papa. Fôra escolhido porque falava esta língua melhor do que os príncipes da Igreja; e tanto assim que Carlos, ao elogiar-lhe a eloqüência, dissimuladamente interpôs uma palavra acêrca da incúria dos prelados (18) . Ato contínuo, o imperador preparou-se para subir de novo em seu cavalo; o Príncipe-eleitoral da Saxônia e os jovens príncipes de Luneburgo, Mecklemburgo, Brandemburgo e Anhalt precipitaram-se em sua direção, a fim de auxiliá-lo a elevar-se à sela: um segurou a rédea, outro, o estribo, e todos ficaram cativos do imponente aspecto do poderoso imperador (19) . O cortejo pôs-se em marcha.

Primeiro, vinham duas companhias de lansquenês, comandadas por Simão Seitz, cidadão de Ausburgo, que fizera a campanha da Itália e voltava para casa coberto de ouro (20) . Em seguida, avançavam as casas dos seis eleitores, compostas de príncipes, condes, conselheiros, gentis-homens e soldados; a casa dos Duques da Baviera tinha-se insinuado em suas fileiras, e os quatrocentos ecinqüenta cavaleiros que a compunham marchavam por coluna de cinco, revestidos de reluzentes couraças etrajando gibões vermelhos, enquanto sôbre as suas ca-beças flutuavam vistosos penachos .multicores. A Baviera, nessa época, já era o principal sustentáculo de Roma, na Alemanha.

Logo depois, vinham as casas do imperador e do seu irmão, contrastando surpreendentemente com êsse alarde bélico . Compunham-se de cavalos de tiro turcos, polacos, árabes e outros; e seguia-se, então, uma chusma de pajens, vestidos de veludo amarelo ou vermelho, acompanhando nobres espanhóis, boêmios e austríacos, trajados com mantos de sêda e veludo (21) ; entre êstes últimos, os boêmios tinham o aspecto mais marcial e cavalgavam, com imponência, os seus soberbos e fogosos corcéis. Por fim, os tocadores de trombetas, os tambores, arautos, palafreneiros, lacaios e os cruciferários do legado papal anunciavam a aproximação dos' príncipes.

Com efeito, êstes poderosos senhores, cujas lutas muitas vêzes encheram a Alemanha de confusão e guerra, adiantavam-se, agora, cavalgando lado a lado, pacificamente. Depois dos príncipes, vinham os eleitores. E o Eleitor da Saxônia, segundo o costume, conduzia a espada imperial, desembainhada e coruscante, bem à frente do imperador (22) .

Por fim, vinha o príncipe, em quem todos os olhos se fixavam (23) . Trinta anos de idade, de porte distin-to e feições delicadas, envergava vestes de ouro, com pedras preciosas (24) , tôdas reluzentes, trazendo na cabeça um pequeno chapéu espanhol (25) . Montado num belo cavalo polonês da mais admirável brancura, caval-gando sob um rico pálio de damasco vermelho, branco e verde, transportado por seis senadores de Ausburgo, e lançando, à sua volta, olhares nos quais a delicadeza se confundia com a circunspeção, Carlos despertava o mais vivo entusiasmo, e todos exclamavam ser êle o homem mais simpático do império, bem como o mais poderoso príncipe do mundo.

A princípio, Carlos desejara colocar o seu irmão e o núncio ao seu lado; mas o Eleitor de Mentz, seguido de duzentos guardas ataviados de sêda, reclamara a direita do imperador, e o Eleitor da Colônia, com cem vas salos bem armados, tomara o seu lugar à esquerda.j

Vinham, em seguida, o Rei Fernando e o legado papal; a êstes, sucediam os cardeais, os embaixadores e os prelados, entre os quais se notava o Bispo de Osma,

confessor de Carlos. A cavalaria imperial e as tropas de Ausburgo fechavam o cortejo .

Segundo os historiadores, jamais se vira algo tão grandioso no império (26) . Avançavam, porém, devagar, e era entre oito e nove horas da noite, quando atingiram as portas de Ausburgo (27) . Aí encontraram o burgomestre e os conselheiros, os quais se prostaram diante de Carlos. Ao mesmo tempo, o canhão dos baluartes, os sinos de todos os campanários, a pleno repique, o sonido das trombetas e dos timbales e as jubilosas aclamações do povo ecoavam com enorme barulheira. Estadião, bispo de Ausburgo, e o seu clero, vestido de branco puseram-se a cantar o Advenisti desírabilis, e seis cônegos, adiantando-se com um suntuoso pálio, dispunham-se a conduzir o imperador à catedral, quando o cavalo de Carlos, assustado com essa cena invulgar, súbitamente se empinou (28) , tendo o imperador certa dificuldade em dominá-lo. Por fim, Carlos entrou na basílica que se achava engalanada com grinaldas e flôres e iluminada, de súbito, por mil archotes.

O imperador subiu ao altar e, ajoelhando-se, elevou as mãos para o céu (29) . Durante o Te Deum, os pro-testantes observaram, com ansiedade, que Carlos ficou conversando, em tom baixo, com o Arcebispo de Mentz; que inclinou o ouvido ao legado que se acercara para falar-lhe; e que fêz um amistoso aceno de cabeça ao Duque Jorge. Tudo isso lhes pareceu de mau presságio. No momento, porém, em que os padres cantavam o Te ergo quwsumus, Carlos, interrompendo os seus coló-quios, levantou-se de supetão.

Um dos acólitos correu para êle, levando uma almofada bordada de ouro. O imperador, pondo-a de banda, ajoelhou-se nas lajes nuas da igreja. Tôda a assembléia ajoelhou-se com êle; só o eleitor e o landgrave permaneciam em pé. O Duque Jorge, espantado com tal ousadia, lançou, de soslaio, um olhar ameaçador ao seu primo. Arrebatado pela multidão, o Margrave de Brandemburgo ajoelhara-se, mas, ao ver os seus dois aliados em pé, depressa se ergueu de novo.

O Cardeal-arcebispo de Salisburgo começou, então, a pronunciar a bênção; todavia, Campeggio, irritado por não ter, até agora, tomado parte na cerimônia, dirigiu-se às pressas para o altar e, afastando bruscamente o arcebispo, disse-lhe, em tom ríspido (30) :

— Cabe a mim esta função, e não a vós!

O outro cedeu, o imperador curvou-se e o landgrave, reprimindo, a custo, um sorriso, ocultou-se atrás de um candelabro. Em seguida, os sinos repicaram novamente. O cortejo reiniciou a marcha, e os príncipes acompanharam o imperador até ao palatinado (nome conferido ao palácio do bispo) , pronto para recebê-lo . O povo, então, dispersou-se: passava das dez da noite.

Era chegada a hora em que os adeptos do papado se animavam com a perspectiva de tornar os protestantes infiéis à sua fé. A chegada do imperador, a procissão do santíssimo sacramento, que se achava em preparativos, a última hora, tudo fôra calculado antecipadamente. "O noturno da traição estava prestes a iniciar-se" — declarou Spalatin.

Alguns minutos de conversa geral ocorreram nos aposentos do imperador; os príncipes do partido papista receberam licença para retirar-se, mas Carlos fizera um sinal ao Eleitor da Saxônia, ao Landgrave de Hessen, a Jorge, margrave de Brandemburgo, ao Príncipe de Anhalt e ao Duque de Lunéburgo para que o seguissem ao seu compartimento privado (31) . Só Fernando, irmão do imperador, que devia servir de intérprete, entrou com êles.

Carlos julgava que, uma vez que os protestantes estivessem diante de todos, não se submeteriam, mas que, numa entrevista amigável e particular, talvez lo-grasse tudo quanto dêles pretendia.

—Sua Majestade solicita-vos cessar os sermões —disse-lhe Fernando.

Ao ouvirem estas palavras, os dois príncipes mais velhos (o eleitor e o margrave) empalideceram, sem uma palavra (32) . Houve longo silêncio.

Por fim, o landgrave falou:

—Suplicamos a Sua Majestade que retire a sua solicitação, pois os nossos ministros pregam apenas a genuína Palavra de Deus, gomo o faziam os antigos doutores da Igreja, Santo Agostinho, São Hilário e tantos outros. Disso, pode Sua Majestade convencer-se fàcil-mentê. Não podemos privar-nos do sustento da Palavra de Deus, nem repudiar o Seu Evangelho (33) .

Fernando, reatando a conversa em francês (34) —pois era nesta língua que palestrava com o irmão —, informou o imperador da resposta do landgrave. Nada desagradava mais a Carlos do que essas citações de Hi-lário e Agostinho; o sangue subiu-lhe às faces e por pouco não cedia à ira (35) .

—Sua Majestade — disse Fernando, em tom mais categórico — não pode abrir mão da sua exigência. Respondeu-lhe, prontamente, o landgrave:

A consciência de Sua Majestade não tem o direito de dirigir as nossas (36) .

Como Fernando ainda insistia, o margrave, que, até então, ficara calado, não mais se pôde conter e, sem cuidar de intérpretes, estirou o pescoço, voltado para Carlos, exclamando, profundamente comovido:

—A permitir que me seja tirada a Palavra do Senhor, a negar o meu Deus, eu preferiria, ajoelhando- me diante de Sua Majestade, que me decepassem a ca-beça!

Diz um contemporâneo (37) : "Quando proferiu es-sas palavras nobres e simples, o príncipe as acompanhou de um gesto significativo, deixando cair as mãos sôbre o seu pescoço, como o cutelo do carrasco". A excitação dos príncipes •chava-se no auge: se fôsse preciso, todos os quatro caminhariam, imediatamente, para - o cada-falso. Carlos ficou impressionado com isso. Surprêso, aflito, logo exclamou, em seu mau alemão, dando mos-tras de conter o landgrave:

—Caro príncipe, a cabeça não! a cabeça não! Mal, porém, pronunciara- estas palavras, êle próprio se conteve.

Foram êstes os únicos vocábulos que Carlos pro-nunciou na presença dos príncipes, durante tôda a dieta. Sua ignorância da língua alemã e, às vêzes, também, da etiqueta do Escurial, obrigou-o a exprimir-se apenas pela bôca do irmão ou do conde palatino . Como êle tinha o hábito de dedicar quatro horas diárias à ado-ração divina, o povo dizia:

—O imperador conversa mais com Deus do que com os homens.

O silêncio constante não lhe favorecia os planos. Éstes demandavam atividade e eloqüência, mas, em vez disso, os alemães viam, no semblante taciturno do seu jovem imperador, um mero títere, inclinando a cabeça e piscando os olhos. Carlos, às vêzes, ressentia-se bem fundamente das falhas dessa situação:

—Para poder falar o alemão — disse — de bom grado sacrificaria qualquer outro idioma, mesmo que fôsse o espanhol ou o francês, e, mais do que isso, um dos meus Estados (38) .

Fernando viu que era inútil insistir na cessação dessas reuniões, mas possuía outra seta em sua aljava. O dia seguinte era o da festa de Corpus Christi e, segundo um costume que, até então, jamais fôra infringido, esperava-se que todos os príncipes e delegados pertencentes à dieta tomassem parte na procissão

Negar-se-iam os protestantes a êsse ato de cortesia, logo no iní-cio de uma dieta a que cada qual veio com um espírito de reconciliação? Não haviam declarado que o corpo e o sangue de Cristo se encontravam, realmente, na hóstia? Não fazem alarde de sua oposição a Zwinglio? E como poderão manter-se à parte, sem cair na heresia? Ora, se participarem da pompa que envolve "o corpo do Senhor", se se misturarem com aquela multidão de padres, resplendentes de luxo e cheios de presunção, car-regando o deus que criaram; se estiverem presentes, quando o povo se ajoelhar, não comprometerão êles, ir-revogàvelmente, a sua fé? A máquina está bem prepa-rada; seu funcionamento não pode falhar; já não há mais dúvida! A astúcia dos italianos está prestes a triunfar sôbre a simplicidade dêsses campônios alemães!

Por conseguinte, fazendo uma arma da própria re-cusa que acabara de receber, Fernando prossegue, di-zendo:

—Visto que o imperador não pode conseguir de vós a cessação das vossas reuniões, êle vos pede que, ao menos, o acompanheis, amanhã, segundo o costume, na procissão do Santíssimo Sacramento. Fazei-o, senão por consideração a êle, ao menos para a glória de Deus Todo-Poderoso (39) .

Os príncipes ficaram ainda mais irritados e inquietos.

—Cristo não instituíu o Seu sacramento para a adoração — responderam-lhe.

Continuou Carlos na sua exigência, e os protestan-tes, na sua recusa (40) . Depois disso, o imperador de-clarou que não lhes aceitaria a desculpa, que lhes daria tempo para refletir e que, na manhã seguinte cedo, deviam estar preparados para uma resposta.

Com a maior perturbação, separaram-se. O prín-cipe-eleitoral, que aguardara o pai no primeiro corredor, em companhia dos outros senhores, procurou, na ocasião em que os príncipes saíam do aposento do im-perador, ler nos semblantes dêstes o que ocorrera. Jul-gando, pela agitação estampada em seus rostos, que a contenda fôra grave, imaginou que o seu pai estivesse exposto aos maiores perigos, e, nessa conformidade, to-mando-o pela mão, puxou-o para a escadaria do palácio, exclamando, atemorizado, como se os sequazes de Carlos já estivessem logo atrás dêle:

—Vinde, vinde depressa!

Carlos, que não contara com tal oposição, ficou, na verdade, confuso, e o núncio procurou exasperá-lo mais ainda (41) . Perturbado, cheio de cólera e vexame, pro-ferindo as mais terríveis ameaças (42) , o jovem impera-dor deu passos para cá e para lá, apressadamente, nos corredores do palácio; incapaz de aguardar uma respos-ta até o dia seguinte, mandou exigir, no meio da noite, a decisão final do eleitor.

—No momento, precisamos repousar — respondeu êste — Amanhã vos daremos a saber a nossa resolução (43) .

Quanto ao landgrave, não podia descansar mais do que Carlos. Mal regressara ao alojamento, fêz com que o seu chanceler fôsse ter com os delegados de Nuremberg, acordando-os, a fim de informá-los do ocorrido (44) .

Ao mesmo tempo, a exigência de Carlos foi apre-sentada aos teólogos. Spalatin, tomando da pena, re-digiu-lhes a opinião, durante a noite. Esta sustentava: O sacramento não foi instituído para a adoração, como os judeus adoravam a imagem de bronze (45) . Aqui nos achamos para confessar a verdade, e não para a sanção de abusos.

Não compareçamos, pois! Essa opinião corroborou os príncipes evangélicos no seu propósito. E surgiu o dia 16 de junho.

Séntindo-se adoentado durante a noite, o Eleitor da Saxônia encarregou o filho de representá-lo. Às sete horas, os príncipes e os conselheiros dirigiram-se, a cavalo, para o palácio do imperador (46) .

O Margrave de Brandemburgo foi o porta-voz.

—Sabeis — disse a Carlos — o quanto, com o risco de nossas vidas, eu e os meus ascendentes apoiámos a vossa augusta Casa. Nas coisas de Deus, porém, os mandamentos do próprio Deus obrigam-me a pôr de lado todo mandamento do homem. Sabemos que a morte aguarda os que perseveram na verdadeira doutrina. Estou pronto para sofrê-la.

Apresentou, então, a declaração dos príncipes evan-gélicos ao imperador:

—"Não aprovaremos, com a nossa presença, essas ímpias tradições humanas, que se opõem à Palavra de Deus. Ao contrário, declaramos, sem hesitar, e unânimemente, que devemos bani-las da Igreja, para que aquêles seus membros ainda sãos não se contaminem com a peçonha mortífera (47) ".

—Se não acompanhais Sua Majestade por amor a Deus — disse-lhes Fernando —, acompanhai-o, ao me-nos, por acatamento ao imperador, e como vassalos do império (48) . — Sua Majestade vos ordena.

—Está em jôgo um ato de adoração — responderam-lhe os príncipes. — Nossa consciência o proíbe.

Fernando e Carlos consultaram-se, então, em voz baixa.

—Sua Majestade deseja saber — falou-lhes o rei — se vós o obedecereis ou não (49) .

Ao mesmo tempo, o imperador e o seu irmão deixaram a sala. Os príncipes, em vez de acompanhá-lo, como o esperara Carlos, voltaram, cheios de júbilo, aos seus palácios.

A procissão não começou senão depois do meio-dia. Logo atrás do pálio sob o qual o Eleitor de Mentz levava a hóstia, vinha o imperador sózinho, com um ar piedoso, trazendo um círio na mão, a cabeça descoberta e tonsurada como a de um padre, embora o sol do melodia lhe dardej asse os seus raios mais abrasadores (50) . Expondo-se a essas fadigas, Carlos desejava professar, eloqüentemente, a sua fé naquilo que constitui a essência do catolicismo-romano. A medida que o espírito e a vida se desprenderam das igrejas primitivas, êles se esforçaram por substituí-los por aparências, rituais e cerimônias. O princípio fundamental do culto papista baseia-se nesse definhamento da caridade cristã e da fé, que os cristãos católicos das

épocas primitivas muitas vêzes deploraram. A história de Roma resume-se nesta expressão de S. Paulo: Tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela (51) . Quando, porém, a eficácia se achava, então, começando a renascer, na igreja, a aparência principiou, também, a descair. Apenas cem cidadãos de Ausburgo, se tanto, tomaram parte na procissão do dia 16 de junho. Já não existia a pompa dos primeiros tempos: o povo cristão aprendera de novo a amar e a crer .

Carlos, no entanto, sob a aparência de devoção, es-condia um coração magoado. O núncio sentia-se menos capaz de dominar-se, dizendo, em voz alta, que essa obstinação dos príncipes seria motivo de grande desagrado para o papa (52) . Ao findar a procissão (durara uma hora) , Carlos não mais podia conter a sua enorme cólera. Nem bem retornara ao seu palácio, declarou que forneceria salvos-condutos aos príncipes protestantes, e que êsses homens, obstinados e rebeldes, deveriam abandonar Ausburgo logo no dia seguinte (53) .

A dieta tomaria, então, as resoluções necessárias à segurança da Igreja e do Império. Foi, sem dúvida, o legado quem dera essa idéia a Carlos, a qual, se fôsse levada a efeito, teria redundado numa guerra religiosa. Mas alguns dos príncipes do partido de Roma, desejosos de preservar a paz, lograram, pôsto que não sem dificuldade, conseguir que o imperador revogasse a sua ordem ameaça-dora (54) .

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Wo Sachsen, Hessen, wãren. Corp. Ref., II, 89.

(2) Minatur nobis Satan

(3) Er wolte es machen, Ref., II, 88.

(4) Neu aufgerichte Kettenund andere Lutherlsche nit hie grande exitium. Ibid., 92. wie es Ihm eben wãre. Corp. und Stdck. Ibid., 66.

(5) Mit sammet und reide auf's kostlichst ausgestri-chen. Ibid.

(6) Den jungen Fürsten zu Neuburg ihre wappen abge-rissen. Ibid., 55.

(7) -V.or zehn Jahren in Sinn gehalt. Corp. Ref., II, 66.

(8) Gehen nicht mehr in die Haüser und schrieben an die Thür. corp. Ref., II, 89.

(9) Cassarem instructum are pontificum quwrere causas moras. L. Epp., IV, 31.

(10) Das hat Kais. Maj. wohl gefallen. Forstemann, Urkunden, I, 246.

(11) Alle stund die Wagen, der Tross und vlel gesinds nach einander herein. Corp. Ref., II, 90.

(12) Findem aber wenig Freuden feuer. Ibid.

(13) Zu margens, um fünf Uhr. F. Urkunden, I, 263.

(14) Ab Electorum filiis qui procurrerant rogatus. Sek., II, 101.

(15) Mox ab equis descenderunt. Cochlceus.

(16) Auf ein Ort geruckt. F. Urkunden, 1, 256.

(12) Findem aber wenig Freuden feuer. Ibid.

(13) Zu margens, um fünf Uhr. F. Urkunden, I, 263.

(14) Ab Electorum filiis qui procurrerant rogatus. Sek., II, 101.

(15) Mox ab equis descenderunt. Cochlceus.

(16) Auf ein Ort geruckt. F. Urkunden, 1, 256.

(17) Ibid

(18) Ibid

(19) Ibid

(20) Ibid

(21) Viel sammete unde seiden Rõcke. L. Opp., XX, 201.

(22) Noster princeps de more prtulit ensen. Corp. Ref., U, 118.

(23) Omnium oculos in se convertit. Seck., II, 160.

(24) Totus gemmis coruscabat. Ibid.

(25) Ein klein Spanisch Hütlein. F. Urkunden, I, 260.

(26) Antea in imperio non erat visa. Seckend., II, 160.

(27) Ingrelssus est in urbem intra octavam et nonam. Ibid., 114.

(28) Da entsetzt sich K. M. Hengest für solchem Rímel. F. Urkunden, I, 26.

(29) Ihr hand aufgehebt. Ibid.

(30) Cardinalem legatus castigatum abegll2. Seckt., 161.

(31) Ad conclave suum. Corp. Ref., págs. 106, 114.

(32) Die beede alte Fürsten zum hõchsten entsetz. Ibid.

(33) Se non posse cibo verbi Dei carere, nec sana con-scientia Evangelium negare. Ibid., 115.

(34) In Franzõsischer Sprache. Ibid., 107.

(35) Sich darob etwas angerot und erhitzt. Corp. Ref., 115.

(36) K. M. gewissen sey aber kein Herr und meyster uber ihr geWiSsen. Ibid.

(37) Ut simpliciter, ita magnanimiter — diz Brentz. Ibid.

(38) Es wãre Spanlsch oder Franzõsisch und dazu eines Lip.ndes minder. Corp. Rei., II, 114.

(39) Et saltem in honorem Dei illud facerent. Corp. Ref., II, 116.

(40) Persistit Cwsar in postulatione, persisterunt 1111 in recusatione. Ibid., 115.

(41) A svitia Legati Romanensium captivi. Corp. Ref., II, 116

(42) Hinc secutEe sunt gravissimm minae, jactae saevis-simw CEesaris indignationes. Ibid.

(43) Quiete sibi opus esse dicens, responsum in diem al-terum distulit. Seck., II, 162.

(44) Hat nãchten uns aufwecken lassen. Corp. Ref., II, 106.

(45) Wie die Juden die Schlange haben angebethet. Ibid., 111.

(46) ileute zu sieben Uhren sind gemeldete Fürsten. Corp. Ref., III, 107.

(47) Coelestin, I, 82.

(48) 1..Tt vassali et principes imperli. Cochiceus, pág. 192.

(49) Sie wolle sehen, ob sie I. M. gehorchsam leisten oder nicht. Corp. Ref., II, 108.

(50) Clericaliter, detonso capillo. Zw. Epp., II, 471. Nudo capite sub meridiani solis ardoribus. Pallavicini, I, 228.

(51) II Timóteo 3:5.

(52) Sarpi, Concílio de Trento, I, 99.

(53) Ut mox altera die, cum salvo-conductu, Lutherani abirent domum. Cochl., pág. 193.

(54) Pacis et concordim avidi, supplicarunt ejus majestati ut sedata ira. Cochl., pág. 193.

CAPÍTULO V

Proibidos os Sermões — Compromisso Propos-to e Aceito — O Arauto — Curiosidade dos Cida-dãos — Os novos Pregadores — A Salsada do Papado — Lutero Anima os Príncipes — "Veni Spiritus" — Missa do Espírito Santo — O Sermão — Início da Dieta — A Prece do Eleitor — Insi-dioso Plano dos Romanistas — Valdez e Melanc-ton — Nenhum Debate Público — Prevalece a Firmeza Evangélica.

— Trata-se de um espantalho — disseram. — Os papistas só desejam ver se o prego abala a parede, e se podem levantar a lebre da moita.

Derrotado no tocante à procissão, Carlos resolveu desforrar-se nas reuniões, pois nada o exasperava como as prédicas. O povo não cessava de encher a ampla igreja dos franciscanos, onde um ministro, partidário de Zwinglio, de brilhante e comovente eloqüência, pregava sôbre o Livro de Josué (1) . O ministro apresentava ao público os reis de Canaã e os filhos de Israel: a congregação ouvia- os falar, via-os agir, e todos reconheciam, nos reis de Canaã, o imperador e os príncipes ultramontanos, e, no povo de Deus, os adeptos da Reforma. Conseqüentemente, os ouvintes deixavam a igreja extasiados com a sua própria fé, desejosos de ver cair por terra a abominação dos idólatras. No dia 16 de junho, os protestantes deliberaram sôbre a exigência de Carlos, e esta foi rejeitada pela maioria.

Na manhã seguinte (17 de junho) , antes do desje-jum, os príncipes responderam ao imperador:

— Proibir aos nossos ministros que preguem sim-plesmente o Santo Evangelho, seria rebelião contra Deus, que não quer que a Sua Palavra seja reprimida . Pobres pecadores que somos, precisamos da Sua Divina Pala-vra, para vencer as nossas dificuldades (2) . Além disso, Vossa Majestade declarou que, nesta dieta, cada doutri-na seria examinada de modo imparcial. Ora, ordenar-nos que, daqui por diante, suspendamos os sermões, se-ria condenar a nossa de antemão.

Carlos convocou imediatamente os outros príncipes seculares e espirituais, os quais chegaram ao palácio do conde palatino ao meio-dia, permanecendo em sessão até as primeiras horas da noite (3) . A discussão foi muitíssimo animada.

— Nesta mesma manhã — disseram alguns dos ora-dores —, os príncipes protestantes, ao deixarem o im-perador, pregaram sermões em público (4) .

Exasperado com essa nova afronta, Carlos a custo se conteve. Alguns dos príncipes, no entanto, rogaram a Carlos aceitasse a sua mediação, com o que êle con-cordou; mas os protestantes continuaram irredutíveis. Vieram êsses hereges, a quem criam submeter com tanta facilidade, a Ausburgo só para humilhar o

imperador? Era preciso salvar-se a honra do chefe do império, custasse o que custasse.

— Renunciemos nós mesmos aos nossos pregadores — disseram os príncipes —; os protestantes, então, não teimarão em conservar os dêles!

A comissão, conseqüentemente, propôs que o im-perador afastasse tanto os pregadores papistas como os protestantes, e que nomeasse alguns capelães, com autorização para anunciarem a genuína Palavra de Deus, sem atacar nenhum dos dois partidos (5) .

— Serão homens imparciais — disseram êles aos protestantes. — Nem Faber nem os seus prosélitos serão aceitos.

—Mas condenarão a nossa doutrina!

—De maneira nenhuma. O pregador nada fará, senão ler o texto dos Evangelhos, das Epístolas, e uma confissão geral dos pecados (6) .

Os Estados evangélicos pediram tempo para refletir sôbre isso.

—Devemos concordar — disse Melancton —; pois, se a nossa pertinácia fizer com que o imperador se recuse a ouvir-nos a confissão, o mal será maior ainda.

—Fomos chamados a Ausburgo para prestar conta de nossa doutrina, e não para pregar — expôs Agrícola (7) .

—Não há a mínima desordem na cidade — observou Spalatin. — Os sacramentos e os entusiastas pregQ.m aqui tanto quanto nós: precisamos sair dessa confusão.

—Que propõem os papistas? — arrazoaram os demais teólogos. — Ler os Evangelhos e as Epitolas, sem explicação. Mas, não é isso uma vitória? Quê! Protestamos contra as interpretações da Igreja! Ora, ve-jam! Padres, que deverão ler a Palavra de Deus, sem as suas observações e comentários, transformando-se, por assim dizer, em ministros protestantes!

—O admirável sabedoria dos palacianos! — excla-mou Melancton, sorrindo (8) .

A êsses motivos, acrescentaram-se as opiniões dos juristas. Como o imperador devia ser considerado como legítimo magistrado de urna cidade imperial, uma vez que êle a tornasse o seu local de estada, tôda a autoridade em Ausburgo realmente lhe pertencia.

— Bem, então — disseram os príncipes protestantes concordamos com o silenciar os nossos pregadores, esperançosos de que nada ouviremos que nos acuse a consciência. Fôsse de outro modo, sentir-nos-íamos constrangidos a repelir uma tão grave injúria (9) .

—Demais — acrescentou o eleitor, enquanto se re-tirava —, esperamos que, se em qualquer ocasião quisermos ouvir um dos nossos capelães, em nosso próprio palácio, teremos tôda a liberdade de fazê-lo (10) .

Dirigiram-se, às pressas, ao imperador, que nada mais desejava, senão chegar a um acôrdo com os pro-testantes sôbre essa questão e que ratificou tudo.

Era sábado. Imediatamente se mandou sair um arauto imperial, que, passando pelas ruas da cidade, em desfile, às sete da noite, ao som de trombetas (11) , fêz a seguinte proclamação:

—Ouçam! Atenção (12) ! Assim ordena Sua Ma-jestade Imperial, nosso graciosíssimo senhor: A ninguém será permitido pregar em Ausburgo, exceto por nomeação de Sua Majestade, sob pena de incorrer no desagrado e na punição de Sua Majestade.

Mil comentários diferentes foram trocados nas casas dos cidadãos de Ausburgo.

—Estamos deveras impacientes por ver os pregadores designados pelo imperador, os quais (ó maravilha nunca vista!) não pregarão nem contra a doutrina evangélica, nem contra a doutrina do papa! — diziam (13) .

—Devemos esperar ver um Tragélafo — acrescentava outro —, ou alguma quimera com cabeça de leão, corpo de cabra e cauda de dragão (14) .

Os espanhóis pareciam bastante satisfeitos com êsse acôrdo, pois muitos dêles jamais tinham ouvido um sermão — não era costume na Espanha. Os amigos de Zwinglio, porém, tomaram-se de indignação e receio (15) .

Finalmente, chegou o domingo, 19 de junho. Todos afluíram às igrejas. O público, que as enchia, com os olhos fixos no padre e com os ouvidos atentos (16) . dispunha-se a prestar atenção a o que diriam êsses novos e estranhos pregadores (17) . De modo geral, julgava-se fôsse incumbência dêsses pregadores fazer um discurso evangélico-papista, e o povo estava 'ansioso por ouvir êsse portento. Mas

"A montanha deu à luz um rato!"

Primeiramente, o pregador leu o devocionário usual; a seguir, acrescentou o Evangelho do dia e terminou com urna confissão geral dos pecados, despedindo a con-gregação. Os ouvintes entreolharam-se, surpresos.

— Com efeito! — disseram. — Eis um pregador que não é nem evangélico nem papista, mas estritamente textual (18) — e, por fim, desataram todos a rir.

"E, na verdade, havia bastante motivo" — diz Brentz (19) . Em algumas igrejas, no entanto, os capelães, após a leitura do Evangelho, acrescentaram algumas pala-vras fúteis, desprovidas de sentido religioso e de confôr- to, sem qualquer

fundamento na Sagrada Escritura (20) . Depois do pretenso sermão, os pregadores procede- ram à missa. Esta, na catedral, foi particularmente ruidosa. O imperador não se achava presente, pois es- tava acostumado a dormir até às nove ou dez horas (21) e realizava-se, para êle, urna missa em hora mais avan- çada; todavia, Fernando e muitos príncipes ali se en- contravam. As notas ressonantes do órgão, as vozes al tissonas do coro repercutiram na catedral, e uma nu-merosa e heterogênea multidão, entrando, apressada, por tôdas as portas, encheu as naves do templo.

Dir-se-ia que tôdas as nações do mundo haviam combinado encontrar-se na catedral de Ausburgo . Aqui se achavam franceses; ali, espanhóis; num lugar, sarracenos; noutro, mouras; de um lado, italianos; de outro, turcos. E, até mesmo — menciona Brentz — os chamados estratiotas (22) . esse agrupamento não era má repre-sentação da miscelânea do papado.

Apenas um padre, romanista fervoroso, ousou fazer uma apologia da missa, na igreja da Santa Cruz. Carlos, desejando manter a sua autoridade, mandou atirá-lo à clausura dos

Franciscanos, da qual conseguiram deixá-lo evadir-se. Quanto aos pastores evangélicos, quase todos deixaram a cidade para ouvir o Evangelho em outra parte. Os príncipes protestantes desejavam muitíssimo conseguir, para as suas igrejas, a assistência dos tais homens ilustres. A êsse passo, seguiram-se imediatamente o desânimo e o receio, e até mesmo os mais firmes se abalaram. O eleitor ficou consternado com a privação que lhe impôs o imperador.

— Deus, nosso Senhor — disse êle, exalando um profundo suspiro —, recebeu ordem para calar-se na Dieta de Ausburgo (23) !

A partir dessa época, Lutero perdeu a boa opinião que fizera anteriormente de Carlos, pressagiando o mais tormentoso futuro. Escreveu: "Vêde vós qual será o fim de tudo isso: O imperador, que órdenou ao eleitor re-nunciasse às reuniões exigir-lhe-á, mais tarde, que abandone a doutrina; a dieta entrará em seu paroxismo, e nada nos restará, senão confiarmos na arma do Senhor" . Cedendo, então, a tôda a sua ira, acrescentou: Os papistas, entregues aos demônios, estão repassados de ódio; para viver, precisam beber sangue (24) . Desejam as sumir um ar de justiça, atribuindo-nos um de obstinação. Em Ausburgo, não tendes de tratar com homens, mas com as próprias portas do inferno.

Mesmo Melancton viu esvair-se as suas esperanças. Disse: "Exceto o imperador, todos êles nos odeiam com o mais violento ódio. O perigo é grande, muito grande (25) . . . Orai a Cristo, pedindo-LHE que nos salve!" Mas Lutero, por mais cheio de tristeza que estivesse, longe de desanimar-se, ergueu a cabeça e esforçou-se por

reanimar a coragem dos seus irmãos. "Confiai e não duvideis, porque sois confessores de Jesus Cristo e embaixadores do Grande Rei (26) " — escreveu-lhes.

Tinham necessidade dêsses pensamentos, pois os seus adversários, exultantes com o primeiro triunfo, não negligenciavam nada que pudesse aniquilar os protestantes e, dando um outro passo à. frente, propuseram forçá-los a assistir às cerimônias papistas (27) .

— O Eleitor da Saxônia — disse o núncio a Carlos — deve, em virtude do seu cargo de grão-mestre-sala do império, conduzir a espada à vossa frente em tôdas as cerimônias da dieta. Ordenai-lhe, pois, que cumpra o seu dever na missa do Espírito Santo, que deverá abrir as sessões.

Carlos assim o fêz, imediatamente. O eleitor, em-baraçado com tal mensagem, convocou os seus teólogos. Se se recusasse — pensava —, ser-lhe-ia tirada a dignidade; se obedecesse, espezinharia a sua fé e traria desonra para o Evangelho.

Os teólogos luteranos, porém, afastaram os escrúpulos do príncipe, dizendo-lhe:

— É para urna cerimônia do império, como grão-mestre-sala, e não como cristão, que sois intimado. A própria Palavra de Deus, na história de Naamã, autoriza-vos a aceder a essa convocação (28) .

Os amigos de Zwinglio não pensavam dessa forma; sua conduta era mais firme que a de Witemberg.

—Os mártires antes se deixavam supliciar a quei-marem um grão de incenso ante os ídolos — profe-riram.

Até mesmo alguns dos protestantes, ouvindo que devia ser cantado o Veni Spiritus, disseram, abanando a cabeça:

—Receamos muitíssimo que, tendo sido afastado pelos papistas o veículo do Espírito, que é a Palavra de Deus, o Espírito Santo jamais chegará a Ausburgo, não obstante a missa déles (29) .

Não se deu atenção nem a êsses receios nem a essas objeções.

Na segunda-feira, 20 de junho, o imperador e o seu irmão, acompanhados dos eleitores e dos príncipes do império, tendo entrado na catedral, tomaram os seus assentos ao lado direito do côro; à esquerda, achavam-se o núncio, os arcebispos e os bispos; no meio, os em-baixadores. Sem o côro, numa galeria que o sobranceava, encontravam-se o landgrave e outros protestantes, os quais preferiram ficar distanciados da hóstia (30) . O eleitor, carregando a espada, ficou em pé rente ao altar, no momento da adoração. Tendo os acólitos fechado os portões do côro logo depois (31) , Vicente Pompinello, arcebispo de Salerno, pregou o sermão. Principiou falando sôbre os turcos e as suas devastações, e, então, numa viravolta inesperada,

pôs-se a exaltá-los acima, mesmo, dos alemães. Disse: Os turcos não têm senão um príncipe, a quem obedecem; mas os alemães têm muitos, os quais não obedecem a ninguém. Os turcos vivem sob uma única lei, um só costume, uma só religião; porém, entre os alemães, há alguns que estão sempre a desejar novas leis, novos costumes, novas religiões.

Rasgam a túnica inconsútil de Cristo; por uma insinuação satânica, abolem as santas doutrinas, firmadas por consenso unânime, e põem em seu lugar . . . ai! — bu-fonarias e indecência (32) 1 Voltando-se para Carlos e para o irmão dêste, continuou: "Magnânimo imperador, poderoso rei! Aguçai as vossas espadas, empunhai-as contra êsses pérfidos agitadores religiosos e, assim, trazei-os de volta ao aprisco da Igreja (33) ! Não haverá paz para a Alemanha, enquanto a espada não tiver extirpado totalmente essa heresia (34) . ó S. Pedro e S. Paulo! Invoco-vos; a vós, S. Pedro, para abrirdes, com as vossas chaves, os corações empedernidos dêsses príncipes; a vós, S. Paulo, para que, se êles se mostra-rem rebeldes demais, venhais destroçar, com a vossa espada, essa obstinação sem precedentes!"

Findo êsse discurso entremeado de panegíricos de Aristides, Temístocles, Cipião, Catão, o Censor, e Cévola, o imperador e os príncipes levantaram-se para fazer as suas ofertas. Pappenheim restituiu a espada ao eleitor, que lha confiara; e o grão-mestre-sala bem como o mar-grave dirigiram-se ao ofertório, porém com um sorriso, conforme consta (35) . Ésse fato não está senão em pouca consonância com o caráter dêsses príncipes.

Por fim, deixaram a catedral. Exceto os amigos do núncio, ninguém ficou satisfeito com o sermão. Até mesmo o Arcebispo de Mentz se mostrou desgostoso com êle.

— Que quer êsse pregador dizer — exclamou —invocando S. Paulo para destroçar os alemães com a sua espada!?

Nada senão uns poucos sons indistintos foram ou-vidos na nave. Os protestantes inquiriram, com ânsia, as pessoas do seu partido que tinham estado no côro. Disse Brentz, nessa ocasião:

— Quanto mais êsses padres inflamam a mente do povo, quanto mais incitam os seus príncipes às guer-ras sangrentas, mais devemos impedir os nossos de en-tregar-se à violência (36) .

Assim falou um ministro do Evangelho da paz, após o sermão dos padres de Roma.

Depois da missa do Espírito Santo, o imperador tomou a sua carruagem (37) e, tendo chegado à câmara administrativa, onde deviam realizar-se as sessões da dieta, assentou-se num trono revestido com um pano dourado, enquanto, num banco à sua

frente, se instalava o seu irmão; em seguida, em tôda a volta dêles, agruparam-se os eleitores, quarenta e dois príncipes soberanos, os delegados das cidades, os bispos e os embaixadores, formando, realmente, aquela nobre assembléia que Lutero, seis semanas antes, imaginara ver sentada no ar (38) .

O conde palatino leu a proposição imperial. Esta se referiu a dois pontos, a guerra contra os otomanos e a controvérsia religiosa. Disse o imperador: "Sacrificando injúrias e interêsses pessoais ao bem comum, deixei os meus domínios hereditários, a fim de dirigir-me, não sem grande perigo, à Itália e, de lá, à Alemanha. Com tristeza, soube das divisões que aqui surgiram e que, indo de encontro não só com a majestade imperial, porém, mais ainda, com os mandamentos de Deus Todo-Poderoso, engendrarão a rapina, a revolução, a guerra e a morte (39) ". A uma hora, o imperador, seguido de todos os príncipes, regressou ao seu palácio.

No mesmo dia, o eleitor reuniu à sua volta todos os seus correligionários, a quem o discurso do imperador irritara muitíssimo, e exortou-os a que, por causa de quaisquer ameaças, não se desviassem de uma cau sa que era a do próprio Deus (40) : Todos pareciam estar imbuídos desta expressão bíblica: Dizei a palavra, e ela não subsistirá, porque Deus é conosco (41) .

O eleitor tinha enorme responsabilidade a arcar. Não só devia encabeçar os príncipes como tinha, ainda, de resguardar-se da enervante influência de Melancton. Durante tôda a dieta, êsse príncipe não nos oferece ao reparo uma simples abstração estatal, mas a mais nobre personalidade. Na têrça-feira, de manhã cedo, sentindo necessidade dessa fôrça invisível que, segundo uma linda figura da Bíblia, nos faz percorrer os mais altos páramos da terra, e vendo, como de ordinário, os seus domésticos, os seus conselheiros e o seu filho reunidos à sua volta, João solicitou-lhes, delicadamente, que se retirassem (42) . Sabia que era só-mente se ajoelhando, com humildade, na presença de Deus que êle poderia prosseguir com coragem diante de Carlos. Sôzinho, em seu quarto, abriu os Salmos e leu-os; depois, ajoelhando-se, dirigiu a Deus a mais fervorosa oração (43) ; em seguida, desejando confirmar-se na inabalável fidelidade que acabara de votar ao Senhor, foi até à sua escrivaninha e, ali, confiou ao papel as suas resoluções. Dolzig e Melancton viram, mais tarde, essas linhas, e encheram-se ae admiração ao lê-las (44) .

Estando fortalecido de novo com piedosos pensa-mentos, João apanhou a proposição imperial e meditou sôbre ela; depois, tendo mandado entrar o seu filho, o chanceler Bruck e, pouco depois Melancton, todos êles concordaram que os debates da dieta deviam começar com os assuntos religiosos, e os seus aliados, què foram consultados, aprovaram tal parecer.

O núncio concebera um plano diametralmente oposto a êste. Queria abafar a questão religiosa e, por isso, solicitou que os príncipes a examinassem por uma comissão secreta (45) . Os cristãos evangélicos não ti-nham dúvida de que, se a

verdade fôsse proclainada no grande concílio nacional, ela alcançaria a vitória; porém, quanto mais desejavam uma confissão pública, mais a temiam os amigos do papa. Éstes últimos ten-cionavam enfrentar os seus adversários com o silêncio, sem confissão, sem discussão, como se toma uma cidade pela fome, sem luta e sem tumulto: amordaçar a Reforma, e, assim, arrastá-la à impotência e a morte, era a sua tática. O terem imposto silêncio aos pregadores não bastava: deviam fazer calar os príncipes também. Desejavam silenciar a Reforma como numa masmorra, e ali a deixar perecer, julgando que dessa forma se livrariam dela com mais segurança do que a levando ao cadafalso.

Ésse plano foi bem concebido: restava, agora, ser pôsto em execução e, para tanto, era necessário per-suadir os protestantes de que um tal método lhes seria o mais seguro. A pessoa escolhida para essa intriga foi Afonso Valdez, secretário de Carlos V, fidalgo es-panhol e excelente indivíduo, que, mais tarde, mostrou inclinação para a Reforma. A política muitas vêzes se serve de bons homens para os mais pérfidos desígnios. Decidiu-se que Valdez deveria dirigir-se ao mais tímido dos protestantes — Melancton.

A 16 ou 17 de junho, logo após a chegada de Car-los, Valdez solicitou a Melancton que lhe fizesse uma visita. Disse o primeiro:

—Os espanhóis julgam que os luteranos ensinam doutrinas heréticas acêrca da Santíssima Trindade, de Jesus Cristo e da bem-aventurada Mãe de Deus (46) . Assim sendo, julgam fazer uma obra mais louvável ma-tando um luterano do que um turco.

—Sei disso — respondeu-lhe Melancton. — Ainda não pude Conseguir que os vossos compatriotas abandonem essa idéia.

—Mas, por favor, que desejam os luteranos?

—A questão luterana não é tão complexa e tão inconveniente como Sua Majestade a imagina. Não atacamos a Igreja Católica, como geralmente se crê (47) . A controvérsia tôda se reduz nestes três pontos: as duas espécies no sacramento da Santa Ceia, o casamento dos ministros da igreja e a extinção das missas privadas. Se pudéssemos concordar .acêrca dêsses artigos, fácil seria chegarmos a um acôrdo sôbre os demais.

—Bem, informarei isso a Sua Majestade.

Carlos V ficou encantado com tal comunicação. Disse a Valdez:

—Ide participar essas coisas ao núncio, e pedi a Mestre Felipe que vos forneça, por escrito, uma exposição sucinta do que êles crêem e do que negam.

Valdez apressou-se em busca de Campeggio.

—O que me relatais me satisfaz regularmente —proferiu êste. — Quanto às duas espécies no sacra-mento, e ao casamento dos padres, haverá meios de harmonização (48) ; todavia, não podemos concordar com a extinção das missas privadas.

De fato, isso teria sido suprimir uma das maiores fontes de renda da Igreja.

No sábado, 18 de junho, Valdez encontrou-se de novo com Melancton.

—Solicita-vos o imperador uma breve e comedida exposição; e Sua Majestade está persuadido de que será mais conveniente tratar dêste assunto de modo sumário e reservado (49) , evitando tôda audiência pública e tôda discussão prolixa, as quais só geram a ira e a divisão.

— Bem — respondeu-lhe Melancton —, refletirei nisso.

Melancton achava-se quase persuadido: uma con-ferência secreta convinha melhor com o seu tempera-mento! Não repetira êle muitas vêzes que, antes de mais nada, devia procurar-se a paz? Dêsse modo, tudo levava o núncio a esperar que seria evitada uma contenda pública, e que êle poderia satisfazer-se, por assim dizer, com lançar mudos contra a Reforma, e estrangulá-la num calabouço (50) .

Felizmente, o chanceler e o Eleitor Frederico não acharam conveniente acolher a proposta de que Carlos encarregara o digno Valdez. A decisão dêsses mem-bros leigos da Igreja livrou-a do passo em falso que os seus doutores estavam prestes a dar; e a astúcia dos italianos malogrou-se contra a firmeza evangélica . A Melancton permitiu-se apenas apresentar a Confis-são ao Imperador, para que êste a examinasse, e, apesar da moderação nela empregada, exclamou Valdez:

— Estas palavras são demasiado ásperas. Vossos adversários jamais as tolerarão (51) .

Assim terminou a manobra do embaixador do papa.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Maximus populi concursus amplissima sede. Cochl., Pág. 193.

(2) Nec se illo anima nutrimento carere. CEelestinus, Hist. Comit., I, 88; Forst. Urkunden, I, 283.

(3) Casar a meridie. Seck., 165. Den gangen Tag. Corp. Ref., II, 113.

(4) Eo ipso die conciones continuata. Seckend., pág. 165.

(5) Casare omnes tam papistarum quam evangelicorum conciones. Corp. Ref., II, 116.•

(6) Ibid

(7) Ibid

(8) Qui tantum recitent Evangelium et epistolam. Ibid., Non sumus parochl Augustanorum — acrescentou. Vide miram sapientiam Auliculorum. Corp. Ref., II,

(9) Ut de remediís propulsandw injurim cogitent. Seck., II, 105.

(10) Ob je einer einen Prediger in seiner Herberg fur sich predigen liess. Corp. Ref., II, 113.

(11) Per tubicinis et heraldum. Sturmius, Zw. Epp., pág. 466.

(12) Hórt, Hõrt. Corp. Ref., II, 124.

(13) Omnes hunc avidicime expectant. Ibid., 116.

(14) Chimmram aut Tragelaphum aliquem expectamus. Ibid. O Tragélafo é um animal fabuloso, tendo algo de cabra e veado. São comuns as suas representações nos vasos de bebidas e taças, entre os gregos antigos.

(15) Muitos deterreat. Sturrn a Zwingle, Epp., pág. 466.

(16) Arrectis auribus. Corp. Ref., II, 116.

(17) Quid novi novus concionator allaturus sit. Ibid., 117.

(18) Sic habes concionatorem negue evangelicum negue pa.. pisticum, sed nudum textualem. Ibid.

(19) Rident omnes, et certe res valde ridicula est. Ibid.

(20) Paucula qudam, eaque puerilia et inepta, nee Chris-tiane, absque fundamento verbi Divini et consolatione. Seck., II, 165.

(21) Dormire solet usque ad nonam aut decimam. Corp. Ref., II, 117.

(22) Ibi videas hic Gallos, hic Hispanos, bis Ethiopes, illie etiam Ethiopissas, hic 'talos, filie etiam Turcas, aut duos vocant Stratiotas. Ibid.

(23) Hac ratione, Deo ejusque verbo silentium est Impositum. Seck., II, 165.

(24) Ut nisi sanguinem biberint, vivere non possint. Ibid.

(25) Magnum omnino periculum est. Corp. Ref., II, 118.

(26) Ea fidos vivificablt et consolabitur vos, Magni Regis estas legati. L. Epp., IV, 59.

(27) Sarpi, Hist. Concilio de Trento, livro I, 99.

(28) II Reis 5:18. Exemplo Naamanis, Seck., II, 167; Sarpi, pág. 99,

(29) Ne oblato Spiritus vehiculo, quod est verbum Dei, Spi-ritus Sanctus ad Augustam prw pedum imbecillitate pervenire non possit. Corp. Ref., II, 116.

(30) Abstinendo ab adoratione hostiEe. Seck., II, 119.

(31) Erant enim chori fores elaus, nec quisquam orationi interfuit. Corp. Ref., II, 120.

(32) Diabolica persuasione eliminant, et ad scurrilia ac impudica qumque deducunt. Pallavicini, Hist. Trid. C., I, 23.

(33) Exacuant gladios quos in perversos illos perturbatores. Corp. Ref., II, 120.

(34) Nisi eradicata funditus per gladium hwresi illa. Ibid.

(35) Protestantes etiam ad offerandum munuscula in al-tari, ut moris erat, accessisse, sed cum risu. Spalat. Seck., II, 167.

(36) Ut nostros principes ab importuna violentia retinea-mus. Corp. Ref., II, 120.

(37) Imperator com omnibus in curiam vectus est. Sturm a Zw., Epp., II, 430.

(38) Ex volucrum monedularumque regno. L. Epp. IV, 13.

(39) Nicht anders dann zu Raub, Brandt, und Epp.,F. Urkunden, I, 307.

(40) Cohortatus est ad intrepidam causEe. Dei assentio-nem. Seck., II, 108.

(41) Isaías 8:10.

(42) Mane remotis omnibus consillariis et ministris. Seck., II, 169.

(43) Precibus ardentissimis a Deo successum negotil petiísset. Ibid.

(44) Quae cum admiratione legisse dicuntur. Ibid.

(45) Si acturi sunt secreto et inter sese, nulla publica dis-putatione vel audientia. L. Epp., IV, 43.

(46) Hispanis persuasum esse Lutheranus impie da Sanc-tissima Trinitate. Ex relatione Spalati, em Seck., II, 165.

(47) Non adeo per eos Ecciesiam Catholicam oppugnari, quam vulgo putaretur. Ibid., 100.

(48) Mit beider Gelstalt sacraments oder des Pfaffen und Mõnch Ehe. Corp. Ref., II, 123.

(49) Die Sache in einer Enge und Stille vorzu nehmen. Ibid.

(50) Celestin, Hist. Comit. August, pág. 193. Intelligo hoc o moliri, ut omnino nihil agatur de negotiis ecclesiasticis. Ibid., 57.

(51) Ac plane putarit esse quam ut ferre possent adversarii. Ibid., 140.

CAPÍTULO VI

O Mio do Eleitor — A Assinatura da Confissão — Coragem dos Príncipes — Franqueza de Melancton — O Discurso do Núncio — Demoras —A Confissão em Perigo — Os Protestantes Estão Firmes — Desânimo de Melancton — Ansiedade e Prece de Lutero — Os Textos de Lutero — Sua Carta a Melancton — Fé.

Forçado a resignar-se a uma sessão pública, Car-los ordenou, na quarta-feira, 22 de junho, que o elei-tor e os seus aliados mandassem aprontar a Confissão para a sexta-feira seguinte. O partido romano também foi convidado a apresentar uma confissão de fé; desculpou-se, porém, dizendo achar-se satisfeito com o Édito de Worms.

A ordem do imperador apanhou de surprêsa os protestantes, pois as negociações entre Valdez e Melancton impediram que êste último desse o retoque final à Confissão. Ela não estava passada a limpo, e as conclusões, bem como o exórdio, não se achavam com redação definitiva. Em conseqüência disso, os protestantes rogaram ao Arcebispo de Mentz que lhes conseguisse a dilação de um dia; entretanto, o pedido dêles foi rejeitado (1) . Trabalharam, então, incessantemente, até mesmo durante a noite, a fim de emendar e transcrever a Confissão.

Na quinta-feira, 23 de junho, todos os príncipes, delegados, conselheiros e teólogos protestantes reuniram-se, cedo, no palácio do eleitor. A Confissão foi lida na língua alemã, e todos se mostraram concordes com ela, menos o landgrave e os de Estrasburgo, que exigiram uma alteração no artigo acêrca do sacramento (2) . Os príncipes não aprovaram essa exigência.

O Eleitor da Saxônia já se preparava para assinar a Confissão, quando Melancton o deteve: receava dar uma aparência demasiadamente política a êste assunto religioso. A seu ver, era a Igreja que devia manifestar-se, e não o Estado. Disse:

—Aos teólogos e ministros compete apresentar essas questões (3) ; reservemos para os outros assuntos a autoridade dos poderosos da terra.

—Deus não permita que vós me excluais! — res-pondeu-lhe o eleitor. — Estou decidido a fazer o que é direito, sem me preocupar com a minha coroa. Desejo confessar o Senhor. Meu chapéu eleitoral e a minha toga não me são tão preciosos quanto a cruz de Jesus Cristo. Deixarei na. terra essas insígnias de grandeza, mas a cruz de meu Mestre me acompanhará ao céu.

Como resistir a essa linguagem cristã? Melancton cedeu.

Aproximando-se, o eleitor, então, assinou e pas-sou a pena ao landgrave que, a princípio, formulou al-gumas abjeções. O inimigo, contudo, achava-se à porta. Era

essa hora de dissentir? Por fim, assinou, mas com uma declaração que não estava satisfeito com a doutrina da eucaristia (4) .

Tendo o margrave e Luneburgo assinado, alegre-mente, os seus nomes, Anhalt, por seu turno, empu-nhou a pena, dizendo:

— Mais de uma vez enristei a lança para satisfa-zer a terceiros. Agora, se a honra de meu Senhor Jesus Cristo o exigir, estou pronto a selar o meu cavalo, a deixar os meus bens e a minha vida, indo logo para a a eternidade, em direção a uma coroa eterna.

Depois de assinar, êsse jovem príncipe, voltando-se para os teólogos, acrescentou:

— Prefiro renunciar aos meus súditos e aos meus Estados, deixar a pátria dos meus antepassados, levando um bordão, ganhar a vida limpando os sapatos do estrangeiro, a aceitar qualquer outra doutrina que não seja contida nesta Confissão.

Das cidades, sàmente Nuremberg e Reutlingen ins-creveram as suas assinaturas (5) ; e todos decidiram exigir do imperador que a Confissão fôsse lida em público (6) .

A coragem dos príncipes surpreendeu a todos. Roma esmagara os membros da Igreja, reduzira-os a uma mul-tidão de escravos, aos quais arrastava, silenciosos e hu-milhados, atrás de si: a Reforma libertou-os e, com os seus direitos, restaurou-lhes os deveres. Os padres já não tinham o monopólio da religião; todo chefe de família voltou, novamente, a ser ministro em sua própria casa, e todos os membros da Igreja de Deus foram, daí por diante, admitidos na classe dos confessores.

Os leigos nada, ou quase nada, significam no partido de Roma, mas são a parte essencial da Igreja de Jesus Cristo. Onde quer que se estabeleça o espírito clerical, a Igreja morre; onde quer que os leigos, como êsses príncipes de Ausburgo, compreendam o seu dever e a sua imediata dependência de Cristo, a Igreja vive.

Os teólogos evangélicos ficaram emocionados com a devoção dos príncipes.

— Quando considero a sua firmeza na confissão do Evangelho — disse Brentz —, o rubor me sobe às faces. Que vergonha nós, que não passamos de miseráveis ao lado dêles, têrmos tanto mêdo de confessar a Cristo (7) !

Brentz pensava, então, em certas cidades, especial-mente em Haile, da qual era pastor, mas, sem dúvida, nos téologos também.

Na verdade, êstes últimos, sem lhes faltar devoção, careciam, às vêzes, de coragem. Melancton achava-se em constante agitação; corria de um lado para outro, esgueirando-se por tôda parte (diz Cochlceus em suas "Filípicas") , visitando não só as casas e as mansões de particulares, mas também se insinuando nos palácios dos cardeais e dos príncipes, ou melhor, até mesmo na côrte do imperador; e, quer à

mesa quer em conversas, não poupava meios de persuadir a todos que nada era mais fácil do que restabelecer a paz entre os dois partidos (8) .

Certa vez, encontrava-se êle com o Arcebispo de Salisburgo, que, num longo discurso, fêz expressiva descrição dos transtornos causados, segundo disse, pela Reforma, e terminou com urna peroração "escrita com sangue", como a definiu Melancton (9) . Aflito, Feli-pe, durante a conversa, tivera a ousadia de insinuar a palavra consciência.

—Consciência!? — atalhou-o o arcebispo, apressa-damente. — Consciência!? Que significa isso? Digo-vos, com franqueza, que o imperador não permitirá que a confissão seja, assim, trazida sôbre o império.

Comentou Lutero:

—Se eu estivesse no lugar de Melancton, teria logo respondido ao arcebispo: "E o nosso imperador — o nosso! — não tolerará tal blasfêmia".

—Ai! — lamentou-se Melancton. — Todos êles estão tão cheios de certeza, como se Deus não existisse (10) !

Num outro dia, Melancton esteve com Campeggio, e conjurou-o que continuasse com os moderados sen-timentos que êle parecia nutrir. De outra feita, se gundo parece, esteve com o próprio imperador (11) .

—Ai de nós! — disseram os alarmados zwinglianos .Após ter restringido metade do Evangelho, Melancton sacrifica a outra (12) .

Juntaram-se as artimanhas dos ultramontanos ao desânimo de Melancton, a fim de deter os corajosos pro-cedimentos dos príncipes. Sexta-feira, 24 de junho, foi o dia marcado para a leitura da Confissão; tomaram-se, porém, providências para impedi-la A sessão da dieta não foi aberta, senão às três horas da tarde; em seguida, anunciou-se o legado pontifício; Carlos foi en-contrá-lo no tôpo da escada principal, e Campeggio, to-mando o assento à frente do imperador, no lugar do Rei Fernando, proferiu uma alocução em estilo ciceroniano. Disse: Jamais a barca de S. Pedro foi tão violentamente sacudida por essas muitas vagas, tufões e sorvedouros (13) . O Santo Padre soube dessas coisas, com mágoa, e deseja tirar a Igreja das medonhas voragens.

Por amor de Jesus Cristo, pela segurança do vosso país e pela vossa própria, ó poderoso

Príncipe, livrai-nos dêsses erros, libertai a Alemanha, salvai a Cristandade! Após branda resposta de Alberto de Mentz, o núncio abandonou a câmara administrativa, levantando-se os príncipes evangélicos. Novo obstáculo, contudo, havia sido

preparado de antemão. Os representantes da Áustria, Caríntia e Carniola obtiveram, primeiro, uma audiência (14) .

Muito tempo assim se escoara. Entretanto, os príncipes evangélicos levantaram-se de novo, e o chanceler Bruck falou:

— Alega-se que nós espalhamos, entre o povo, novas doutrinas, sem base na Escritura, heresias e cismas. Considerando que tais acusações comprometem não só o nosso bom nome, como também a segurança das nossas almas (15) , rogamos a Sua Majestade tenha a gentileza de ouvir quais as doutrinas que professamos .

O imperador, sem dúvida de conluio com o legado, respondeu-lhe que era demasiado tarde; que, além disso, tal leitura seria inútil; e que os príncipes deviam contentar-se com o apresentar a sua Confissão por escrito. Dessa maneira, a mina, preparada com tanta sagacidade, funcionou admiravelmente; a Confissão, uma vez entregue ao imperador, seria posta de lado, e, sem os papistas se dignarem sequer a lê-la, a Reforma seria obrigada a recuar, sem defesa, oprimida pelo vexame.

Contrafeitos e perturbados, os príncipes protestantes insistiram.

— Nossa honra está em jâgo, e nossas almas, em perigo (16) — disseram.

Carlos titubeou. Fernando, inclinando-se para êle, sussurrou-lhe ao ouvido algumas palavras (17) : o im-perador recusou-se pela segunda vez.

Depois disso, o eleitor e os príncipes, mais pertur-bados ainda, pediram, pela terceira vez, com emoção e empenho (18) :

— Pelo amor de Deus, permiti-nos ler a nossa Con-fissão! Nela, não se ofende a ninguém.

Viram-se, assim, por um lado, alguns homens sinceros, desejosos de proclamar, em voz alta, a sua fé, e, por outro, o grande imperador do ocidente, rodeado de uma multidão de cardeais, prelados e príncipes, procurando sufocar a manifestação da verdade (19) . Tratava-se de uma luta séria, violenta e decisiva, na qual se discutiam os mais sagrados interêsses!

Finalmente, Carlos deu mostras de ceder. Respon-deram aos príncipes:

— Sua Majestade anui ao vosso pedido; porém, como já é demasiado tarde, solicita-vos que lhe entregueis a vossa confissão escrita, e amanhã, às duas horas, a dieta estará disposta a ouvir a sua leitura no palácio palatino.

Os príncipes ficaram surprêsos com tais palavras, que, parecendo conceder-lhes tudo, nada concediam, na verdade. Em primeiro lugar, não era numa sessão pública, na câmara administrativa, mas, reservadamente, em seu próprio palácio, que o imperador estava inclinado a ouvi-los (20) ; não duvidavam, pois, que, se a Confissão

lhes saísse das mãos, estaria tudo acabado com a leitura em público. Por conseguinte, mantiveram-se firmes.

— O trabalho foi feito muito ás pressas — respon-deram; e era verdade. — Por favor, deixai-o conosco esta noite, para que possamos revisá-lo. O imperador foi forçado a consentir, e os protestantes regressaram aos seus palácios, cheios de alegria, enquanto o núncio e os seus amigos, percebendo que a Confissão era inevitavel, viram aproximar-se o dia seguinte, com uma preocupação cada vez mais crescente.

Entre os que se preparavam para confessar a verdade evangélica, havia um homem, contudo, cujo coração se achava cheio de tristeza — era Melancton. Colocado entre dois fogos, via os reformados, e, até mesmo, muitos dos seus próprios amigos, exprobrar-lhe à. fraqueza, enquanto o partido oposto detestava aquilo que chamava de a hipocrisia de Melancton. Seu amigo Camerário, que visitou Ausburgo mais ou menos nessa época, muitas vêzes o encontrou imerso em pen-samentos, soltando profundos suspiros e vertendo lá-grimas amargas (21) . Brentz, tocado de compaixão, indo ter com o infortunado Felipe, quis sentar-se a seu lado e prantear com êle (22) ; Jonas esforçou-se por consolá-lo de outro modo, exortando-o a que tomasse o livro dos Salmos e invocasse a Deus, de todo o seu coração, empregando as palavras de Davi, preferente-mente às suas próprias.

Um dia, chegou a notícia que constituiu o assunto geral das conversas de Ausburgo, e que, espalhando o mêdo entre os adeptos do papa, proporcionou a Melancton um alívio passageiro. Dizia-se que, em Roma, uma mula dera á luz um poldro que possuía pés de grou.

Ésse sinal — disse Melancton, de si para si, — anuncia que Roma está próxima do seu fim (23) .

Talvez porque o grou seja uma ave de arribação, e, assim, a mula do papa apresentava indícios de ir-se.

E Melancton escrevera imediatamente a Lutero, em cuja resposta folgava muitíssimo que Deus dera ao papa um tão impressionante sinal da sua próxima queda (24) . É bom lembrarmos essas puerilidades da época dos re-formadores, para melhor podermos compreender a alta classe dêsses homens de Deus, em questões de fé.

Ésses frívolos casos de Roma não consolaram Me-lancton por muito tempo. Na véspera do dia 25 de junho, êle se imaginou presente à leitura daquela Con-fissão que redigira, que se achava a ponto de ser pro-clamada perante todos, na qual urna palavra demais ou de menos poderia decidir a aprovação ou o ódio dos príncipes, a segurança ou a ruína da Reforma e do im-pério. Melancton já não podia conter-se; e o fraco Atlas, esmagado sob o pêso do mundo em seus ombros, lançou um grito de

angústia. "Passo todo o meu tempo, aqui, em prantos e pesares" — escreveu a Vitus Diedrich, secretário de Lutero, no castelo de Coburgo (25) . No dia seguinte, escreveu ao próprio Lutero: "O meu viver é chorar perpètuamente (26) . Indescritível, a minha consternação (27) . Oh! meu pai! Não quero que as minhas palavras me exagerem as tristezas; é-me impossível, porém, sem as vossas consolações, ter, aqui, a mínima paz".

Com efeito, nada apresentava um contraste tão acentuado com o receio e o desânimo de Melancton quanto a fé, a calma e a exultação de Lutero. Era-lhe benéfico que não se achasse, então, dentro do vórtice de Ausburgo, e poder, de sua fortaleza, firmar o pé, com tranqüilidade, sôbre a rocha das promessas de Deus. O próprio Lutero tinha consciência cio valor dês-se sossegado retiro de ermitão, como êle chamava ao castelo (28) . Não sei apreciar deveras a firmeza, a alegria e a fé dêste homem, tão extraordinários nestes tempos cruéis — escreveu Vitus Diedrich.

Lutero, além da sua constante leitura da Palavra de Deus (29) , não passava um dia sem consagrar três horas, pelo menos, à oração, e eram escolhidas dentre as mais favoráveis para o estudo (30) . Certa vez, ao aproximar-se do quarto do reformador, Diedrich ouviu a sua voz (31) , e ficou imóvel, contendo a respiração, a alguns passos da porta. Lutero orava, e a sua prece (disse o secretário) era cheia de adoração, temor e esperança, como quando alguém conversa com um amigo, ou com um pai (32) . Dizia o reformador, sózinho, em seu quarto: Sei que Tu és o nosso Pai e o nosso Deus, e que destroçarás os que perseguem os Teus filhos, pois, juntamente conosco, Tu próprio corres perigo. Todo êste assunto é teu, e apenas constrangidos por ti é que lhe pusemos as nossas mãos. Defende-nos,

Pai! Imóvel tal qual uma estátua, o secretário, no extenso corredor do castelo, não perdia unia só das palavras que a voz clara e harmoniosa de Lutero lhe trazia aos ouvidos (33) . O reformador era sincero com Deus e rogava-LHE com tal fervor que executasse as Suas promessas, que Diedrich sentiu o coração arder dentro de si (34) .

— Oh! — exclamou, ao retirar-se. — Como não poderiam êsses homens que oram deixar de prevalecer na dieta de Ausburgo!

Lutero também poderia ter-se deixado dominar pelo mêdo, porquanto ficou mantido na completa igno-rância do que sucedia na dieta. Tendo-se apresentado um mensageiro de Witemberg, que devia trazer-lhe carradas de cartas (segundo a sua própria expressão) , perguntou-lhe Lutero:

—Trazeis alguma carta?

—Não.

—Como estão aquêles senhores?

—Bem.

Preocupado com tal silêncio, o reformador retornou ao quarto, encerrando-se nêle.

Pouco tempo depois, apareceu, ali, um correio a cavalo, levando despachos do eleitor a Torgau.

—Vós me trazeis alguma carta? lhe Lutero.

—Não.

—Como estão aquêles senhores? — ceoso.— perguntou-

prosseguiu, re-

—Bem.

"Estranho!" — pensou o reformador.

Tendo saído de Coburgo urna carroça levando farinha de trigo (pois estavam quase com falta de mantimentos em Ausburgo) , Lutero aguardou, impacientemente, o regresso do cocheiro. Mas êste voltou sem notícias. O reformador pôs-se, então, a remoer os mais sombrios pensamentos, certo de que lhe escondiam algum infortúnio (35) .

Por fim, tendo chegado de Ausburgo urna outra pessoa, Jobst Nymptzen, correu Lutero em sua direção, fazendo-lhe a pergunta habitual:

—Vós me trazeis alguma carta?

Esperou, trêmulo, pela resposta.

—Não.

—E como estão aquêles senhores?

—Bem.

O reformador afastou-se, tornado de ira e apreensão. Lutero abria a sua Bíblia e, para consolar-se do si-lêncio dos homens, conversava com Deus. Havia determinadas passagens da Escritura que êle lia freqüen-

temente. Indicamo-las abaixo (36) . E. fêz mais: escreveu pelo próprio punho, muitas declarações bíblicas nas portas, janelas e paredes do castelo. Em um lugar, encontravam-se estas palavras do Salmo 118: Não mor-rerei, mas viverei; e contarei as obras do Senhor. Em outro, estas do capítulo 12 dos Provérbios: O caminho dos ímpios os faz errar. Encimando a sua cama, esta passagem do Salmo 4: Em paz também me deitarei e dormirei, porque só tu, Senhor, me fazes habitar em segurança. Jamais, talvez, homem algum assim se rodeou das promessas de Deus, ou

assim habitou na atmos-fera da Sua Palavra, vivendo do Seu sõpro, como Lutero em Coburgo.

Finalmente, as cartas chegaram: "Se os tempos em que vivemos não se opusessem, eu teria tramado al-guma vingança; a oração, porém, refreou-me a ira e a ira refreou-me a oração (37) " — escreveu Lutero a Jonas. "Estou contentíssimo com essa mente tranqüila que Deus concede ao nosso príncipe. Quanto a Melancton, é apenas a sua filosofia que o atormenta, e nada mais. Pois a nossa causa está nas próprias mãos de Deus, que pode dizer com inefável dignidade: Ninguém a arrebatará das minhas mãos. Eu não desejaria tê-la em nossas mãos, e não seria desejável que o estivesse (38) . Muitas coisas tive em minhas mãos, e perdi-as todas; mas tudo quanto pude entregar nas mãos de Deus, ainda possuo".

Ao saber que a angústia de Melancton ainda persistia, Lutero escreveu-lhe. São palavras que devem ser guardadas:

Graça e paz em Cristo! Em Cristo, digo, e não no mundo. Amém.

Odeio, com extremo ódio, êsses excessivos cuidados que vos consomem. Se a causa é injusta, abandonai-a; se justa, por que não correspondermos às promessas do Senhor, Que nos manda dormir sem receio? Pode o diabo fazer algo mais, além de matar-nos? Cristo não faltará à obra da justiça e da verdade. Éle vive. Ële reina. Que podemos temer, então? Deus é poderoso para levantar a Sua causa, se esta fôr derribada; para fazê-la avançar, se permanecer inativa. E se não formos dignos dela, 1,?'le o fará por intermédio de outros.

Recebi a vossa Apologia (39) , e não posso com-preender o que quereis dizer quando perguntais o que devemos ceder aos papistas. Já cedemos demasiado. Dia e noite, reflito no assunto, folheando repetidas vêzes a Confissão, esquadrinhando diligentemente as Escrituras, e cada dia se me torna mais inabalável na mente a convicção da verdade da nossa doutrina. Com o auxílio de Deus, não permitirei que nos seja cortada uma única letra de tudo quanto dissemos.

Atormenta-vos o resultado dêste caso porque não podeis compreendê-lo. Se, porém, o pudésseis, eu não teria a mínima participação nêle. Deus pôs êsse resultado num "lugar comum", que não encontrareis nem na vossa retórica, nem na vossa filosofia: êsse lugar chama-se Fé (40) . É aquele em que subsistem tôdas as coisas que não podemos compreender nem ver. Quem quer que deseja alcançá-las, como vós, terá lágrimas como único galardão.

Se Cristo não está conosco, onde está Éle em todo o universo? Se não somos a Igreja, onde, dizei-me, está ela? É ela os Duques da Baviera, é Fernando, é o papa, é o Sultão? Quem é a Igreja? Se nós não possuímos a Palavra de Deus, quem é que a possui?

Tão sàmente devemos ter fé, para que a causa da fé não seja achada sem fé (41) . Se cairmos, Cristo cai conosco, isto é, o Mestre do mundo. Prefiro cair com Cristo a ficar em pé com César.

Assim escreveu Lutero. A fé, que o animava, fluía da sua pessoa, como torrentes de água viva. E êle era incansável: num único dia, escreveu a Melancton, Spa-latin, Brentz, Agrícola e João Frederico; eram cartas cheias de vida. Lutero não se achava só, quando orava, falava e cria. No mesmo instante, os cristãos evangélicos, por tôda parte, exortavam-se mútuamente à oração (42) . Tal foi o arsenal onde se forjaram as armas que os confessores de Cristo empunharam ante a Dieta de Ausburgo.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Dasselbige abgeschlagen. Corp. Ref., II, 127.

(2) Argentinenses ambierunt aliquid ut excepto articulo sacramenti susciperentur. Corp. Ref., II, 155.

(3) Non principum nomlne edi sed docentium, qui theologi vocantur. Camer., pág. 120.

(4) Landgravius subscribit nobiscum, sed tamen dicit sibi, de sacramento, a nostris non satisfieri. Corp. Ref., II, 155.

(5) Confessioni tantum subscripserunt Nuremberga e Reutlingen. Ibid.

(6) Decretum est ut publicw recitandw concessio ab Im-peratore peteretur. Seck., II, 169.

(7) Rubore suffundor non mediocri, quad nos, pra illis mendici, &c. Corp. Ref., II, 125.

(8) Cursitabat hino inde, perreptans ac penetrans. Cochl. Phil., 4, em Apol.

(9) Addebat Epilogum plane sanguine scriptum. Corp. Ref., II, 126.

(10) Securi sunt quasi nullus sit Deus.

(11) Melancton a Cwsare, Salisburgensi tatus est. Zw. Epp., II, 473.

(12) Ut cum mitigarit tam multa, cedat turbinibus navi

(13) Negue unquam tam varias sectarum cula Petri fluctuaverit. Seck., II, 169.Ibid., 156. et Campegio voet reliqua. Ibid.

(14) Oratio valde lugubris et miserabilis contra Turcas. Corp. Ref., II, 154.

(15) Verum etiam ad animm dispendium aut salutem mternarn. Seck., II, 189.

(16) Ihre Seele, Ehre und Glimpf belunget. Corp. Ref., II, 128.

(17) Viderant enfim eum subinde aliquid illi in aurem insusurrare. Seck., II, 169.

(18) Zum dritten mal heftlg angehalten. Corp. Ref., II, 128.

(19) Circumsistebant Cassarem magno numero cardinales et prwlati ecclesiasti. Seck., II, 169.

(20) Non quidem publice in preetorio, sed privatim in palatio suo. Corp. Ref., II, 124.

(21) Non modo suspirantem sed profundentem lacrymas conspexi. Camer., pág. 121.

(22) Brentius assidebat hwe scribenti, una lacrymans. Corp. Ref., II, 126.

(23) Romw quwdam mula peperit, et partus habuit pedes gruis. Vides significari exitium Roma per schismata. Ibid., pág. 126.

(24) Gaudeo Papa signum datum in mula puerpera., ut citius pereat. L. Epp., IV, 4.

(25) Hic consumitur omne mihi tempus in lacrymis et luctu. Corp. Ref., II, 126.

(26) Versamur hic in miserrimis curis et perpetuis lacrymis. Ibid. pág. 140.

(27) Mira consternatio animorum nostrorum. Ibid.

(28) Ex eremo tacita. L. Epp., IV, 51. Assim data êle sua carta.

(29) Assidue autem illa diligentiore verbi Dei tractatione alit. Corp. Ref., II, 159.

(30) Nullus abit dies, quin ut minimum três horas easque studiis optimas in orationibus ponat. Corp. Ref., II, 159.

(31) Semel mihi contigit ut orantem eum audirem. Ibid.

(32) Tanta spe et fide ut cum paire et amico colloqui sentiat.

(33) Tum orantem clara vote, procul stans, audivi. Ibid.

(34) Ardebat mihi quoque animus singulari quodam impetu. Ibid.

(35) Ibid

(36) II Tim. 3-12; Filip. 2:12-13; João 10:17-18; Mat. 16:18; Salmo 46: 1-2; I João 4:4; Salmo 55:23; 27:14; João 16:33; Lucas 17:5; Salmo 32:11; 145: 18-19; 91: 14-15; Sir. 2:11; I Mac. 2:61; Mat. 6:31; I Pedro 5: 6-7; Mat. 10:28; Rom. 4 e 6; Heb. 5 e 11; I

Sam. 4:18; 31: 4-8; 2:30; II Tim. 2: 17-18-19; 1:12; Efés. 3:20-21. Entre estas passagens, observar-se-ão dois versículos tirados dos apócrifos, porém cujos equivalentes poderiam encontrar-se, com facilidade, na Palavra de Deus.

(37) Sed orandi tempus non sinebat irasci, et ira non sinebat orare. L. Epp., IV, 46.

(38) Nec vellem, nec consultum esset, in nostra manu esse. Ibid.

(39) A Confissão revista e corrigida.

(40) Deus posuit eam in locum quendam communem, quem in tua rhetorica non habes nec in philosophia tua; is vocatur Lides. L. Epp., IV, 53.

(41) Tantum est opus fide, ne causa fidei sit sine fide. Ibid., 61.

(42) WittembergEe scribunt, tam diligenter ibi Ecclesiam orare. L. Epp., 69.

CAPÍTULO VII

O Dia 25 de Junho de 1530 — A Capela Palatina — Lembranças e Contraste — A Confissão -Prólogo — Justificação — A Igreja — Livre Arbítrio e Obras — Fé — Interêsse dos Ouvintes — Os Príncipes Transformam-se em Pregadores A Confissão — Abusos — Igreja e Estado — Os Dois Govêrnos — EpílogoArgumentação — Prudência — Igreja e Estado — A Espada —O Tom Moderado da Confissão — Seus Defeitos —Um Novo Batismo.

Por fim, chegou o dia 25 de junho. Êle estava des- tinado a ser o maior dia da Reforma e um dos mais gloriosos da história do Cristianismo e da humanidade. Como a capela do Palácio Palatino, onde o impe- rador resolvera ouvir a Confissão, podia conter sômen- te cêrca de duzentas pessoas (1) , antes das três horas devia presenciar-se uma enorme multidão a rodear o edifício e a invadir a côrte esperando, dêste modo, sur- preender algumas palavras. Tendo muitas pessoas logrado entrar, foram tôdas postas para fora, salvo os que eram, pelo menos, conselheiros dos príncipes.

Carlos tomou o seu assento no trono. Os eleitores, ou os seus representantes, ficaram-lhe à direita e à esquerda; atrás dêles, os demais príncipes e Estados do império. O núncio recusara-se a comparecer a essa solenidade, para que não parecesse, com a sua presença, aprovar a leitura da Confissão (2) .

João, eleitor da Saxônia, levantou-se, então, acom-panhado do seu filho, João Frederico, de Felipe, landgrave de Hessen, do margrave Jorge de Bramdemburgo, de Wolfgang,

príncipe de Anhalt, Ernesto, duque de Brunswick-Luneburgo, e seu irmão Francisco, e, final-mente, dos delegados de Nuremberg e Reutlingen. Tinham um ar animado e o semblante radiante de alegria (3) . As apologias dos primeiros cristãos, de Tertuliano e de Justino, o Mártir, a custo chegaram, por escrito, aos soberanos aos quais se dirigiam. Agora, porém, a fim de ouvir a nova apologia do Cristianismo ressuscitado, eis êsse poderoso imperador, cuja autoridade, estendendo-se muito além das Colunas de Hércules, atinge os extremos limites da terra, o seu irmão, Rei dos Romanos, acompanhado de eleitores, príncipes, prelados, delegados e embaixadores, todos os quais desejam arrasar o Evangelho, mas que se acham constrangidos, por uma fôrça invisível, a ouvir a Confissão, e, por êsse mesmo ato, a honrá-la!

Um pensamento achava-se, de modo involuntário, presente na mente dos espectadores — a lembrança da Dieta de Worms (4) . Há apenas nove anos atrás, um pobre monge levantou-se, sózinho, em defesa dessa mesma causa, numa sala da câmara administrativa de Worms, diante do império . E, agora, em seu lugar, eis os

mais notáveis dos eleitores, príncipes e burgos! Que vitória se evidencia por êste simples fato! Sem dúvida, o próprio Carlos não pode fugir a tal lembrança.

Vendo os protestantes levantar-se, o imperador fêzlhes sinal para que se sentassem; em seguida, os dois chanceleres do eleitor, Bruck e Bayer, caminharam para o centro da capela e puseram-se de frente para o trono, tendo nas mãos, o primeiro, o exemplar da Confissão em latim e, o segundo, o exemplar em alemão. O imperador pediu que se lesse o exemplar em latim (5) .

Somos alemães — respondeu-lhe o Eleitor da Saxônia —, e estamos em solo alemão. Espero, por-tanto, que Sua Majestade nos permita falar alemão.

Se a Confissão fôsse lida em latim, língua desco-nhecida da maioria dos príncipes, ter-se-ia perdido o efeito geral. Era um outro meio de reduzir ao silêncio o Evangelho. Carlos anuiu ao pedido do eleitor. Bayer pôs-se, então, a ler a Confissão evangélica, lenta, grave e distintamente, com uma voz clara, cheia e harmoniosa, que ecoava sob o teto abobadado da ca-pela, levando, mesmo, para fora êsse grande testemunho rendido à verdade (6) .

Disse êle:

"Sereníssimo, poderosíssimo, invencível impe-rador e graciosíssimo senhor: Nós, que comparecemos à vossa presença, declaramo-nos dispostos a conferenciar amigàvelmente convosco, sôbre os meios mais adequados de restabelecer uma única, verdadeira e mesma fé, uma vez que é por um único e mesmo Cristo que lutamos (7) . E, no caso de essas dissensões religiosas não puderem ser so-lucionadas de modo amigável, estamos à disposição de Vossa Majestade para expor 2. nossa causa num concílio cristão, livre e geral (8) ".

Findo êste preâmbulo, Bayer reconheceu a Santíssima Trindade, segundo o Concilio de Nicéia (9)...-

O pecado original e hereditário, "que traz a morte eterna a todos os que não fôrem nascidos de novo (10) "e a encarnação do Filho, "verdadeiro Deus e verdadeiro homem (11) ".

E continuou:

Doutrinamos, além disso, que não podemos ser justificados diante de Deus pelas nossas próprias fôrças, méritos ou obras; mas que somos gratuitamente justificados pelo amor de Cristo, mediante a fé (12) , quando cremos que os nos-sos pecados estão perdoados em virtude de Cristo, Que, por Sua morte, os expiou. Tal fé é a retidão que Deus atribui ao pecador.

Mas doutrinamos, ao mesmo tempo, que essa fé deve produzir bons frutos, e que devemos fazer tôdas as boas obras ordenadas por Deus, por amor a Deus, e não para obtermos, por meio delas, a graça de Deus.

Em seguida, os protestantes afirmaram a sua fé na Igreja Cristã, "que é a assembléia de todos os verdadeiros crentes e de todos os santos (13) ", no meio dos quais há, não obstante, nesta vida, muitos falsos cris-tãos, hipócritas mesmo, e manifestos pecadores; e acres-centaram "que, para a real unidade da Igreja, basta que se concorde acêrca da doutrina do Evangelho, e da administração dos sacramentos, sem os ritos e cerimôniais instituídos pelos homens, sendo os mesmos em todo lugar (14) ". Proclamaram a necessidade do batismo, e declararam "que o corpo e o sangue de Cristo estão realmente presentes na Santa Ceia, que os administra àqueles que dela participam (15) ".

O chanceler confessou, então, sucessivamente, a fé dos cristãos evangélicos no tocante à confissão, peni-tência, natureza dos sacramentos, govêrno da Igreja, ordenações eclesiásticas, govêrno político e juízo final. E prosseguiu:

•Pelo que respeita ao livre arbitrio, admitimos que a vontade humana tem uma certa liberdade de cumprir a justiça civil, e de amar as coisas que a razão compreende; que o homem pode praticar as boas coisas que estão dentro da esfera da natureza — lavrar os seus campos, comer, beber, ter um amigo, pôr um casaco, construir uma casa, casar-se, alimentar o gado, exercer uma profissão —, como também pode, por sua espontânea vontade, praticar o mal, ajoelhar-se diante de um ídolo, co-meter homicídio. Sustentamos, porém, que, sem o Espírito Santo, o homem não pode fazer o que é reto perante Deus.

Volvendo, então, à principal doutrina da Reforma, e lembrando que os doutores papistas jamais deixaram de impelir os fiéis a obras pueris e inúteis, como o uso do têrço, as invocações dos santos, os votos monásticos, as procissões, as abstinências, os dias santos, as irmandades", os protestantes acrescentaram que, quanto a êles próprios, ao mesmo tempo que aconselha-vam, com insistência, a prática das obras verdadeira-mente cristãs, das quais pouco havia sido dito antes da sua época (16) , "achavam que o homem é justificado cinicamente pela fé; não por aquela fé que é um mero conhecimento histórico, o qual os iníquos e os demônios possuem, mas por uma fé que crê não só na história, como também no seu efeito (17) ; que crê que, por in-termédio de Cristo, alcançamos a graça; que vê que, em Cristo, temos um Pai misericordioso; que conhece êsse Deus; que O invoca; em suma, que não é sem Deus, como os pagãos o são. Disse Bayer:

"Tal é a síntese da doutrina professada em nossas igrejas, pela qual se vê que essa doutrina de maneira nenhuma é contrária à Escritura, à Igreja universal e, nem mesmo, à Igreja Romana, tal como nô-la definem os doutores (18) ; e, assim sendo, rejeitar-nos, como hereges, é uma afronta à unidade e ao amor cristão".

Aqui findou a primeira parte da Confissão, cujo objetivo era explicar a doutrina evangélica. O chanceler lia com uma voz tão clara, que a multidão, impos-sibilitada de entrar na sala, e que atulhava a côrte e todas as vizinhanças do palácio episcopal, não perdia uma só palavra (19) . Essa leitura produziu o mais as-sombroso efeito nos príncipes que se comprimiam na capela. Jonas espreitava tôda mudança nos semblantes dêsses príncipes (20) e, nêles, via, alternativamente, interêsse, pasmo e, até mesmo, aprovação. Escreveu Lutero ao eleitor: Os adversários imaginam terem feito uma coisa esplêndida, proibindo a pregação do Evan-gelho, e não vêem — pobres criaturas! — que, com a leitura da Confissão, perante a dieta, há mais prédica do que nos sermões de dez doutores.

Bela astúcia! Ad-mirável expediente! Mestre Agrícola e os demais mi-nistros estão reduzidos ao silêncio, mas, em seu lugar, surgem o Eleitor da Saxônia e os outros príncipes e senhores, que pregam diante de Sua Majestade Imperial e dos membros de todo o império, livremente, nas suas barbas, nas suas ventas! Sim, Cristo está na dieta, e Êle não Se cala: a Palavra de Deus não pode estar prêsa . Proíbem-na no púlpito, e são obrigados a ouvi-la no palácio; humildes ministros não podem anunciá-la, e proclamam-na grandes príncipes; os servos estão proibidos de .ouvi-la, e os seus amos, compelidos a fazê-lo; nada terão a ver com ela, durante todo o decorrer da dieta, e são forçados a consentir em ouvi-la mais num dia do que geralmente se ouve .num ano inteiro...

Quando tudo o mais se cala, as próprias pedras clamam, segundo diz o nosso Senhor Jesus Cristo (21) .

Restava, ainda, aquela parte da Confissão destinada a apontar os erros e os abusos. Bayer prosseguiu: expôs e demonstrou a doutrina das duas espécies; combateu o celibato obrigatório dos padres; sustentou que a Santa Ceia fôra transformada numa feira comum, onde ela era apenas urna questão de compra e venda, e que fôra restabelecida em sua primitiva pureza, pela Reforma, sendo celebrada, nas igrejas evangélicas, com devoção e seriedade inteiramente renovadas. Declarou que o sacramento não era administrado a ninguém que não tivesse feito, antes, a confissão das suas faltas, e citou esta frase de Crisóstomo: "Confessa-te a Deus, o Senhor, teu verdadeiro Juiz; conta-lhe o teu pecado, não com a língua, mas sincera e abertamente".

Em seguida, Bayer chegou aos preceitos da distinção de carnes e a outros costumes romanistas. Disse:

Celebrar tal festa, repetir tal reza, ou guar- dar tal jejum; vestir-se de tal maneira, e tantas outras ordenações humanas, eis o que é, hoje, de- nominado uma vida cristã e espiritual; ao passo que as boas obras prescritas por Deus, corno as de um pai de família, que trabalha arduamente para sustentar a espôsa, os filhos e as filhas; as de uma mãe que põe filhos no mundo e cuida dêles; as de um príncipe, ou

de um magistrado, que governa os seus súditos, são consideradas como coisas temporais e de natureza imperfeita.

Quanto aos votos monásticos, particularmente, Bayer alegou que, corno o papa podia dar-lhes dispensa, êsses votos deviam, por conseguinte, ser abolidos. O último artigo da Confissão tratava da autoridade dos bispos. Poderosos príncipes, coroados com a mitra episcopal, ali se encontravam; os Arcebispos de Mentz, Colônia,

Salisburgo e Bremen., seguidas dos Bispos de Bamberg, Wurzburgo, Eichstadt, Worms, Espira, Estras-burgo, Ausburgo, Constância, Coire, Passau, Liège, Trento no humilde confessor.

Este prosseguiu, corajosamente, e, protestando, com energia, contra aquela confusão entre a Igreja e o Estado, que caracterizara a Idade Média, exigiu a distinção e a independência das duas sociedades.

Disse Bayer:

Desastradamente, muitos têm confundido o poder episcopal com o poder temporal e, dessa con-fusão, têm resultado grandes guerras, revoltas e sedições (22) . É por êste motivo, e para tranqüilizar a consciência dos homens, que nos vemos forçados a estabelecer a diferença existente entre o poder da Igreja e o poder da espada (23) .

Nós, por conseguinte, ensinamos que o poder das chaves, ou dos bispos, é, segundo a Palavra do Senhor, uma ordem, que provém de Deus, para pregar o Evangelho, perdoar e reter pecados e ad-ministrar sacramentos. Este poder diz respeito tão sômente aos bens eternos, é exercido apenas pelo ministro da palavra, e não se preocupa com a administração política. A administração polí-tica, por outro lado, ocupa-se de tudo o mais, menos do Evangelho. O magistrado protege, não as almas, mas os corpos e os bens temporais. Ele os defende contra os ataques de fora e, servindo-se da espada e da penalidade, obriga os homens a observar a paz e a justiça civil (24) .

Por êste motivo, devemos tomar especial cuidado para não confundirmos o poder da Igreja com o poder do Estado (25) . O poder da Igreja não deve jamais se intrometer numa função que lhe fôr alheia, pois o próprio Cristo disse:

O meu reino não é deste mundo. E também: Quem me pôs a a mim por juiz entre vós? Paulo escreveu aos fili-penses: A nossa cidade está nos céus (26) . E aos coríntios: As armas da nossa milícia não são carnais, mas sim poderosas em Deus.

Assim é que nós distinguimos os dois governos e os dois poderes, e que exaltamos ambos como as mais excelentes dádivas que Deus concedeu aqui na terra.

O dever dos bispos é, portanto, pregar o Evan-gelho, perdoar pecados e excluir da Igreja Cristã todos os que se rebelam contra o Senhor, porém sem poder humano, e tão ~ente pela Palavra de Deus (27) . Se os bispos agirem desta maneira, devem as igrejas obedecer-lhes, consoante esta declaração de Cristo: Quem vos ouve a vós, a mim me ouve.

Mas se os bispos ensinarem algo contrário ao Evangelho, então as igrejas têm preceito divino que lhes proíbe a obediência (Mat. 7:15; Gálatas 1:8; II Cor. 13:8, 10) . O próprio S. Agostinho, em sua carta contra Per tiliano, escreve: "Não devemos obedecer aos bispos católicos, se êles se desenca-minharem e ensinarem algo contrário às Escritu-ras canônicas de Deus (28) ".

Após alguns reparos concernentes às ordenações e tradições da Igreja, Bayer chegou ao epílogo da Confissão, acrescentando:

"Não é movidos pelo ódio que falámos, nem para ofender quem quer que seja; mas expusemos as doutrinas que sustentamos serem essenciais, a a fim de que se possa compreender que não admitimos nem dogma nem cerimônia contrários às Sagradas Escrituras e ao procedimento da Igreja universal".

Bayer cessou, então, a leitura. Falara durante duas horas. O silêncio e a solene atenção da assembléia não foram perturbados uma só vez (29) .

A Confissão de Ausburgo será sempre uma das obras-primas da mente humana iluminada pelo Espírito de Deus.

A linguagem que fôra adotada, conquanto perfei-tamente natural, foi o resultado de um profundo estudo da personalidade. Ésses príncipes, êsses guerreiros e êsses políticos que se achavam reunidos, em sessão, no Palácio Palatino, ignorando completamente como o ignoravam a teologia, compreenderam facilmente a doutrina dos protestantes, porquanto esta não lhes foi explicada no estilo escolástico, mas no da vida diária, com uma simplicidade e clareza que tornavam impossível tôda e qualquer compreensão errônea.

Ao mesmo tempo, a fôrça da argumentação era tanto mais extraordinária quanto mais dissimulada. Numa ocasião, Melancton (pois era êle, realmente, que falava pela bôca de Bayer) contentava-se em citar uma simples passagem da Escritura, ou dos Padres da Igreja, em favor da doutrina que êle defendia; noutra, demonstrava a sua tese de maneira bem convincente, que êle parecia declará-la, apenas. De uma só penada, punha em relêvo as tristes consequências que se seguiriam à rejeição da fé que êle professava, ou' , com uma única palavra, mostrava a sua importância para a prosperidade da Igreja; de modo que, ao ouvi-lo, os mais acirrados inimigos eram forçados a confessar a si mesmos que havia, realmente, algo a dizer em favor da nova seita.

A essa fôrça de argumentos, a apologia acrescentava uma prudência não menos notável. Melancton, ao rejeitar, com firmeza, os erros atribuídos ao seu partido, nem sequer parecia sentir a injustiça dessas falsas imputações, e, ao salientar os erros do papismo, não disse, de modo explícito, que êstes eram os dos seus adversários, evitando, assim, com todo cuidado, tudo quanto pudesse exasperar-lhes a mente. Nisto, êle se mostrou prudente como uma serpente e símplice que nem uma pomba.

O fato mais admirável de todos é, no entanto, a fidelidade com que a Confissão expõe as doutrinas mais essenciais para a salvação. Roma está acostumada a definir os reformadores como os criadores das doutrinas protestantes; mas não é no décimo-sexto século que devemos procurar os dias dessa criação.

Um brilhante caminho de luz, do qual Wickliffe e Agostinho são os marcos mais salientes, faz-nos retroceder à época apos-tólica: foi nessa ocasião que brilhou, com todo o seu esplendor, os dias criadores da verdade evangélica. Con-tudo, é certo que (e, se é isso o que Roma quer dizer, concordamos plenamente com a sua opinião) , desde os tempos de S. Paulo, jamais a doutrina cristã surgira com tanta beleza, profundidade e vida como nos dias da Reforma.

Entre essas doutrinas, a da Igreja, que, há tanto tempo, fôra deturpada, surgiu, nessa ocasião, com tôda a sua ingênita pureza. Com que sabedoria, sobretudo, os reformadores de Ausburgo protestam contra a baralhada entre a religião e a política, que, desde a lastimável época de Constantino, transformara o reino de Deus numa instituição terrena e material! Sem dúvida nenhuma, o que a Confissão verbera, com a maior veemência, é a intrusão da Igreja nos negócios do Estado; mas é possível pensar-se que ela devia aprovar a intrusão do Estado nos negócios da Igreja?

O mal da Idade Média foi ter escravizado o Estado à Igreja, e os confessores de Ausburgo levantaram, por assim dizer, um homem para combater isso. O mal dos três séculos que se escoaram desde então, é ter sujeitado a Igreja ao Estado, e podemos crer que Lutero e Melancton teriam encontrado incriminações não menos poderosas contra essa desordem. O que êles atacam, de modo geral, é a confusão entre as duas sociedades; o que exigem é a sua independência; não digo a sua separação, pois os reformadores desconheciam inteiramente a sua separação. Se os confessores de Ausburgo não desejavam que os assuntos do alto açambarcassem os da terra, ainda menos desejosos teriam estado de que os assuntos da terra oprimissem os do céu.

Há urna determinada aplicação dêste princípio, que a Confissão salienta. Ela dispõe que os bispos devem repreender os que seguem a iniqüidade, "porém sem poder humano, e tão semente pela Palavra de Deus". Rejeita, por conseguinte, o emprêgo da espada na punição dos hereges. Éste, vemos, é um princípio primordial, fundamental e essencial da Reforma, do mesmo modo que a doutrina contrária é um princípio primordial, fundamental e essencial do Papado. Se, entre os protestantes,

encontramos alguma obra, ou mesmo al-gum exemplo, que se oponha a isso, tal não constitui senão um fato isolado, que não pode invalidar os princípios oficiais da Reforma, sendo uma dessas exceções que sempre servem para confirmar a regra.

Por fim, a Confissão de Ausburgo não usurpa os direitos da Palavra de Deus; deseja ser a sua serva, e não a sua rival; não cria a fé, não a regula, mas simplesmente a professa. Ela diz "as nossas igrejas ensi-nam", e lembrar-se-á que Lutero a considerou apenas como um sermão pregado por príncipes e soberanos. Tivesse ela desejado ser mais do que isso, conforme se tem asseverado desde então, teria sido anulada por esta mesma circunstância.

Pôde, porém, a Confissão seguir, em tudo, o autêntico caminho cia verdade? Podemos permitir-nos duvida-lo.

Ela professa não se separar da Igreja Universal, e nem mesmo da Igreja Romana — com o que, sem dúvida, se quer dizer a antiga Igreja Romana —, rejeitando o sectarismo papista, que, durante oito séculos, mais ou menos, aprisionava a consciência dos homens. A Confissão, todavia, parece toldada por temores su-persticiosos, quando há qualquer problema de diver-gência dos pontos de vista admitidos por alguns dos Padres da Igreja, de rompimento das malhas da hie-rarquia e de agir, pelo que respeita a Roma, sem censurável indulgência. É, pelo menos, o que o seu autor, Melancton, professa. Diz êle: Não formulamos nenhum dogma que não se baseie no Evangelho ou nos ensina-mentos da Igreja Universal. Estamos dispostos a conceder em tudo quanto seja imprescindível à dignidade episcopal (30) , e, contanto que os bispos não condenem o Evangelho, conservaremos todos os ritos que se nos afiguram sem importância. Em suma, não há fardo que rejeitemos, se pudermos levá-lo sem pecado (31) .

Muitos acharão, sem dúvida, que, neste assunto, teria sido conveniente um pouco mais de independência, e que teria sido melhor omitir as épocas que se seguiram aos tempos apostólicos e pôr em prática, livremente, o supremo princípio que a Reforma proclamara: "Para os artigos de fé, não há nenhum outro fundamento, senão a Palavra de Deus (32) ".

Viu-se com estranheza a moderação de Melancton. Na verdade, ao salientar os abusos de Roma, êle silenciou sôbre o que há de mais chocante nêles, sôbre as suas ignominiosas origens e sôbre as suas vergonhosas conseqüências, contentando-se em mostrar que êles se achavam em contradição com a Escritura. Melancton fêz mais: silencia sôbre o direito divino que o papa se arroga, sôbre a infinidade de sacramentos e sôbre vários outros pontos. O seu assunto principal é defender a Igreja reformada e não atacar a deformada. Paz! Paz! — era o seu brado. Se, porém, em vez de tôda essa circunspeção, a Reforma tivesse avançado com coragem, descerrado totalmente a Palavra de Deus e feito um veemente apêlo às simpatias pelo movimento reformista, então disseminadas no coração dos homens, não teria

ela alcançado uma posição mais forte e mais respeitavel, e não teria obtido maiores conquistas?

O interêsse que Carlos V mostrou em ouvir a Con-fissão parece incerto. Segundo alguns, êle se esforçou por compreender aquela língua estranha (33) ; segundo outros, adormeceu (34) . É fácil conciliar êsses depoimentos contraditórios.

Ao findar a leitura, o chanceler Bruck, com os dois exemplares na mão, dirigiu-se para o secretário do im-perador, oferecendo-lhes. Carlos V, que nessa ocasião se achava bem desperto, recebeu pessoalmente as duas Confissões, entregou o exemplar em alemão, conside-rado como o oficial, ao Eleitor de Mentz, e guardou para si o exemplar em latim (35) . Em seguida, o imperador respondeu ao Eleitor da Saxônia e aos seus aliados que lhes ouvira, benevolentemente, a Confissão (36) , mas, como tal assunto era de suma importância, precisava de tempo para deliberar sôbre êle.

O regozijo de que os protestantes estavam possuídos transparecia-se-lhes nos olhos (37) . Deus estivera com êles; e viam que o estupendo feito, tão recentemente consumado, lhes impunha o dever de confessar a verdade com inalterável perseverança. "Estou contentíssimo por ter vivido até êsse momento, em que Cristo foi públicamente glorificado por tão ilustres confessores e numa tão honrosa assembléia (38) " — escreveu Lutero. Tôda a igreja evangélica, emocionada, revigorada por essa confissão pública dos seus representantes, achou-se, então, mais intimamente unida ao seu Divino Chefe, e batizada com um novo batismo.

— Desde os tempos apostólicos — disseram (e são palavras de um contemporâneo) —, jamais houve uma obra maior ou mais notável confissão (39) .

Tendo descido do trono, o imperador aproximou-se dos príncipes protestantes, solicitando-lhes, em voz baixa, que não publicassem a Confissão (40) . Os príncipes anuíram ao seu pedido. E todos se retiraram.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Capiebat forsan ducentos. Jonas, Corp. Ref., II, 157.

(2) Sarpi, Hist. Concilio de Trento, I, 101.

(3) Lacto et alacri animo et vultu. Scultet., I, 273.

(4) Ante decennium in conventu Wormatensi. Corp. Ref., II, 153.

(5) Csar Latinum prelege volebat. Seck., II, 170.

(6) Qui ciarei distincte, tarde et voce adeo Brandi et sonora eam pronunciavit. Scultet., pág. 276.

(7) Ad unam veram concordem religionem, sicut omnes sub uno Christo sumus et niilitamus. Confessio, Prwfatio, Urkund., I, 474.

(8) Causam dicturos in tali generali, libero, et Christiano concilio. Ibid., 279.

(9) Et tamen tres sunt personm elusdem essentiwe. Ibid. 682.

(10) Vitiun-i originis, afferens mternam mortem his qui non renascentur. Ibid., 483.

(11) Unus Christus, vere Deus, et vere honro. Ibid.

(12) Quod homines non possint justificari coram Deo, propiis viribus, meritis, aut operibus, sed gratis, propter Christum, per fidem. Confessio, Pra fatio. Ibid., 434.

(13) Congregatio sanctorum et vere credentium. Ibid., 487.

(14) Ad vera unitatem Ecciesim, satis est consentire de doctrina Evangelii et administratione sacramentorum, nec necesse est, &c. Ibid., 486.

(15) Quod corpus et sanguis Christi, vere adslnt et clis-tribuantur vescentibus in ccena Domini. F. Urkund., 1, 488.

(16) De quibus rebus olim parum docebant concionatores; tantum puerilia et non necessaria opera urgebant. F. Urkund., I, 495.

(17) Non tantum historias, notitiam, sed fidem qum credit non tantum historiam, sed etiam effectum historia. Ibid., 498.

(18) Nihil inesse quod discrepat a Scripturis vel ab Eccle-sia Catholica, vel ab Ecclesia Romana, quatenus ex Scriptori-bus nota est. Ibid., 501.

(19) Verum eiam in area inferiori et vicinis locis exaudiri potuerit. Scultet., pág. 274.

(20) Jonas scribit vidisse se vultus omnium de quo mihi spondet narrationem coram. L. Epp., IV, 71.

(21) L. Epp., IV, 82.

(22) Nonnulli incommode commiscuerunt potestatem ec-cleslasticam et potestatem gladii; et ex hac confusione, &c. Urkund. Confes. Augs., I, 539.

(23) Coacti sunt ostendere discrimen ecciesiastic potestatis et potestatis gladil. Ibid.

(24) Politica administratio versatur enfim circa alias res quam Evangelium; magistratus defendit non mentes sed cor-para — et coercet homines gladio. Ibid., 544.

(25) Non igitur commiscendae sunt potestates ecciesiasticEe et civilis. Ibid.

(26) Grego () Fil. 3:20. Com. Scott e Henry.

(27) Excludere a cornmunione Ecclesim, sine vi humana sed verbo. Urkund. Confes. Augs., I, 544.

(28) Nec catholicis eplscopfs consentiendum est, sie forte fallantur, aut contra canordeas Dei scripturas aliquld sen-tiunt. Ibid.

(29)

(30) Concessuros omnia qua ad dignitatem Episcoporum stabiliendam pertinent. Corp. Ref., II, 431.

(31) Nuilum detractavimus onus, quod sine scelere sus-piei posset. Ibid.

(32) Solum verbum Dei condit articulas fidel.

(33) Satis attentus erat Casar. Jonas, em Corp. Ref., II, 184.

(34) Cum nostra confessio legeretur, obdormivit. Brentz, em Corp. Ref., II, 245.

(35) O exemplar em latim, depositado nos arquivos da casa imperial, deve encontrar-se em Bruxelas; o exemplar em alemão, enviado, mais tarde, ao Concílio de Trento, deve estar no Vaticano.

(36) Gnedichlich vernohmen. F. Urkund., II, 3.

(37) Cum incredibili protestantium gaudio. Seck., II, 170.

(38) Mihi vehementer placet vixisse in hanc horam. L. Epp., IV, 71.

(39) Grõsser und háder Werk. Mathesius, Hlsb., págs. 93-98.

(40) In still angeredet und gebethen. Corp. Ref., II, 143.

CAPÍTULO VIII

Efeito Sdbre os Romanistas — Lutero Exige Liberdade Religiosa — Sua Idéia Dominante — Cântico de Vitória — Confissões Sinceras — Esperanças dos Protestantes — Malogro das Intrigas Papistas — A Conferência do Imperador — Dis-cussões Violentas — Uma Refutação Apresentada — Seus Autores — Roma e o Poder Civil — Perigos dos Confessores — O Mínimo de Melancton — A irmã. do Imperador — Queda de Melancton — Lutero Opõe-se à Concessão — O Núncio Repele Melancton —A Decisão do Papa — Questão — Tópicos Esco-lásticos de Melancton — Resposta.

Os romanistas não haviam esperado nada seme-lhante a isso. Em vez de urna odiosa controvérsia, ouviram admirável confissão a Jesus Cristo; os espíritos mais hostis ficaram, por conseguinte, desarmados .

—Por pouco teríamos deixado de assistir a essa leitura! — era o comentário que partia de todos os lados (1) .

Tão imediato foi o efeito que, por um momento, se pensou que a causa estivesse definitivamente ganha. Os próprios bispos impuseram silêncio aos sofismas e clamores dos Fabers e dos Ecks (2) .

—Tudo quanto os luteranos disseram é verdade —exclamou o bispo de Ausburgo —; não podemos ne-gá-lo (3) !

—Bem, doutor — disse a Eck o Duque da Baviera —, vós me havíeis dado uma opinião muito diferente acêrca dessa doutrina e dessa disputa (4) .

Era a voz geral. Por conseguinte, os sofistas, quando chamados, ficaram confusos .

—Mas, afinal de contas, podeis refutar, com sólidos argumentos, a Confissão feita pelo eleitor e seus aliados? — perguntou-lhes o Duque da Baviera.

Respondeu-lhe Eck:

— Com os escritos dos apóstolos e dos profetas, não; mas com os dos Padres e concílios, sim (5) .

— Compreendo — retorquiu-lhe, logo, o Duque. — Compreendo. Segundo vós, os luteranos estão dentro da Escritura, e nós, fora dela.

O Arcebispo Hermano, eleitor de Colônia, o Conde Palatino Frederico, o Duque Érico, de Brunswick-Lune-burgo, o Duque Henrique, de Meclemburgo e os Duques da Pomerânia foram conquistados para a verdade . E Hermano logo procurou estabelecê-la no seio do seu elei-torado.

Nos outros países, o efeito produzido pela Confissão foi, talvez, maior ainda. Carlos expediu cópias a tôdas as côrtes; a Confissão foi traduzida para o francês, o italiano (6) e, até mesmo, para o castelhano e português; difundiu-se por tôda a Europa, concretizando, dessa forma, o que Lutero dissera: "Nossa Confissão penetrará em tôdas as côrtes, e o seu sonido propagar-se-á por tôda a terra (7) ". Ela desfez os preconceitos que se nutriam, deu à Europa uma noção mais concreta sôbre a Reforma e preparou os mais longínquos países para receberem as sementes do Evangelho.

A voz de Lutero começou, então, a ser ouvida nova-mente . O reformador saxônio percebeu que era um mo-mento decisivo, e que êle devia, agora, dar o impulso que conquistaria a liberdade religiosa. Corajosamente, exigiu, dos príncipes católicos-romanos presentes à dieta (8) , essa liberdade, e, ao mesmo tempo, procurou fazer com que os seus amigos se retirassem de Ausburgo. Jesus Cristo fôra confessado com destemor. Ao invés daquela longa sucessão de rixas e disputas, que se achava prestes a relacionar-se com êsse valoroso feito, Lutero teria desejado um rompimento brusco, ainda que êle devesse selar com o seu sangue o bom testemunho dado ao Evan-gelha.

A seu ver, a fogueira teria sido o verdadeiro desfe-cho dessa tragédia. Escreveu aos seus amigos: "Em nome do Senhor, eu vos eximo dessa dieta (9) . Agora, para casa! Voltai para casa! Repito: para casa! Prouvera a Deus que eu fôsse o sacrifício oferecido, dêsse novo concílio, como João Huss em Constância (10) !"

Lutero, porém, não esperava um tão honroso resul-tado: comparou a dieta a um drama. Primeiramente, houvera a elucidação; em seguida, o prólogo; depois, o entrecho. Éle aguardava, agora o trágico epílogo, segundo alguns; mas êste, na opinião do reformador, seria simplesmente cômico (11) . Achava êle: sacrificar-se-ia tudo à paz política, e os dogmas seriam postos de lado. Tal procedimento, que, mesmo em nossos dias, seria, aos olhos do povo, o cúmulo da sensatez, era, ao ver de Lutero, o cúmulo da estultícia.

Alarmava-se Lutero particularmente, ao pensar na intervenção de Carlos. Tirar a Igreja de tôda a influência eclesiástica, era, nessa época, uma das idéias dominantes do grande reformador. Escreveu a Melancton: Vêde que êles contrapõem à nossa causa o mesmo argumento que foi empregada em Worms, a saber, sempre e invariàvelmente, a decisão do imperador. Por conseguinte, Satanás repisa sempre o mesmo assunto, e essa debilitada fôrça (12) do poder civil é a única que tal espírito infinitamente falso pode achar contra Jesus Cristo". Não obstante, Lutero armou-se de coragem, erguendo, com afoiteza, a cabeça. E prosseguiu: "Cristo vem; vem sentado à direita ... de quem? Não do imperador, ou nós há muito tempo já estaríamos perdidos, mas do próprio Deus: nada temamos. Cristo é o Rei dos reis e o Senhor dos senhores. Se Éle perder êstes títulos em

Ausburgo, perde-os, também, em tôda a terra e em todo o céu.

Assim, um cântico de vitória foi, da parte dos confessores de Ausburgo, o primeiro movimento que se seguiu ao corajoso feito, incomparável, sem dúvida, nos anais da Igreja. Alguns dos seus adversários comparticiparam, a princípio, do seu triunfo; os demais reduziram-se ao silêncio. Em breve, porém, se dava uma poderosa reação.

Tendo-se levantado Carlos, na manhã seguinte, de mau humor e fatigado devido à falta de repouso, o pri-meiro dos seus ministros que apareceu nos aposentos imperiais foi o conde palatino, que se achava tão exausto e confuso quanto o soberano.

—Devemos transigir em algo — disse êste a Carlos. — Desejaria lembrar a Vossa Majestade que o Imperador Maximiliano esteve propenso a concordar com as duas espécies na eucaristia, com o casamento dos padres e com a liberdade no tocante aos jejuns.

Carlos V àvidamente se agarrou a êsse alvitre como uma forma de segurança. Contudo, logo chegaram Granvelle e Campeggio, os quais o induziram a rejeitar tal idéia.

Roma, desnorteada, por um momento, pelo golpe que a atingira, levantava-se de novo, com firmeza.

—Eu fico com a mãe! — exclamou o Bispo de Wartzburgo, com isso querendo dizer a Igreja de Roma. —Com a mãe! Com a mãe!

—Meu senhor — respondeu-lhe Brentz, irônicamente —, por favor, por causa da mãe, não olvideis nem o Pai nem o Filho!

—Bem, concordo com isso — retrucou o Arcebispo de Salisburgo a um dos seus amigos. — Eu também desejaria a comunhão em ambas as espécies, o casamento dos padres, a reforma da missa e a liberdade relativamente aos alimentos e às demais tradições ... Mas que seja um monge, um insignificante monge, quem ouse reformar-nos a todos, é o que não podemos admitir (13) .

—Eu não faria objeção a que o culto divino fôsse celebrado, em tôda parte, como o é em Witemberg —disse um outro bispo. — Jamais devemos permitir, porém, que essa doutrina provenha de um lugar como êsse (14) .

Insistindo Melancton com o Arcebispo de Salisburgo sôbre a necessidade de uma reforma do clero, respondeu-lhe êste:

—Bem. E como desejais reformar-nos? Nós, os clérigos, sempre fomos inúteis.

Eis uma das mais sinceras confissões que a Reforma arrancou aos padres.

Todos os dias, eram vistos chegar a Ausburgo doutores e monges fanáticos, abarrotados de sofismas, os quais procuravam acender o ódio do imperador e dos príncipes (15) .

—Se outrora tivemos amigos — disse Melancton, no dia seguinte ao da Confissão —, hoje não os possuímos mais. Aqui estamos sós, abandonados por todos, pelejando contra enormes perigos (16) .

Forçado por êsses partidos antagônicos, Carlos aparentava grande indiferença. Mas, sem deixar percebê-lo, procurava nesEr. ínterim, examinar completamente o assunto.

—Que não falte uma só palavra — dissera ao seu secretário, ao exigir-lhe um traslado da Confissão para o francês.

—O imperador não permite que se perceba coisa alguma — cochilavam, entre si, os protestantes, convencidos de que haviam conquistado a simpatia de Carlos —, pois, se soubesse disso, êle perderia os seus Estados espanhóis: mantenhamos o mais profundo sigilo.

Os cortesãos do imperador, que notavam essas es-tranhas esperanças, sorriam, abanando negativamente a cabeça.

—Se tendes dinheiro — disse Schepper, um dos Secretários de Estado, a Jonas e Melancton —, fácil vos será comprar aos italianos a religião que quiserdes, seja ela qual fôr (17) . Mas se a vossa bôlsa se encontra vazia, vossa causa está perdida — e adotando, então, um tom mais sério, disse-lhes: — É impossível ao imperador, rodeado corno está de bispos e cardeais, aprovar qualquer outra religião que não a do papa.

Isto cedo se evidenciou. No dia subseqüente ao da Confissão (domingo, 26 de junho) , antes do desjejum (18) , tôdas as delegações das cidades imperiais foram reunidas na antecâmara do imperador. Carlos, desejoso de reconduzir os Estados do Império à união, começou pelas mais fracas. Disse-lhes o conde palatino:

— Algumas das cidades não deram a sua adesão à última Dieta de Espira; o imperador solicita-lhes que se submetam a ela.

Estrasburgo, Nuremberg, Constância, Ulm, Reutlingen, Heilbronn, Memmingen, Lindau, Kempten, Windsheim, Isny e Weissemburgo, que foram, assim, intimadas a rejeitar o célebre protesto, acharam a ocasião es-tranhamente escolhida. E pediram tempo para pensar.

A situação tornava-se complicada: lançara-se a dis-córdia entre as cidades, e a intriga diariamente se es-forçava por aumentá-la (19) . Não era só entre as ci-dade.s papistas e evangélicas que existia desavença, mas também entre as cidades

zwinglianas e luteranas, e, mesmo entre estas últimas, aquêles que não haviam apoiado a Confissão de Ausburgo mostravam muito mau humor para com os delegados de Reutlingen e Nuremberg. Essa conduta de Carlos V foi, portanto, habilmente calculada, pois se baseava na velha máxima: Divide et impera.

Mas o zêlo da fé sobrepujou todos êss'es ardis; e, no dia seguinte (27 de junho) , os delegados das cidades transmitiram uma resposta ao imperador, na qual declaravam que não podiam apoiar o Decreto de Espira "sem desobedecer a Deus, e sem comprometer a salvação das suas almas (20) ".

Carlos, que desejava observar um justo meio-têrmo, mais da política do que da eqüidade, hesitava entre tantas convicções opostas. Não obstatite, desejoso de pôr à prova a sua influência mediadora, convocou os Estados fiéis à Roma, no domingo, 26 de junho, pouco depois da sua conferência com os delegados das cidades.

Achavam-se presentes todos os príncipes: até mesmo o enviado do papa e os mais influentes teólogos de Roma compareceram a essa conferência, com grande indignação dos protestantes.

—Que resposta deve ser dada à Confissão? — foi a pergunta que Carlos formulou ao conselho que o rodeava (21) .

Foram aventadas três opiniões diferentes. Os homens do papado disseram:

—Resguardemo-nos de discutir os motivos dos nos-sos adversários. Contentemo-nos com a execução do édito de Worms, contra os luteranos, e com o sujeitá-los pelas armas (22) .

—Submetamos a Confissão ao exame de juízes im-parciais — disseram os homens do império —, e entre-guemos a decisão final ao imperador. A leitura da Con-fissão não é mesmo um apêlo dos protestantes ao poder imperial?

Outros, por derradeiro (e êstes eram os homens da tradição e da doutrina eclesiástica) , desejavam encarre- gar certos doutores de redigir uma refutação, a qual de- veria ser lida aos protestantes e ratificada por Carlos. O debate foi muito animado: o manso e o violento, o criterioso e o fanático adotaram uma atitude decidida na assembléia.

Jorge da Saxônia e Joaquim de Brandemburgo revelaram-se os mais desabridos, sobrepujando, neste neste ponto, os príncipe& eclesiásticos. (23) Um certo parvo, a quem vós conheceis muito bem, instiga-os a todos, por trás (24) , e certos teólogos hipócritas empunham o archote, chefiando todo o bando — escreveu Melancton a Lutero. Êsse parvo, sem dúvida, era o Duque Jorge. Mesmo os príncipes da Baviera, aos quais a Confissão, a princípio, fizera vacilar, logo tornaram a reunir-se ao derredor dos chefes do partido de Roma. O Eleitor de Mentz, o Bispo de Ausburgo e o Duque de Brunswick revelaram-se os menos contrários à causa evangélica.

—De maneira nenhuma posso aconselhar Sua Ma-jestade a que empregue a fôrça — disse Alberto .Se

Sua Majestade cerceasse a consciência dos protestantes e, depois, se afastasse do império, as primeiras vítimas a serem sacrificadas seriam os padres. E quem sabe se, em meio a êsses conflitos, os otomanos não cairiam su-bitamente sôbre nós?

Mas essa prudência algo interesseira do arcebispo não granjeou muitos simpatizantes, e, logo em seguida, os guerreadores entraram na discussão com as suas vozes ásperas.

—Se houver qualquer luta contra os luteranos —proferiu o Conde Félix de Werdemberg —, espontânea-mente vos ofereço a minha espada. E juro jamais a recolher à sua bainha, até que ela tenha arrasado a fortaleza de Lutero.

Êste fidalgo faleceu repentinamente, alguns dias depois, devido às conseqüências da sua intemperança. Os homens moderados uma vez mais intervieram:

—Os luteranos não atacam nenhum artigo da fé — ponderou o Bispo de Ausburgo. — Cheguemos a um acôr-do com êles; para conseguirmos a paz, façamo-lhes a concessão do sacramento em ambas as espécies e do ma-trimônio dos padres. Eu até mesmo lhes cederia mais, se fôsse necessário.

Contra isso, levantaram-se altos brados.

—É um luterano! — disseram. — Vereis que êle está inteiramente disposto a sacrificar até mesmo as missas privadas!

—As missas! Nem sequer devemos pensar nisso! — observaram alguns, com sorriso irônico. — Roma jamais abrirá mão delas, pois são elas que mantêm os seus car-deais e cortesãos, com o seu fausto e as suas cozi-nhas (25) .

—Arcebispo de Salisburgo e o Eleitor de Brandem-burgo replicaram com grande violência a moção do Bispo de Ausburgo. Disseram, àsperamente:

—Os luteranos apresentaram-nos uma Confissão escrita com tinta preta em papel branco. Bem, se fôssemos o imperador, responder-lhes-íamos com tinta vermelha (26) .

—Senhores — retrucou-lhes, incontinenti, o Bispo de Ausburgo —, cuidado, então, para que as letras vermelhas não vos sejam atiradas às faces!

O Eleitor de Mentz foi forçado a intervir, acalmando os oradores.

O imperador, que ambicionava desempenhar o papel de árbitro, teria desejado que o partido romano tivesse, ao menos, pôsto em suas mãos um auto de acusação contra a Reforma: agora,. porém, tudo se achava alterado; a maioria, tornando-se cada vez mais compacta, desde a Dieta de Espira, já não era favorável a Carlos.

Sentindo plenamente a sua própria fôrça, os seus componentes recusavam-se a atribuir-se o título de partido e a aceitar o imperador como juiz.

—Que estais a dizer de diversidade entre os mem-bros do império? — bradavam. — Não há senão um só partido legítimo. Não é uma questão de decidir entre duas opiniões cujos direitos são os mesmos, mas de subjugar rebeldes e de auxiliar os que têm permanecido leais à constituição do império.

Essa linguagem altiva abriu os olhos a Carlos: per-cebeu que lhe tinham tomado a dianteira e que, desistindo de sua elevada posição de árbitro, devia resignar-se a ser simplesmente o executor das ordens da maioria. Era essa maioria que doravante mandava em Ausburgo.

Ela rejeitou os conselheiros imperiais, que advogavam pontos de vista mais eqüitativos, e o próprio Arcebispo de Mentz deixou de comparecer à dieta, durante certo tempo (27) .

Ordenou a maioria que os teólogos papistas redi-gissem, imediatamente, uma refutação à doutrina evan-gélica. Se houvessem escolhido, para êsse fim, homens moderados, como o Bispo de Ausburgo, a Reforma teria tido ainda alguma probabilidade de triunfo com os gran-des princípios do Cristianismo; mas foi aos inimigos da Reforma, aos velhos campeões de Roma e de Aristóteles, exacerbados com tantos revezes, que confiaram essa tarefa.

Tais campeões eram numerosos em Ausburgo, e não eram tidos em muito grande estima. Disse Jonas:

— Os príncipes trouxeram consigo os seus homens doutos, e alguns trouxeram até mesmo os seus iletrados e os seus idiotas (28) .

O Prepósito Faber e o Doutor Eck comandavam a tropa; atrás dêl'es, alinhava-se uma coorte de monges, e principalmente de dominicanos, os instrumentos da In-quisição, ansiosos por se desforrarem do opróbrio que há tanto tempo haviam aturado. Lá estavam o provincial dos dominicanos, Paulo Hugo, o vigário dêstes, João Bourkard, um dos seus priores, Conrado Koelein, que es-crevera contra o casamento de Lutero, acompanhados de frades cartuxos, agostinianos, franciscanos e dos vigários de diversos bispos. Eram êsses os homens que, em número de vinte, foram encarregados de refutar os argumentos de M'elancton.

De antemão se podia prever o trabalho, pelos obreiros. Cada um dêles entendia que se tratava, não de refutar a Confissão, mas de a infamar. Campeggio, que, sem dúvida, sugeriu essa malfadada lista a Carlos, estava bem ciente de que tais doutores eram incapazes de medir-se com Melancton; os seus nomes, porém, constituíam o mais indiscutível estalão do papismo, anunciando ao mundo, clara e

imediatamente, o que a dieta se propunha fazer. Era o ponto essencial. Roma não deixaria à Cristandade nem mesmo a esperança.

Era necessário, todavia, saber se a dieta e o impera-dor, que era o seu órgão, tinham o direito de pronunciar-se. neste assunto essencialmente religioso. Carlos apre-sentou a questão tanto aos evangélicos como aos roma-nistas (29) .

Disse Lutero, que foi consultado pelo eleitor: Sua Alteza pode responder-lhe com tóda a segurança: Sim, se o imperador o desejar, que seja o juiz. Aceitarei tudo da parte de Sua Majestade, mas que êle nada decida contrário à Palavra de Deus. Sua Alteza não pode colocar o imperador acima do próprio Deus (30) . Não diz o primeiro mandamento: Não terás outros deuses diante de mim?

A resposta dos adeptos do papa foi também bastante positiva, num sentido contrário. Disseram:

— Julgamos que Sua Majestade, de acôrdo com os eleitores, príncipes e Estados do Império, tem o direito de atuar neste caso, como Imperador Romano, guardião, advogado e supremo defensor da Igreja e da nossa sa-cratíssima fé (31) .

Assim, nos primeiros dias da Reforma, a Igreja Evan-gélica abertamente se colocava sob o trono de Jesus Cris-to, e a Igreja Romana, sob o cetro dos reis. Os eruditos, mesmo os protestantes, têm interpretado mal esta dupla natureza do protestantismo e do papismo.

A filosofia de Aristóteles e a hierarquia de Roma, graças a essa aliança com o poder civil, estavam, por fim, prestes a ver chegar o dia do seu triunfo há muito tempo esperado. Enquanto os teólogos escolásticos tinham ficado entregues à fôrça dos seus silogismos e abusos, haviam sido derrotados; agora, porém, Carlos V e a dieta lhes estendiam as mãos; os argumentos de Faber, Eck e Wimpina estavam a ponto de serem assinados pelo chan-celer alemão e confirmados pelos grandes selos do Im-pério. Quem poderia resisti-los? O êrro papista jamais teve qualquer fôrça, a não ser através da união com o braço secular; suas vitórias, no Velho e no Novo Mundo, são devidas, mesmo em nossos dias ,ao apoio do Estado (32) .

Tais coisas não escapavam ao agudo olhar de Lutero. Imediatamente êle percebeu a fraqueza do argumento dos doutores papistas e do poder do braço de Carlos. E escreveu aos seus amigos de Ausburgo: "Estais à espera da resposta dos vossos adversários e ela já está redigida. Ei-la: Os Padres, os Padres, os Padres; a Igreja, a Igreja, a Igreja; hábito, usança; porém, das Escrituras — nada (33) !O imperador, então, apoiado pelo testemunho dêsses árbitros, pronunciar-se-á contra vós (34) . E ouvireis, em seguida, fanfarronadas que subirão aos céus, e ameaças que descerão até mesmo ao inferno".

Alterava-se, assim, a situação da Reforma. Carlos foi forçado a reconhecer a sua fraqueza; e, a fim de salvar as aparências do seu poder, colocou-se definitivamente ao lado dos inimigos de Lutero. Desapareceu a imparcialidade do imperador: o Estado voltou-se contra o Evangelho, e para êste não restava outro salvador, senão Deus.

A princípio, muitos entregaram-se a profundo de-sânimo: principalmente Melancton que, tendo um co-nhecimento mais direto das maquinações dos adversários, consumido, além disso, por longas vigílias, quase caiu no desespêro (35) . Bradou:

—Dêsses terríveis infortúnios, não mais vejo esperança (36) — e depois, no entanto, acrescentou: —A não ser o auxílio de Deus.

O enviado do papa logo pôs tôdas as suas baterias em ação. Já várias vêzes Carlos mandara chamar o eleitor e o landgrave, e envidara todos os esforços para arrancá-los à Confissão Evangélica (37) . Inquieto com essas conferências secretas, Melancton reduziu a Confis-são ao mínimo, rogando ao eleitor que exigisse apenas as duas espécies na eucaristia e o casamento dos padres. Disse êle:

— Interditar o primeiro dêstes pontos, seria alienar da comunhão um grande número de cristãos; proibir o segundo, seria privar a Igreja de todos os pastores capazes de edificá-la. Aniquilarão os papistas a religião, ateando a guerra civil, ou, antes, aplicarão a essas constituições um lenitivo que não é contrário nem aos sólidos princípios morais, nem à fé (38) ?

Os príncipes protestantes solicitaram a Melancton fôsse êle mesmo fazer tais propostas ao núncio (39) .

Melancton concordou, pondo-se a alimentar esperança de êxito. De fato, havia, mesmo entre os papistas, indivíduos que eram favoráveis à Reforma. Recentemente, haviam chegado a Ausburgo, vindas do outro lado dos Alpes, certas proposições mais ou menos luteranas (40) ; e um dos confessores do imperador professava, com co-ragem, a doutrina da justificação pela fé, execrando, dizia êle, "êsses asnos de alemães que estão incessantemente a zurrar contra esta verdade (41) ". Um dos capelães de Carlos aprovava, mesmo, tôda a confissão. Havia, ainda, algo mais: Tendo Carlos V consultado os grandes da Espanha, célebres pela sua ortodoxia, êstes lhe haviam dito:

— Se as opiniões dos protestantes são contrárias aos artigos da fé, que Vossa Majestade empregue tôda a sua fôrça, para exterminar essa facção; se se tratar simples-mente de uma questão de certas mudanças no regulamento humano e nos costumes exteriores, que se evite tôda violência (42) .

— Excelentie resposta! — exclamou Melancton, que se convenceu de que, no fundo, a doutrina papista se achava de acôrdo com o Evangelho.

A Reforma encontrava defensores mesmo nas ca-madas ainda mais altas. Maria, irmã de Carlos V e vffiva do rei Luís da Hungria, chegando a Ausburgo três dias depois da leitura da Confissão, com sua cunhada, a Rainha da Boêmia, espôsa de Fernando, estudou assiduamente a Sagrada Escritura; ela a trouxe consigo para a ocasião das caçadas, nas quais achava pouco prazer, e descobrira a jóia da Reforma — a doutrina da salvação gratuita. Essa piedosa princesa fêz com que o seu cape. lão lhe lesse sermões evangélicos, e muitas vêzes se esforçou, pôsto que com cautela, por abrandar o seu irmão Carlos, com respeito aos protestantes (43) .

Melancton, encorajado por essas demonstrações e, ao mesmo tempo, alarmado com as ameaças de guerra que os adversários não cessavam de proferir, julgou fôsse o seu dever obter a paz a qualquer preço, e resolveu, por conseguinte , condescender tanto quanto possível em suas propostas. Solicitou, pois, uma entrevista com o representante do papa, numa carta cuja autenticidade tem sido injustamente posta em dúvida (44) . No momento decisivo, o coração do paladino da Reforma fraqueja; gira-lhe a cabeça; êle vacila, cai; e, em sua queda, corre o risco de arrastar consigo a causa que os Mártires já regaram com sangue .

Assim fala o representante da Reforma ao representante do papado:

— Não há nenhuma doutrina na qual discordemos da Igreja de Roma (45) ; acatamos a autoridade univer-sal do pontífice romano, e estamos prontos para obedecê-lo, contanto que êle não nos repudie e que, na sua clemência, com que costuma tratar tôdas as nações, nos perdoe ou aprove certas insignificâncias que não nos é mais possível alterar... Ora, pois, rejeitareis os que comparecem súplices à vossa presença? Persegui-los-eis com fogo e espada?...

Ai! nada nos acarreta, na Alemanha, tanto ódio, como a inabalável firmeza com que sustenta-mos as doutrinas da Igreja Romana (46) . Mas, com o auxílio de Deus, continuaremos fiéis, até mesmo à morte, a Cristo e à Igreja Romana, ainda que vós nos rejei-teis (47) .

Assim se aviltou Melancton. Deus permitiu 'essa que-da. para que as épocas futuras pudessem ver claramente quanto a Reforma se achava disposta a curvar-se a fim de manter a unidade; para que ninguém duvidasse de que o cisma procedera de Roma; mas, também, indubitá-velmente, para que se verificasse quão grande é a fraqueza dos mais nobres instrumentos, em tôdas as obras importantes.

Felizmente, havia, então, outro homem que sustentava a honra da Reforma . Nessa mesma época, Lutero escreveu a Melancton: "Não pode haver acôrdo entre Cristo e Beijai. Pelo que me toca, não cederei a grossura de um fio de cabelo (48) . A ceder, eu antes preferiria tudo suportar, mesmo as mais terríveis desgraças . Con-

cederei tanto menos quanto mais exigem os vossos adver-sários. Deus não nos auxiliará, até que estejamos de-samparados por todos (49) ". E, temendo alguma fraqueza da parte dos seus amigos,acrescentou: "Se não fôsse tentar a Deus, há muito me teríeis visto aí convosco (50) !"

De fato, jamais a presença de Lutero fôra tão neces-sária, porquanto o núncio consentira numa entrevista, e Melancton estava prestes a cortejar Campeggio (51) .

O dia designado pelo legado papal foi o 8 de julho. Sua carta incutiu em Felipe as esperanças mais oti-mistas.

—O cardeal assegura-me que acederá ao emprêgo das duas espécies e ao matrimônio dos padres — disse. — Estou ansioso por visitá-lo (52) !

Essa visita poderia decidir o destino da Igreja. Se o núncio aceitasse o ultimato de Felipe, os países evan-gélicos seriam postos de novo sob o poder dos bispos ro-manistas e estaria tudo acabado com a Reforma: contudo, esta se salvou devido ao orgulho e à cegueira de Roma. Os papistas, supondo a Reforma à, beira do abismo, julgavam que um último golpe lhe poria têrmo e, como Lutero, resolveram nada lhe conceder, "nem mesmo a grossura de um cabelo". O representante do papa, no entanto, mesmo durante a recusa, assumiu um ar de bondade e de submissão à influência externa:

—Eu teria autoridade para fazer certas concessões, mas não seria prudente fazer uso delas sem o consenti-mento dos príncipes alemães (53) . A vontade dêsses príncipes tem de ser feita; um dêles, principalmente, roga ao imperador que nos impeça de ceder a mínima coisa. Nada posso conceder-vos.

O príncipe papista, com o seu mais amável sorriso, fez, então, tudo quanto pôde para conquistar a simpatia do primeiro dos mestres protestantes. Melancton retirou-se coberto de vergonha pelas propostas que fizera, porém ainda ludibriado por Campeggio.

—Não há dúvida: Eck e Cochlceus estiveram com o legado antes de mim (54) — disse Felipe.

A opinião de Lutero era diferente.

—Não confio em nenhum dêsses italianos — proferia —; são uns velhacos. Quando um italiano é bom, é muito bom, mas, nesse caso, é um cisne negro.

Na verdade, eram os italianos que se achavam envol-vidos nisso. Pouco depois, no dia 12 de julho, chegavam as instruções do papa. Éle recebera a Confissão por men-sageiro especial (55) , e bastaram dezesseis dias para o despacho, deliberação e volta. Clemente não queria ouvir mencionar debates nem concílio. Carlos devia marchar imediatamente em direção ao objetivo, introduzir um exército na

Alemanha e sufocar a Reforma à fôrça. Em Ausburgo, no entanto, julgou-se mais conveniente não se lançar tão depressa à obra, e recorreu-se a outros meios.

—Aquietai-vos. Nós os temos — disseram os doutores papistas.

Sabedores da exprobação que havia sido feita contra êles, de terem dado uma falsa impressão acêrca da Reforma, os teólogos romanistas acusaram os próprios protestantes como sendo a causa disso. E proferiram:

—São êles que, para se darem uma aparência de concordância conosco, dissimulam, agora, a sua heresia. Mas nós os apanharemos com os seus próprios laços. Se confessarem que não inseriram na Confissão tudo quanto rejeitam, ficará provado que estão zombando de nós. Se, pelo contrário, alegarem ter dito tudo, por êsse mesmo motivo serão obrigados a admitir tudo quanto não condenaram.

Os príncipes protestantes foram, portanto, convocados, e perguntaram-lhes se a Reforma se limitava às doutrinas mencionadas na Apologia, ou se havia algo mais (56) .

O laço foi hàbilmente armado. Nem sequer houvera menção do govêrno papal na Confissão de Melancton; os demais erros, também, haviam sido omitidos, e o próprio Lutero queixava-se disso em voz alta, dizendo:

—Satanás vê, claramente, que a vossa Apologia passou por alto sôbre os artigos do purgatório, sôbre a adoração dos santos e, sobretudo, do papa e do anticristo.

Os príncipes pediram licença para uma conferência com os seus aliados das cidades, e todos os protestantes se reuniram a fim de deliberar sôbre êsse grave incidente.

Aguardaram a explicação de Melancton, que não se desviou da responsabilidade do caso. Abatendo-se de pronto por causa da sua angústia, êle se tornava corajoso sempre que atacado diretamente. Disse:

— Tôdas as doutrinas essenciais foram expostas na Confissão, e todos os erros e abusos que a elas se opõem foram apontados. Era preciso, porém, que nos mergulhássemos nessas questões tão cheias de contenda e res-sentimentos, as quais se discutem em nossas universidades? Era imperioso indagar se todos os cristãos são padres; se o primado do papa é, de direito, divino; se pode haver indulgências; se tôda boa obra é pecado mortal; se há mais de sete sacramentos; se êstes podem ser administrados por leigos; se a escolha de Deus possui qualquer fundamento em nossos próprios méritos; se a consagração sacerdotal imprime um cunho indelével; se a confissão auricular é indispensável à salvação?... Não! Não!

Tôdas estas coisas pertencem ao campo escolástico e de modo algum são essenciais à fé (57) .

Não se pode negar que havia pontos importantes nestas questões assim salientadas por Melancton. Fôsse como fôsse, a comissão evangélica logo chegou a um acôr-do, transmitindo, no dia seguinte, uma resposta aos mi-nistros de Carlos, redigida tão franca quanto firmemente, na qual foi dito "que os protestantes, desejosos de chegar a um entendimento amistoso, não querendo complicar a sua situação, se propuseram não especificar todos os erros que foram introduzidos na Igreja, mas confessar tôdas as doutrinas essenciais à salvação; que, não obstante, se o partido adverso se sentisse impelido a manter certos abusos, ou a apresentar qualquer questão não mencionada na Apologia, se declaravam prontos para responder-lhe de acôrdo com a Palavra de Deus (58) ". O tom desta resposta mostrou bem claramente que os cristãos evangélicos não receavam acompanhar os seus adversários aonde quer que êstes os atraíssem. Por con-seguinte o partido romano nada mais disse sôbre tal assunto.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Brücks Geschichte der Handl. in den Sachen des Glau-bens zu Augsbourg, Fórstemann Archiv., pág. 50.

(2) Multi episcopi ad pacem sunt inclinati. L. Epp., IV, 70.

(3) una quae recitata sunt, vera, sunt, sunt pura veritas; non possumus inficiari. Corp. Ref., II, 154.

(4) So habman Im vor nicht gesagt. Mathes. Hist., pág. 99.

(5) Mit Propheten und Aposteln schriften — nicht. Ibid.

(6) Casar sibi fecit nostram confessionem reddi Italica et Gallica lingua. Corp. Ref., II, 155. Encontrar-se-á a tradução francesa em F6rsternann's Urkunden, I, 357, Articles prineipaulx de la foy.

(7) Perrumpet in omnes aulas Principum et Regum L. Epp., IV, 96.

(8) Carta ao Eleitor de Mentz. Ibid., 74.

(9) Igitur absolvo vos in nomine Domini ab isto conventu. Ibid., 96.

(10) Vellem ego sacrificium esse hujus novissimi concilii. sicut Johannes Huss ConstantiEe. Ibid., 110.

11) Sed catastrophen illi tragicam, nos comicam expecta-mus. L. Epp., IV, 85.

(12) Sic Satan chorda semper oberrat eadem, et mille-artifex ille non habet contra Christum, nisi unum illud elumbe robur. Ibid., 100.

(13) Ibid

(14) Aus dem Loch und Winckel. L. Opp., XX, 307.

(15) Quotidie confluunt huc sophistm ac monachi. Corp. Rei., II, 141.

(16) Nos hic soli ac deserti. Ibid.

(17) Nos, si peeuniam haberemus, facile religionem quain vellemus emturos ab Italis. Corp. Ref., II, 156.

(18) Heute vor dera morgenessem. Ibid., 143.

(19) Es sind unter uns Stãden, viel practica und Seltsarnes wesens. Corp. Ref., II, 151.

(19) II, 6. dere. Corp. Ref., II, 26 de junho.

(20) Ohne Verletzung der gewissen gegen Gott. F. Urkund.,

(21) Adversarii nostri iam deliberant quid velint respon-

(22) Rem agendam esse vi, non audiendam causam. Corp. Ref., II, 154.

(23) Hi sunt duces, et quidem acerrimi alterius partis. Ibid.

(24)

(25) Cardinel, Churstusanen, Pracht und Küchen. Brück, Apol.. pág. 63.

(26) Wir wokten a ntvorten mit einer Schrift mit Rubricken. geschrieben. Corp. Ref., II, 147.

(27) Non venit in senatum. Corp. Ref., II, 175.

(28) Quidem etiam suos ineruditos et ineptos.

(29) Vide o documento extraído dos arquivos da Baviera em F. Urkund., IX, 9.

(30) I(onnen den Kaiser nicht uber Gott setzen. L. Epp., IV, 83.

(31) Romischen Kaiser, Vogt, Advocaten und Obristen Beschirrrier der kirken. F. Urkund., II, ia.

(32) Otaheite, por exemplo.

(33) Patres, Patres, Patres; Ecclesia, Ecclesia; usus, con-suetudo, prmtera e Scriptura nihil. L. Epp., IV, N.

(34) Pronuntiabitsar contra vos. Ibid.

(35) Quadam tristitia et quasi desesperatione vexatur. Corp. Ref., II, 163.

(36) Quid nobis sit sperandum in tantis odiis inimicorum. Ibid., 145.

(37) Legati Norinberg ad Senatum. Ibid., 161.

(38) Melancton ad Duc. Sa.x, Blect., Corp. Ref,, II, 162.

(39) Principes nostri miserunt nos ad R. D. V., Ibid., 171.

(40) Pervenerunt ad nos propositiones quedam Italicae satis Lutheranm. Ibid., 163.

(41) Istis Germanis asinis, nobis in hac parte obgannien-tibUs. Ibid.

(42) Hispanici proveres prseclare et saplenter responderunt Cseeari. Corp. Rei., II, 179.

(43) O studet nobis placara fratrem. Ibid., 178.

(44) Vide Corp. Ref., II, 168.

(45) Dogma nullun habemus diversum ab Ecclesla Romana. Corp. Ref ., II, 170.

(46) Quam guia Ecclesiw Romance dogmata summa cons-tantia defendimus. Ibid.

(47) Vel. si recusabitis nos in gratiam recipere. Ibid.

(48) At certe pro mea persona, ne pilum quidem cedam. L. Epp., IV, 88.

(49) Negue enim ju juvabimur ni deserti prius simus. Ibid., 91.

(50) Certe jamdudum coram vidissetis me. Ibid, 98.

(51) Ego muitos prehensare soleo et Campegium etia.m. Corp. Ref., II, 193.

(52) Propero enim ad Campegiurri. Ibid., 174.

(53) Se nihil posse decernere, nisi de voluntate principum Germani. Corp. Ref., II, 174.

(54) Forte ad legatum veniebant Eccius et Cochlreus. Ibid., 175.

(55) Nostra confessio ad Romam per veredarios missa est. Ibid., 186.

(56)

(57) Melancthonis Judiciurn., Corp. Ref., II, 182.

(58) Aus Gottes Wort, weiter bericht zu thun. F. Urkun-denbuch, II, 19.

CAPÍTULO IX

A Refutação — Descontentamento de Carlos —Entrevista com os Príncipes — Os Suíços em Ausburgo — Confissão Tetrapolitana — A Confissão de Zwinglio — Divisões Contristadoras — A Fé do Eleitor — A sua Paz — A Pele do Leão — A Re-futação — Uma Concessão — A Escritura e a Hie-rarquia — Ordens Imperiais — Entrevista entre Melancton e CampeggioPolítica de Carlos — Reunião Tumultuosa — Resoluções do Consistório —As Preces da Igreja — Dois Prodígios — A Ameaça do Imperador — A Coragem dos Príncipes — A Máscara — Negociações — Os Espectros de Espira — Tumulto em Ausburgo.

A junta encarregada de refutar a Confissão reunia-se duas vêzes por dia (1) , e cada um dos teólogos que a compunham acrescentava ao trabalho as suas impugnações e os seus ódios.

A 13 de julho, êste se achava terminada. Eck e o seu bando entregaram a refutação ao im-perador (2) — disse Melancton. Grande foi o espanto de Carlos e dos seus ministros ao verem um escrito de duzentas e oitenta páginas repletas de vitupérios (3) .

—Maus carpinteiros esperdiçam muita madeira e escritores irreverentes sujam muito papel — comentou Lutero.

E não era tudo: à Refutação achavam-se anexos oito apêndices tratando das heresias que Melancton dissimulara (segundo diziam) , nas quais os seus autores expunham ainda as contradições e "as horrendas seitas" que o luteranismo gerara. Finalmente, não se limitando a essa resposta oficial, os teólogos papistas, vendo o esplen-dor do poder brilhando sôbre si, cobriram Ausbu,rgo de panfletos insolentes e injuriosos.

Não havia senão um só parecer sôbre a Refutação papista: foi tida como confusa, violenta, sanguinária (4) . Carlos V possuía demasiado bom gôsto para que não percebesse a diferença existente entre êsse escrito grosseiro e a nobre dignidade da Confissão de Melancton. O imperador enrolou, manuseou, amarfanhou e de tal modo danificou as duzentas e oitenta páginas dos seus doutores que, quando as devolveu dois dias depois, disse Spalatin que não havia mais do que doze intatas. Carlos teria tido vergonha de mandar que se lesse um tal trabalho na dieta e, por conseguinte, solicitou fôsse êle reescrito sob nova forma, mais concisa, e numa linguagem mais moderada (5) . Isso não foi fácil. Diz Brentz "que os adversários, embaraçados e surpreendidos com a majestosa simplicidade da Confissão de Melancton, não sabiam por onde principiar, nem como terminar, e levaram, portanto, quase três semanas na nova execução do seu trabalho (6) ".

Carlos e os seus ministros tinham grandes dúvidas acêrca do bom êxito dessa refutação. Abandonando, pois, os teólogos durante algum tempo, conceberam outra trama.

— Visitemos cada um dos príncipes protestantes por sua vez — disseram. — Separados, não oferecerão resistência.

Conseqüentemente, a 15 de julho, o Margrave de Brandemburgo foi visitado pelos seus dois primos, os Eleitores de Mentz e de Brandemburgo, e pelos seus dois irmãos, os Margraves Frederico e João Alberto, que o aconselharam:

— Renunciai a essa nova fé e volvei à que existia há um século. Se assim o fizerdes, não há favores que não possais esperar do imperador; caso contrário, temei-lhe a ira (7) .

Pouco tempo depois, o Duque Frederico da Baviera, o Conde de Nassau, De Rogendorf e Truchses eram anun-ciados ao Eleitor, como vindos da parte de Carlos.

— Vós solicitastes ao imperador que validasse o ca-samento do vosso filho com a Princesa de Juliers e que vos investisse no cargo eleitoral — disseram-lhe. — Sua Majestade, porém, declara que, se não abandonardes a heresia luterana, da qual sois o maior cúmplice, êle não poderá anuir aos vossos pedidos.

Ao mesmo tempo o Duque da Baviera, empregando as mais insistentes solicitações, acompanhadas de vigo-rosíssima mímica (8) e das mais sinistras ameaças (9) , pedia ao eleitor apostatasse da sua fé. E acrescentaram os enviados de Carlos:

— Assevera-se que vós fizestes uma aliança com os suíços. O imperador não pode acreditar nisso e vos ordena que o façais saber da verdade.

Com os suíços! Isso equivalia a uma rebelião! Tal aliança era o fantasma a todo instante invocado em Aus-busgo para alarmar Carlos V. E, de fato, delegados dos suíços, ou, pelo menos, seus amigos, já haviam surgido naquela cidade, tornando, assim, ainda mais grave a situação.

Bucer chegara dois dias antes da leitura da Confissão, e Capito, no dia posterior a ela (10) . Havia até mesmo rumores de que Zwinglio se juntaria a êles (11) . Entretanto, durante longo tempo, ninguém em Ausburgo, exceto a delegação estrasburguesa, teve conhecimento da presença dêsses doutores (12) . Foi só vinte dias depois da chegada dêsses homens que Melancton ficou realmente sabendo disso (13) , tão grande foi o mistério de que os zwinglianos se viram obrigados a rodear.se. Não era sem motivo.

E tendo êles solicitado urna conferência com Melancton, respondeu-lhes êste:

— Que escrevam. Eu exporia a perigo a nossa causa, tendo uma entrevista com êles.

Bucer e Capito, no seu esconderijo, que lhes era como um cárcere, aproveitaram o tempo vazio para redigir a Confissão Tetrapolitana, ou a confissão das quatro cidades. Os delegados de Estrasburgo, Constância, Memmingen e Lindau apresentaram-na ao imperador (14) . Essas cidades inocentavam-se da acusação de guerra e de revolta, que freqüentemente havia sido levantada contra elas. Declararam que a sua única causa era a glória de Cristo e que confessavam a verdade "livre e corajosamente, sem insolência e baixezas (15) ".

Quase ao mesmo tempo, Zwinglio fêz com que fôsse levada ao conhecimento do imperador uma confissão particular (16) , a qual provocou uma celeuma geral. Exclamaram os romanistas:

—Não ousa Zwinglio dizer que a raça mitrada e de-caída (como alude aos bispos) se acha na Igreja do mesmo modo que a corcunda e a escrófula se encontram no corpo (17) ?!

—Não insinua êle que estamos principiando a olhar para trás à procura das cebolas e alhos do Egito? —disseram os luteranos.

—Poder-se-ia dizer, com tôda a sinceridade — acres-centou Melancton —, que Zwinglio perdeu a razão (18) . Segundo êle, tôdas as cerimônias deviam ser abolidas, e os bispos, suprimidos. Em suma, tudo, nêle, é perfeitamente helvécio, ou seja, supinamente bárbaro.

Um único homem constituía urna exceção dêsse concêrto exprobatório: era Lutero. "Estou regülarmente satisfeito com Zwinglio, bem como com Bucer (19) " — escreveu a Jonas. Por Bucer, êle queria, sem dúvida, dizer a Confissão Tetrapolitana. Observe-se bem essa expressão.

Assim, três Confissões, humildemente apresentadas a Carlos V, atestavam as desarmonias que estavam espedaçando o Protestantismo. Em vão Bucer e Capito se esforçaram por chegar a um entendimento com Melancton, escrevendo-lhe: "Nós nos encontraremos onde e quando quiserdes. Sómente Sturms nos acompanhará e, se o desejardes, nem mesmo o levaremos (20) ". Tudo inútil. A um cristão, não basta confessar Cristo; um discípulo deve reconhecer outro discípulo, ainda que êste esteja sofrendo o opróbrio do mundo; naquele tempo, porém, êles não compreendiam êsse dever .

—Há cisma no cisma! — bradavam os romanistas. O imperador acalentou a esperança de uma fácil vitória.

—Voltai à Igreja! — era a admoestação que partia de tôdas as bandas (21) .

Mas os estraburgueses a atalhavam:

—O que significa: Permiti-nos colocar-vos o freio na bôca, para que possamos conduzir-vos como nos aprouver.

Tudo isso afligia profundamente o eleitor, que além do mais, se encontrava ainda sob o pêso das exigências e ameaças de Carlos. O imperador não lhe falara uma só vez sôbre o seu assunto (22) , e dizia-se, em tôda parte, que o seu primo Jorge da Saxônia seria proclamado eleitor em seu lugar .

A 28 de julho, houve uma grande festa na côrte. Carlos, vestindo os seus trajes imperiais, cujo valor se dizia exceder a duzentos mil ducados, e ostentando um ar majestoso que impunha respeito e temor (23) , conferiu a numerosos príncipes a investidura dos seus cargos. Apenas o eleitor foi excluído dêsses favores . Em breve lhe fizeram saber bem claramente o que lhe estava reservado; insinuou-se que, se êle não se submetesse, o imperador, inflingindo-lhe a pena mais severa, o baniria dos seus Estados (24) .

O eleitor empalideceu, pois não duvidava que, certamente, seria êsse o fim. Com o seu pequeno território, como poderia resistir àquele poderoso monarca que acabara de vencer a França e a Itália, vendo, agora, tôda a Alemanha a seus pés? E, além disso, se êle o pudesse, teria o direito de fazê-lo? Medonhos pesadelos atormentavam João em seus sonhos. Via-se estirado ao pé de uma enorme montanha, sob a qual se debatia penosamente, enquanto o seu primo Jorge da Saxônia, lá no cume, parecia desafiá-lo.

Por fim João se livrou dêsse suplício.

— Devo renunciar a Deus ou ao mundo — concluiu. — Bem, não há dúvida quanto à minha escolha. Deus é quem me proclamou eleitor; proclamou-me a mim, que não o merecia. Lanço-me em Seus braços, e que Êle faça o que melhor lhE parecer .

Assim, pela fé o eleitor fechou a bôca aos leões e venceu reinos (25) .

Tôda a Cristandade evangélica participou da luta de João, o Perseverante. Verificou-se que, se êle caísse agora, todos cairiam com êle, e esforçaram-se por amparálo. Não temais, pois Vossa Alteza está sob o pendão de Cristo — era o brado dos crentes de Magdeburgo (26) . "A Itália tem esperanças; porém, se tiverdes de morrer para a glória de Cristo, não temais" — escreveram-lhe de Veneza (27) .

Era, contudo, de uma fonte mais elevada que provinha a coragem de João. Eu via Satanás, como raio, cair do céu — disse o seu Mestre (28) . Da mesma forma, o eleitor, em seus sonhos, via Jorge cair do tôpo da montanha, estendendo-se, espatifado, a seus pés.

Uma vez resolvido a perder tudo, João, livre, feliz, tranqüilo, convocou os seus teólogos. Esses generosos homens desejavam salvar o seu chefe.

—Gracioso senhor — disse-lhe Spalatin —, lembrai-vos de que a Palavra de Deus, sendo a espada do Espírito, deve ser protegida, não pela fôrça secular, mas pela mão do Todo-Poderoso (29) .

—Sim — concordaram os demais doutores —, não queremos que, para salvar-nos, arrisqueis os vossos filhos, súditos, Estados, coroa... Nós, antes, nos entregaremos às mãos do inimigo, suplicando-lhe que se dê por satisfeito com o nosso sangue (30) .

João, comovido com essa linguagem, recusou-se, no entanto, a atender-lhes as solicitações, repetindo, com firmeza, estas palavras que se haviam tornado a sua divisa:

—"Eu também quero confessar o meu Salvador".

Foi a 20 de julho que o eleitor respondeu aos pre-mentes argumentos com que Carlos ---ocurara abatê-lo. Fêz ver ao imperador que, sendo êle o -ítimo herdeiro do próprio irmão, Sua Majestade não pok_ia recusar-lhe a investidura, que, além do mais, lhe fôra assegurada pela dieta de Worms. Acrescentou que não cria às cegas no que diziam os seus doutores, mas que, tendo reconhecido a Palavra de Deus como o fundamento do ensino dêles, confessava novamente, e sem nenhuma hesitação, todos os artigos da Apologia. "Por conseguinte, suplico a Vossa Majestade que me permita a mim e aos meus homens prestarmos contas do que concerne à salvação das nossas almas a Deus ~ente (31) "! O Margrave de Brandemburgo deu a mesma resposta. Dessa maneira, fracassou a engenhosa manobra com que os romanistas esperavam quebrar a resistência da Reforma.

Haviam-se escoado seis semanas desde a Confissão e, até agora, não fôra dada uma resposta a ela. Dizia-se:

—Os papistas, desde a ocasião em que ouviram a Apologia, perderam sübitamente a voz (32) .

Por fim, os teólogos de Roma entregaram ao impe-rador o seu trabalho revisto e corrigido, persuadindo Carlos a que o apresentasse em seu próprio nome . O manto estatal afigurava-se-lhes admiràvelmente apropriado para os atos de Roma.

—Ésses sicofantas desejaram cobrir-se com a pele do leão, para que nos parecessem muitíssimo mais assustadores — disse Melancton (33) .

A exceção de um, todos os Estados do império foram convidados para uma reunião no dia seguinte.

No dia 3 de agôsto, quarta-feira, às duas da tarde, estando o imperador assentado no trono da capela do Palácio Palatino, ladeado do seu irmão, eleitores,

prín-cipes e representantes das cidades, foram introduzidos no recinto o Eleitor da Saxônia e os que a êle se aliaram . O conde palatino, que era chamado de "porta-voz de Carlos", falou a êstes últimos:

—Sua Majestade, tendo entregue a vossa Confissão a vários doutores de diversas nações, célebres pelo seu conhecimento, moral e imparcialidade, leu-lhes a resposta com a maior atenção, a qual vos apresenta como a sua própria (34) .

Alexandre Schweiss, recebendo, então, os papéis, leu a Refutação . O partido romano aprovou alguns artigos da Apologia, condenou outros e, em certas passagens menos salientes, discriminou entre o que devia ser rejeitado e o que devia ser aceito.

A Refutação condescendeu num assunto importante: o opus operatum. Tendo os evangélicos dito em seu décimo-terceiro Artigo que, no sacramento, era indispensável a fé, o partido romano concordou com isso, abandonando, assim, o êrro que o papado tão ardorosamente defendera ante Lutero, naquela mesma cidade de Ausburgo, pela bôca de Cajetan

Além disso, os romanistas reconheceram como sendo genuinamente cristã a doutrina evangélica acêrca da Trindade, de Cristo, do batismo, do castigo eterno e da origem do mal.

Nos demais pontos, contudo, Carlos, os seus príncipes e os seus teólogos declararam-se irredutíveis. Sustentaram que os homens nascem com o temor de Deus, que as boas obras são meritórias e que elas justificam conjuntamente com a fé. Defenderam os sete sacramentos, a missa, a transubstanciação, a eliminação do cálice, o celibato dos padres, a invocação dos santos, e negaram ser a Igreja uma assembléia dos santos.

Essa refutação era engenhosa em alguns passos, so-bretudo no que dizia respeito à doutrina das obras e da fé. Nos demais pontos, todavia, e de modo particular naqueles que tratavam da eliminação do cálice e do celibato dos padres, os seus argumentos eram lamentàvelmente fracos e contrários aos bem conhecidos fatos históricos.

E enquanto os protestantes tinham tomado a sua posição de acôrdo com as Escrituras, os seus adversários defendiam a origem divina da hierarquia e ordenavam absoluta submissão às suas leis . Assim, o cunho fundamental que ainda distingue Roma da Reforma, salientou-se, de modo singular, nesse primeiro combate.

Entre os ouvintes que enchiam a capela do Palácio Palatino, escondido no meio dos delegados de Nuremberg, estava Joaquim Camerário, que, inclinado sôbre o seu bloco de papel, anotava cuidadosamente, enquanto Sche-weiss lia, tudo quanto lograva apanhar . Ao mesmo tempo, os demais protestantes, conversando entre si,

achavam-se indignados e, até mesmo, zombeteiros, segundo nos afirma um dos seus adversários (35) .

— Realmente — diziam os evangélicos à uma —, tôda essa Refutação é digna de Eck, Faber e Cochlceusl Quanto a Carlos, pouco satisfeito com essas dissertações teológicas, dormiu durante a leitura (36) , mas acordou quando Schweiss havia terminado de ler, e o seu despertar foi o de um leão.

O conde Palatino declarou, em seguida, que Sua Ma-jestade achava os artigos da Refutação ortodoxos, ca tó-licos e concordes com o Evangelho; que o imperador, por conseguinte, ordenava aos protestantes que renegassem a sua Confissão, ora refutada, e que aderissem a todos os artigos que acabavam de ter sido expostos (37) ; que, se houvesse recusa, Carlos se lembraria da sua autoridade e saberia mostrar-se advogado e defensor da Igreja Romana.

A linguagem era bastante clara: os adversários su-punham haver refutado os protestantes ordenando-lhes que se considerassem vencidos. Violência, armas, guerra — tudo se achava contido naquelas palavras brutais do ministro de Carlos (38) . Os príncipes evangélicos alegaram que, como a Refutação aprovava alguns dos seus artigos e reprovava outros, ela requeria um cuidadoso exame; conseqüentemente, solicitaram que lhes fôsse dada uma cópia.

O partido papista conferenciou longamente sôbre êsse pedido, e aproximava-se a noite. O conde palatino respondeu-lhes que, considerando a hora adiantada e a relevância do assunto, o imperador daria a conhecer a sua decisão um pouco mais tarde. Dispersou-se a dieta; e, diz Cochlceus, Carlos V, exasperado com o atrevimento dos príncipes evangélicos, tornou com mau humor aos seus aposentos (39) .

Tendo-lhes dado a leitura da Refutação tanta con-fiança quanto a da própria Apologia, os protestantes, ao contrário, retiraram-se cheio de paz (40) . Viram, em seus adversários, forte apêgo à hierarquia, mas grande ignorância do Evangélho — um aspecto característico do partido romanista —, e tal pensamento os encorajava.

— Certamente a Igreja não pode estar onde não há conhecimento de Cristo (41) — disseram.

Só Melancton se encontrava ainda alarmado: vivia segundo a aparência, e não segundo a fé. E, lembrando-se dos sorrisos do núncio, já no dia 4 de agôsto teve outra entrevista com êle, pedindo, novamente, o cálice para a classe leiga e espôsas legítimas para os padres.

— Então — disse-lhe Felipe — os nossos pastores se porão outra vez sob o govêrno dos bispos, e poderemos atalhar aquelas inúmeras seitas das quais a posteridade está ameaçada (42) .

É notável a visão que Melancton possuía do futuro: mas isso não quer dizer que, como muitos outros, êle preferiria uma unidade morta a uma diversidade viva.

Campeggio, certo, agora, de triunfar pela espada, desdenhosamente passou êsse papel a Cochlceus, que se apressou a refutá-lo. Difícil dizer se era Melancton ou Campeggio o mais obcecado. Mas Deus não consentiu num acôrdo que teria escravizado a Sua Igreja.

Carlos passou todo o dia 4 e a manhã do dia 5 de agôsto em conferência com o partido ultramontano. Dis-seram alguns:

— Não será jamais por meio de discussões que che-garemos a um entendimento. Se os protestantes não se submetem espontâneamente, só nos resta obrigá-los a tanto.

Por causa da Refutação, resolveram, no entanto, adotar um meio-têrmo. Durante tôda a dieta, Carlos seguiu uma hábil política. A princípio, tudo recusava, contando com demover os protestantes pela violência; depois, anuiu em alguns pontos insignificantes, presumindo que os evangélicos, tendo perdido tôda a esperança, apreciariam muitíssimo o mínimo que êle lhes cedesse. Foi o que fêz novamente, nas circunstâncias atuais.

Na tarde do dia 5, o conde palatino declarou aos evangélicos que o imperador lhes daria uma cópia da Refutação , porém nas condições, a saber: que os protestantes não responderiam, que concordariam prontamente com o imperador e que não publicariam ou confiariam a alguém a Refutação que lhes fôsse entregue (43) .

Esse comunicado provocou murmurações entre os protestantes:

—Tais condições são inadmissíveis!

—Os papistas — acrescentou o Chanceler Bruck —apresentam-nos o seu escrito como a rapôsa ofereceu um caldo ralo à. sua comadre, a cegonha:

"Num prato, saboroso caldo pela Rapôsa foi servido, Mas Dona Cegonha, com seu longo bico, o não logrou sorvido (44) ",

— E continuou: — Se a Refutação viesse a ser conhecida sem a nossa participação (e como poderemos evitá-lo?) , seríamos acusados disso como se fôsse um crime .Abste-nhamo-nos de aceitar uma proposta tão traiçoeira (45) . Nas anotações de Camerário, já possuímos vários artigos dêsse documento e, se omitirmos algum pormenor, ninguém nos censurará por isso.

No dia seguinte (6 de agôsto) , os protestantes de-clararam à dieta que preferiam recusar a cópia que lhes fora oferecida naquelas condições, e apelar para Deus epara Sua Majestade (46) . Rejeitaram, assim, tudo quanto o imperador lhes propôs, até mesmo o que êle considerava como um favor.

Alvorôço, ira e espanto evidenciaram-se em todos os bancos daquela augusta assembléia (47) .

A resposta dos evangélicos significava guerra, rebelião. Jorge da Saxônia, os Príncipes da Baviera e todos os violentos sequazes de Roma fremiam de indignação; houve um movimento súbito, impetuoso, urna explosão de murmúrios ede ódio; poder-se-ia recear que os dois partidos che-gassem às vias de fato, na própria presença do imperador, caso o Arcebispo Alberto, o Eleitor de Brandemburgo e os Duques de Brunswick, Pomerânia e Mecklemburgo, pondo-se às pressas entra êles, não houvessem suplicado aos protestantes pusessem têrmo a essa deplorável disputa, e não forçassem o imperador a tomar medidas extremas (48) . Com os corações tomados de emoção, te-mor e angústia, dispersou-se a dieta.

Jamais a dieta propusera alternativas calamitosas como essas. As esperanças de acôrdo, expressas no édito da convocação, não passara de um astucioso engôdo; agora, abandonava-se a máscara: a submissão ou a espada — tal era o dilema apresentado à Reforma. Tudo indicava que o dia das tentativas já se passara, e que êles principiavam o da violência.

Com efeito, o papa, no dia 6 de julho, reunira o con-sistório, em seu palácio de Roma, cientificando os cardeais do ultimato dos protestantes, a saber: o cálice para a classe leiga, o casamento dos padres, a 'exclusão da invocação dos santos no sacrifício da missa, o uso da propriedade eclesiástica já secularizada e, além disso, a convocação de um concílio .

— Tais concessões — responderam-lhe os cardeais — são contrárias à religião, à disciplina e às leis da Igreja (49) . Rejeitamo-las, e votamos os nossos agradecimentos ao imperador pelo desvêlo que emprega para trazer de volta os desertores.

Tendo o papa assim resolvido, inútil se tornava tôda tentativa de conciliação.

Campeggio, por sua vez, redobrou de zêlo. Falava como se em sua pessoa o próprio papa estivesse presente em Ausburgo (50) . Disse a Carlos:

— Que o imperador e os honrados príncipes celebrem uma aliança! E, se êsses rebeldes, indiferentes a promessas como a ameaças, persistirem obstinadamente em sua diabólica conduta, que Vossa Majestade lance então, mão do fogo e da espada, que se apodere de tôdas as pro-priedades dêsses hereges e que desarraigue essas plantas venenosas (51) . Em seguida, que Vossa Majestade nomeie santos inquisidores, os quais seguirão o rasto dos remanescentes da Reforma, instaurando processo contra êles, como na Espanha contra os mouros . Que Vossa Majestade ponha sob interdito a universidade de Witem-berg, queime os livros heréticos e recambie aos seus con-ventos os monges fugitivos. Éste plano, porém, tem de ser executado com coragem.

Destarte, a jurisprudência de Roma consistia, segundo um vaticínio anunciado contra a cidade que se acha assentada sôbre sete montes, em adornar-se com pérolas que furtara, e em embriagar-se do sangue dos santos (52) .

Enquanto Carlos se achava assim instigado por uma cega fúria da parte da dieta e do papa, os príncipes pro-testantes, contidos por muda indignação, não abriram a bôca (53) , e, por isso, pareciam trair uma fraqueza, da qual o imperador estava ansioso por tirar partido. Mas, oculta sob essa fraqueza, havia fôrça também .

— Nada mais nos resta — disse Melancton —, senão cingirmos os joelhos do nosso Salvador.

Nisso se esforçaram com afinco. Melancton pediu as orações de Lutero; Brentz as de sua própria igreja. Um brado geral de perigo e de fé percorreu a Alemanha evangélica. "Tereis ovelhas, se nos enviardes ovelhas: sabeis o que quero dizer (54) " — escreveu Brentz. As ovelhas que deviam ser oferecidas em sacrifício eram as orações dos crentes .

A Igreja não faltava a si mesma. Certas cidades es-creveram aos eleitores: "Reunidos, todos os dias pedimos pela vossa fôrça, graça e vitória — vitória cheia de rego-zijos". Mas o homem de oração e de fé foi, sobretudo, Lutero.

Uma calma e sublime coragem, onde a firmeza fulgura ao lado da alegria — uma coragem que cresce e triunfa à medida que o perigo aumenta —, é o que mostram, em tôdas as linhas, as cartas de Lutero dessa época. As mais poéticas imagens tornam-se descoloridas ao lado dessas vigorosas expressões que, num caudal impetuoso, brotam da alma do reformador. Escreveu êle, a 5 de agôsto, ao Chanceler Bruck: "Presenciei, há pouco, dois milagres: Êste é o primeiro: quando me achava à janela, contemplei as estrêlas e êsse vasto e imponente firmamento onde Deus as colocara; e em parte alguma pude descobrir as colunas sôbre as quais o Mestre sustentara essa imensa abóbada, e, ainda assim, os céus não vinham abaixo... E eis o segundo: vi, também, nuvens espêssas suspensas lá no alto, semelhantes a vasto mar; não pude distinguir solo onde se formassem, nem cordas das quais se suspendessem, e, contudo, não caíam sôbre nós, mas, passando, saudavam-nos ràpidamente" . E prosseguiu: "Deus escolherá a maneira, o tempo e o local apropriado para a salvação, e Éle não tardará. O que os homens sanguinários iniciaram, ainda não concluiram... Desmaia-se o nosso arco íris ... as nuvens são ameaçadoras ... o inimigo avança contra nós com máquinas terríveis ... Mas por fim se verá a quem pertencem as balistas e de que mãos são lançadas as azagaias (55) . Não importa que Lutero sucumba: Se Cristo é vencedor, Lutero também o é (56) ".

O partido romano, que não sabia o que era a vitória pela fé, julgava-se certo do triunfo.

Tendo os doutores refutado a Confissão, imaginavam êles que os protestantes deviam declarar-se persuadidos, e tudo seria, então, reposto no seu antigo lugar: tal era o plano da campanha do imperador. Por conseguinte, Carlos apertou os protestantes com a sua insistência; mas em vez de se submeterem, êstes anunciavam a contestação da Refutação, e o imperador, depois disso, considerou a sua espada, o mesmo fazendo todos os príncipes que o rodeavam.

João da Saxônia compreendia o que isso significava, porém permaneceu firme.

—A linha reta é o caminho mais curto — disse (achava-se familiarizado com o axioma) .

Foi essa inabalável firmeza que lhe assegurou, na História, o epíteto de João, o Perseverante. Mas êle não se achava só. Todos os príncipes protestantes que se criaram no meio das côrtes, e que estavam habituados a prestar humilde obediência ao imperador, achavam, ao mesmo tempo, em sua fé, uma nobre independência que deixava Carlos V perplexo.

Com o propósito de atrair as simpatias do Marquês de Brandemburgo, manifestaram-lhe a possibilidade de lhe serem concedidas algumas possessões da Silésia, sôbre as quais êle tinha direitos.

—Se é que Cristo é Cristo — respondeu-lhes o mar-quês —, a doutrina que tenho professado é a Verdade.

—Mas, sabeis qual é o vosso risco? — perguntou-lhe, em seguida, o seu primo, o Eleitor Joaquim.

—Certamente — confirmou o margrave — Dizem que serei banido do país. Bem, que Deus me proteja!

Certa feita, o Príncipe Wolfgang, de Anhalt. encon-trou-se com o Doutor Eck.

—Doutor — disse o primeiro —, estais incitando os vossos à guerra, mas vós depareareis convosco homens que não se encontrarão mal preparados. Durante a minha vida, muitas lanças quebrei em defesa dos meus amigos, e o meu Senhor Jesus Cristo, sem dúvida alguma, é digno de que eu faça outro tanto por Êle

Ante essa determinação, cada qual perguntava a si mesmo se Carlos, em vez de debelar o mal, não o estaria aumentando. Entre os cidadãos ocorriam censuras, críticas, zombarias. E o bom senso do povo divulgava, a seu modo, a opinião que êle tinha acêrca da loucura do seu chefe . Citaremos um exemplo:

Consta que, certa vez, quando o imperador se achava à mesa juntamente com vários príncipes católicos-romanos, foi informado que alguns comediantes pediam permissão (segundo o costume) para entreter suas excelências. Primeiramente,

surgiu um velho, de máscara, vestido com traje de doutor, que caminhava com dificuldade, trazendo nos braços um feixe de lenha, algumas retas e algumas curvas .

Aproximando-se da ampla lareira do recinto em estilo gótico, arremessou a carga ao chão, em desordem, e ato contínuo se retirou (57) ; Carlos e os áulicos leram-lhe nas costas a inscrição:

JOÃO REUCHLIN. Surgiu, depois, outro mascarado, de ar inte-ligente, que empregou todos os esforços para reunir as achas direitas e tortas (58) , mas, julgando baldado o seu afã, abanou a cabeça, voltou-se em direção à porta e desapareceu. Leram-lhe nas costas:

ERASMO DE RO-TERDÃO. Quase em seguida, entrou um monge, de olhos espertos e passos decididos, trazendo um braseiro cheio de carvões incandescentes (59) . Pôs em ordem a madeira, chegou-lhe as brasas, soprou-as, avivou-as, de modo que a chama se ergueu clara e brilhante no ar . Então o monge se retirou, e no seu dorso se achavam os dizeres:

MARTINHO LUTERO. A seguir, aproximou-se um imponente personagem, ostentando tôdas as insígnias imperiais, o qual, vendo tão vivido lume, desembainhou a espada. e procurou extingui-lo com golpes violentos; quanto mais, porém, êle golpeava o fogo, mais intensamente ardiam as chamas; por fim, indignado, abandonou o salão. O seu nome, ao que parece, não foi revelado aos circunstantes, mas todos o advinhavam. E logo a atenção geral foi atraída por um novo personagem . Vestindo uma sobrepeliz e um manto encarnado, com uma alva talar de fazenda de lã, e uma estola em tôrno do pescoço, as extremidades guarnecidas de pérolas, um homem avançava majestosamente . Contemplando as chamas, que já to-mavam tôda a lareira, retorceu as mãos, aterrorizado, e olhou em derredor à. procura de algo com que as extinguir. Deu com duas vasilhas; uma, cheia de água, e a outra, de óleo. Correu em direção a elas, agarrou, inad-vertidamente, a que continha o óleo e lançou-lhe o con-teúdo ao fogo (60) . As chamas alastraram-se, então, com violência tal que o mascarado fugiu espavorido, erguendo as mãos para o céu. Em suas costas, lia-se o nome de LEÃO X.

Estava explicado o enigma; mas, em vez de recla-marem a sua paga, os pretensos atores desapareceram. E ninguém perguntou a moral da peça.

A lição, no entanto, de nada serviu. A maioria dos participantes da dieta, ao mesmo tempo que se arrogava o papel atribuído ao imperador e ao papa, pôs-se a preparar os meios necessários à extinção do fogo que Lutero ateara. Na Itália, os papistas celebraram ajustes com o Duque de Mântua, que se comprometeu a enviar alguns regimentos de cavalaria ligeira através dos Alpes (61) ; e, na Inglaterra, com Henrique VIII, que não olvidara a resposta de Lutero, e que prometera a Carlos, por

intermédio do seu embaixador, um enorme auxílio pecuniário para que se exterminassem os hereges (62) .

Simultâneamente, terríveis presságios anunciavam o lúgubre futuro que ameaçava a Reforma. Em Espira, medonhos espectros, na forma de monges de olhares coléricos e passos apressados, haviam surgido durante a noite.

—Que quereis? — perguntaram-lhes.

—Estamos a caminho da Dieta de Ausburgo! — responderam.

A ocorrência fôra investigada com todo o cuidado e verificou-se ser inteiramente merecedora de crédito (63) . Disse Melancton:

—A interpretação não é difícil: Os espíritos malig-nos vêm vindo de Ausburgo a fim de frustrar-nos os esforços e destruir a paz. 'Eles nos prenunciam tremendos dissabores (64) .

Disso ninguém duvidava.

—Tudo caminha para a guerra — proferiu Eras-mo (65) .

Escreveu Brentz: "A dieta não terminará, a não ser com a destruição de tôda a Alemanha (66) ".

—Haverá uma chacina dos santos tal que os massacres de Diocleciano dificilmente se lhe equipararão (67) 1 — exclamou Bucer.

Guerra e sangue! — era o grito da maioria.

De súbito, na noite de 6 de agôsto, sábado, irrompeu grande tumulto na cidade de Ausburgo (68) . Nas ruas, houve corrida de um lado para outro; mensageiros da parte do imperador galoparam em tôdas as direções; o conselho foi reunido e recebeu ordem para que a ninguém deixasse transpor as portas da cidade (69) . Todos se puseram em ação nas barracas imperiais; os soldados aprontaram as suas armas; formaram-se os regimentos. E ao alvorecer do dia (mais ou menos ás três horas da manhã de domingo) , as tropas do

imperador, contrariamente ao costume sempre observado na dieta, substituiram as soldados da cidade e apossaram-se das portas. Ao mesmo tempo, informou-se que essas portas não seriam abertas e que o imperador dera ordens para que o eleitor e os seus aliados fôssem mantidos sob rigorosa vigilância (70) . Que terrível despertar para os que ainda acalentavam a esperança de ver as controvérsias religiosas terminarem pacificamente! Por acaso não seriam essas medidas sem precedentes o início de guerras e o indício de medonhos massacres?

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Bis die convenire dicuntur. Zw. Epp., II. 472.

(2) Eccius cum sua commanipulatione. Corp. Ref ., II, 193.

(3) Longum et plenum convieiis scriptum. Ibid,

(4) Adeo confusa, incondita, violenta, sanguinolenta et crudelis puduerint. Corp. Ref., II, 198.

(5) Hodie auctoribus ipsis Sophistis, a CEesare rursus esse redditam ut emendetur et civilius componatur. Ibid.

(6) Nostra confessione ita stupidos, attonitos, et confusos. Ibid.

(7) Corp. Ref., II, 206; F. Urkund., II, 93.

(8) Mit reden und Gebehrden pritchtig erzeigt. Ibid., 207.

(9) Minas diras promissis ingentibus adjiciens. Zw. Epp., 11, 484.

(10) Venimus huc, ego pridie solemnitatis Divi Johannis, Capito die dominica sequente. Zw. Epp., II, 472.

(11) Rumor apud nos est, et te cum tuis Helvetiis comitia advolaturum. Ibid., 431, 467.

(12) Ita latent ut non quibuslibet sui copiam faciant. Corp. Ref., pág. 196.

(13) Capito et Bucerus adsunt. Id hodie certo comperi. Ibid.

(14) Cinglianee eivitates propriam Confessionem obtulerunt Ceesari. Ibid., pág. 187. Encontrar-se-á essa Confissão em Collectio Confessionum, Niemcyer, pág. 740.

(15) Ingenue ac fortiter; citra procaciam tamen et saunas, id fatere et dicere quod res est. Zw. Epp., II, 485.

(16) Vide Niemeyer, Col. Conf., pág. 16.

(17) Pedatum et mitratum genus Episcoparum, id esset in Ecclesia, quod gibbi et strumata in corpore. Ibid. Zwinglio com-para os bispos às estacas sécas e infrutíferas que sustentam as videiras.

(18) Dicas simpliciter mente captum esse. Corp. Ref., pág. 193.

(19) Zwinglius mihi sane placet, et Bucerus: L. Epp., IV, 110.

(20) Veniemus quo et quando tu voles. Corp. Ref., II, 208.

(21) tina tamen omnium vox: Revertimini ad Ecclesiam. Zw. Epp., II, 484.

(22) Colloquium ejus nondum frui potuisse. Seck., II, 154.

(23) Apparuit CEe sar majestate... insignitus vestibus suis imperialibus. Corp. Ref., II, 242.

(24) Müller, Gesch. der Protestation, pág. 715.

(25) Hebreus 11:33-34.

(26) Unter dem Heerpannyr Jesu Christi. Ibid., pág. 131.

(27) Etiamsi mors subeunda tibi foret ob Christi gloriam. Corp. Ref., II, 228. L. P. Roseli.

(28) Ibid

(29) Ibid

(30) Ibid

(31) Ibid

(32) Papistas obmutuisse ad ipsorum Confessionem. Cochl., pág. 195.

(33) Voluerunt sycophantw theologi () illam sibi circumdare, ut essent nobis forrnidabiliores. Corp. Ref., pág 252.

(34) Velut suam suaque publica auctoritate roboratam. Urkundenbuch, II, 144.

(35) Ibid

(36) Imperator iterum obdorrnivit. Corp., Ref., II, 245.

(37) Petiite Cursar ut omnes in illos articulos consentiant. Ibid.

(38) Orationis stunrna atrox. Ibid., 253.

(39) Cursar non Eeq u o animo ferebat corum contumaciam. Cochl., pág. 195.

(40) Facti sunt erectiore animo. Corp., Ref., II, 259.

(41) Ecelesiam ibi non esse, ubi ignoratur Christus.

(42) Quod nisi fiet, quíd in tot sectis ad posteres futurum sit. Corp. Ref., II, 148.

(43) F. Urkund., II, 179; Corp. Ref., II, 256; Brüch, Apol., 72.

(44) Gluck wie der Fuchs brauchet, da er den Storch zu gast lud. Brück, Apol., 74.

(45) Quando exemplam per alios in vulgos exire poterat. Corp. Ref., II, 76.

(46) Das Sie es Gott und Kays. Maj. beschlen mufften. Urkund., II, 181.

(47) Und darob wie man Spüren mag, eln Entzet zen gehabt. Ibid.

(48) Hi accedunt ad nostros principes et jubent omittere hoc certamen, ne Cee sar vehementius commoveatur. Corp. Ref., II, 254.

(49) Oppositas religioni, disciplinse, legibusque EcclesiEe. Pallav., I, 234.

(50) Als were der Papst selbst gegenwãrtig gewest, Brück, Apol., 62,

(51) Se alcuni... perseverassero in questa diabolica via quella S. M. potràmettere Ia mano al mano al ferro e al foco et radicitus extirpare questa venenata pianta. Instructio data CEesari a reverendissimo Campeggi in dieta Augustana, 1530.

(52) Apocalipse 17 e 18.

(53) Tacita indignatio. Corp. Ref ., II, 254.

(54) Habetitis oves, si oves ad nos mittatis: intelligitis qum valo. Corp. Ref., II, 248.

(55) In fine videbitur cujos toni... L. Epp., IV, 130.

(56) Vincat Christus modo, nihil refert si pereat Lutherus, guia victore Christo victor erit. Ibid., 139.

(57) Persona larva contecta, habitu doctorali portabat struem lignorum. T. L. Fabricius, opp. omnia, II, 231.

(58) Hic conabatur curva rectas exmquare lignis. Ibid.

(59) In azula ferens ignem et prunas. Ibid.

(60) Currens in amphoram oleo plenam. T. L. Fabricius, opp. omnia, II, 232.

(61) Che tentano col Duca di Mantona d'avere il modo di condurre 1000 cavalli leggieri d'Italia in caso si facesse guerra in Germanica. Nic. Tiefolo Relat.

(62) Cui (Cm saci) ingentem vim pecunke in hoc sacrum belium contra hmreticos Anglus promisisse fertur. Zw. Epp., II, 484.

(63) Res et diligenter inquisita et explorata maximeque Corp. Ref ., II, 259.

(64) Monachorum Spirensium () plane significat horribilem tumultum. Ibid ., 260.

(65) Vides rem plane tendere ad bellum. Corp. Ref., 12 de agôsto, pág. 268.

(66) Comitia non finientur nisi totius Germania mala et exitio. Corp. Ref., II, 216.

(67) Laniena sanctorum qualis vix Diocletiani terupore fuit. Buc. Ep., 14 de agôsto, 1530.

(68) Tumultum ma.gnum fuisse in civitate. Corp. Ref., II, 277.

(69) Facto autern intempesta noite Csesar senatui mandavit, ne quenquam por portas urbis sum einittant. Corp. Ref., LI, 277.

(70) Daff man auf den Cliurfurst zu Sachsen a.ufschen haben son. Brück, Apol., pã.g. 80.

CAPÍTULO X

Felipe de Hessen — Tentação — União Recusada — A Dissimulação do Landgrave — A Ordem do Imperador aos Protestantes — Discursos Ameaçado-res de Brandemburgo — Resolução de Felipe de Hessen — Fuga de Ausburgo — Descoberta — Emoção de Carlos — Revolução na Dieta — Metamorfose — Moderação Invulgar — Pazf Paz!

No palácio imperial, prevaleciam a cól,= e a inquie-tação; motivou-as o landgrave. Firme como Umu racha no meio da tormenta que o circundava, Felipe de Hessen jamais curvara a cabeça ante a adversidade. Certa vez, numa assembléia pública, dirigindo-se aos bispos dis-sera:

— Meus senhores, promovei a paz. do império, pe-dimo-vos. Se não o fizerdes, ficai certos de que, se eu tiver de cair, arrastarei comigo um ou dois de vós.

Viram que se tornava necessário empregar meios mais suaves com o landgrave, e o imperador procurou atrair-lhe as simpatias mostrando-lhe uma atitude favo-rável com respeito ao condado de Katzeneilenbogen, acêrca do qual Felipe tinha uma dissensão com Nassau, e com respeito a Wurtemberg, que êle reivindicava para o seu primo Ulric . Por sua vez o Duque Jorge da Saxônia, seu sogro, assegurara a Felipe que o faria o seu herdeiro caso êle se submetesse ao papa. Diz um historiador: "Transportaram-no a um monte muito alto, donde lhe mostraram todos os reinos do mundo e a glória dêles (1) ". Mas o landgrave resistiu à tentação.

De uma feita, soube êle que o imperador manifestara o desejo de falar-lhe. Imediatamente saltou sôbre o seu cavalo, e apresentou-se a Carlos (2) . Êste último, que se fazia acompanhar do seu secretário, Schweiss, e do Bispo de Constância, expôs-lhe que tinha quatro queixas contra êle, a saber: de ter violado o édito de Worms, de desprezar a missa, de ter, durante a ausência dêle, in-

citado tôda sorte de revoltas e, finalmente, de ter-lhe entregue, a êle, imperador, uni livro no qual os seus direitos de soberano eram atacados. O landgrave justificou-se; disse-lhe Carlos que aceitava as suas respostas, salvo com respeito à fé, solicitando-lhe que, nesse ponto, se mostrasse inteiramente submisso à Sua Majestade.

—Que diríeis — acrescentou Carlos, num tom vi-torioso — se eu vos elevasse à posição de dignatário real (3) ? Se, porém, vos mostrardes rebelde às minhas ordens, então me portarei como compete a um imperador romano.

Essas palavras exasperaram o landgrave, porém não o demoveram. Respondeu-lhe:

—Estou na flor da idade, e não pretendo desprezar as alegrias da vida e o favor dos grandes; mas, aos bens ilusórios dêste mundo, preferirei sempre a graça inefável do meu Deus.

Carlos ficou atônito; não podia compreender Felipe.

A partir de então, o landgrave redobrou os seus esforços no sentido de unir os adeptos da Reforma. Os zwinglianos achavam que, fôsse qual fôsse o resultado da dieta, seriam êles as primeiras vítimas, a menos que os saxônios lhes dessem as mãos. Havia, porém, certa dificuldade em conseguir-se isso. -

Escreveu Melancton a Bucer: "A mim não me parece conveniente para o bem-estar público, ou isento de êrro para a nossa consciência, cumularmos os nossos príncipes com o ódio - que a vossa doutrina desperta (4) ". Responderam-lhe os estrasburgueses que o verdadeiro motivo do ódio dos papistas não era tanto a doutrina da eucaristia, como também a da justificação pela fé. Disseram: "Todos nós, que desejamos pertencer a Cristo, somos um só, e com nada contamos, senão com a morte (5) ".

Éra verdade. Mas outro motivo também detinha Melancton. Se todos os protestantes se unissem, sen tiniam a sua fôrça, e a guerra seria inevitável. Por conseguinte, fora com a união!

Ameaçado pelo imperador, repudiado pelos teólogos, o landgrave pôs-se a indagar de si mesmo o que fazia em Ausburgo. A taça estava cheia. A recusa de Carlos quanto à entrega da Refutação papista, exceto sob condições inadmissíveis, fê-la transbordar . Felipe de Hessen não via senão urna única atitude a tomar — sair da cidade .

Mal o imperador anunciara as condições que êle estabelecera acêrca da transmissão da resposta, e já na noite de sexta-feira, dia 5 de agôsto, o landgrave, indo ter, a sós, com o conde palatino, ministro de Carlos, solicitara uma imediata audiência com Sua Majestade. Carlos, que não desejava vê-lo, simulou estar ocupado, e, com evasivas, adiara para o domingo a audiência com Felipe (6) . Êste último,; porém, respondeu que não podia _esperar; sua espôsa, que se achava gravemente doente, implorava-lhe que regressasse sem demora a Hessen; e que, sendo êle um dos príncipes mais jovens, o mais pobre de entendimento e inútil a Carlos, humildemente implorava a Sua Majestade que lhe permitisse deixar Ausburgo no dia seguinte. O imperador recusou-se a atendê-lo.

Bem podemos compreender as aflições que tal recusa provocou na mente de Felipe: mas êle soube conter-se. Jamais se mostrara tão tranqüilo. Durante todo o dia de sábado (6 de agôsto) , pareceu estar inteiramente absorvido pelo grandioso torneio em honra do imperador e do irmão dêle, Fernando (7) . Públicamente se preparou para a justa; os seus servos moveram-se para cá e para lá; contudo, sob

êsse estrépito de cavalos e de armaduras, encobria propósitos bem diversos. No mesmo dia, Melancton escreveu a Lutero: O landgrave porta-se com grande moderação (8) . Disse-me êle, com franqueza, que, a fim de manter a paz, se submeteria a condições ainda mais severas do que as que o imperador nos impõe, e que aceitaria tudo quanto pudesse, sem desonrar o Evangelho.

Ainda assim, Carlos não se achava sossegado. Perseguia-o a solicitação do landgrave: todos os príncipes protestantes poderiam fazer o mesmo; poderiam até deixar a cidade inesperadamente. O cordel, que êle, até agora, tão inteligentemente tivera nas mãos, achava-se, talvez, prestes a romper-se. E era preferível ser violento do que ser ridículo. Por conseguinte, o imperador resolveu dar um golpe decisivo. O eleitor, os príncipes e os delegados ainda se achavam em Ausburgo; êle devia, a todo custo, impedir que partissem dali. Tal foi o cruel desígnio que, na noite de 6 de agôsto, enquanto os protestantes dormiam calmamente (9) , afugentou o sono dos olhos do imperador, fazendo-o levantar às pressas os conselheiros de Ausburgo e enviar os seus mensageiros e soldados pelas ruas da cidade.

Os príncipes protestantes ainda dormitavam, quando receberam, da parte do imperador, uma inesperada ordem para que se dirigissem imediatamente ao salão do Cabido (10) .

Eram oito horas quando chegaram. Lá estavam os Eleitores de Brandemburgo e de Mentz, os Duques da Saxônia, de Brunswick e de Mecklemburgo, os Bispos de Salisburgo, Espira e Estrasburgo, Jorge Truchses, o representante do Margrave de Baden, Conde Martim de Oelting, o Abade de Weingarten e o Prepósito de Bamberg. Eram os membros da comissão nomeada por Carlos para pôr fim a êsse longo caso.

Foi o mais resoluto dentre êles, Joaquim de Bran-demburgo, quem começou a falar:

— Sabeis — disse aos protestantes — com que brandura o imperador tem procurado restabelecer a união. Se se introduziram alguns abusos na Igreja Cristã, êle está pronto para corrigi-los juntamente com o papa. Mas quão opostas ao Evangelho são as atitudes mentais que adotastes!

Abandonai, pois, os vossos erros, não mais continueis separados da Igreja e assinai, sem demora, a Refutação (11) . Se vos recusardes, então, por vossa culpa, quantas almas se perderão, quanto sangue será derramado, que campos devastados, que desolação em todo o império! — e, voltando-se para o eleitor, disse-lhe: — E vós, o vosso eleitorado, a vossa vida, tudo vos será arrebatado, e cairá verdadeira ruína sôbre os vossos súditos e, até mesmo, sôbre as espôsas e os filhos destes.

O eleitor continuou imóvel. Em qualquer tempo essa linguagem teria sido alarmante, ela o era ainda mais naquela ocasião em que a cidade se encontrava quase num estado de sítio.

— Agora compreendemos porque os guardas imperiais tomaram as portas da cidade (12) — disseram, entre si, os protestantes.

Era evidente, claro, que o imperador tinha em vista a violência (13) .

Os protestantes achavam-se unânimes: rodeados de soldados, às próprias portas da prisão e sob as milhares espadas de Carlos, permaneceram firmes. Tôdas essas ameaças não os fizeram recuar um passo sequer (14) . Era-lhes necessário, todavia, estudar a resposta. Solicitaram o prazo de alguns instantes, e retiraram-se para conferenciar.

A submissão espontânea ou a submissão pela fôrça — tal era o dilema que Carlos propunha aos cristãos evangélicos.

No momento em que tôda gente estava apreensiva com o resultado dessa luta, na qual se contendiam os destinos do cristianismo, um alarmante rumor elevou ao auge a inquietação de tôdas as mentes .

Em meio aos seus preparativos para a justa, refletia o landgrave na perigosíssima. Decisão.

Expulso por Carlos de tôdas as discussões importantes, irritado com o tratamento que os protestantes haviam sofrido durante aquela dieta (15) , convencido de que não mais tinham probabilidade de paz (16) , certo de que a liberdade dos evangélicos se achava sèriamente ameaçada em Ausburgo, sentindo-se incapaz de encobrir sob a aparência de moderação a cólera de que a sua alma estava possuída e sendo, além disso, de índole sagaz, ativa e resoluta, Felipe decidira abandonar a cidade e ir para os seus Estados, a fim de agir livremente e prestar socorro à Reforma.

Mas que discrição foi necessária! Se o landgrave fôsse apanhado em flagrante, sem dúvida seria levado à prisão. Por conseguinte, êsse arrojado passo poderia tornar-se a prova daquelas medidas extremas, das quais êle desejava ansiosamente escapar.

Sábado, 6 de agôsto, dia para o qual Felipe solicitara ao imperador licença paras ausentar-se. O landgrave aguarda até ao cair da noite; então, mais ou menos às vinte horas, disfarçado com um traje estrangeiro, sem se despedir de nenhum dos seus amigos (17) e tomando tôdas as precauções imagináveis (18) , põe-se a caminho das portas da cidade, quase na ocasião em que elas habi-tualmente são fechadas. Seguem-no cinco ou seis cavaleiros, separadamente, à pequena distância' (19) . Num momento tão crítico, não atrairiam a atenção êsses homens de armas? Mas Felipe atravessa as ruas da cidade, sem perigo, e aproxima-se da porta (20) ; com um ar des-preocupado, passa pela guarda, passa entre os soldados dispersos; ninguém se

mexe, todos continuam ociosamente sentados, como se nada de extraordinário estivesse sucedendo.

Felipe passou sem ser reconhecido (21) . Da mesma forma, passaram os seus cinco ou seis cavaleiros . Eis que, por fim, todos êles chegam ao campo aberto. E o pequeno grupo, sem mais demora, esporeia os seus cavalos, fugindo precipitadamente para bem longe da cidade imperial.

Tomou Felipe tão bem as suas precauções que, até agora, ninguém suspeitava da sua partida. Quando, durante a noite, Carlos ocupou as portas com as suas próprias guardas, julgava que o landgrave ainda se encontrasse na cidade (22) . Ao se reunirem os protestantes, às oito horas da manhã, no salão do Cabido, os príncipes de ambos os partidos ficaram um tanto surpresos com a ausência de Felipe de Hessen . Estavam, no entanto, acostumados a vê-lo de parte, e pensaram que êsse se achasse indisposto. Ninguém supunha que o landgra.ve estivesse entre doze e quinze léguas distante de Ausburgo.

Finda a conferência, e quando todos regressavam aos seus palácios — par um lado, o Eleitor de Brandem-burgo e os seus amigos, exultantes com o discurso que proferiram; por outro, o Eleitor da Saxônia e os seús aliados, resolvidos a tudo renunciar —, fizeram-se indagações nos aposentos do landgrave acêrca do motivo da sua ausência. Saltz, Nuszbicker, Mayer e Schnepf foram submetidos a rigoroso interrogatório; por fim, os conselheiros hessenos não mais puderam manter o segrêdo, e confessaram:

— O landgrave regressou a Hessen.

Imediatamente a notícia circulou por tôda a cidade, sacudindo-a qual a explosão de uma mina. Carlos, so-bretudo, vendo-se ludibriado e frustrado em suas expectativas; Carlos, que não tivera a mínima suspeita disso (23) , tremeu, enfurecendo-se (24) . Os protestantes, a quem o landgrave não fizera participar do seu segrêdo (25) , ficaram tão estupefatos quanto os próprios católicos-romanos, e recearam que essa partida impensada pudesse constituir súbito motivo para tremendas perseguições. Foi só Lutero que, assim que soube do proce-dimento de Felipe, o aprovou deveras, exclamando:

— Na verdade, tôdas essas demoras e afrontas são suficientes para esgotar não só um landgrave (26) .

O Chanceler de Hessen entregou ao Eleitor da Sa-xônia uma carta que o seu senhor lhe deixara. Nesse documento ostensivo, Felipe mencionava a saúde de sua espôsa, mas que incumbira os seus ministros de informar confidencialmente o eleitor dos verdadeiros motivos da sua partida. Comunicava, além disso, que dera ordens aos seus ministros para que em tudo auxiliassem os pro-testantes, e exortava os seus aliados a que de maneira nenhuma se deixassem desviar das

Escrituras (27) . Disse êle: "Quanto a mim, lutarei pela Palavra de Deus, arriscando os meus bens, os meus Estados, os meus súditos e a minha vida".

O efeito da partida do landgrave foi instantâneo: urna autêntica mudança radical operou-se, então, na dieta. O Eleitor de Mentz e os Bispos da Francônia, vizinhos contíguos de Felipe, já imaginavam vê-lo em suas fronteiras, à frente de um poderoso exército, e responde-ram ao Arcebispo de Salisburgo, que manifestara surprêsa ante o receio dêles:

— Ah! se estivésseis em nosso lugar, agiríeis da mes-ma forma!

Fernando, sabedor das estreitas relações de Felipe com o Duque de Wurtemberg, receou pelos Estados dêsse príncipe, naquela época usurpados pela Austria; e Carlos V, liberto do engano com respeito àqueles príncipes que julgara tão tímidos, e aos quais tratara com tanta arro-gância, não tinha dúvida de que êsse ato imprevisto da parte de Felipe fôra maduramente considerado no conselho comum dos protestantes. Todos viam urna declaração de guerra na precipitada partida do landgrave.

Isso lhes vinha à mente no momento em que menos cogitavam de tal. Imaginavam Felipe surgindo à frente dos seus soldados, na fronteira dos seus inimigos. E ninguém estava preparado; ninguém desejava, mesmo, estar preparado! Um raio caíra no meio da dieta. Repisavam entre si a notícia, 'com olhares inquietos e semblantes assustados. Tudo era confusão em Ausburgo; e os áulicos disseminavam ao longe, em todos os sentidos, pasmo e angustiosa tristeza.

O temor transformou repentinamente os inimigos da Reforma. Nessa memorável noite, amansou-se, como por encanto, a violência de Carlos e dos príncipes; os raivosos lôbos de súbito se transmudaram em mansos e dóceis cordeiros (28) .

Era domingo de manhã ainda, e Carlos V convocou a dieta para uma reunião à tarde (29) .

— O landgrave partiu de Ausburgo — disse, da parte do imperador, o Conde Frederico. — Sua Majestade crê que mesmo os amigos dêsse príncipe ignoravam a sua partida. Foi sem o conheçimento do imperador e, de fato, desobedecendo à proibição expressa de Sua Majes-tade que Felipe de Hessen partiu, faltando, assim, a todos os seus deveres. Quis êle desorganizar a dieta (30) . Roga-vos, porém, o imperador que não vos deixeis desen-caminhar pelo landgrave; antes contribuí para o feliz desfecho dêste conclave nacional. Destarte, contaríeis com a gratidão de Sua Majestade.

Responderam os protestantes que a partida do land-grave se dera sem o seu conhecimento, que dela souberam com desgôsto e que o teriam dissuadido de empreendê-la. Não duvidavam, contudo, que êsse príncipe tinha sólidos -Iotivos

para dar um tal passo. Ademais, o _landgrave deixara os seus conselheiros investidos de plenos poderes. E, quanto a êles próprios, estavam dispostos a tudo fazer para chegarem ao término da dieta de um modo decente. Depois, confiantes em seus direitos e resolvidos a reagir contra os atos arbitrários de Carlos, acrescentaram:

—Supõe-se que as portas da cidade foram cerradas por nossa causa. Solicitamos de Vossa Majestade que revogue essa ordem e evite sejam dadas, no futuro, quaisquer outras análogas.

Jamais Carlos V esteve menos à vontade: acabara de falar como um pai e lembram-no que, há algumas horas, procedera como um tirano. Foi preciso certo sub-terfúgio:

—Não é por vossa causa — respondeu-lhes o conde palatino — que os soldados do imperador ocupam as portas... Não acrediteis nos que vos dizem isso... Hou-ve, ontem, uma briga entre dois soldados (31) , e ajuntou-se a populaça... Eis porque o imperador tomou essa medida. Além disso, tais coisas não se repetirão sem que O Eleitor da Saxônia, na sua qualidade de mestre-sala do império, tenha sido informado delas primeiro.

E imediatamente se transmitiu uma ordem para que se reabrissem as portas da cidade.

Nenhum esfôrço foi, então, poupado pelo partido romano para convencer os protestantes das suas boas intenções. Havia urna desacostumada brandura na linguagem do conde palatino e nas feições de Carlos (32) . Os príncipes do partido do papa, antes tão terríveis, acha-vam-se de igual modo transformados. E depressa se viram compelidos a manifestar-se com franqueza; se queriam a guerra, deviam começá-la imediatamente.

Mas recuaram ante essa medonha perspectiva. Com oentusiasmo dos protestantes, como pegar em armas contra êles?! Não eram as irregularidades da Igreja reco-nhecidas por tôda parte? E poderiam os príncipes papistas confiar nos seus próprios súditos? Demais, qual seria oresultado de uma guerra, senão a ampliação do poder do imperador? Os Estados católicos-romanos, e especialmente o Duque da Baviera, teriam tido prazer em ver Carlos em guerra com os protestantes, na esperança de que assim malbaratasse a fôrça espanhola; mas, ao con-trário, era com os próprios soldados católicos-romanos que o imperador pretendia atacar os hereges . Daí por diante, rejeitaram o emprêgo das armas tão veementemente quanto o tinham, a princípio, desejado.

Desta maneira, tudo se modificara em Ausburgo: o partido papista achava-se impotente, desencorajado e, até mesmo, disperso. A espada, já sacada, foi logo reintroduzida na bainha.

Paz! Paz! — era o brado de todos .

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Ibid

(2) Ibid

(3) Quin et in regen te evehendum curabimus. Rommel, Philip der Gr., I, 268.

(4) Nostros principes onerare invidia vestri dogmatis. Corp. Ref., II, 221.

(5) Arctissime quoque inter nos conjuncti essemus, quot quot Christi esse voltunus. Ibid., 236.

(6) Cum imperator dilationem respondenti astu quodam accepisset. Corp. Ref., II, págs. 254, 276.

(7) Ad ludos equestres in honorem Cwsaris Instituendos publice sese apparavit. Seck., II, 172.

(8) Landgravius valde moderate se gerit. Corp. Ref., II, 254.

(9) Ego vero somno sopitos dulciter quiescebam. Corp. Ref., II, 273.

(10) Mane facto C2e sarconvocavit nostros principes.

(11) Ibid., 277; Brück, Apol., pág. 79.

(11) Ut sententia quam in refutatione audivissent suscri-bant. Corp. Ref., II, 277.

(12) Intelligis nunc cur porta munita fuerunt. Ibid.

(13) Quia volebat Ca sar nostros violentia ad suam senten-tiam cogere. Ibid.

(14) Sed ha mina nostros nihil commoverunt: perstant in sententia, nec vel tantillum recedunt. Ibid.

(15) Commotus indignitate actionum. Corp. Ref _, II, 260.

(16) Spen pacis abjecisse. Ibid.

(17) Clam omnibus abit. Ibid.

(18) Multa cum cautela. Seck, II, 172.

(19) Clam cum paucis equitibus. Corp. Ref., II, 277; Mit 5 arder 6 pferden. Seck, II, 172.

(20) Seckendorf e M. de Rommel, sem dúvida acompa-nhando o primeiro, dizem que o landgrave saiu por uma porta secreta (porta urbis secretiori, Seck., II, 172; Rommel, I, 270) . Preferimos o testemunho contemporâneo, sobretudo o de Brentz, que diz: Vesperi priusquam porta urbis clauderentur, urbe elapsus est. Corp. Ref., II, 277. O primeiro magistrado de Ausbur-go, o único que tinha as chaves do postigo, jamais ousaria facilitar a partida do landgrave.

(21) Abierat ille ignotus. Corp. Ref., 261.

(22) Existimabat enin C sar adhuc prm sto adesse. Ibid.

(23) Cm sari nihil suspicante. Corp. Ref., 277.

(24) Imperator re insperata commotus. Seck., II, 172.

(25) Unwissend des Churfursten von Sachsen und unserer. Corp. Ref., II, 263.

(26) Es mõehte wohl isca mora et inclignatas nocheinen landgraven mude maehen. L. Epp., IV, 134.

(27) Ut nulo modo a verbo Dei abstrahi aut terreri se pa-tiatur. Seek. II, 172.

(28) Sed hanc violentiam abitus landgravii interrupit. Corp. Ref., pág. 277.

(29) Nam cum paucis post horis resciscunt Landgravium elapsum, convocant iterum nostros. Ibid.

(30) Zertrennung clieses Reichstags zu verursachen. Ibtd., 264.

(31) Es habe ein Trabant mit einem andem ein Unwill gehabt. Corp. Ref., II, 255.

32) Nullo alio tempore mitius et benignius quam tunc cum protestantibus egerit. Seck., II, 172.

CAPÍTULO XI

A Comissão Mista — Os Três Pontos — Dissi-mulação dos Papistas — Abusos — Concessões — A Questão Principal — O Papa e os Bispos Cederam — Perigo da Concessão — Oposição ã Pretensa Harmonia — Cartas Desfavoráveis de Lutero — A Palavra de Deus Acima da Igreja — A Cegueira de Melancton — Enfatuação Papista — Uma Nova Co-missão — Sêde Homens, e não Mulheres — Os Dois Fantasmas — Concessões — Os Três Pontos — A Grande Antítese — Malõgro da Conciliação — O Nó Górdio — Concessão de um Concílio — Intimações de Carlos — Ameaças — Altercações — Paz ou Guerra — Cede o Romanismo — Opõe-se ❑Pro-testantismo — Lutero Torna a Chamar os seus Amigos.

A dieta estava, agora, em sua terceira fase . Como a época das tentativas fôra seguida pela das ameaças, então a época dos ajustes deveria seguir-se ao período das intimidações. Novos e tremendos perigos deveria a Reforma enfrentar nessa ocasião. Vendo a espada arrebatada de sua mão, Roma apossara-se da rêde e, enlaçando os seus adversários com "cordéis de benevolência e vínculos de amor", tentava arrastá-los ao abismo.

As oito horas da manhã do dia 16 de agôsto, consti-tuiu-se uma comissão mista, que contava, de cada lado, dois príncipes, dois advogados e três teólogos . Do partido romanista, encontravam-se o Duque Henrique de Bruns-wick, o Bispo de Ausburgo, os Chanceleres de Baden e de Colônia, juntamente com Eck, Cochlceus e Wimpina; da parte dos protestantes, o Margrave Jorge de Brandem-burgo, o Príncipe Eleitoral da Saxônia, os Chanceleres

Bruck e Heller, seguidos de Melancton, Brentz e Schnepf (1) .

Concordaram tomar por base a Confissão dos Estados evangélicos, e puseram-se e lê-la artigo por artigo . Os teólogos papistas mostraram inesperada condescendência. Dos vinte e um artigos dogmáticos, houve apenas seis ou sete aos quais fizeram certa objeção. O pecado original interrompeu-os por algum tempo, mas por fim, chegaram a um acôrdo; os protestantes admitiram que o batismo removia a culpa do pecado, e os papistas reco-nheceram que êle não tirava a concupiscência. Quanto à Igreja, convieram em que ela continha homens santificados e pecadores; harmonizaram-se, também, no tocante à Confissão . Os protestantes sobretudo rejeitaram como impossível a relação de todos os pecados prescritos -,Jor 'toma. O Dr. Eck anuíu a êsse ponto (2) .

Restavam apenas três doutrinas sôbre as quais di-:ergiam.

A primeira era a da penitência. Os doutores papistas ensinavam que ela abrangia três partes: contrição, con-fissão e satisfação. Os protestantes opunham-se à última, e os papistas, percebendo claramente que, com a satisfação ruiriam as

indulgências, o purgatório e suas outras doutrinas e fontes de renda, defenderam-na com energia. Disseram:

— Concordamos em que a penitência imposta pelo padre não obtém o perdão da culpa oriunda do pecado, mas sustentamos ser ela necessária à obtenção da remissão do castigo.

O segundo ponto controverso era a invocação dos santos, e o terceiro, o principal, a justificação pela fé. Para os romanistas, era da maior importância a defesa da influência meritória das obras: na verdade, nisso se baseava todo o seu sistema. Por conseguinte, Eck arro-gantemente declarava guerra à assertiva de que a fé, sôzinha, justifica.

— Não podemos admitir essa palavra sole — disse.

—Causa escândalos e torna os homens ímpios e brutais. Devolvamos a sole ao sapateiro (3) !

Os protestantes, porém, não quiseram dar ouvidos a tais argumentos.

Mesmo quando os papistas perguntaram entre si se "sustentariam que a fé, sózinha, os justificaria gratuita-mente", um dêles exclamou, com exagêro:

—Sem dúvida alguma! Sem dúvida alguma! Gra-tuita e inütilmente (4) !

Citaram até autoridades estranhas:

—Platão declara que não é por meio de obras ex-ternas, mas pela virtude que Deus deve ser adorado. E todos conhecem êstes versos dos escritos de Catão:

"Si deus est animus, nobis ut carmina dicunt, Hic tibi praecipue pura sí mente colendus (5) ".

—Certamente --prosseguiram os teólogos papistas

-referimo-nos apenas às obras executadas mediante a

graça. Mas declaramos que em tais obras existe algo de meritório.

Os protestantes asseveraram que não podiam con-cordar com isso.

Haviam-se aproximado, no entanto, além de tôda a expectativa. Os teólogos de Roma, compreendendo claramente a sua posição, propuseram-se aparentar es-tar de acôrdo, preferivelmente ao estarem na realidade. Tôda gente sabia, por exemplo, que os protestantes re-jeitavam a transubstanciação: mas, podendo o artigo da Confissão sôbre êste assunto ser tomado no sentido ro-manista, os católicos o aceitaram como certo. Seu triun-fo foi ~ente adiado. As expressões gerais empregadas nos pontos controversos permitiriam, um pouco mais tarde, que se

desse à Confissão uma interpretação pa-pista; a autoridade eclesiástica declararia ser esta a única verdadeira, e Roma, graças a alguns momentos Deve ser adorado com uma mente pura de dissimulação, subiria, assim, ao trono de novo. Não vimos em nossos próprios dias, os Trinta e Nove Artigos da Igreja Anglicana interpretado de acôrdo com o Concílio de Trento? Causas há em que nunca falta a hipocrisia. Ësse plano foi tão hàbilmente executado como concebido a fundo.

Os membros da comissão achavam-se nas melhores relações um com o outro; a concórdia parecia restabele-cida. Uma única inquietude perturbava aquêle feliz momento: a lembrança do landgrave. Disseram:

— Sem saber que nos encontramos quase de acôrdo, êsse desmiolado jovem provàvelmente já está reunindo o seu exército; devemos fazê-lo voltar e torná-lo testemunha da nossa amistosa união.

Na manhã do dia 13, um dos membros da comissão (o Duque Henrique de Brunswick) , acompanhado de um conselheiro do imperador, encetou viagem a fim de cumprir essa difícil incumbência (6) . O Duque Jorge da Saxônia ocupou o seu lugar de árbitro.

E passaram imediatamente da primeira parte da Confissão para a segunda: das doutrinas para os abusos. Nesse ponto, os teólogos papistas não podiam ceder tão fàcilmente; se dessem mostras de concordar com os pro-testantes, nada mais restaria da honra e do poder da hierarquia. Por conseguinte, foi para essa fase da luta que haviam reservado a sua astúcia e a sua fôrça.

Começaram por aproximar-se dos protestantes tanto quanto possível, pois, quanto mais concediam, tanto mais poderiam atrair para si a Reforma e sufocá-la. Pro-feriram:

— Julgamos que, com o consentimento do Papa e com a aprovação de Sua Majestade, poderemos consentir, até o próximo concílio, na comunhão em ambas as espécies, onde quer que ela já seja praticada; só que por ocasião da Páscoa os vossos ministros devem pregar que tal não se dá segundo a instituição divina, e que Cristo se acha, integralmente, em cada uma das espécies (7) .

Além disso, quanto aos padres casados, desejosos de pou-parem as pobres mulheres que êles seduziram, de proverem à subsistência dos seus filhos inocentes e de evita-rem tôda sorte de escândalo, nós os toleraremos até o próximo concílio, e, então, veremos se não será justo de-cretar que homens casados podem ser admitidos nas ordens religiosas, como foi o caso na Igreja primitiva du-rante muitos séculos (8) . Finalmente, reconhecemos que o sacrifício da missa é um mistério, uma representação, uma oblação comemorativa, um ato em memória dos sofrimentos e da morte de Cristo, consumados na cruz (9) .

Era ceder muito. Mas chegava a vez dos protestantes, pois se Roma parecia dar de si, era apenas para receber em troca.

A questão principal era a Igreja, a sua manutenção e o seu govêrno: quem se encarregaria disso? Viam apenas dois meios: os príncipes ou os bispos . Se se preocupavam com os bispos, deveriam decidir em favor dos príncipes; se se preocupavam com os príncipes, deveriam decidir em favor dos bispos. Éles se achavam, naquela época, afastados demais da situação normal, para descobrirem uma terceira forma e verificarem que a Igreja devia manter-se por si mesma — pelo povo cristão . Disseram os teólogos saxônios, no parecer que apresentaram a 18 de agôsto: "Com o tempo os príncipes seculares se tornarão negligentes no govêrno da Igreja . Não estão em condições para o desempenho e, ademais, êste lhes seria demasiado dispendioso (10) . Os bispos, ao contrário, dispõem de propriedade que provê a essa despesa".

Assim, a suposta incapacidade estatal e o temor que nutriam acêrca da sua indiferença arremessaram os protestantes nos braços da hierarquia.

Conseqüentemente, os protestantes propuseram que se restituíssem aos bispos a sua jurisdição, a manutenção da disciplina e a superintendência dos padres, contanto que não perseguissem a doutrina evangélica ou oprimis- sem os pastores com votos e fardos ímpios . Disseram: "Sem sólidos motivos, não podemos desfazer essa ordem pela qual os bispos são superiores aos padres, e que existe na Igreja desde os seus primórdios . É arriscado, perante o Senhor, alterar a ordem dos governos". Como se pode ver, o argumento dêles não se baseia na Bíblia, mas na história eclesiástica.

Os teólogos protestantes foram, até mesmo, mais lon-ge; dando um derradeiro passo, que se afigurava decisivo, concordaram reconhecer o papa como sendo (mas por direito humano) o supremo bispo da Cristandade: "Conquanto o papa seja o anticristo, podemos permanecer sob o seu govêrno, como os judeus permaneceram sob o govêrno do Faraó e, nos últimos tempos, sob o de Cai-fás" . Devemos admitir que estas duas comparações não eram lisonjeiras para o papa. "Sõmente permiti que concordemos, de maneira plena, com a verdadeira doutrina" — acrescentaram os doutores .

Apenas o Chanceler Bruck parece ter estado cônscio da verdade; êle escreveu à margem, com uma caligrafia firme: "Não podemos reconhecer o papa, porque dizemos ser êle o anticristo e porque êle alega ter o primado por direito divino (11) " .

Finalmente, os teólogos protestantes anuíram em concordar com Roma no tocante às cerimônias facultativas, aos jejuns e às formas de adoração; o eleitor comprometeu-se a pôr sob embargo a propriedade eclesiástica já secularizada, até a decisão do próximo concílio.

Jamais o espírito conservador do luteranismo se manifestara com maior clareza. "Prometemos aos nossos adversários reconhecer-lhes certos pontos de govêrno da igreja que possam ser admitidos sem ofensa à consciência" — escreveu Melancton (12) . Mas começava a ser muito duvidoso que as concessões eclesiásticas não arrastassem também consigo as concessões doutrinárias . A Reforma desviava-se do curso.. . mais algumas braças ainda, e estaria perdida. Já a dissensão, a inquietude e o mêdo se alastravam entre as suas fileiras.

Melancton tornou-se mais pueril do que uma criança — disse um dos seus amigos (13) . Ainda assim, Felipe andava tão nervoso que, Vendo o Chanceler de Luneburgo objetado de certo modo a essas concessões, o professorzinho de letras, erguendo altivamente a cabeça, disse, com voz áspera e rude:

— Quem quer que ouse asseverar não serem cristãos os meios de conciliação sugeridos, é mentiroso e cínico (14) .

A isso, o chanceler imediatamente lhe pagou na mes-ma moeda.

Tais expressões não podem, todavia, depreciar a boa reputação de Melancton no tocante à brandura; após tantos esforços inúteis, achava-se êle exausto, irritado. Mas as suas palavras causaram a mais profunda mágoa, pois eram as que menos se esperavam da sua parte.

Não era Melancton o único desmoralizado. Brentz mostrava-se ríspido, descortês, incivil; o Chanceler Keller desencaminhara o piedoso Margrave de Brandemburgo, transmudando em covardia a coragem dêste príncipe; salvo o Chanceler Bruck, nenhum outro auxílio restava ao eleitor . E mesmo êste homem inabalável começava a alarmar-se com a sua solidão.

Bruck, porém, não se achava só: os mais enérgicos protestos chegavam do exterior. Aos teólogos saxônios escreveram, amedrontados, os seus amigos: Se é verda-de que estais fazendo concessões como essas, a liberdade cristã está para findar (15) . Qual é o vosso pretenso acôrdo? — uma densa nuvem que elevais ao espaço para eclipsar o sol que principiava a lançar luz sôbre a Igreja (16) . O povo cristão jamais aceitará condições tão contrárias à Palavra de Deus; e a única coisa que conse-guireis será fornecer aos inimigos do Evangelho um cap-cioso pretexto para trucidarem os que a êles continuam fiéis . Tais convicções eram comuns entre os leigos. E tôda a cidade de Ausburgo dizia (17) :

— Preferível morrer com Jesus Cristo do que obter as boas graças do mundo inteiro sem Êle!

Ninguém sentiu tanto receio como Lutero ao vêr o glorioso edifício que Deus erguera com as Suas mãos prestes a desmoronar-se nas de Melancton. No dia da chegada das notícias, Lutero escreveu cinco cartas: ao eleitor, a Melancton, a

Spalatin, a Jonas e a Brentz, tôdas igualmente cheias de coragem e de fé. Disse êle: Sei que começastes uma obra admirável qual seja, reconciliar Lutero e o papa; mas o papa não se reconciliará, e Lutero vos pede que o desculpeis (18) ...

Se, não obstante êstes dois, fôrdes bem sucedidos nessa emprêsa, então, seguindo o vosso exemplo, reconciliarei Cristo e Belial. O mundo que conheço está; cheio de contendores que obscurecem a doutrina da justificação pela fé, e de fanáticos que a perseguem. Não fiqueis surpresos com isso, mas continuai a defendê-la com coragem, pois que ela é o calcanhar da semente da mulher que esmagará a cabeça da serpente (19) . Acautelai-vos, também, contra o domínio dos bispos, para que em breve não tenhamos de recomeçar uma luta mais terrível do que a primeira. Êles receberão as nossas concessões de maneira ampla, bem mais ampla, sempre mais ampla, fazendo-nos as dêles de maneira exígua, bem mais exígua e sempre mais exígua (20) .

Tôdas essas negociações são inadmissíveis, a menos que o papa renuncie ao pontificado. Realmente, que belo motivo os nossos adversários alegam! Não podem, dizem êles, conter os seus súditos, caso não divulguemos aos quatro cantos que a verdade se acha ao lado dêles. Como se Deus tão ~ente ensinasse a Sua Palavra a fim de que os nossos inimigos pudessem, à vontade, oprimir o povo! E apregoam que nós condenamos tôda a Igreja. Não, não a condenamos; mas, no que diz respeito a êles, condenam tôda a Palavra de Deus, e a Palavra de Deus tem mais valor do que a Igreja (21) .

Esta importante declaração dos reformadores decide a controvérsia entre os cristãos evangélicos e o papado; infelizmente, muitas vêzes temos visto protestantes tornarem ao êrro de Roma ,no tocante a êste ponto fundamental, colocando a Igreja visível acima da Palavra de Deus.

Persiste Lutero: "Eu vos escrevo agora para a união da nossa crença (e isso por obediência a Jesus Cristo) , porque Campeggio não passa de célebre demônio (22) . Não posso dizer-vos quão intensamente me sinto perturbado pelas condições que propondes. O plano de Campeggio e do papa foi forçar-nos, inicialmente, por meio de ameaças e, em seguida, se estas não dessem bom resultado, por meio de astúcias; vencestes o primeiro ataque e suportastes a formidanda vinda do imperador; agora, pois, preparai-vos para o segundo. Agi com coragem, nada cedendo aos adversários, salvo o que possa ser aprovado com testemunho da própria Palavra de Deus . Mas se — o que Cristo proíbe! — não puserdes em evidência todo o Evangelho; se, ao contrário, encerrardes num saco essa esplêndida águia, Lutero — não o duvideis! —, Lu-tero surgirá e gloriosamente libertará a águia (23) . Tão certamente quanto Cristo vive, isso será feito!"

Assim escreveu Lutero; porém, foi em vão. Tudo, em Ausburgo, tendia para a ruína que se aproximava. Melancton tinha, nos olhos, uma venda que nada

conseguia arrancar . Éle não mais dava ouvidos a Lutero, pouco se importando com a simpatia geral.

— Não nos fica bem — disse — sermos influenciados pelos clamores da plebe (24) . Devemos pensar na paz e na posteridade. Se rompermos com a jurisdição episco-pal, qual será a conseqüência para os nossos descendentes? Os poderes seculares não se importam nada com os interêsses da religião (25) . Além disso, demasiada di-versidade nas igrejas é prejudicial à paz; devemos aliar-nos aos bispos para que a ignomínia do cisma não nos oprima para sempre (26) .

Os evangélicos mais do que prontamente deram ou-vidos a Melancton, e desenvolveram um trabalho intenso para unirem ao papado, pelos laços da heirarquia, aquela Igreja que Deus tão maravilhosamente libertara. O protestantismo, de olhos vendados, lançava-se nas redes dos seus inimigos. Vozes solenes já anunciavam o retôrno dos luteranos ao seio da Igreja de Roma.

—Estão fazendo preparativos para a sua apostasia, e passando para o lado dos papistas — disse Zwinglio (27) .

O hábil Carlos V portava-se de tal modo que nenhuma palavra arrogante viesse a comprometer a vitória; mas o clero romano não era capaz de dominar-se: dia a dia aumentavam o seu orgulho e a sua insolência.

—Ninguém jamais acreditaria nos ares de triunfo que os papistas assumem! — exclamou Melancton.

Havia boa razão! O acôrdo achava-se a um passo do término; mais uma providência, ou duas, e, então — ai da Reforma!

Quem poderia impedir essa ruína desoladora? Lutero, que apregoava o nome para o qual tôdas as atenções deviam estar voltadas:

—Cristo vive — dizia —, e Éle, que tem subjugado a violência dos nossos inimigos, nos dará fôrças para ven-cermos as suas artimanhas.

Esta afirmativa:que, na verdade, era o único recurso, não decepcionou a Reforma.

Se a hierarquia papista desejasse, sob certas condições admissíveis, acolher os protestantes que estivessem dispostos a submeter-se, tudo estaria acabado com êstes.

Assim que a hierarquia chegasse a tê-los nos braços, ela os teria sufocado; Deus, porém, cegou o papado, e, assim, salvou a Sua Igreja.

—Nenhuma concessão — declarara o senado romano.

ECampeggio, exultante com a sua vitória, repetia:

—Nenhuma concessão!

—O núncio tentou, por todos os meios, inflamar o zêlo católico de Carlos, nessa conjuntura decisiva. Do im-perador, passou aos príncipes.

—Celibato, confissão, a eliminação do cálice, as missas privadas, tudo é necessário: precisamos de tudo! — exclamou.

Equivalia a dizer aos cristãos evangélicos, como os samnitas disseram aos antigos romanos:

—Eis as forcas caudinas: passai por elas!

Os protestantes, percebendo o jugo, sobressaltaram-se. E no coração enfraquecido dos confessores Deus res-suscitou a coragem. Ergueram a cabeça e rejeitaram a humilhante rendição; a comissão foi dissolvida sem de-mora.

Foi um grande livramento; mas em breve surgia novo perigo. Os cristãos evangélicos deviam ter-se retirado de Ausburgo em seguida. Um dêles, porém, disse (28) :

—Satanás, disfarçado de anjo de luz, ofuscou-lhes o entendimento.

Ficaram.

Nem tudo estava perdido ainda para Roma. O espírito do êrro e da astúcia poderia reencetar outra vez os seus ataques.

Cria-se, na côrte, que êsse desagradável desfecho da comissão devia ser atribuído a certas pessoas teimosas, e especialmente ao Duque Jorge. Por conseguinte, resolveram nomear urna outra comissão, composta de seis membros apenas: de um lado, Eck, acompanhado dos Chanceleres de Colônia e Baden; do outro, MelancLon, com os Chanceleres Bruck e Heller . Os protestantes deram a sua anuência, e recomeçou-se tudo.

O receio tomou corpo, então, entre os mais decididos adeptos da Reforma.

—Se nos expusermos continuamente a novos pe-rigos, não acabaremos, por fim, cedendo (29) ?

Os delegados de Nuremberg, particularmente, de-clararam que a sua cidade não se colocaria de novo sob o odioso jugo dos bispos.

—Melancton segue o conselho do indeciso Erasmo — alegaram.

—Dizei, antes, de Aquitófel — disseram-Lhes outros.

—Seja como fôr — acrescentaram os delegados de Nuremberg —, se o papa houvesse subornado Melancton, êste não poderia ter-se saído melhor para conseguir-Lhe a vitória (30) .

O landgrave ficou excepcionalmente indignado com essa covardia. Escreveu a Zwinglio: "Melancton está indo de costas, como um caranguejo (31) ". De Friedwald, para cujo lugar se dirigira após a sua fuga de Ausburgo, Felipe de Hessen esforçava-se por impedir a queda do pro-testantismo. Escreveu aos seus ministros que se achavam em Ausburgo: Quando começamos a ceder, sempre ce-demos mais. Declarai, por conseguinte, aos meus aliados que não aprovo essas pérfidas conciliações. Se somos cristãos, o que devemos procurar é não a nossa própria vantagem, mas o confôrto de tantas consciências cansadas e oprimidas, para as quais não haverá salvação se afastarmos a Palavra de Deus. Ésses bispos não são os verdadeiros, pois não se expressam segundo as Santas Escrituras. Se os reconhecêssemos, o que se seguiria? Eliminariam os nossos ministros, reduziriam o Evangelho ao silêncio, restabeleceriam os antigos abusos, e a situação final ficaria pior do que a primeira. Se os papistas permitirem a livre pregação do Evangelho não alterado, cheguemos a um acôrdo com êles, porquanto a verdade será mais poderosa e desarraigará tudo quanto restar. Contudo, se não a permitirem — nada de acordos!

Não é esta a ocasião de ceder, mas de permanecer firme, mesmo até á morte. Frustrai êsses temíveis ajustes de Melancton; dizei aos delegados das cidades, de minha parte, que sejam homens, e não mulheres (32) . Nada temamos: Deus está conosco!

Melancton e os seus amigos, censurados dessa maneira, procuraram justificar-se. Por um lado, afirmaram que, se preservassem a doutrina, ela, finalmente, derribaria a ordem hierárquica. Mas, nesse caso, por que a restabelecer? Não era mais do que incerto que uma doutrina tão enfraquecida ainda tivesse fôrças suficientes para abalar o papado? Por outro lado, Melancton e os seus amigos mencionaram dois fantasmas, diante dos quais tremiam de mêdo. O primeiro era a guerra, que, na opinião dêles, se achava iminente. Disseram:

—A guerra trará consigo incontáveis males temporais: a devastação da Alemanha, homicídio, violência, sacrilégio, pilhagem... Mas produzirá, ainda, males espirituais mais terríveis, ocasionando, inevitàvelmente, a desordem de toda a religião (33) .

O segundo fantasma era a supremacia do Estado . Melancton e os seus amigos anteviam a dependência a que os príncipes reduziriam a Igreja, a crescente secularização das suas instituições e dos seus instrumentos, a morte espiritual em que isso resultaria, e recuaram, aterrorizados, ante a medonha perspectiva.

—Os homens de bem não acham que a côrte deva governar o ministério da Igreja (34) — disse-lhes Brentz; e acrescentou, irônicamente: — Vós próprios não aprendestes, por experiência, com que sabedoria e brandura êsses ignorantes (assim é que chamo aos altos funcionários e prefeitos dos príncipes) tratam os ministros da Igreja e a Igreja própriamente dita? Preferível sete vêzes a morte!

—Imagino que Igreja teremos, ser fôr abolido o govêrno eclesiástico! — exclamou Melancton.

— Percebo, no futuro, uma opressão bem mais insuportável do que a que houve até hoje (35) — e, em seguida, oprimido pelas censuras que choviam sôbre si, vindas de todos os lados, bradou: — Se fui eu quem suscitou

êste tumulto, rogo a Sua Majestade que me lance ao mar, como Jonas, e que dali me tire sômente com o propósito de entregar-me à tortura e à fogueira (36) !

Se o episcopado papista chegasse a ser reconhecido, tudo pareceria fácil. Na Comissão dos Seis, fizeram a concessão do cálice para a classe leiga, do matrimônio para os pastores, e o artigo da oração aos santos afigurou-se de somenos importância. Detiveram-se, porém, em três doutrinas que os evangélicos não podiam admitir. A primeira tratava da necessidade da satisfação humana para a remissão das penas do pecado; a segunda, da idéia de existir algo de meritório em tôda boa obra; a terceira, da utilidade das missas privadas.

Lamentou-se Campeggio a Carlos V, vivamente:

—Ai! eu antes preferiria ser esquartejado a ceder algo acêrca das missas (37) !

—Quê! — responderam-lhe os políticos. — Embora concordeis com tôdas as importantes doutrinas da sal-vação, cindireis, para sempre, a unidade da Igreja por causa de três artigos insignificantes como êsses? Que os teólogos façam um supremo esfôrço, e assistiremos à união dos dois partidos e ao abraço de Roma e Witemberg.

Isso não. Sob êsses três pontos, encobria-se todo um sistema. Do lado de Roma, admitia-se a idéia de que cer-tas obras alcançam a graça divina, independentemente do estado de espírito de todo aquêle que as praticar, em virtude da determinação da Igreja.

Do lado evangélico, ao contrário, tinha-se a convicção de que êsses ritos externos não passavam de tradições humanas; a única coisa que alcançava, para o homem, a graça divina era a obra que Deus executou, através de Cristo, na cruz, embora o que tornasse o homem possuidor dessa graça fôsse apenas a obra de regeneração, que Cristo efetua, por meio do Seu Espírito, no coração do pecador. Os romanistas, defendendo os seus três artigos, diziam que "a Igreja salva", cujo dito constitui a doutrina principal de Roma; os evangélicos, rejeitando êsses artigos, asseveravam que "só Cristo salva", o que é a base do próprio Cristianismo. Eis a grande antítese

existente naquela época e que ainda separa as duas Igrejas. Com êsses artigos, que colocavam as almas sob a sua dependência, Roma esperava, justamente, recuperar tudo, e, através da sua perseverança, deixava ver que conhecia a sua posição. Mas os evangélicos não estavam dispostos a abandonar a dêles. O princípio cristão foi sustentado contra o clerical, que ansiava por destruí-lo. Mas, perante a Igreja, Jesus Cristo continuou firme. E averiguou-se que, daí em diante, tôdas as conferências foram inúteis.

O tempo urgia. Durante dois meses e meio, Carlos V estivera ocupado em Ausburgo. Seu orgulho achava-se ofendido porque quatro ou cinco teólogos continham a marcha triunfal do conquistador de Pavia . Foi-lhe dito:

—Como! Uns poucos dias bastaram para derrotardes o Rei da França e o Papa, e não podeis levar de vencida êsses evangélicos?!

Resolveu-se pôr têrmo às conferências.

Eck, colérico porque nem o ardil nem o terror surtiram o resultado desejado, não conseguia dominar-se na presença dos protestantes.

—Ai! — exclamou, na hora da separação. — Por que o imperador, ao entrar na Alemanha, não fêz um inquérito geral sôbre os luteranos? Teria, então, ouvido respostas arrogantes, testemunhado monstruosidades heréticas, e o seu zêlo, s.àbitamente aceso, faria com que êle destruísse todo êsse bando sedicioso (38) . Agora, porém, a linguagem amena de Bruck e as concessões de

Melancton o impedem de indignar-se tanto quanto a nossa causa o exige.

Pronunciou essas palavras com um sorriso, mas elas revelavam os seus sentimentos .

O conclave findou a 30 de agôsto.

Os Estados papistas apresentaram o seu relatório ao imperador. Os partidos estavam frente a frente, distan-ciados entre si por três passos apenas, sem que nenhum dêles pudesse aproximar-se mais, nem mesmo num avanço correspondente à grossura de um fio de cabelo .

Assim, Melancton errou, e as suas desmedidas con-cessões mostraram-se vãs. Por causa de um suposto amor à paz, êle colocara o coração numa utopia. Mas, no fundo, Melancton era, realmente, cristão. Deus resguardou-o da apostasia, desfazendo a trama que estava prestes a levá-lo à perdição. Coisa alguma poderia ter sido mais favorável à Reforma do que o insucesso de Melancton; mas, ao mesmo tempo, nada poderia ter sido mais propício para êle. Viram os seus amigos que, embora êle estivesse disposto a ceder excessivamente, não iria ao ponto de abandonar o próprio Cristo. O seu malôgro reabilitou-o aos olhos dos protestantes.

O Eleitor da Saxônia e o Margrave de Brandemburgo mandaram solicitar o consentimento de Carlos para que pudessem partir . De início, êste último, com certa rudeza, recusou-se a atendê-los; por fim, pôs-se a rogar aos príncipes que não criassem, com a sua partida, novos embaraços aos acordos que, em breve, êles esperavam poder firmar (39) . Mas veremos qual era a natureza dêsses acordos .

Os papistas deram mostras de redobrar os seus es-forços. Se deixassem escapar agora o fio da meada, perdê-lo-iam para sempre. Por conseguinte empenharam-se em reunir as duas pontas. Houve conferências nos jardins, nas igrejas (na de São Jorge e na de São Maurício) , entre o Duque de Brunswick e João Frederico, filho do eleitor, entre os Chanceleres de Baden e da Saxônia, entre o Chanceler de Liege e Melancton. Tôdas essas conferências, porém, foram inúteis, e os papistas iriam recorrer a outros meios.

Carlos V resolveu tomar o assunto a seu cargo e des-fazer o nó górdio, o qual nem os teólogos nem os príncipes conseguiam desatar. Irritado por ver as suas propostas rejeitadas com desdém, e a sua autoridade com-prometida, achou que era chegada a hora de desembainhar a espada. A 4 de setembro, os componentes do partido de Roma, que ainda se esforçavam por atrair a si os protestantes, segredaram aos ouvidos de Melancton êsse assustador intento.

— Quase não temos coragem de dizê-lo — disseram-lhe —, mas o imperador já empunhou a espada, bem corno certas pessoas exasperam-no cada vez mais. Carlos não se irrita com facilidade; contudo, assim que fica nesse estado, é muito difícil acalmá-lo (40) .

Carlos tinha razão em mostrar-se exigente, melindroso. E, por fim, êle conseguiu, de Roma, certa concessão inesperada — um concilio. Clemente VII oferecera o pedido do imperador à apreciação de urna assembléia de cardeais.

— Como desejam submeter-se a um novo concílio os homens que rejeitam os que foram antigamente realizados? — responderam-lhe.

O próprio papa não desejava um concílio, coisa que também temia, por causa do seu nascimento e condu-ta (41) . Contudo, as promessas que fizera no castelo de Santo Angelo e em Bolonha lhe tornaram impossível dar uma recusa terminante. Respondeu, por conseguinte, que o remédio seria pior do que a doença (42) , mas que, se o imperador, que era tão bom católico, julgasse realmente imprescindível a realização de um concílio, êle concordaria com isso, porém com a condição de que, nesse ínterim, os protestantes se submetessem às doutrinas e aos ritos da Igreja.

E, para o local do congresso, Clemente VII designava Roma!

Nem bem se espalhara a notícia dessa concessão, já o mêdo de urna reforma transia a côrte papal. Diz um cardeal que os cargos públicos do papado,

inteiramente vendíveis, perderam logo o valor, foram a ofertas pelo preço mínimo (43) e, assim mesmo, não puderam encontrar adquirentes (44) . O papado achava-se exposto a perigos. Suas "mercadorias" estavam ameaçadas. Em breve os preços correntes baixavam no câmbio romano.

No dia 7 de setembro, quarta-feira, às duas horas da tarde, os príncipes e delegados protestantes foram intro-duzidos no gabinete de Carlos V. E falou-lhes o conde palatino "que o imperador, tendo em conta o pequeno número dos protestantes, não esperava que defendessem as novas seitas, contra os antigos costumes da Igreja Universal; apesar disso, desejando mostrar, até o fim, tôda a sua benevolência, o imperador solicitaria, de Sua Santidade, a convocação de um concílio, mas que, entre-mentes, os protestantes deviam voltar, sem demora, ao seio da Igreja Católica, restituindo tudo ao seu estado primitivo (45) ".

Os protestantes responderam, no dia seguinte, 8 de setembro, "que não haviam incitado novas seitas que se afastassem das Santas Escrituras (46) ; que, muito ao contrário, se não haviam concordado com os seus adver-sários era porque êstes não queriam permanecer fiéis à Palavra de Deus; que a convocação de um concilio geral, livre e cristão, na Alemanha, nada mais seria do que o cumprimento do prometido pelas dietas precedentes; e que nada os forçaria a restabelecer, em suas igrejas, uma ordem de coisas opostas aos mandamentos de Deus".

Eram oito horas da noite, quando, depois de longa deliberação, fizeram os protestantes reentrar no gabinete do imperador. Disse-lhes Jorge Truschses:

— Sua Majestade está igualmente surprêso, não só porque os membros católicos da comissão fizeram tantas concessões, corno, também, porque os membros protestantes a tudo se opuseram. Que é o vosso partido diante de Sua Majestade Imperial, do Santo Papa, dos eleitores, príncipes, Estados do Império, dos demais reis, soberanos e potentados dos países cristãos? Não é senão justo que a minoria se submeta à maioria. Desejais que os meios de reconciliação sejam protelados, ou persistis em vossa resposta? Falai com franqueza, pois, se persistis, o im-perador tratará, sem demora, da defesa da Igreja. Amanhã, à uma da tarde, comunicareis a vossa decisão final.

Jamais haviam brotado da bôca de Carlos palavras tão ameaçadoras. Era evidente que êle desejava subjugar os protestantes incutindo-lhes mêdo, mas tal objetivo não foi atingido. Os evangélicos responderam, no dia posterior ao marcado — os partidos concordaram com mais um dia para a decisão —, que novas tentativas de reconciliação apenas fatigariam o imperador e a dieta, e tão ~ente solicitavam determinações para que se pre-servasse a paz política até a reunião do concílio (47) .

— Basta! — disse o temido imperador. — Refletirei nesse assunto. Entrementes, que ninguém saia de Ausburgo!

Carlos V estava desnorteado dentro de um labirinto, do qual não sabia como escapar. O Estado resolvera interferir nas questões da Igreja e via-se compelido a recorrer, sem demora, à sua ultima ratio — a espada. Carlos não desejava a guerra; no entanto, como evitá-la, agora? Se não executasse as suas ameaças, a sua dignidade ficaria comprometida, e a sua autoridade se tornaria desprezível. Procurava uma saída, por um lado ou por outro, mas não conseguia encontrar nenhuma. Por conseguinte, só lhe restava fechar os olhos e avançar para a frente, sem considerar as conseqüências. Inquietavam-no tais pensamentos; oprimiam-no essas inquietações; achava-se completamente aturdido.

Foi então que o eleitor mandou pedir a Carlos que não se ofendesse, caso êle deixasse Ausburgo.

—O eleitor que aguarde a minha resposta — disse Carlos, bruscamente.

E, tendo João replicado que enviaria os seus minis-tros para que lhe explicassem os motivos ao imperador, êste prosseguiu, irritado:

—. Não é preciso tanto palavrório. Diga ao eleitor se esperará ou não (48) !

Tendo-se espalhado um rumor acêrca da altercação havida entre êsses dois poderosos príncipes, o receio ge-neralizou-se. Supunha-se que a guerra irromperia sem demora, havendo, pois, grande agitação em Aus-burgo (49) .

Era noite. Homens corriam de um lado para outro... Entraram, precipitadamente, nos alojamentos dos príncipes e delegados protestantes e dirigiram-lhes as mais acrimoniosas censuras.

—Sua Majestade Imperial está prestes a tomar as mais enérgicas medidas! — ameaçaram.

Disseram, mesmo, que as hostilidades já haviam co-meçado: murmurava-se que o comandante de Horneck (Walter de Kromberg) , eleito, pelo imperador, grão-mes-tre da ordem teutônica, estava a ponto de invadir a Prússia, com um exército, e depor o Duque Alberto, que Lutero convertera ao protestantismo (50) .

O mesmo tumulto repetiu-se durante duas noites consecutivas. Gritaram, discutiram e brigaram, especial-mente no interior e defronte dos alojamentos dos prín-cipes. A guerra estava quase a rebentar em Ausburgo.

Ante essa perigosa conjuntura (a 12 de setembro) , João Frederico, o príncipe-eleitoral da Saxônia, abando-nou a cidade.

No mesmo dia, ou no subseqüente, Jerônimo Wehe, Chanceler de Baden, e o Conde Truchses, de um lado, o Chanceler Bruck e Melancton, do outro, reuniram-se, às seis da manhã, na igreja de São Maurício (51) .

Carlos, porém, apesar das suas ameaças, não pôde resolver-se a empregar a fôrça. Não há dúvida que êle poderia, com uma simples ordem às suas tropas espa-nholas, ou aos seus lansquenês alemães, mandar encar-cerar aquêles protestantes obstinados e tratá-los como se fôssem mauros. Mas, como poderia Carlos, espanhol, cidadão dos Países-Baixos, que, pelo espaço de dez anos, se ausentara do império, aventurar-se, sem sublevar tôda a Alemanha, a inventar violência contra os favoritos da nação? Os próprios príncipes católicos-romanos não ve-riam nesse ato uma violação dos seus privilégios? Essa guerra era, portanto, absurda. "O luteranismo já se es-tende do Mar Báltico aos Alpes. Não tendes senão uma coisa a fazer: tolerá-lo (52) " — escreveu Erasmo ao núncio.

As negociações iniciadas na igreja de São Maurício continuaram, porém discutidas) entre o Margrave de Brandemburgo e o Conde Truchses. O partido de Roma tentava, agora, apenas salvar as aparências, não hesitan-do, além disso, em sacrificar tudo. Exigiu sàmente algu-mas ornamentações cênicas — que, na missa, o celebran-te usasse paramento e nela incluísse os cantos, a leitura de textos, os ritos e os seus dois cânones (53) . Tudo o mais ficava entregue à decisão do próximo concílio. E, até lá, os protestantes deveriam conduzir-se de modo a prestar contas a Deus, ao concílio e ao imperador.

Todavia, do lado dos protestantes também as coisas mudaram de rumo. Já não desejavam paz com Roma. Abriram, finalmente, os olhos para a realidade e deram, aterrados, com a abismo onde, por um fio, não haviam mergulhado. Jonas, Spalatin e, até mesmo, Melancton estavam, agora, de acôrdo entre si.

— Até aqui — disseram — obedecemos ao preceito de S. Paulo: Tende paz com todos os homens. Cumpre-nos, doravante, obedecer a êste mandamento de Cristo: Guardai-vos do fermento dos fariseus — que é a hipocrisia. Do lado dos nossos adversários, nada há senão astúcia e perfídia. Seu único intento é sufocar a nossa dou-trina, que é a própria verdade (54) . Esperam salvar os abomináveis artigos do purgatório, ciais indulgências e do govêrno papal, porque nos silenciamos sôbre êles (55) . Acautelemo-nos contra a traição a Cristo e à Sua Palavra, para o agrado do anticristo e do diabo (56) .

Ao mesmo tempo, Lutero redobrava de rogos para que os seus amigos se retirassem de Ausburgo. Escreveu-lhes: Voltai! Voltai! Voltai, ainda que sejais amaldiçoados pelo papa e pelo imperador (57) . Confessastes Jesus Cristo como o Salvador, propusestes a paz, obedecestes a Carlos, suportastes insultos e aturastes blasfêmias . Eu, eu mesmo vos louvarei como homens fiéis a Jesus Cristo. Já fizestes o bastante; fizestes mais do que isso. Compete, agora, ao Senhor agir, e Êle agirá! Os papistas têm a nossa Confissão, têm o Evangelho. Que o aceitem, se o quiserem; se não o quiserem, que se vão. .. Se vier uma guerra, que venha! Já oramos bastante, discutimos bastante. O Senhor prepara os nossos adversários para

servirem de vítimas no holocausto. O Senhor lhes destruirá a magnificência e libertará o Seu povo. Sim, o senhor nos porá a salvo, até mesmo, da Babilônia e das suas muralhas incandescentes.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) F. Urkundenbuch, II, 219.

(2) Die Sünd die man nicht wisse, die durff man nicht beichten. F. Urkunden., II, 228.

(3) Man soll die Sole ein weil zum Schuster Schicken. Urkund., II, 225. Êste infeliz trocadilho da parte de Eck não carece de comentário.

(4) Omnino, omnino, addendum etiam frustra. Scultet., pág. 289.

(5) Se Deus é Espírito, como ensinam os poetas,

(6) Brunswigus coactus est abire quemtiment contrahere exercitum. Scultet., pág. 299.

(7) Vorschlãge des Anschlusses der Sieben des Gegentheils. Urkund., II, 251.

(8) Wie von alters in der ersten Kirche etliche Hundert Jahre, In Gebrauch gewesen. Ibid., 254.

(9) Zu Errinnerung und Gedãchtniss. Urkund., II, 253.

(10) Ist Ihnen auch nicht m8glich. Dazu Kotest es zu viel. Urk., II, 247.

(11) Cum dicimus eum Antichristum. Urk., II, 247.

(12) Nos politica qum dam concessiiros qum sine offensione conscientim. Corp. Ref., II, 302.

(13) Philippus ist kindischer denn ein Kind worden. Ba-umgartner, Ibid., 363.

(14) Der Lüge als ein B6sewichst. Ibid. 364.

(15) Actum est de christiana libertate. dorp. Ref., II, 295.

(16) Quid ea concordia aliud esset quam natas iam et di-vulgatm luci obducere nubem. Ibid., 296.

(17) Die gange Stadt sagt. Ibid. 297.

(18) Sed Papa nolet et Lutherus deprecatur. L. Epp., IV, 144.

(19) Nam hic est ille unicus calcaneus seminis antiquo serpenti adversantis. Ibid., 151.

(20) Ipsi enim nostras concessiones large, largius, largissime, suas vero, stricte, strictius, strictissime. Ibid., 145.

(21) Sed ab ipsis totum verbum Dei, quod plus quam ecclesia est, damnari. L. Epp., IV, 145.

(22) Quod Campeggius est urus magnus et insignis diabo-lus. L. Epp., IV, 147.

(23) Veniet, ne dubita, veniet Lutterus, hanc aquilam 11- beraturus magnifice. L. Epp., IV, 155.

(24) Sed nos nihil decet vulgi clamoribus mover'. Corp. Ref., II, 303.

(25) Profani jurisdictionem ecciesiasticam et simílla ne-gotia religionem non curent. Ibid.

(26) Ne schisrnatis infainia perpetuo laboremos. Ibid.

(27) Lutherani derectionem parant ad Papistas. Zw. Epp., II, 461.

(28) Baumgartner a Splenger. Corp. Ref., II, 363.

(29) Fremunt et alii socil ac indignantur regnum Episcopo-rum restitui. Ibid., 328.

(30) Si conductus quanta ipso voluisset pecunla a Papa 'set. Ibid. 333.

(31) Retro it, ut cancer. Zw. Epp., II, 506.

(32) Das sie nicht weyber seyen sondern mãnner. Corp. Rei., II, 327.

(33) Contusio et perturbatio religlonum. Corp. Ref., II, 382.

(34) Ut aula ministerium in ecclesia orclinet banis non videtur consulttu-n. Ibid., 362.

(35) Video postea multo intolerabiliorem futuram tyranni-dem quam unquam antea fuisse. Corp. Ref., II, 334.

(36) Si mea causa hc tempestas coacta est, me statim velut Jonam in mare ejiciat. Ibid., 382.

(37) Er wollte sich ehe auf Stücker Zureissen lassen. L. Opp., XX, 328.

(38)

(39) Antwort dos Kaisers, &c. Urkund., II, 313.

(40) Nescio an assim dicere, iam ferram in manu C e saris esse. Corp. Ref., II, 342.

(41) In eam (conciiii celebrationem) Pontificis e.nimus liaud propendebatur. Palia,vicini, I, 251.

(42) Ai contrario, remedio e piu pericoloso e per partorir maggiori mali. Lettere de Principe, II, 197.

(43) Evuigatus concilii rumor... publica R❑mm mungira... jam in vilissimum pretium decidissent. Pallav., 1, 251.

(44) Che non se non trovano danari. Lett. di Prin., III, 5.

(45) Interior restitui debere omnia Papistis. Corp. Ref., II 355. Vide, também, Erklãrung dcs Kaisers Karl, V. Urkunden., II, 391.

(46) Nit neue, Secten wieder die heilige Schrifft. Brtick, Apol., pág. 136.

(47) Urkunden., II, 410; Bruck, Apol., pág. 139.

(48) Kurtz mit Solchen worten ob er erwarten wolte oder nicht? Brück, Apol., pág. 143.

(49) Ein beschwerlich Geschrey zu Augsbourg den selben abend ausge brochen. Ibid., pág. 145.

(50) Man würde ein Kriegs-volk in Preussen Schicken. Brück, Apol., pág. 143.

(51) Ibid . , pág. 155-160.

(52) A orare Baltico ad Helvetios. Eras. Epp., XIV, 1.

(53) In gewehnlichen Kleidungen mit Gesana und Lesen. Urk., II, 418. O cânone era uma moldura guarnecendo um cartão, colocada sôbre o altar, diante do padre, onde se conti-nham o Credo dos Apóstolos e várias orações.

(54) Eitel List, gefãhrliche Tücke, & c. Jonas. Urkund., II, 423

(55) Die gráuliche artikel. Spalat., Ibid., 428. De Primatu Papa, de Purgatorio, de Indulgentiis. Melancton, Corp. Ref., II, 374.

(56) Dem Teufel und Antichrist zu gefallen. Urk., II, 431.

(57) Vel maledicti a Papa et Casare. L. Epp., IV, 162-171.

CAPÍTULO XII

Preparativos e Indignação do Eleitor — O De-creto de Ausburgo — Linguagem Irritante — Apo-logia da Confissão — Intimidação — Entrevista Final — Mensagens de Paz — Exasperação dos Pa-pistas — Restauração do Papismo — Tumulto na Igreja — União das Igrejas — O Papa e o Impe-rador — Fim da Dieta — Armamentos — Ataque a Genebra — Alegria dos Evangélicos — Estabeleci-mento do Protestantismo

Lutero deu, portanto, o sinal de retirada. Os protes-tantes responderam ao apêlo do reformador; preparavam-se todos para partir de Ausburgo no dia 17 de setembro, sábado. As dez horas da noite, o Duque Ernesto de Luneburgo reuniu os delegados de Nuremberg e os ministros do landgrave, em seu alojamento, participando-lhes que o eleitor estava resolvido a ir-se na manhã seguinte, sem informar a ninguém da côrte, e que êle, duque, o acompanharia .

— Guardai segrêdo disso — pediu-lhes. — E sabei que, se a paz não puder ser preservada, para mim nada será, combatendo ao vosso lado, perder tudo quanto Deus me deu (1) .

Os preparativos do eleitor traíram-lhe a intenção. Alta noite, o Duque Henrique de Brunswick chegou, apressado, ao alojamento de João, implorando-lhe que adiasse a ida (2) , e, pouco antes do amanhecer, os Condes Truchses e Mansfeldt fizeram-lhe saber que, entre as próximas sete e oito horas, o imperador lhe daria a permissão oficial para a sua partida.

No dia 19 de setembro, segunda-feira, tencionando deixar Ausburgo logo após a sua audiência com Carlos, o eleitor tomou a primeira refeição da manhã às sete horas .

Fêz partir, então, a sua bagagem e os seus cozinheiros (3) , ordenando aos oficiais que, às dez, estivessem prontos para o início da viagem. Na ocasião em que João saíu do alojamento, a fim de comparecer à presença do imperador, todos os que faziam parte da sua tropa se alinharam à sua direita e esquerda, já guarnecidos de botas e esporas (4) . Contudo, diante de Carlos, foi-lhe solicitado que esperasse dois, quatro ou seis dias mais.

Assim que o eleitor ficou a sós com os seus aliados, explodiu-lhe a indignação, tornando-se, mesmo, violento.

—Essa nova demora será inútil (5) — disse. — Es-tou resolvido a partir, suceda o que suceder. Pelo jeito em que estão as coisas, parece-me que a minha situação, agora, é bem a de um prisioneiro.

O Margrave de Brandemburgo pediu-lhe que se acalmasse.

—Irei! — insistiu, novamente, o eleitor .

Mas, por fim, cedeu. E, comparecendo, de novo, à presença de Carlos V, disse-lhe:

—Esperarei até sexta-feira vindoura. Se nada se fizer durante êsse tempo, partirei em seguida.

Grande foi a ansiedade dos protestantes nesses qua-tro dias de expectativa. A maioria dêles não duvidava que, por acederem aos pedidos de Carlos, se tinham entregue nas mãos do inimigo. "O imperador está refletin-do sôbre se deve enforcar-nos, ou se nos deixa viver (6) " — escreveu Brentz. As novas negociações de Truchses foram infrutíferas (7) .

Tudo quanto restava, agora, ao imperador era redi-gir, em conjunto com os Estados papistas, o decreto da dieta, o que foi feito. E a fim de que os protestantes não pudessem queixar-se de a sua elaboração ter sido feita sem o conhecimento dêles, Carlos reuniu-os em seu pa-lácio, a 22 de setembro, quinta-feira, dia anterior ao fixado para a partida de João, ordenando ao conde pala-tino que lhes lesse o esbôço de sua autoria. Ésse esbôço equivalia a insulto e declaração de guerra. Carlos V con-cedia a João, aos cinco príncipes e às seis cidades (8) um prazo de seis meses, a findar em 15 de abril do ano seguinte, para chegarem a um acôrdo com a Igreja, com o Papa e com o Imperador, bem como com todos os prín-cipes e monarcas da cristandade. Era o mesmo que dizer claramente aos protestantes que os romanistas desejavam muito estender o prazo até o tempo habitual para a vinda das fôrças armadas.

E isso não era tudo: concedia-se o prazo ~ente com a condição expressa de que os protestantes se alias-sem, imediatamente, ao imperador na submissão, pela fôrça das armas, dos anabatistas e de todos aquêles que se opunham ao Santíssimo Sacramento, com o que se queria dizer as cidades zwinglianas. Dêsse modo, Carlos

V desejava deixar atadas as mãos dos protestantes e im-pedir que, no inverno, se unissem as duas famílias da Re-forma.

Finalmente, os protestantes ficavam proibidos de fazer quaisquer publicações sôbre assuntos da fé, de ven-dê-las e de converter tôda e qualquer pessoa à sua seita, "uma vez que a Confissão fôra cabalmente refutada pelas Santas Escrituras" . Assim, oficialmente se declarava ser a Reforma uma seita, e seita contrária à Palavra de Deus.

Coisa alguma foi mais planejada para desgostar os amigos do Evangelho, que, na presença de Carlos, ficaram atónitos, inquietos e indignados (9) , conforme fôra previsto. Já na ocasião em que os protestantes estavam para entrar na sala de audiência do imperador, Truchses e Wehe, fazendo-lhes sinais com a mão, furtivamente lhes passaram, com um ar misterioso, um papel contendo uma

promessa de que, se a 15 de abril os evangélicos pedissem uma prorrogação do prazo, êsse pedido seria, sem dúvida, atendido (10) . Mas Bruck, a quem foi entregue o papel, não se deixou enganar.

— Uma sutil emboscada! — exclamou. — Uma obra-prima de velhacaria! Mas Deus protege os Seus servos, não lhes permitindo cair nos laços (11) .

Êsse ardil, de fato, só serviu para aumentar a cora-gem dos protestantes.

Sem tratar do decreto sob um ponto de vista político, Bruck limitou-se àquilo que se achava essencialmente em jôgo: a Palavra de Deus. Disse:

— Afirmamo-vos que a nossa Confissão se encontra tão alicerçada na Santa Bíblia, que é impossível refutá-la. Consideramo-la como a pura verdade de Deus, e com ela esperamos comparecer um dia ante o tribunal do Senhor. Em seguida, declarou que os protestantes haviam desfeito os argumentos da Refutação dos teólogos roma- nistas e, segurando a célebre Apologia da Confissão de Ausburgo, de Melancton, deu um passo à frente, ofere- cendo-a a Carlos V. Recebeu-a o conde palatino, e o im- perador já estava estendendo a mão para apanhá-la, quando Fernando lhe cochichou algumas palavras . Car- los fêz, então, com a cabeça, um sinal significativo ao conde e êste, ato contínuo, devolveu a Apologia ao Dou- tor Bruck (12) . O ensaio em questão e as Coletâneas de Textos são as obras-primas dêsse reformador . Carlos V,. embaraçado, ordenou aos protestantes que voltassem novamente na manhã seguinte, às oito.

Resolvido a empregar todos os meios para conseguir a aprovação do decreto, o imperador começou pelos ro-gos. E mal o Margrave de Brandemburgo se amesendara para tomar a ceia, quando Truchses e Wehe ►;urgiram-lhe à frente, usando de tôda sorte de raciocínio e argumento para convencê-lo, sem, contudo, lograrem o fim desejado (13) .

No dia posterior (23 de setembro, sexta-feira) , os príncipes evangélicos e os delegados das cidades reuni-ram-se, às cinco da manhã, no alojamento do margrave. Ali, diante de Truchses e Wehe, foi feita nova leitura do decreto, e o Chanceler Bruck apontou sete motivos que tinham para o recusar.

—Eu me encarregarei de traduzir o decreto para o alemão de tal maneira que podereis aprová-lo — disse-lhes Wehe. — Quanto ao vocábulo seita, em particular, foi o escrevente quem o inseriu por equívoco (14) .

Os mediadores retiraram-se, às pressas, a fim de co-municar a Carlos as queixas dos protestanbes.

Carlos e os seus ministros renunciaram a tôdas as idéias de reconciliação, e nada esperavam conseguir, a não ser por meio do temor. Tendo os protestantes chegado

ao palácio do imperador às oito, fizeram com que esperassem durante uma hora. Depois disso, falou-lhes o Eleitor de Brandemburgo, em nome de Carlos:

—A estupefação de Sua Majestade não tem limites, visto que sustentais ainda ser a vossa doutrina baseada nas Sagradas Escrituras. A ser isso verídico, os antepassados de Sua Majestade, entre os quais tantos reis e im-peradores, e, até mesmo, os antepassados do Eleitor da Saxônia, foram hereges! Não existe Evangelho, não existe Escritura que nos imponha a obrigação de tomar, pela violência, os bens de outrem e de dizer, depois, que, cons-cienciosamente, não podemos devolvê-los — e, após pro-ferir essas palavras, que foram acompanhadas de um sorriso sarcástico, Joaquim acrescentou: — Por êsse motivo, estou incumbido de informar-vos que, se não acei-tardes o decreto, todos os Estados germânicos colocarão a sua existência e os seus bens à disposição do imperador. Sua Majestade, pessoalmente, empregará os recursos de todos os seus domínios para pôr fim a esta questão religiosa, antes de deixar o império.

— Não o aceitamos! — responderam-lhe, firmemente, os protestantes.

—Sua Majestade também tem consciência a que atender! — tornou, então, o Eleitor de Brandemburgo, em tom áspero. — Se não cederdes, êle planejará com o papa e os demais potentados os melhores meios de extirpar a vossa seita e os seus novos erros.

Em vão os papistas acrescentaram, em seguida, uma ameaça à outra: os protestantes permaneceram calmos, respeitosos e inabaláveis.

— Os nossos inimigos — proferiram os evangélicos —, destituídos de tôda a confiança em Deus, tremem como varas verdes ante a ira do imperador, e julgam que devemos tremer da mesma forma. Deus, porém, lembrou-se de nós; Éle nos manterá fiéis à Sua Verdade.

Prepararam-se, então, os protestantes para dar a sua última despedida ao imperador. messe príncipe, cuja paciência fôra posta a duras provas, aproximou-se dos evangélicos, para o apêrto de mão, segundo o costume. Começou pelo Eleitor da Saxônia, a quem disse, em voz baixa:

— Ah! meu tio! Jamais esperei de vós urna despedida assim!

O eleitor ficou profundamente comovido. Seus olhos encheram-se de lágrimas. Mas, com firmeza e resolução, inclinou a cabeça, despedindo-se, e deixou o imperador sem lhe dizer uma palavra. Eram, então duas horas da tarde.

Enquanto os protestantes, calmos e felizes, regressa-vam aos seus alojamentos, os príncipes papistas saíram rumo aos dêles, confusos e desanimados, inquietos e di-vididos. Os católicos não duvidavam que a autorização oficial de partida, que acabava de ser concedida aos evangélicos, seria por êstes considerada como urna

declaração de guerra e que, ao deixarem Ausburgo, os protestantes correriam às armas. Apavorava-os, pois, tal pensamento. Tanto assim que o Eleitor da Saxônia, nem bem havia chegado ao seu alojamento, avistou o Dr. Rubel, conselheiro do Eleitor de Mentz, vindo às pressas em sua direção. Estava o conselheiro incumbido, pelo seu príncipe, de entregar ao Eleitor da Saxônia uma mensagem que dizia o seguinte: Embora meu irmão, o eleitor (Joaquim de Brandemburgo) , tenha declarado

que os Estados do império estão dispostos a ajudar o im-perador na luta contra vós, sabei que tanto eu corno os ministros do eleitor-palatino e do Eleitor de Treves dis-semos, logo depois, a Sua Majestade que não compartici-pávamos de tal declaração, porquanto fazíamos muito bom conceito de vós (15) . Isso eu tencionava dizer ao imperador na vossa presença, mas saístes tão precipita-damente que não pude fazê-lo.

Assim se exprimiu o primaz da Igreja Alemã. E mesmo a escolha do mensageiro foi significativa: o Dr . Ruhel era cunhado de Lutero. João pediu ao portador agradecesse ao seu príncipe.

Indo-se êsse emissário, surgiu, depois, no alojamento do Eleitor da Saxônia, um dos fidalgos do séquito do Du-que Henrique de Brunswick, romanista fervoroso. A princípio, por causa da partida, recusaram-se a atendê-lo. Êle, porém, reapareceu, apressado, no momento em que a carruagem de Bruck deixava o pátio do edifício. Acercou-se da porta do veículo e disse:

— O duque manda comunicar ao eleitor que procurará melhorar êsse estado de coisas, e que, no inverno, virá caçar javalis com Sua Alteza (16) .

Pouco depois, o terrível Fernando declarava, pessoal-mente, que lançaria mão de todos os meios para evitar uma insurreição (17) . Tôdas essas manifestações dos amedrontados católicos-romanos mostravam, pois, de que lado se achava a verdadeira fôrça.

As três da tarde, o Eleitor da Saxônia, acompanhado dos Duques de Luneburgo e dos Príncipes de Anhalt, deixou atrás de si as muralhas de Ausburgo.

— Louvado seja Deus! — exclamou Lutero. — Nosso caro príncipe saíu, por fim, daquele inferno (18) !

Ao ver aquêles corajosos príncipes escapar-lhe, assim, das mãos, Carlos V entregou-se a um estado de violência que não lhe era habitual (19) .

— Os protestantes querem instruir-me numa nova fé! — vociferou. — Mas não será por meio da doutrina católica que poremos fim a essa questão: desembainhemos a espada e veremos, então, quem é o mais forte (20) .

Todos à sua volta foram, também, tomados de indig-nação. Ficaram estupefatos com a audácia de Bruck, que ousara chamar aos romanistas de hereges (21) ! Contudo, nada os irritava tanto como o espírito de proselitismo que, naqueles gloriosos dias, caracterizava a Alemanha evangélica, e o ódio dos papistas voltou-se, particularmente, contra o Chanceler de Luneburgo, que, diziam, "enviara mais de cem ministros a diversos lugares, para que pregassem a nova doutrina, e que, até mesmo, se jactara disso em público (22) " . "Nossos adversários estão sedentos do nosso sangue" — escreveram, ao ouvirem tais clamores, os delegados de Nuremberg, que ficaram pràticamente sõzinhos em Ausburgo.

A 4 de outubro, Carlos V escreveu ao papa: "Cessa-ram as negociações. Nossos inimigos estão mais obstinados do que nunca. Estou resolvido a empregar o meu poderio militar e a minha autoridade para combatê-los. Por êsse motivo peço a Vossa Santidade que exija o apoio de todos os príncipes cristãos". Era, pois, de Roma que devia partir a nova cruzada .

A execução de tal propósito iniciou-se na própria cidade de Ausburgo. No mesmo dia em que escreveu ao papa, Carlos, como homenagem a São Francisco de Assis, cuja festa se celebrava, restabeleceu ali a ordem dos frades franciscanos. Foi então que um dêles, subindo ao púlpito de um templo, disse: Todos aquêles que pregam que Jesus Cristo, sózinho, expiou os nossos pecados e que Deus nos salva das penas eternas sem levar em conta as nossas obras, não passam de consumados patifes. Ao contrário, existem dois caminhos para a salvação: o co-mum, isto é, a observância dos mandamentos, e o perfeito, a saber, a autoridade eclesiástica .

Mal terminara o sermão, já o auditório se pusera a arrancar os bancos, que haviam sido colocados na igreja para as reuniões evangélicas, quebrando-os com fúria (pois se achavam firmados com correntes) e atirando-os um sôbre o outro. E dentro daquelas paredes dedicadas a Deus, havia, sobretudo, dois frades, munidos de martelos e torqueses, que, atirando os braços para o ar, gritavam como possessos.

— Pelo tremendo barulho que faziam, a gente podia julgar que estavam derribando uma casa (23) ! — excla-maram algumas pessoas.

Era, na verdade, a casa de Deus que desejavam des-truir .

Serenado o tumulto, houve missa cantada na igreja. Mas assim que esta terminou, certo espanhol quis reiniciar a quebra dos bancos. Os circunstantes, a quem um dos cidadãos impediu levassem isso a efeito, puseram-se, então, a atirar as cadeiras uma sôbre a outra, e um dos frades, descendo do côro, correu até êles e logo se viu im-pelido para aquela desordem. Finalmente, surgiu o capitão de polícia com os seus homens, os quais aplicaram boas porretadas nos desordeiros por todos os lados . Assim, pois, se iniciou a restauração do catolicismo romano na Alemanha: a fúria popular foi, muitas vêzes, um dos seus mais poderosos colaboradores.

A 13 de outubro, o decreto foi lido na presença dos representantes de todos os Estados papistas, que, nesse mesmo dia, firmaram um pacto com Roma (24) .

Duas cidades haviam assinado a confissão e duas outras aderiram a ela. Os imperialistas esperavam, no entanto, que êsses pequenos municípios, temerosos da autoridade imperial, se retirassem da união protestante. Mas, a 17 de outubro, em vez de duas ou quatro, dezesseis cidades do império, entre as quais se achavam as mais importantes da Alemanha, declararam não lhes ser pos-sível conceder qualquer auxílio à luta contra os turcos, enquanto a paz pública não estivesse assegurada dentro da própria Alemanha (25) .

Um acontecimento ainda mais alarmante para Carlos acabara de ocorrer . Prevalecera a unidade da Re-forma.

—Somos um nos artigos fundamentais da fé — dis-seram as cidades zwinglianas — e, sobretudo (não obs-tante algumas disputas entre os nossos teólogos acêrca de palavras) , somos um na doutrina da comunhão do corpo e do sangue de nosso Senhor. Recebei-nos, pois .

Os delegados saxônios imediatamente estenderam as mãos aos zwinglianos. Nada une tanto os filhos do Pai Celestial como a violência dos seus adversários.

—Unamo-nos, para o consôlo dos nossos irmãos na fé e para o mêdo dos nossos inimigos (26) — disseram todos os protestantes.

Em vão Carlos, que estava decidido a manter a divi-são entre os protestantes, convocou os delegados das ci-dades zwinglianas. Em vão, querendo fazer com que fôs-sem odiadas, as acusou de fixar uma hóstia consagrada num muro e de desfechar-lhe tiros (27) . Em vão as cumulou de aterradoras ameaças — tôdas as suas tenta-tivas foram inúteis! O partido evangélico era, por fim, uno.

O temor cresceu dentro do partido de Roma, que, em vista disso, decidiu fazer novas concessões .

—Os protestantes exigem a paz — proferiram os papistas. — Bem, redijamos, então, o tratado de paz.

Entretanto, a 29 de outubro, os protestantes rejei-taram essa proposta, porque, alegaram, o imperador im-punha a paz a todos, mas êle mesmo não se sujeitava a ela.

—Um imperador tem o direito de impor a paz a seus súditos — respondeu Carlos, orgulhosamente —, nunca se ouviu falar de algum que a impusesse a si próprio (28) .

Nada mais restava senão desembainhar a espada. Para tanto, Carlos fêz todos os preparativos. A 25 de outubro, escreveu aos cardeais romanos: "Informamo-vos que

não pouparemos reinos nem autoridades, e que arriscarémos, até mesmo, a nossa pessoa e a nossa alma para levar a cabo questões imprescindíveis como essas" .

Nem bem a carta de Carlos fôra recebida, já o seu mordomo, Pedro de la Cueva, chegava a Roma, vindo por uma carruagem expressa.

— A estação já está muitíssimo adiantada para um ataque imediato aos luteranos — disse o mordomo ao papa —, mas preparai tudo para essa emprêsa . Sua Majestade considera como seu dever preferir, acima de tudo, o cumprimento dos vossos propósitos .

Por conseguinte, Clemente e o imperador também se uniram. E ambos os lados puseram-se a concentrar as suas forças.

Na noite de 11 de novembro, o decreto foi lido aos delegados protestantes, que o rejeitaram no dia 12, alegando não reconhecerem a autoridade do imperador para dispor acêrca dos assuntos de fé (29) . E os delegados de Hessen e da Saxônia partiram logo em seguida . Afinal, a 19 de novembro, foi feita a leitura solene do decreto na presença de Carlos V, dos príncipes e dos delegados que ainda se achavam em Ausburgo. A parte informativa era bem mais hostil do que o esbôço que fôra apresentado aos protestantes . Relatava, entre outras coisas, como tendo sido dito pelos evangélicos (e o que se segue é apenas uma amostra da urbanidade dessa doutrina oficial) , que "negar o livre arbítrio era o êrro, não humano, mas de um animal irracional".

Lido o decreto, proferiu o Eleitor Joaquim:

— Pedimos a Sua Majestade que não deixe a Alemanha até que, através de sua diligência, se restabeleça por todo o império uma única e mesma fé.

A isso o imperador respondeu que não iria além dos seus Estados nos Países Baixos. Mas queriam êles que os fatos secundassem as palavras.

Eram, então, quase sete da noite. Apenas alguns archotes que os serventes acenderam aqui e ali, e que deitavam uma luz mortiça, iluminavam essa assembléia. Despediram-se-, pois, sem que um pudesse ver as feições do outro. E essa dieta, que tão pomposamente fôra anunciada ao mundo cristão, terminou, por assim dizer, em surdina.

A 22 de novembro, o decreto foi levado ao conheci-mento público, e Carlos V partiu para Colônia dois dias depois. O soberano dos dois mundos, vira inutilizado todo o seu prestígio, por causa de alguns cristãos. Êle, que entrara em triunfo na cidade imperial, deixava-a, agora, triste, calado, abatido. O mais poderoso monarca da terra abateu-se ante o poder de Deus.

Entretanto, os ministros e os oficiais do imperador, animados pelo papa, mostravam-se possuídos de maior energia ainda. Os Estados imperiais foram obrigados a fornecer a Carlos, pelo espaço de três anos, quarenta mil soldados de infantaria, oito mil de cavalaria, bem como vultosa importância em dinheiro (30) . O Margrave Hen-rique de Zenete, o Conde de Nassau e outros fidalgos fizeram enorme levantamento de tropas do lado do Reno. Certo capitão, passando pela Floresta Negra, incorporou aos homens sob o seu estandarte os rudes habitantes dessa região, e ali mesmo recrutou seis companhias de lansquenês. O Rei Fernando escreveu a todos os nobres cavaleiros do Tirol e de Wurtemb'erg pedindo-lhes cingissem a couraça e pegassem da espada. Joaquim de Talheim reuniu as tropas espanholas nos Países Baixos, encaminhando-as rumo ao Reno. Pedro Scher solicitou do Duque de Lorena o apôio de suas fôrças armadas, bem como um outro chefe militar pôs em marcha, sem demora, rumo aos Alpes, o exército espanhol em Florença. Afinal de contas, havia tôda razão para temer-se que os alemães, e até mesmo os católicos-romanos, se puzessem ao lado de Lutero. Daí, pois, o principal motivo porque se recrutaram tropas estrangeiras (31) .

Em Ausburgo não se falava sôbre outra coisa, senão em guerra.

De súbito, ouviu-se um estranho rumor (32) .

— É o sinal de guerra! — bradaram todos.

Uma cidade livre, situada na fronteirft entre os do-mínios germânico e romano — urna cidade em conflito com o seu bispo, que possuía um pacto com os protestantes e que era tida como reformada antes mesmo de o ser realmente, fôra atacada: Genebra. Um correio vindo de Estrasburgo, trouxe a notícia, que correu a cidade de Ausburgo com a rapidez de um relâmpago. Três dias depois da festa de São Miguel, alguns homens armados, a mando do Duque de Sabóia, saquearam os arrabaldes de Genebra, da qual ameaçaram apoderar-se, bem corno passar tôda a população à espada.

Todos, em Ausburgo, ficaram estupefatos. E Carlos V exclamou, em4francês:

— Oh, o Duque de Sabóia começou cedo demais (33) !

Dizia-se que Magaret, governador dos Países Baixos, o papa, os Duques de Lorena e Gueldres e, até mesmo, o Rei da França estavam voltando as suas tropas contra Genebra. Era lá que o exército de Roma pretendia estabelecer o seu point d'appui. A avalancha acumulava-se nas principais encostas dos Alpes, de onde despenharia sôbre tôda a Suíça e rolaria, depois, para a Alemanha,' sepultando, debaixo da sua enorme massa, o Evangelho e a Reforma (34) .

A santa causa parecia estar em grande perigo . Na realidade, porém, jamais obtivera um tão esplêndido tri-unfo. Tendo fracassado o coup de main que se tentou

naqueles montes — onde, seis anos depois, Calvino iria postar-se fincando o pendão de Ausburgo e de Nazarédissiparam-se todos os receios. E a vitória dos confessores de Jesus Cristo, por um momento toldada, resplandeceu novamente com todo o seu esplendor.

Enquanto o imperador, triste, abatido, rodeado de numeroso séquito, se acercava das margens do Reno, os cristãos evangélicos regressavam, triunfantes, aos seus lares. E Luterp fazia o papel de arauto da vitória, que a Fé conquistara em Ausburgo . Disse:

— Embora os nossos inimigos tenham lá consigo, à sua volta, do seu lado, não só aquêle poderoso imperador romano, Carlos, como, também, o imperador dos turcos e o seu Maomé, ainda assim não puderam intimidar-me, não puderam amedrontar-me . Mas, pelo poder do Senhor, sou eu quem está decidido a assustá-los e derrotá-los. Capitularão ante mim; cairão, e eu permanecerei firme e em pé. A minha vida lhes será como um carrasco, e a minha morte, como o inferno! (35) Deus cega os nossos inimigos e endurece-lhes o coração. Éle os conduz para o Mar Vermelho; todos os guerreiros do Faraó, com os seus carros e cavalos, não escaparão ao destino inevitável. Deixemo-los ir, então; deixemo-los morrer, pois que assim o desejam (36) Quanto a nós, o Senhor está conosco.

Por conseguinte, a Dieta de Ausburgo, destinada a esmagar a Reforma, foi o acontecimento que a fortificou para sempre. Costuma-se considerar a paz de Ausburgo (1555) como sendo o período em que a Reforma se es-tabeleceu definitivamente. Essa é a data da instituição do protestantismo legal; o cristianismo evangélico possui uma outra — o outono de 1530. Em 1555, deu-se a vitória da espada e da diplomacia; em 1530, o da Palavra de Deus e da Fé. Esta última, em nossa opinião, foi a mais autêntica e a mais eficaz. A história evangélica da Reforma na Alemanha, na época a que chegamos, está quase finda; começa, então, a história diplomática do protestantismo legal. Seja o que fôr que se fizer agora, o que fôr que se disser, ressurgiu a Igreja dos primeiros tempos, e ressurgiu suficientemente vigorosa para mostrar que subsistirá. Haverá ainda conferências e dis-cussões.

Haverá ainda alianças e combates. Haverá, até mesmo, lastimáveis derrotas. Mas são movimentos de se-gunda plana. O grande movimento foi levado a cabo: a causa da fé venceu através da fé. O esfôrço foi feito: a doutrina evangélica lançou as suas raízes pelo mundo, e nem as disputas dos homens, nem as fôrças do mal jamais poderão desarraigá-la.

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Alies das, so Ihm Gott geben hãtt, darob zu verlierem ein geringes wãre. Corp. Ref., II, 379.

(2) In der selben Nacht. Corp. Ref., II, 379.

(3) PrEemissis feres omnibus impedimentis una cum cocis. Ibid., 385.

(4) Gestiefelt und gespornt. Ibid., 380.

(5) Etwas darob schwermütig und hitzig erzeight. Ibid.

(6) Adhuc deliberat CEe sar pendendum ne nobis sit, an diutius vivendum. Corp. Ref., II.

(7) Urkund., II, 455472.

(8) Nuremberg e Reutlingen, às quais se uniram as cidades de Kempten, Heilbronn, Windsheim e Weissemburgo. Urkund., II, 474-478.

(9) Protestantes vehementer hoc decreto minime expectato territi. Seck., II, 200.

(10) Brück, Apologie, pág. 182.

(11) Betrüge, meisterstuck, aber Gott errettet die seinem. Ibid.

(12) Auf Kõnig Ferdinandus wincke wieder geben. Apoiogie, pág• 184.

(13) Nach essen allerley Rede Disputation und Persuasion. furgewendt. Urk., II, 601.

(14)

(15) Wüssten auch nicht anders denn wohl und gut. Urk., pág., 210.

(16) Ein Sawe fahen helfen. Urk., pág. 211.

(17) Corp. Ref., II, 397.

(18) Ein mal aus der Hõlle los ist. L. Epp., IV, 175.

(19) Der Kaiser ist fast hitzig im Handel. Corp. Ref., II, 591.

(20) Es gehbrem die Fauste dar zu. Ibid., 592; Urkund., II, 710.

(21) Fur Ketzer angezogen Corp. Ref., II, 592; Urkund., II, 710.

(22) Bis in die Hundert Prediger in andere Lande Schiken heifen daselbst die neue Lehre zu predigen. Urkund., II, 646.

(23) Ein alt Haus abbrechen. Corp. Ref., II, 400.

(24) Ratschlag, &c. Urkund., II, 737-740.

(25) Wo sie nicht einem gemeinen Friedens versichert. Corp. Ref., II, 411, 416.

(26) Diesem Theil desto mehr Freude und Trost und dem gegentheil Erschrecken. Urkund., II, 728.

(27) Ari eine Wand geheftet und dazu geschossen. Corp. Ref., II, 423.

(28) Encontrar-se-á essas negociações em Forstermann's Urkunden., pág. 750, 793.

(29) Urkunden., II, 823; Corp. Ref., II, 437.

(30)

(31) Legati Norinb. ad Senaturn, 11 de outubro. Ibid., 402; Legati Sax. ad Electorem, 10 de outubro. Urkund., II, 711.

(32) Logo após o encerramento da dieta.

(33) Hatt der Kayseu tinter andem in Franzosich geredet. Urk., II, 421.

(34) Geneva expugnata, bellum etiam urbibus Germanize Superioris inferetur. Corp. Ref ., II, 402.

(35) Mein leben soll ihr Henker seyn. L. Opp., XX, 304.

(36) Vadant igitur et pereant, quomodo sic voiunt. L. Epp., IV, 167.

FIM DO V VOLUME